



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO- MESTRADO EM HISTÓRIA

“O SEGREDO DE UMA FAMÍLIA FELIZ”:
Representações sobre família entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão/Ba
(1970-2001)

CAMILA NOEMIA RENER SANTOS BASTOS

Feira de Santana

Junho 2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Mestrado em História

“O SEGREDO DE UMA FAMÍLIA FELIZ”:
Representações sobre família entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão/Ba
(1970-2001)

Dissertação apresentada para a obtenção
do grau de Mestre em História pelo
Programa de Pós-Graduação em História
UEFS.

ORIENTADORA: Prof. Dr.^a Elizete da
Silva

Feira de Santana
Junho 2014

CAMILA NOÊMIA RENER SANTOS BASTOS

“O SEGREDO DE UMA FAMÍLIA FELIZ”:

*Representações sobre família entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão/Ba
(1970-2001)*

Dissertação apresentada para a obtenção
do grau de Mestre em História pelo
Programa de Pós-Graduação em História
UEFS.

Área de concentração: Linha 02 – Cultura, Sociedade e Política

Data de defesa: 09 de junho de 2014

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a. Dr.^a Elizete da Silva - Orientadora
Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof. Dr.^a Acácia Batista Dias
Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof. Dr.^a Hulda Helena Coraciara Stadler
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

É neste momento que compreendemos o quanto precisamos das pessoas e que não conseguiríamos nada sem a ajuda delas. Escrever uma Dissertação de Mestrado em História é uma tarefa árdua, e, por isso, precisa do apoio daqueles que estão a nossa volta.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, meu amigo, companheiro, *socorro bem presente na angústia*, a força que me moveu e me manteve de pé, quando os joelhos queriam vacilar e as mãos já estavam cansadas. Obrigada, Senhor!

À minha amada mãe, Dona Carmen, pelo seu apoio, amor incondicional, preocupação para além da conta, muitas vezes, e por sempre acreditar e investir em mim. Muito agradecida! Te amo!

À minha orientadora, Prof. Elizete por quem tenho um carinho enorme. Desde o período da graduação tive o privilégio de ser sua aluna, depois sua orientanda e continuar nesta caminhada com o Mestrado. Quanta honra! A senhora é um exemplo de competência, compromisso e dedicação. Muito obrigada pela confiança!

À minha turma do mestrado pelos riquíssimos diálogos e discussões em sala de aula e fora dela. Em especial, gostaria de agradecer a Emily, Cal, Renan, Lucas, Ana, Mel, André e Pablo pelos momentos de descontração, tão necessários para a produção acadêmica. As cantorias, as risadas, as resenhas. As viagens não seriam tão interessantes sem vocês. Simone, você é um exemplo para mim de mulher forte e corajosa.

Aos professores, que sempre somaram para minha formação, desde o período da graduação, e aos que conheci neste momento do mestrado, aos quais cito: Eurelino Coelho, Elizete da Silva, Ana Maria, Jacques Depelchin e Ione. A minha prática docente tem um pouco de vocês também. Não posso me esquecer de Julival! Melhor secretário não há!

Aos professores, Acácia Batista e Aldo José, pelas importantes contribuições na Certificação, que foram levadas em consideração nas correções para o texto final. Acácia, você mora em meu coração a muito tempo e com certeza faz parte do rol da fama dos dez mais queridos professores.

Aos membros das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão pela ajuda e cooperação, com empréstimos e doação de materiais, em especial àqueles que, através das entrevistas, contaram um pouco de suas vidas e vivências, de momentos delicados que continuariam a ser mantidos como assuntos de família (no âmbito privado), mas deixaram vir à público através deste trabalho. Agradeço pela confiança!

À minha tia Marilda, minha primeira professora e minha tia-mãe! Não há dádiva maior que se possa dar a alguém do que fomentar nela a vontade de conhecer e aprender. A senhora fez isso em mim!

À minha tia Edna, pelas constantes orações. Nos momentos em que eu mais precisei desabafar, distrair um pouquinho a mente, a senhora sempre esteve a me ouvir. A distância geográfica nunca nos impediu de estarmos perto uma da outra.

Aos meus primos e primas que sempre torceram por mim. À minha prima Lélia que me ajudou a encontrar a capa desta dissertação e pela sua alegria contagiante.

À minha amiga Emily, ou seria Emilayne? São tantos os nomes. O mestrado me trouxe muitas alegrias, mas, uma das maiores foi te conhecer e tê-la como minha amiga. Não posso me esquecer de Renan, amigo querido, the prince. Amo vocês!

À Carlos Alberto, Cal, pelo apoio, incentivo e conselhos. Pelas conversas e presença que em muitos momentos colaboraram nesta pesquisa.

À minha querida Primeira Igreja Batista em Santo Estevão, pelas orações de cada irmão. Ao Pastor João e Ir.^a Raimunda pelo incentivo e alegria que sempre demonstram ao ver os irmãos buscando crescimento em várias áreas da vida. Sou muito grata a vocês pelo carinho que sempre nutriram por mim!

Aos meus amigos, os de perto e os de longe, pela torcida e carinho sempre demonstrados. Em especial: Illa, Rute, Leila, Magno e Luciana. Que seria de mim, se não tivesse vocês?!

Aos meus alunos, colegas, minha diretora e ex-professora querida, Antônia Ailda, ao vice diretor da noite, Alício, e funcionários do Colégio Polivalente. Fui aluna e hoje sou professora deste colégio e me sinto muito privilegiada por isso.

Às professoras Hulda Helena e Acácia Batista que aceitaram o convite de participarem da Banca. Muito obrigada!

Aos que colaboraram direta ou indiretamente para que esta dissertação se tornasse uma realidade. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sobre família entre as Testemunhas de Jeová na cidade de Santo Estevão, Bahia, localizada entre o sertão e o recôncavo, a 40 km de Feira de Santana, entre 1970 a 2001. O recorte temporal da pesquisa está relacionado ao começo das atividades proselitistas do grupo e termina com a construção do Salão do Reino na Avenida Teixeira de Freitas, numa das principais avenidas da cidade.

O trabalho se propôs a analisar as tensões e disputas de poder no campo religioso santo-estevense, causadas pela inserção de um novo grupo, principalmente pela forte influência do catolicismo na sociedade desta cidade. As principais doutrinas do grupo, o caráter milenarista, a construção da identidade do fiel e de uma nova visão de mundo pautadas sobre as ideias das Testemunhas de Jeová também são discutidas nesta dissertação.

Analizamos também o discurso androcêntrico presente entre as Testemunhas de Jeová, centrado na Bíblia, com papéis de gênero bem definidos e diferenciações que se manifestam na hierarquia eclesiástica do grupo, pois as mulheres não exercem cargos, apesar da forte atuação das mesmas no proselitismo e nas atividades internas do Salão, com assistência às reuniões, limpeza, entre outras. Na família, as desigualdades entre os sexos também se fazem presentes, pois o homem é o chefe da família, “a cabeça” e a mulher, sua auxiliadora, submissa a ele. Este é o modelo de família que as Testemunhas de Jeová se propõem, que visa a construção de habitus. No entanto, entre o discurso e a prática existem as vivências e experiências dos sujeitos que se apropriam desse discurso.

Palavras-chave: Testemunhas de Jeová, representações de família, apropriação, Santo Estevão.

ABSTRACT

The present study analyzes the representations of family among Jehovah's Witnesses in the city of St. Stephen, Bahia , located between the hinterland and Recôncavo , 40 km from Feira de Santana , from 1970 to 2001. The time frame of the research is related the beginning of the proselytizing activities of the group and ends with the construction of Kingdom Hall Avenue Teixeira de Freitas, one of the main avenues of the city .

The study aimed to examine the tensions and power struggles in the holy - estevense religious field , caused by the insertion of a new group , especially for the strong influence of Catholicism in society of this city . The main tenets of the group , the millenarian character, identity building of the faithful and a new world view guided on the ideas of Jehovah's Witnesses are also discussed in this dissertation .

We also analyzed the present among Jehovah's Witnesses , Bible -centered , with well-defined gender roles and differences that manifest in the ecclesiastical hierarchy of the group androcentric discourse , since women do not hold jobs , despite the strong performance of proselytism and in the same Hall of internal activities , such as attending meetings , cleaning, among others . In the family, gender inequalities are also present , because the man is the head of the family , " head " and the woman , her helper , submissive to him . This is the model family that Jehovah's Witnesses are intended to be represented by them , which involves the construction of habitus . However , between discourse and practice are the experiences and experiences of individuals who appropriate this discourse .

Keywords: Jehovah's Witnesses, representations of family, appropriation, Santo Estevão.

LISTA DE ICONOGRAFIA

Imagem 1.....	85
Imagem 2.....	86
Imagem 3	89
Imagem 4	136
Imagem 5	138
Imagens 6 e 7	139
Imagens 8 e 9	144
Imagens 10 e 11	146
Imagens 12 e 13	147
Imagens 14 e 15	149
Imagem 16	152
Imagem 17 e 18.....	153
Imagem 19	155
Imagens 20, 21 e 22	157
Imagem 23	159
Imagem 24	160
Imagem 25	161
Imagem 26	162
Imagem 27	163
Imagem 28	164
Imagens 29 e 30	165
Imagem 31	167
Imagem 32	168
Imagem 33	169
Imagem 34 e 35	170
Imagem 36 e 37	171
Imagem 38	172
Imagem 39, 40 e 41	173
Imagens 42 e 43	175

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
O “ESCRAVO FIEL E DISCRETO”: ORIGENS E CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DA ORGANIZAÇÃO DE JEOVÁ	25
Formação do grupo: os Estudantes da Bíblia	25
E foram pela primeira vez chamados Testemunhas de Jeová	28
Surgimento do Corpo Governante e expansão global	37
Destino Manifesto dos EUA e os Milenaristas	39
Estrutura interna do grupo: “O Escravo Fiel e Discreto” e a hierarquia	42
Principais doutrinas	48
As Testemunhas de Jeová e a doutrina da Trindade: “só Jeová é Deus”	48
Armagedom – Juízo Final	50
Milênio de Cristo	52
Alma e Sangue	54
Materiais de divulgação das Testemunhas de Jeová	58
Cursos bíblicos e capacitação das Testemunhas de Jeová	64
Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas	68
As Testemunhas de Jeová e a Ciência: <i>conhecereis a verdade e a verdade vos libertará</i>	73
As Testemunhas de Jeová no Brasil	77
CAPÍTULO II	
REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS FAMILIARES ENTRE AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	80
Campo religioso santo-estevense	84
Representações de família entre as Testemunhas de Jeová	93
Submissão feminina e diferenciação entre os sexos	95
Criação de Filhos	105
“Macho e fêmea os criou”: as Testemunhas de Jeová e a Homossexualidade	110
A família Testemunha de Jeová: “Nossa fraternidade mundial”	113
Família feliz? Entre o discurso e a prática	119
Desassociação e Dissociação: quando a família da fé perde um membro	120
Divórcio: o que Deus uniu não o separe o homem	127

CAPÍTULO III

Aspectos étnicos nas representações de família	133
Construção de costumes através da iconografia	137
“Os jovens perguntam”: disciplinarização de jovens e adolescentes	145
Imagens do Paraíso	154
Música secular e as Testemunhas de Jeová	159
Tarefas domésticas e a harmonia do lar	163
Imagens da família de Jeová	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182
LISTA DE FONTES	186
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as representações sobre família entre as Testemunhas de Jeová, em Santo Estevão, Bahia, no período de 1970 à 2001. É um

trabalho de pesquisa a respeito de família e religião de origem protestante e como essas duas instituições sociais, muitas vezes, constroem discursos de apoio mútuo, visando a conservação de ambas. Pretendo conhecer as formas como as Testemunhas de Jeová concebem sobre a família, a partir do modelo tradicional e nuclear – pai, mãe e filhos – com papéis de gênero bem definidos, ou se discursos e práticas familiares com arranjos alternativos foram vivenciados pelos santo-estevenses do Salão do Reino de Deus das Testemunhas de Jeová.

No recorte cronológico desta dissertação, a sociedade brasileira começava a experimentar profundas mudanças nas relações familiares. Apesar dessas transformações não serem sentidas da mesma forma no campo ou na cidade e entre as diversas regiões do País, tendo em vista a acessibilidade às informações, as relações sociais construídas em cada espaço, como também, e não menos importante as religiosidades vivenciadas e suas posturas frente a tais assuntos.

A influência do catolicismo na formação cultural do Brasil desde o período colonial e do protestantismo, a partir do século XIX, principalmente, nos anos 1970 com a expansão do pentecostalismo e da criação de grupos neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, não podem ser desconsideradas, pois as características da sociedade brasileira têm uma forte vinculação com a religião cristã e suas vertentes. O discurso de valorização da família dentro de um modelo tradicional estava ligado a essas influências, assim como a resistência a qualquer tipo de mudança e crítica ao mesmo.

É a partir desta realidade de mudanças e resistências, nas últimas três décadas do século XX, que se situa este trabalho. Um recorte temporal que leva em consideração a inserção das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão e a construção de um templo maior, na Avenida Teixeira de Freitas, bem localizado e mais amplo, em comparação com o anterior, da década de 1980.

As pesquisas historiográficas sobre as Testemunhas de Jeová são escassas, concentradas mais no Sul e Sudeste do País. Não há, até a presente data, nenhuma pesquisa histórica sobre as Testemunhas de Jeová, que aborde a Bahia. Sabemos da existência de uma monografia de final de graduação, que estudou as Testemunhas de Jeová em Feira de Santana e o Serviço Militar, mas não tivemos acesso.

Recorte espacial

No que diz respeito ao recorte espacial, buscamos informações contidas no livro memórias escrito em 1983, intitulado *Introdução à História de Santo Estevão do Jacuípe* pelo

médico Ivan Claret Marques Fonseca e dos dados do site do IBGE e através das bibliotecas dos municípios.

As terras que hoje compõem o município de Santo Estevão começaram a ser penetradas a partir de 1739, quando o padre José da Costa e Almeida, em razão de uma seca que assolava as terras da fazenda de Santo Estevão Velho¹, procurou pastagens e água em outros locais, encontrando-os no riacho do Salgado – que recebeu este nome pelas águas serem salobras, mas podendo ser consumidas – localizado nesse município. Segundo Fonseca, “a falta de mananciais e vertentes (em Santo Estevão Velho) levou a população a formar Santo Estevão (novo).” No entanto, a formação da freguesia com o nome de Santo Estevão do Jacuípe, que nos séculos XVII pertencia a João Peixoto Viegas, “senhor das terras de Itaporocas e o Jacuípe”, conforme relatado pelo Monsenhor Renato de Andrade Galvão ao médico e escritor das memórias sobre a cidade, aconteceu em 1754, três anos depois da construção da primeira capela – em homenagem ao Padroeiro.

A descoberta do líquido fez com que ele se fixasse, edificando currais, casas de moradia e uma capela sob o orago de Santo Estevão. Conta-se que o referido padre, quando pela manhã chegava à casa das orações para cuidar da sua obrigação sacerdotal, notava a falta da imagem de Santo Estevão, que ali fora colocada, a qual ia ser encontrada no local de origem. Por várias vezes repetiram-se tais fatos e, assim, o padre, convencido de que a imagem do santo não queria deixar o seu primitivo altar, tratou de conseguir outra imagem para a nova capela, o que deu origem, naquela época ao nome do lugar de Santo Estevão Novo. Construída a capela em 1751 (...) Quando freguesia de 2ª Classe, passa a ser sede do distrito da paz de Santo Estevão de Jacuípe, subordinado à vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, por Lei de 15 de outubro de 1827, com os mesmos limites da freguesia sediada², tendo-se notícia de que o povoado nessa época constava de 300 casas e 376 eleitores, havia um subcomissário de polícia (FONSECA, 1983, p. 22).

Toda a região de Nossa Senhora do Resgate de Umburanas, hoje Município de Antônio Cardoso, até às margens do rio Paraguaçu, pertencentes a Santo Estevão do Jacuípe, eram terras de comunidades indígenas, a *Terra dos Paiaíás*. A ocupação, ou invasão se deu já no período em que elas faziam parte das sesmarias de João Peixoto Viegas e com o povoamento que foi acontecendo a partir do século XVII, em que os índios foram expulsos e dizimados.

Segundo seu relato, a população da freguesia, no final do século XVIII era de 1.350 “almas”. Destas, um número expressivo era de negros, índios e mestiços, que colaboraram

¹ O município de Santo Estevão Velho, próximo ao município de Antônio Cardoso, a mais ou menos 15 km de Santo Estevão, próximo à Feira de Santana, foi ocupado primeiro que Santo Estevão (Novo), desde o século XVII.

² 20 léguas

não apenas para o povoamento, como também na construção cultural e religiosa do município, embora, conforme o mesmo, a cidade foi “erigida” sobre as “bases da fé católica”.

Mais de 30% da população da época da criação da freguesia não era católica, como diz Padre Nogueira³ em sua carta: “Só mil com pouca diferença são de comunhão” havendo poucos brancos e predominando mestiços e negros. Ambos os últimos professando ou muito influenciados pelo politeísmo indígena ou pelo candomblé do negro não se comungavam (FONSECA, 1983, p. 07).

A freguesia levava o nome de seu Santo Padroeiro, Santo Estevão, no entanto, desde seu nascimento, as religiões indígenas e de matrizes africanas já compunham seu cenário religioso, de forma expressiva, pela presença de índios e negros escravizados, na atividade fumageira e criação de gado. “(...) tabaco como a principal fonte de renda ainda que baixa, por ser explorada pelos senhores donos dos escravos. Podemos ver que o fumo contribuía enormemente para a economia da região e de Cachoeira.” (1983, p. 6) Além dessa atividade econômica, a freguesia de Santo Estevão de Jacuípe era importante para Cachoeira, pois a ligava ao sertão “da margem esquerda do Paraguaçu”.

Em meados do século XIX, as terras da Freguesia de Santo Estevão de Jacuípe foram reduzidas, pelo desmembramento de seu território para a formação de outras duas freguesias. Em 1843, foi formada a Freguesia de Nossa Senhora do Resgate de Umburanas, hoje município de Antônio Cardoso e, em 1873, a Freguesia de Santo Antônio do Argoim, município de Castro Alves.

Em 12 de julho de 1921, através da Lei nº 1.491, Santo Estevão foi elevada à categoria de Vila, desmembrando-se de Cachoeira e o município foi criado, com o nome de Santo Estevão, em 21 de setembro de mesmo ano. Conforme relatos do Sr. Manoel Pompílio, cinco vezes vereador da cidade, atuante no cenário político santo-estevense desde a década de 1960:

Santo Estevão foi emancipado a 21 de setembro de 1921, por um filho ilustre de Santo Estevão, que foi estudar em Salvador, naquela época chamada Bahia, César Borges Cabral e lá teve a ascensão profissional na Secretaria de Justiça e Direitos Humanos hoje. O titular da pasta, impedido não sei a razão porque, afastou-se temporariamente e ele foi nomeado pelo governador interinamente secretário, Dr César Borges. Ai ele não perdeu tempo. Santo Estevão era Vila. Ele aproveitou e elevou Santo Estevão a distrito e imediatamente ele pediu ao governador⁴ a emancipação de Santo Estevão, que era distrito de Cachoeira. Então, Santo Estevão foi emancipada em 21 de setembro de 1921, graças ao prestígio e influência de um filho ilustre de Santo Estevão que era o doutor César Borges Cabral. Pronto, ai, pra instalar

³ Padre Antônio Rodrigues Nogueira, primeiro vigário da freguesia de Santo Estevão do Jacuípe, de 1752 a 1759.

⁴ O governador na ocasião era José Joaquim Seabra, no exercício de seu 2º mandato, de 1920 a 1924.

o município Foi nomeado o primeiro prefeito, intendente. Prefeito com nome de intendente (...) Isauro Borges Cabral, só por três meses pra instalar o município, enquanto preparava as eleições de 1922 (Manoel Pompílio, 03 de out de 2013).

Apesar de creditar à vontade de um homem apenas a emancipação política de Santo Estevão – ao Dr César Borges Cabral – o Sr. Manoel Pompílio nos forneceu informações e impressões relevantes a respeito desse período. A emancipação política de Santo Estevão colaborou também para a ascensão e consolidação política dos Borges Cabral e dos Pires de Cerqueira, grandes proprietários de terra da região. Numa alternância de poder, essas duas famílias, que também possuíam laços de parentesco, estiveram à frente como chefes do executivo, ou elegendo seus candidatos e influência política na Câmara de Vereadores e outros cargos.

Apesar da emancipação política, a cidade ainda possuía laços de dependência com Cachoeira. A precariedade de recursos, principalmente na área da saúde, fez com que, ainda na década de 1920 fosse aberto uma estrada que ligava o que hoje é a Praça 7 de Setembro ao Porto, como se denominava as margens do Paraguaçu, seguindo para Cachoeira por meio de balsa e barcos. O comércio ainda com pouca variedade, tanto em gêneros alimentícios como de bens duráveis dependia das mercadorias que chegavam de lá. Neste período, além das feiras livres, com venda de produtos agrícolas, existiam duas casas de comércio de tecidos, conforme nos relatou seu Pompílio, na Rua da Igreja Matriz, onde funcionavam também a Intendência. O perímetro urbano de Santo Estevão resumia-se às imediações deste templo católico. Durante o mandato de Themístocles Pires de Cerqueira, 1922 a 1924, a feira transferida para Rua 07 de Setembro, onde fora criado, o Centro de Abastecimento.

A ligação com a “Bahia” como era chamada Salvador, era feita por transporte animal e demorava dias para se chegar à capital. Era um local distante sobre todos os aspectos, nos quais os recursos do Estado chegavam também de maneira precária e de acordo com os interesses político partidário. A maioria da população vivia na zona rural⁵, de acordo com o livro de Ivan Claret, a porcentagem era de 95% da população vivendo nessa área, na década de 1950, a atividade agrícola se constituía na principal atividade econômica da cidade. Além disso, mais de 80% das crianças com idade superior a 5 anos eram analfabetas, apesar da criação do Grupo Escolar Dom Pedro I, com o Ensino Fundamental I, as antigas 1ª a 4ª série. Antes disso, no início do século XX, é preciso destacar a presença de mulheres negras na

⁵ Algumas das localidades que compunha a zona rural de Santo Estevão: Paiaíá, Altamira, Sítio do Aragão, Caatinginha, dentre outras.

alfabetização, mesmo que em instalações precárias, como a professora Eulália Falcão de Jesus e Cristina Bitencourt. A partir da década de 1970, com a construção de escolas estaduais, como o Colégio Polivalente de Santo Estevão, inaugurado em 1972, além da escola municipal Izauro Borges Cabral, colaboraram para uma maior escolarização da população santostevesense. Em meados dos anos 1950 a luz elétrica foi instalada no município. Na década de 1960 uma agência do Banco do Brasil chegou à cidade. No final da década de 1970 linhas telefônicas começaram a ser comercializadas na cidade, mas poucas as pessoas podiam adquiri-las.

Não há trabalhos historiográficos, só textos de memorialistas sobre a cidade. A minha monografia, *O Segredo de uma família feliz* (2009), com esta mesma temática, trouxe algumas informações pertinentes a respeito de Santo Estevão.

Recorte cronológico

O recorte temporal deste trabalho levou em consideração a instalação da congregação das Testemunhas de Jeová no município de Santo Estevão, com a chegada dos pioneiros e as primeiras adesões ao grupo, no ano de 1970, até a construção de seu templo na Avenida Teixeira de Freitas, em 2001, numa das principais e mais antigas avenidas da cidade.

Durante esse período, o cenário político brasileiro vivenciou o período de maior endurecimento do Regime Civil-Militar, com o governo de Emílio Médici (1969-1974), perpassando pela promessa de uma abertura lenta e gradual e da Lei de Anistia, no governo de Ernesto Geisel (1974-1979). A redemocratização, pela eleição indireta de Tancredo Neves marcou o fim de um período de 21 anos de Ditadura militar no País, mas a continuação de muitos de seus colaboradores no poder.

Do ponto de vista econômico, o Brasil, nas últimas três décadas do século XX, viu o milagre econômico se transformar num pesadelo, ao final da Ditadura, com índices inflacionários de 200%. Os planos econômicos desenvolvidos nesse período e durante o governo de José Sarney (1985-1989) se mostraram insatisfatórios. A crise não abateu sobre o Brasil, mas se apresentou, como as crises do capitalismo, numa esfera mundial. Em 1994, com o Plano Real e a criação de uma nova moeda pareceu resolver os problemas inflacionários do País. No entanto, a década de 1990 marcou o Brasil pela série de privatizações de grandes empresas estatais, como a Valle do Rio Doce, além daquelas ligadas à área de comunicação e telefonia, energia elétrica, entre outras.

A cidade de Santo Estevão não se manteve alheio às questões políticas e econômicas do País. As tensões do bipartidarismo presentes durante a Ditadura, com a criação do ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido político que apoiava o Regime e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido que representava a oposição política, foram atuantes na cidade. Os vereadores da oposição, se não na prática, pelo menos em seus discursos nas seções da Câmara de Vereadores se mostraram atuantes.

A relação estabelecida com o Governo Estadual da Bahia, no entanto, obedeceu às relações das antigas e velhas alianças. A maior ou menor captação de recursos para o município era obtido a partir desses conchavos políticos. Conforme Adair de Miranda, falando sobre o seu período de mandato como prefeita e a relação com o Governo do Estado da Bahia, em entrevista:

Eu não tive problemas com esses que eu estava falando, Roberto Santos⁶... mas a confusão toda foi com Antônio Carlos⁷. (...) Meu marido⁸ era quase inimigo de Antônio Carlos, porque Nôia nunca votou pra ele, nem pra deputados, nem pra ninguém da família dele. Não se unia. Mas ai ele, ele perseguiu, quanto mais ele pôde. Não deixava vir nada pra aqui, pra Santo Estevão. O projeto de qualquer coisa ele cortava. Ele não deixava não. Sabe como era ele, autoritário, né (...)os outros não teve problema nenhum não. Mas ele perseguiu. E ainda pior que quando eu levei quatro anos, fui eleita pra quatro anos, houve uma prorrogação de dois anos. Esses dois anos que foi pior. Não deixava fazer nada. Cortava tudo que viesse pra aqui. Ele não deixava. (Entrevista com Adair de Miranda, 01 de maio de 2014)

A justificativa para ter feito poucas obras de melhorias para a cidade, inclusive na área de saúde se deveu, para D. Adair de Miranda, à escassez de recursos que vinha do governo do Estado durante o período de Antônio Carlos Magalhães como governador, em seu segundo mandato. A aproximação anterior com o governo de Roberto Santos colaborou para o calçamento de algumas ruas, construção de escolas, construção do Colégio Estadual Edith Fonseca entre outros benefícios. Segundo a mesma, a busca de recursos financeiros era feito através da aproximação com deputados federais e estaduais, idas dos prefeitos ao Rio de Janeiro, como seu marido, Lineu Cerqueira, fizera algumas vezes durante o período em que fora prefeito e em muitas ocasiões ele o acompanhou a Salvador com o objetivo de firmar alianças com outros políticos, que, em troca de votos os apoiavam.

Durante as décadas de 1970 a 1980, a cidade de Santo Estevão cresceu de 25.410 habitantes, na década de 1970 para 30.869 habitantes, na década de 1980, sendo que, 80% vivia na zona rural. Com uma população majoritariamente rural, a agricultura foi o principal

⁶ Governou a Bahia, entre 1975-1979.

⁷ O período se refere ao segundo mandato de ACM como governador da Bahia, de 1979 a 1983.

⁸ Lineu Cerqueira da Silva, prefeito de Santo Estevão por dois mandatos, em 1955-1959 e 1963-1967.

sustentáculo da economia santo-estevense, com a produção dos seguintes gêneros agrícolas, feijão, milho, fumo, mandioca, laranja e castanha de caju.

Já os censos da década de 1990 revelaram algumas mudanças em relação à divisão espacial da população, no que diz respeito à zona rural e o perímetro urbano. Segundo o censo de 1991, 1996 e 2000 Santo Estevão possuía, respectivamente, 37.006, 40.548 e 41.118 habitantes dos quais 12.660, 15.696 e 19.674 estavam no espaço urbano e 24.346, 24.762 e 21.444, respectivamente, na zona rural. Com o aumento do êxodo rural, realidade não apenas deste município, mas de todo Nordeste brasileiro, o comércio, que antes era uma atividade ligada mais à venda de alimentos e produtos domésticos, tem tomado um espaço cada vez maior na economia, com a chegada de empresas, como redes de supermercado e com a chegada de uma fábrica de calçados gaúcha, em 2001, que emprega diretamente mais de 3.500 pessoas. A agricultura ainda é a atividade mais importante do município, mas tem cedido, gradativamente, espaço ao comércio, principalmente nas áreas de confecção, medicamentos, materiais de construção, alimentos, bebidas, dentre outros produtos.

A inserção das Testemunhas de Jeová no campo religioso santoestevense acompanhou, desta forma, as próprias transformações sócio-econômicas e políticas da cidade. Ao longo das três décadas estudadas nesta pesquisa (1970 a 1999), Santo Estevão viu sua população urbana equiparar-se em número à população da zona rural. Outras mudanças também puderam ser percebidas, como um crescimento demográfico cada vez mais crescente, ao mesmo tempo que o êxodo rural, tanto para a zona urbana do município como para outras cidades, principalmente, São Paulo foi uma realidade constante.

As transformações também aconteceram no campo religioso. Vários grupos religiosos começaram seus trabalhos na cidade, como a, Denominação Batista, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja do Avivamento Bíblico, a Igreja Universal do Reino de Deus, grupos espíritas e religiões de matrizes africanas, que, provavelmente, já estavam inseridos na cidade desde seus primórdios.

Dentre os 08 prefeitos⁹ que governaram Santo Estevão, durante esse período, a prefeita Adair Miranda Cabral e Silva¹⁰, foi a única mulher, até o presente momento, a assumir o governo municipal. No legislativo, a cidade contou com a participação de duas vereadoras, dona Margarida Ferreira Gomes e Zélia de Oliveira Sant'Ana, que no segundo ano do mandato de Adair Miranda, se tornou a presidente da Câmara dos Vereadores, fato

⁹ O prefeito Orlando Santiago, desse período, foi eleito prefeito duas vezes, primeiro, durante nove meses, em 1983, de 01 de fevereiro à 24 de novembro, em que sofreu impugnação, depois que fora constatado fraude eleitoral; e, novamente, em 1993 e concluiu seu mandato em 1996, conforme previsto pela justiça eleitoral.

¹⁰ Mandato de 31 de janeiro de 1977 à 30 de janeiro de 1983.

inédito e que ainda não se repetiu no município. A eleição de Adair Miranda no final da década de 1970 e início de 1980 foi uma realidade em muitos municípios da Bahia, mais de 20 mulheres, esposas, irmãs, filhas de ex-prefeitos que não puderam se candidatar ou tiveram suas candidaturas impugnadas, foram eleitas em seus lugares. De acordo com D. Adair de Miranda falando a respeito de sua realidade enquanto prefeita:

Quem resolvia quase tudo assim era Nôia, meu marido, que já tinha sido prefeito duas vezes. Ele resolvia tudo. Ai eu ia muito com ele a Salvador pra Secretaria de Educação, pra esses lugares... pro Rio¹¹ eu nunca fui não. Ele ia sempre no Rio pra conseguir alguma coisa com deputado federal. Agora a gente se comunicava aqui em Salvador, ia muito. Qualquer coisa pra assinatura a gente ia pra Salvador. (Adair de Miranda, 01 de maio de 2014)

A ex-prefeita Adair Miranda fez parte de uma realidade brasileira, principalmente nas cidades do interior, que é a ascensão política ligada a uma tradição familiar. Seu tio-avô fora o primeiro intendente de Santo Estevão, Isauro Borges Cabral, por apenas três meses, de 21 de setembro de 1921 à 31 de dezembro de 1921, logo em seguida, assumiu novamente o governo municipal, de 1924 à 1926. Seu marido, Lineu Cerqueira da Silva, conhecido como Nôia, também fora prefeito, em dois mandatos, na década de 1950 (de 1955-1959) e na década de 1960 (1963-1967). Seu prestígio político colaborou também para a eleição de sua esposa, quando este não pôde se candidatar, pois, embora ela não tivesse nenhuma atuação no cenário político santoestevense antes de sua candidatura e eleição ao executivo municipal, a não ser como esposa de prefeito, Adair Miranda foi eleita prefeita de Santo Estevão. Esta foi a realidade de muitos locais em que as oligarquias familiares baianas se perpetuaram no poder.

Problemática

Mesmo sendo um grupo dissidente do protestantismo, as Testemunhas de Jeová conservam o princípio doutrinário do sacerdócio universal, um dos princípios da Reforma Protestante. Se todos podem chegar a Deus, sem o intermédio de outro homem, como as Testemunhas de Jeová concebem o Corpo Governante como único elo entre eles e Jeová e dependem desta relação para que o sagrado se manifeste e alimente-os espiritualmente? Em que medida, as produções sobre família, que partem dos EUA de uma outra realidade cultural anglo-saxônica diferente da brasileira conseguem adquirir significado, construir representações e práticas entre as Testemunhas de Jeová no País? Em que aspectos a religiosidade interfere na construção de modelos familiares ou na manutenção de um modelo específico de família?

¹¹ Rio de Janeiro

Esses são alguns questionamentos que este trabalho procurou analisar, ou melhor, problematizar. É um estudo sobre representações de família num grupo religioso, num local específico do Brasil e da Bahia, Santo Estevão, a meio caminho entre estradas que cortam e ligam o Recôncavo, o Sertão baiano ao resto do País.

Referencial Teórico-Methodológico

A História Cultural tem contribuição fundamental nesta pesquisa. No livro *A História Cultural entre práticas e representações*, de Roger Chartier (1990), traz elucidções à respeito da construção social das representações e de como elas são apropriadas, a partir das vivências de cada indivíduo. Para Chartier, não há discurso neutro na formação dessas representações, pois elas servem para legitimar e impor as percepções sociais dos que as proferem.

A problemática do mundo como representação, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real. (CHARTIER, 1990, p. 24)

Roger Chartier demonstra como a apropriação dos discursos afeta a vida do leitor, pois esses discursos podem produzir mudanças na própria compreensão deste sobre si mesmo e sobre o mundo. No entanto, a apropriação daquilo que é lido e proferido é influenciado também pelo próprio leitor, que seleciona, redimensiona e ressignifica o texto, conforme suas necessidades, contexto histórico e experiências de vida. Portanto, analisamos os discursos produzidos pela *Sociedade Torre de Vigia* e de sua influência na formação identitária de seus fiéis, como relevantes neste processo de construção de identidade e representações de família entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão.

A Sociologia da Religião tem contribuído muito para os estudos históricos sobre as religiões. Desde os autores já clássicos, como Max Weber, a contribuição sociológica para a História das Religiões perpassa também pela metodologia, ponto importante para se lidar com as fontes. Como a religião é um fenômeno social, bem como histórico, nada mais pertinente para os estudos com essa temática do que utilizar-se da interdisciplinaridade para o enriquecimento das pesquisas e trabalhos nessa área.

A noção de campo religioso proposta pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1974) é bastante proveitosa para a análise da inserção das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão e as

disputas de poder e por espaços com os outros grupos religiosos, principalmente com a Igreja Católica. O aumento da oferta dos *bens de salvação*, no *mercado de bens simbólicos* (1974) da economia da fé, também colabora para se pensar as disputas dentro do campo religioso, pelos bens religiosos, que confere ao grupo que mais possui esse capital, mais prestígio e, portanto, um lugar de maior destaque, legitimando também, seu poder simbólico na sociedade.

O campo religioso, um dos campos proposto por Bourdieu (1974), possui sua própria dinâmica e características de funcionamento, mas, assim como os outros campos, os seus agentes buscam a conservação da ordem social estabelecida. Dentro deste campo há disputas por acumulação de capital simbólico, por parte dos diversos agentes religiosos que o compõe. O campo religioso, desta maneira, se constitui um lugar em que se estabelecem relações de poder, entre os grupos divergentes e dentro dos próprios grupos.

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso. (BOURDIEU, 1974, p. 57)

No caso específico do cenário religioso santo-estevense, as disputas por posições no interior do campo, é uma realidade constante. As Testemunhas de Jeová, ao adentrar neste cenário, a partir da década de 1970, procuraram galgar posições e acumular capital simbólico para se tornar a instituição religiosa hegemônica, lugar ocupado pela Igreja Católica, secularmente.

Um outro conceito é o de *habitus*, que, segundo Bourdieu (1974), é a interiorização de um sistema de estruturas que geram práticas. Desta forma, a busca em reproduzir o modelo ideal de família entre o grupo Testemunhas de Jeová, se faz através do discurso que é proferido, consumido e distribuído entre os fiéis. O *habitus* é estruturado pelas instituições sociais, como a família e a religião, como algo que se apresenta de forma individual e social ao mesmo tempo. Sobre *habitus* religioso, Bourdieu, afirma o seguinte: [...] *princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural* (2007, p.57).

Em se tratando dos estudos de gênero e suas colaborações para este trabalho, o livro *A dominação Masculina*, de Bourdieu (2002), analisou a sociedade Cabila, no Mediterrâneo e o “inconsciente androcêntrico” (p. 6) presente na mesma, fruto de construções sociais pautadas

nas diferenças biológicas entre os sexos. Esta sociedade se apóia, ou justifica a dominação masculina e subordinação feminina a partir dessas diferenças, quando, conforme Bourdieu aponta, elas são fruto de construções sociais que buscam legitimar-se no biológico. Ao analisar as Testemunhas de Jeová, as divisões sociais de trabalho, no âmbito privado - família, e na congregação – espaço público, estão relacionadas às construções simbólicas, justificadas pelo natural e pelo sobrenatural, que envolvem os gêneros e são utilizadas para dizer quais tarefas competem ou não ao homem e à mulher desempenharem.

Longe de as necessidades de reprodução biológica determinarem a organização simbólica da divisão social do trabalho e, progressivamente, de toda a ordem natural e social, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos. A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-se em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. (BOURDIEU, 2002, p. 26)

O texto de Joan Scott, *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica* (1998) também colabora neste trabalho sobre família num contexto religioso e as relações de gênero presentes entre as Testemunhas de Jeová, ao historicizar e problematizar a *organização social das relações sociais entre os sexos* (p.2). Um dos pontos importantes levantado pela autora é a relação gênero e poder, que pode ser político, mas que a autora amplia para outras relações nas quais se busca uma manutenção do controle masculino sobre o feminino e a legitimação de uma hierarquia entre os sexos. Ao analisar as fontes impressas e as entrevistas feitas com membros do grupo religioso, tanto homens como mulheres, solteiros e casados, uma das questões observadas foi a relação entre hierarquia na família, com as diferenciações entre os sexos. Às mulheres cabendo também o papel de auxiliar, na limpeza do templo e, principalmente, no trabalho proselitista do Salão do Reino.

Os estudos de Elizabeth Fiorenza, em especial, sua obra *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica* (1992) procurou *reconstruir a história cristã primitiva como história das mulheres*, colabora para esta pesquisa ao analisar a participação das mulheres desde o princípio do Cristianismo e como o discurso androcêntrico presente em alguns textos do Novo Testamento e as *interpretações androcêntricas*, como ressalta a autora, foram responsáveis por diminuir a importância dessas mulheres na Igreja Cristã Primitiva, em relação à participação masculina, e contribui nos dias de hoje, para legitimar as desigualdades de gênero das congregações religiosas e nas relações familiares. Segundo Fiorenza, a posição

e influência de algumas mulheres no Novo Testamento foram negadas pelos *modelos heurísticos androcêntricos*. Conforme a autora:

As inconsistências nas nossas fontes do Novo Testamento estão a indicar que o processo de tradição e redação do cristianismo primitivo seguiu determinados interesses e perspectivas androcêntricos. Por isso, a seleção e transmissão androcêntricas de tradições primitivas cristãs, produziu a marginalidade histórica das mulheres, mas não são reflexos da realidade histórica de liderança e participação de mulheres no movimento cristão primitivo. (FIORENZA, 1992, p. 78)

Como a hierarquia eclesiástica, colabora para a estrutura hierárquica familiar e vice-versa, entre as Testemunhas de Jeová? Os materiais impressos do grupo, como revistas, livros e folhetos, pautados em interpretações de textos bíblicos sobre relações familiares, são os principais instrumentos, juntamente com observações participantes, para construir, representações de família em que as diferenciações entre homens e mulheres, o apoio de ambos na criação dos filhos e a obediência aos ensinamentos religiosos do grupo.

Através das fontes orais – entrevistas realizadas com membros do grupo Testemunhas de Jeová em Santo Estevão – em diálogo com as fontes escritas produzidas pela Sociedade Torre de Vigia, buscamos responder as questões suscitadas. A temática família e religião é complexa, por se tratar de duas instituições tradicionais, que reportam a sentimentos mais íntimos do ser humano, com sua capacidade de crer e de amar. Em se tratando das questões familiares, os problemas que existem no âmbito do lar também são tidos como da esfera privada, não cabendo ser levado a público, por isso o desafio de fazer História das Religiões e História da Família.

Fontes

As fontes utilizadas na pesquisa foram os materiais impressos, como livros, revistas e brochuras, entrevistas com membros do grupo e imagens. No que diz respeito às fontes escritas, as Revistas *A Sentinela* e *Despertai!*, bem como alguns livros, do período estudado. Além do contexto histórico em que estes materiais impressos foram produzidos, a pesquisa procurou analisar o conteúdo, principalmente, aqueles relacionados à família, assim como, o material iconográfico presente neles.

No decorrer das três décadas estudadas, o que se pôde observar foi uma busca cada vez maior por parte das Testemunhas de Jeová, pela iconografia. Os livros da década de 1970 possuem poucas imagens, muitas delas com aparência de rabiscos, sendo que, alguns livros nem as possuem. Conforme foi se aproximando dos anos 1990, as imagens começaram a

ganhar mais destaque nas produções do grupo, com fotografias de cenas do cotidiano, ao mesmo tempo em que os desenhos sobre a *nova terra*¹² ganharam mais cores, mais brilho.

No que diz respeito às fontes orais, entrevistas, ao todo onze, realizadas com membros do grupo e também com um ex-membro. A primeira entrevista, realizada com Natalício Teles, um jovem, servo ministerial e solteiro, foi realizada no sentido de perceber a organização interna do grupo, as principais doutrinas, a não doação de sangue. A ele não foram feitas perguntas específicas sobre família.

Os nomes de dona Célia de Jesus e Natalício Teles foram mantidos, diferentemente dos outros membros do grupo, que por tratarem de assuntos muitas vezes complexos para a família, como a desassociação de filhos, como foi a realidade vivida por dois entrevistados, um ex-ancião de congregação e a esposa de um ancião, problemas relacionados à separação e adultério, vivido por uma entrevistada, que optou pela reconciliação com seu cônjuge. No trabalho utilizamos pseudônimos, no momento das citações, como uma forma de preservar estas pessoas e suas famílias, principalmente por se tratar de um grupo pequeno de uma cidade pequena.

Essas primeiras entrevistas foram todas gravadas. Em relação às últimas entrevistas, o percurso foi mais complexo. Além das dificuldades comumente enfrentadas pelo historiador que trabalha com fontes orais, como cancelamento de entrevista por parte do entrevistador, imprevistos outros, as entrevistas não puderam ser gravadas, por ordem superior, ou seja, pela superintendente da filial da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, a casa Betel, localizada em São Paulo. Conforme fomos informados por alguns membros que concederiam entrevistas, ao mandarem um email perguntando se membros da Congregação das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão poderiam dar entrevistas gravadas para pesquisadores, a resposta foi negativa. Segundo membros do grupo, somente *pessoas qualificadas*, poderiam dar entrevistas. Quem, então, estaria qualificado para esta tarefa? Pessoas que compõem os cargos mais altos na Organização e que não se encontram na comunidade local. Por esse motivo, apenas duas entrevistas das cinco foram gravadas, uma com um dissociado e a outra com uma jovem solteira do grupo, que na oportunidade, tanto ela como a entrevistadora, não sabia dessa decisão.

As entrevistas foram realizadas com membros das três congregações que se reúnem no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão: as congregações, Central, Progresso e Nova Esperança. A divisão em três congregações está relacionada ao aumento do

¹² Se constitui no planeta Terra reconstruído após o Armagedom – Juízo Final.

número de adeptos e a capacidade do Templo em abrigá-las. Além dos membros do grupo, freqüentam o Salão do Reino os estudantes da Bíblia – aqueles que estão sendo disciplinados, mas que não se batizaram ainda – e os visitantes. Com o cuidado de não superlotar o lugar, as congregações foram criadas com dias de culto diferentes.

As entrevistas realizadas se propõem a colaborar para a análise da complexa relação entre representações, práticas e apropriação que se faz de um determinado discurso, a partir da vivência e experiências dos sujeitos. Segundo a clássica obra de Paul Thompson¹³ sobre História Oral, a história da família tem na oralidade uma importância muito relevante, porque permite analisar aquilo que está no âmbito privado, que é o lugar das práticas. Conforme o autor: “Nesta área da história social, o impacto da evidência oral é essencialmente muito importante, pois permite que o historiador examine questões críticas que anteriormente eram restritas” (THOMPSON, 1992).

O cuidado também que se deve ter com as fontes, como afirma Portelli (1997), sejam elas orais ou escritas, dentro de suas especificidades, faz-se necessário. No caso das fontes orais, esse cuidado começa na seleção dos entrevistados, no conhecimento da temática, elaboração e seleção prévia das perguntas e, principalmente, no estabelecimento de uma relação de confiança entre o entrevistador – historiador – e entrevistado. No artigo *Arquivos: propostas metodológicas* de Chantal de Tourtier-Bonazzi¹⁴ (2006) reafirma essa necessidade de se “criar uma relação de confiança entre informante e historiador”, pois o sucesso da entrevista depende disso. As conversas prévias à entrevista foram necessárias para se estabelecer esses laços de confiança, principalmente por se tratar de um assunto complexo que trata com os sentimentos e lembranças – sejam elas boas ou ruins, como a família.

Os estudos coordenados por Tânia Gandon¹⁵ sobre os bairros Rio Vermelho, Itapagipe e Itapuã, no Projeto História dos Bairros de Salvador e a metodologia adotada para esta pesquisa – os etnotextos colaboraram para pensar, através das entrevistas como pessoas Testemunhas de Jeová, elaboram o discurso sobre família e sobre si mesmo, que perpassa pela construção da identidade e sentimento de pertença de seus membros. Conforme Gandon:

Considero que seja um bom instrumental norteador de pesquisas: o prefixo “**etno**” foi escolhido para reforçar o caráter cultural do discurso que se visa a obter através de pesquisas gravadas que resultam em “**textos**” orais. Etnotextos são, portanto, documentos reveladores do discurso que uma comunidade ou um grupo cultural elabora quando fala sobre si. É através da

¹³ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

¹⁴ TOURTIER-BONAZZI, Arquivo: propostas metodológicas. In: *Usos & Abusos da História Oral* Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 234

¹⁵ Artigo *Etnotexto e identidade cultural na construção da memória*, presente na revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 23, jan/jun., 2005.

análise deste discurso a muitas vozes que o pesquisador consegue, às vezes, delimitar uma memória coletiva. (GANDON, 2005, p. 229)

A dissertação tem três capítulos. O primeiro capítulo intitulado, **O Escravo fiel e discreto: origens e construção do discurso da Organização de Jeová**, tem como objetivo analisar a origem do grupo Testemunhas de Jeová, contextualização do período em que surgiu, formulação de suas doutrinas, legitimação do poder simbólico da Organização Torre de Vigia, a partir da centralização em torno do Corpo Governante (Escravo fiel e discreto) e da rígida hierarquia presente entre as Testemunhas de Jeová. Neste capítulo também é analisado o caráter proselitista do grupo e sua expansão pelo mundo, mais especificadamente no Brasil, Bahia e Santo Estevão, que é o objetivo maior.

O segundo capítulo, **Representações e práticas familiares entre as Testemunhas de Jeová**, tem como objetivos apresentar o campo religioso santo-estevense e a inserção das Testemunhas de Jeová. Analisamos as representações de família construídas, a partir da apropriação do discurso da Torre de Vigia, através de seus impressos (revistas, brochuras, livros) sobre o modelo ideal de família, relações de gênero, criação de filhos. Os chamados *desvios* de conduta no grupo religioso, como a desassociação ou dissociação de um membro, bem como o divórcio serão abordados neste capítulo.

O último capítulo, **Imagens de uma família feliz**, tem como objetivo analisar as representações de família entre as Testemunhas de Jeová a partir das imagens presentes nos impressos do grupo e que são de caráter didático e não apenas ilustrativo dentro de suas publicações. Não apenas a análise iconográfica a respeito das representações de família, mas também sobre outras temáticas sempre recorrentes dentro do grupo, como o fim do mundo, por exemplo. Abordamos como no decorrer do período estudado as Testemunhas de Jeová foram utilizando as imagens como uma ferramenta de ensino e aprendizagem das doutrinas e formação de hábitos.

Nas considerações finais fizemos provisórias conclusões sobre as concepções e práticas familiares das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão.

CAPÍTULO I

O “Escravo fiel e discreto”:

origens e construção do discurso da Organização de Jeová

Este capítulo tem como objetivo analisar a formação do grupo religioso Testemunhas de Jeová, no final do século XIX, nos Estados Unidos da América, os motivos que levaram à criação do mesmo, seu caráter milenarista, principais doutrinas, hierarquia e expansão para outros países, especialmente para o Brasil. As publicações – revistas *Desperta!* e *A Sentinela*, livros, folhetos e brochuras são as fontes utilizadas neste capítulo para compreendermos o discurso construído pelo grupo que legitimam suas crenças e o poder dos principais líderes, que formam o Corpo Governante ou “Escravo fiel e discreto”.

O grupo conhecido juridicamente no Brasil como Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados e comumente chamada de Testemunhas de Jeová originou-se em 1872, num momento posterior à Guerra de Secessão e em meio à proliferação de grupos milenaristas nos Estados Unidos da América. Charles Taze Russel (1852-1916), de origem presbiteriana, que também pertencera à Igreja Congregacional foi fortemente influenciado pelas profecias a respeito do milênio de Cristo, que permearam todo o século XIX em seu país. Segundo o historiador Eduardo Castro,

Foi o “medo da queda” e da quebra do discurso nacional, amparado pela religião que, após a Guerra de Secessão (1861-1865), os Estados Unidos passaram pelo boom religioso da década de 1870, que resultou entre outras denominações religiosas, no surgimento das Testemunhas de Jeová. Dentro do discurso milenarista e apocalíptico norte-americano, as denominações religiosas protestantes mais conservadoras acabaram ganhando espaço, especialmente nos momentos de crise – não apenas após a Guerra Civil, mas entre as duas guerras mundiais, durante a grande depressão e na Guerra Fria (1945-1991), quando o perigo vermelho era a maior ameaça (CASTRO, 2007, p. 29).

É preciso salientar a existência de poucos trabalhos acadêmicos, principalmente na área de História, sobre grupos dissidentes do protestantismo, como os Adventistas, Mórmons e as Testemunhas de Jeová. As poucas referências, contudo, colaboraram para a produção deste trabalho.

Formação do grupo: os Estudantes da Bíblia

As profundas transformações pelas quais os Estados Unidos da América passaram durante o século XIX não se restringiram ao cenário político e econômico, mas teve implicações no campo religioso. Em relação à política externa norte-americana, ela pôde ser sintetizada na doutrina Monroe: “América para os americanos”, deixando explícito para os países europeus a inviabilidade do projeto de recolonização do continente americano, devido aos interesses imperialistas do Tio Sam não apenas nesse continente, mas também na Ásia. Não um colonialismo experimentado nos séculos anteriores, mas relacionado com a

dependência econômica e até cultural, através do *american way of life*. Internamente, a guerra civil – Guerra de Secessão (1861-1865) – entre o norte, mais industrializado e urbano, e o sul, mais agrário e escravocrata, trouxe desdobramentos que afetaram o cenário religioso.

Os questionamentos e desapontamentos afetaram as denominações protestantes históricas, como batistas, presbiterianos, congregacionais, metodistas, por exemplo, e foi responsável pelo surgimento de novos grupos e movimentos religiosos de cunho milenarista a exemplo dos Adventistas do Sétimo Dia, Mórmons e as Testemunhas de Jeová. Um dos precursores destes movimentos milenaristas, que previam a volta de Cristo à Terra através de cálculos “precisos” e de algumas profecias extraídas da Bíblia, foi William Miller, no Estado de Massachusetts. Filho de pais batistas e criado nessa denominação, Miller, em 1818 anunciou que Cristo voltaria 20 anos depois dessa data. Ele conseguiu cooptar alguns adeptos, que venderam propriedades, desfizeram-se de seus bens e trabalho, para esperar pelo advento de Cristo, o que não aconteceu por algumas vezes enquanto os cálculos sobre o retorno eram refeitos a cada erro. Por fim, a previsão para o dia 22 de outubro de 1844 falhou novamente e a data ficou conhecida como o dia do Grande Desapontamento. (SILVA, 2007, p. 13)

Os movimentos e grupos de caráter milenarista continuaram a surgir nos EUA, principalmente, no período pós guerra civil. Uma série de “avivamentos” tomou conta do país e a volta de Cristo e o juízo final passaram a ser uma certeza para muitos protestantes. Foi nesse contexto, em 1822, que Charles Taze Russel fundou um grupo de estudos bíblicos, que ficou conhecido como Estudantes da Bíblia e, mais tarde, na primeira metade do século XX, por Testemunhas de Jeová. Concomitante ao grupo de estudos, Russel e outros colaboradores, incluindo sua esposa, começaram a publicar profecias e interpretações extraídas do cânone sagrado a respeito da volta de Cristo à Terra.

A aproximação com o grupo Adventista do Sétimo Dia, criado a partir da dissidência do movimento milenarista de William Miller e do Grande Despertamento de 1840, começou a despertar em Russel o interesse em aprofundar as doutrinas referentes ao advento de Cristo. O contato com periódicos da época que tratavam sobre esse tema, principalmente o *Herald of the Morning* de Nelson Barbour colaborou para que Russel começasse a produzir livros e em seguida periódicos, contando com a participação do próprio Barbour e John Paton e A. D. Jones, pastor metodista, entre outros, com artigos cuja principal preocupação era trazer a data exata do retorno de Cristo à terra.

Concomitante a essas publicações, Russel fundou o grupo de estudos bíblicos, Inquiridores da Bíblia, ou Estudantes da Bíblia, que até a mudança para Testemunhas de Jeová, eram também chamados, pejorativamente, de seita russelista. As publicações dos

livretos e do periódico *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence*, a partir de 1879 foram importantíssimos para a divulgação das ideias do grupo em formação, principalmente no que se refere à sua primeira e principal característica, o milenarismo. A doutrina a respeito do inferno e juízo final também começou a ser desenvolvida, principalmente, por Russel não concordar com o inferno como um lugar de sofrimento eterno, como pensavam os cristãos em geral.

Ainda no final da década de 1870 o grupo recém formado por Charles Russel sofreu algumas perdas, cismas aconteceram, que estava de acordo com a própria realidade do período relacionado ao não cumprimento de datas específicas a respeito do advento de Cristo, problema esse que a Organização, ao longo de sua história, vai se destacar, no que diz respeito a refazer cálculos e dá novos significados a profecias bíblicas, sem perder seu prestígio perante os membros do grupo.

Em 1881 os Inquiridores da Bíblia tornaram-se pessoa jurídica, com o nome de *Zion's Watch Tower Tract Society*, aproveitando parte do nome de seu principal periódico e que se tornou o símbolo da organização, a Torre de Vigia. Mais tarde o nome sofreu uma pequena alteração e em 1896, recebeu o nome de *Watch Tower Bible and Tract Society*, cujo presidente era o próprio Russel.

O movimento contava com 100 associados ativos em 1881. Dez anos após a criação da revista *A Sentinela*, em 1889, a administração da Sociedade se estabeleceu em Allegheny¹⁶, lado norte de Pittsburgo, num edifício de quatro andares para acompanhar a crescente demanda de publicações. O edifício foi chamado de “Casa da Bíblia”. Segundo relatório da organização, havia, em 1890, cerca de 400 associados ativos da Sociedade e a colocação de 841.095 tratados, 395.000 exemplares extras da revista *Watch Tower* (Torre de Vigia) e 85.000 livros encadernados *A Aurora do Milênio* entre os anos de 1886 e 1891. Os dois pontos básicos de interesse de Russel foram o combate à doutrina do inferno ardente e o retorno de Cristo. (SILVA, 2007, p. 29)

Russel e seus colaboradores viajaram para a Europa e Oriente Médio promovendo conferências para a disseminação das ideias do grupo religioso fundado por ele. As publicações, seus livros e revistas já podiam ser encontrados em circulação, na Alemanha, Itália, Inglaterra, Turquia e Rússia, por exemplo, anteriormente a essas viagens.

Enquanto o grupo disputava por mais espaço no interior do campo religioso estadunidense e pela expansão e divulgação de suas profecias em outros países, as críticas externas e os problemas internos se acumulavam. O que Charles Russel talvez não contasse foi com a oposição vinda de sua própria esposa, Mary Frances Ackley, co-editora da revista

¹⁶ Em 1884 a sede administrativa do grupo se encontrava na Pensilvânia. No início do século XX a sede mundial das Testemunhas de Jeová passou a localizar no Brooklin, Nova York.

The Watchtower, autora de alguns artigos, mas sempre assinados conjuntamente com seu marido e membro ativa do grupo. No entanto, Ackley queria mais, conforme Esequias Silva (2007), “queria ser reconhecida e obter mais autoridade” (p. 32), o que confrontava com o caráter centralizador e autoritário do próprio Russel. As atitudes de sua esposa passaram a ter para ele um caráter conspiratório.

No entanto, essa insubordinação de Maria Ackley, como fora tratada pelo seu esposo e, provavelmente, pelos outros homens do grupo, pode ser analisada a partir das reivindicações das mulheres nos Estados Unidos nesse período, relacionada ao sufrágio universal, e no meio religioso, a um maior espaço, principalmente, aos que eram ocupados pelos homens, como os púlpitos e do exercício de cargos de liderança. Sobre essas reivindicações, abordaremos com maior ênfase no segundo capítulo. Não encontramos, no entanto, informações a respeito de Ackley após seu tumultuado divórcio com Russel. Houve um silenciamento a respeito dela e de suas contribuições para a formação e construção das doutrinas presentes nas Testemunhas de Jeová.

O grupo também esteve envolvido em alguns problemas de ordem legal e um deles foi relatado pelo jornal *The Brooklyn Daily Eagle*, em 1908, referente ao “trigo milagroso”, ser vendido a agricultores com promessas de excelentes colheitas. “Com este caso, hubo otros que no llegaron ante La justicia, pero que le imprimieron em muchos casos a Russel el sello Del charlatán” (ROMERO & PUGA, 2010, p. 47). Apesar dos escândalos, o grupo deu prosseguimento ao seu trabalho de divulgação e crescimento.

Em 1916, um acidente de trem culminou na morte de Charles Russel, que voltava da Califórnia numa viagem de promoção e Joseph Rutherford assumiu a presidência da Sociedade Torre de Vigia, que passou por transformações, mas o caráter milenarista continuou a identificar esse grupo religioso.

E foram pela primeira vez chamados Testemunhas de Jeová

A presidência do advogado e juiz substituto Joseph Rutherford (1869-1942) compreendeu o período de 1917 à 1942 e foi marcado por prisões de membros do grupo, devido à recusa ao serviço militar nos Estados Unidos, problemas relacionados ao momento de crise mundial, que culminaram nas duas grandes guerras, e que fizeram com que a Sociedade Torre de Vigia fosse posta na ilegalidade em vários países, incluindo o Brasil, além da perseguição e morte de muitos fiéis em campos de concentração na Alemanha nazista, pelas críticas contundentes ao catolicismo e protestantismo, principalmente à Igreja Católica, tida como corruptora dos ensinamentos bíblicos, por disputas de poder dentro do

grupo, que levou a vários cismas e a mudança de nome, de Estudantes Internacionais da Bíblia, para Testemunhas de Jeová, em 1931, com o intuito de se diferenciar de outros grupos que possuíam nomes similares, como também de se livrar do termo pejorativo “seita russelista”.

De origem batista, Rutherford teve contato com o grupo no final do século XIX, e em 1906 foi batizado. Durante a presidência de Russel ele foi um dos diretores da Sociedade, acumulando prestígio, principalmente, por defender em alguns momentos o grupo perante a Justiça. Com a morte de Russel, Rutherford foi eleito presidente da Sociedade, mas não sem conflito. As disputas pelo poder estiveram sempre presentes, principalmente, nos períodos de transição da presidência da Torre de Vigia.

A crise interna foi devastadora, o concorrente de Rutherford à presidência, Paul S. L. Johnson, e os diretores demitidos foram expulsos da sede da organização, entre eles: J. D. Wright, A. I. Ritchie, I. F. Hoskins e R. H. Hirsh. Estes e o vice-presidente Andrew N. Pierson escreveram *Light After Darkness* (Luz Após as Trevas), publicação independente, no Brooklyn, em 1917. Penton baseado no relato deles, afirma: “imediatamente antes de Johnson ter sido obrigado a sair de Betel, em 27 de julho de 1917, os diretores depostos e o vice-presidente Pierson afirmaram que Rutherford voltou-se contra ele num acesso de raiva e atacou-se fisicamente”. Isso porque eles queriam fazer, na despedida, uma declaração e ler uma carta do vice-presidente, Pierson, afirmando apoiar a antiga diretoria, mas foram impedidos. O relato deles afirma que Rutherford apelou para a agressão física. (SILVA, 2007, p. 40)

Somado aos problemas de sucessão interna, a recusa em servir às forças armadas, principalmente por causa da Primeira Guerra (1914-1918), trouxe inconvenientes entre a Sociedade e o governo norte-americano. Foram acusados de espionagem, tiveram livros confiscados, como o livro *O Mistério Consumado* e, “em 7 de maio de 1918, foi expedido o mandado de prisão pelo Tribunal Distrital dos Estados Unidos do Distrito Oriental de Nova York contra oito irmãos ligados à administração editorial da Sociedade” (SILVA, 2007, p.41). Dentre os membros do grupo preso, encontrava-se o próprio Rutherford. Foram libertados no ano seguinte, por causa do fim da guerra e devido à luta de seus membros pela revogação da pena. Segundo Douglas Pinheiro (2001) as prisões e problemas com a lei norte-americana serviram para a construção, no interior do grupo, da visão de que os problemas e sofrimentos enfrentados por eles atestavam a fidelidade do grupo aos preceitos de Deus e colaborou mais tarde, para a mudança de nome, pois todas aquelas turbulências asseguravam que eles eram de fato testemunhas de Jeová. Na década de 1930 e 1940, com a Segunda Guerra Mundial (1939-45), as perseguições ao grupo se intensificaram.

Nas décadas de 30 e 40, muitas Testemunhas de Jeová foram presas, por fazerem essa obra, e travaram-se batalhas jurídicas com o objetivo de preservar a liberdade de palavra, imprensa, reunião e adoração. Nos Estados Unidos, as apelações das sentenças de tribunais de primeira instância resultaram em as Testemunhas de Jeová obterem ganhos de causa em 43 processos judiciais perante o Supremo Tribunal. De modo similar, obtiveram decisões favoráveis de altas cortes em outros países. Sobre essas vitórias em tribunais, o Professor C. S. Braden, em seu livro *Estes Também Crêem*, em inglês, disse a respeito das Testemunhas de Jeová: “Prestaram um serviço extraordinário à democracia na luta pela preservação de seus direitos civis, pois, ao assim lutarem, muito contribuíram para garantir tais direitos a todo grupo minoritário nos Estados Unidos.” (Torre de Vigia, 2000, p. 8)

Conforme o texto da Revista, o grupo sofreu alguns embates judiciais nos Estados Unidos por conta do conflito entre sua fé e as questões políticas deste país. No entanto, os êxitos nos tribunais representaram, para o grupo, como vitórias da democracia e da liberdade de expressão.

As perseguições não aconteceram apenas nos EUA, mas também na Alemanha Nazista governada por Hitler, em que algumas Testemunhas de Jeová foram presas – e eram identificadas nos campos de concentração nazista – e até mortas. No livro, *Inimigos* (1937), escrito por Rutherford, os inimigos dos cristãos são apresentados, sendo eles, Satanás, que comanda os demais, a Igreja Católica e seu clero, e as ditaduras, que cerceiam a liberdade religiosa, por exemplo. O governo de Hitler era visto como a grande ameaça à democracia:

A guerra mundial foi logo seguida pela revolução na Alemanha, e então foi formado um governo com aparência de democracia constitucional. Os religionistas e os políticos conspiraram para derrubar aquele governo constitucional, e assim fizeram, resultando Hitler, um fanático, tornar-se ditador absoluto e guia dos nazistas. Essa horda de quadrilheiros políticos queimaram o edifício do Reichstag alemão em 27 de fevereiro de 1933, e então maliciosamente a um partido político oponente premeditado, e isto foi feito para ganhar o favor do povo comum e oprimido. Dentro de poucas semanas depois, os nazistas foram elevados ao poder e Hitler foi posto na frente como guia e tornou-se ditador, e a democracia da Alemanha morreu. Em 30 de junho de 1934, Hitler, temendo que o poder e a autoridade estivessem em perigo de lhe ser tirados, fez que sessenta ou mais de seus íntimos partidários políticos fossem brutalmente assassinados. (RUTHERFORD, 1937, p. 13-14)

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, e fazendo referência à anterior, o então líder do grupo Testemunhas de Jeová, através deste livro faz uma insuflada análise do quadro político europeu, mas com prováveis repercussões mundiais, a respeito da onda de autoritarismos que varriam a Europa naquele momento, e da qual a Alemanha era o grande destaque.

Embora as Testemunhas de Jeová afirmem ser *apolíticas*, na prática, seja na defesa da democracia, como apresentado no texto e da nação norte-americana como o principal baluarte da mesma, ou mesmo na recusa em empunhar armas ou prestar serviço militar, o posicionamento do grupo aparece, mesmo que ele não se concretize na forma política partidária. Quando o assunto é garantir a liberdade religiosa para o grupo poder exercer seu trabalho proselitista, o discurso das Testemunhas de Jeová assume outro tom.

Os Estados Unidos saíram enganados da guerra mundial¹⁷, tendo perdido grande número de homens e tendo gasto milhões do dinheiro do povo, e isso sem nenhum ganho ou proveito. Desde então, a democracia tem rapidamente degenerado, e atualmente a tendência de governos ditatoriais está crescendo rapidamente. (RUTHERFORD, 1937, p. 15)

Os motivos da perseguição às Testemunhas de Jeová na Alemanha nazista podem ser encontrados na presença de missionários norte-americanos, assim também pelo discurso em suas publicações de defesa à democracia. Podemos inferir que foi mais do que uma perseguição religiosa, mas também uma perseguição política ao grupo, devido às críticas e recusa de pegar em armas e participar do exército.

De acordo com Elizete da Silva, em *Protestantes e o governo militar: convergências e divergências* (2009)¹⁸, embora o discurso batista fosse de não envolvimento em questões políticas, quando se tratava de defender seus interesses, principalmente concernentes à liberdade de culto e prática proselitista, eles se posicionavam, como aconteceu com o golpe civil-militar de 1964 no Brasil. O medo do comunismo foi um dos motivos desse alinhamento de interesses entre a Denominação e os grupos conservadores políticos do País.

A pseudo omissão dos batistas frente às questões políticas do País se desvelou, para mostrar uma face ideológica e conservadora, aparentemente contraditória ao condenar o totalitarismo comunista, mas, ao mesmo tempo, legitimar o golpe militar, como se o mesmo não fosse um golpe de força que instalaria um regime, tanto quanto o comunismo que rejeitavam. (SILVA, 2009, p. 36)

Em se tratando da ampliação do trabalho proselitista das Testemunhas de Jeová, com programas de rádio, que foram ao ar a partir de 1922, foram feitos mais investimentos na área das publicações, começando inclusive a tradução de suas obras para outras línguas, como o próprio português, a criação da revista *The Golden Age* (A Idade do Ouro), que mais tarde passou a se chamar *Awake* (Desperta!) fez parte desse período.

¹⁷ Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

¹⁸ In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org). *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.

As profecias sobre o advento de Cristo continuaram, assim como sua não concretização. No entanto, a Sociedade Torre de Vigia, se valeu da interpretação, que começou a fazer parte dos ensinamentos do grupo desde o período de Russel chamado de *presença invisível de Cristo*. Desta forma, segundo os líderes das Testemunhas de Jeová, Cristo retornou à Terra em 1914, só que de maneira invisível.

Conforme uma das publicações do grupo de grande relevância para as Testemunhas de Jeová, *O Reino de Deus – Nosso iminente Governo Mundial*,

Aquele ano de 1914 E.C. foi um ano maldito e também foi um ano bendito. “Maldito” no sentido de que irrompeu nele a Primeira Guerra Mundial, introduzindo uma Era de Violência, que tem piorado constantemente, até os nossos dias. “Bendito” no sentido de que, invisível aos olhos humanos, lá nos santos céus, foi constituído um poderoso governo, pelo Criador do céu e da terra, para trabalhar em prol duma paz duradoura para o homem. (Sociedade Torre de Vigia, 1977, p. 90)

Essas profecias basearam-se no livro bíblico de Daniel, no Velho Testamento. Para o grupo, assim como para outros movimentos milenaristas de sua época, as profecias contidas nesse livro se concretizaram no período do profeta, bem como durante o Império Romano e estaria se concretizando em 1914. Os cálculos feitos ao longo do século XIX sobre a data precisa do retorno de Cristo foram baseados nesses escritos.

Nós, iguais a Daniel, gostaríamos de saber hoje o que foi representado por aquele chifre pequeno que tinha olhos e uma boca. Sob a orientação do espírito santo de Deus, devemos chegar a saber o seu significado, especialmente, visto que vivemos para ver o cumprimento do sonho profético de Daniel. (Sociedade Torre de Vigia, 1977, p. 95)

O caráter milenarista, desta maneira, continuou cada vez mais forte, através da ideia de que Cristo retornou e implantou seu governo, mesmo que de forma invisível. Portanto, as Testemunhas de Jeová teriam que obedecer a esse governo – teocracia – e o modo de fazer isso era obedecendo aos ensinamentos da Sociedade Torre de Vigia. A Organização passou então a ser um agente do Reino de Deus aqui na Terra.

O livro *Los voceros del fin del mundo*, dos historiadores Puga e Romero (2010) analisou a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, sua história e inserção no México. O objetivo principal dos autores foi analisar o discurso produzido pela Torre de Vigia, através de seus primeiros líderes e depois com o Corpo Governante. O tipo de argumentação utilizada por eles, através do uso de definições e analogias que, dentre outros motivos, servem para ampliar o poder e autoridade da Organização sobre seus membros. Desta forma, definições de noções e doutrinas, como mundo, por exemplo, tem como objetivo trazer um novo sentido, e

assim construir uma visão de mundo no fiel que perpassa pelo próprio grupo. Segundo Puga e Romero (2010), os argumentos que legitimam a hierarquia eclesiástica, buscam construir uma verdade única, inequívoca para os fiéis, sem possibilidades de questionamentos e dúvidas, mesmo quando algumas profecias interpretadas pela Organização, como datas específicas sobre o advento de Cristo, não se cumprem. Conforme os autores:

Al dar preferència a cierta interpretación o suponerla como única interpretación válida, se revela y promueve um sistema de creencias y una visión de mundo. Eso no es todo, pretende uma interpretación única connota también cierto autoritarismo em el discurso, porque Al hacerlo se niega la flexibilidad de los signos. Al mismo tiempo se niega al auditorio la oportunidad de hacer distinta a la aprobada. (PUGA & ROMERO, 2010, p. 179)

Outro trabalho historiográfico sobre as Testemunhas de Jeová é a dissertação de mestrado de Eduardo Góes Castro (2007), que estudou a atuação das Testemunhas de Jeová em São Paulo entre 1930 a 1954. O autor analisou os avanços e recuos do grupo em terras paulistas durante os governos, provisório e constitucional de Vargas (1930-1937), e a ditadura do Estado Novo (1937-1945), além dos governos de Dutra e Vargas no período democrático, entre 1945-1954. Através das fontes impressas do grupo, principalmente folhetos, entrevistas, bem como fontes oficiais do governo brasileiro e jornais da época, Castro procurou compreender o porquê a Sociedade Torre de Vigia ter tido seu registro cassado em duas ocasiões. Segundo o autor,

Também no Brasil, foi especialmente durante a ditadura de Vargas e durante o período da guerra que as Testemunhas de Jeová sofreram seu maior período de ostracismo no país. Embora suas publicações tratassem prioritariamente de temas religiosos, neste período passaram a tocar em temas como a perseguição na Alemanha, o conflito internacional que se desenrolava e atuação das ditaduras fascistas em conluio com a Hierarquia Católica. (...) Contraditoriamente para elas, em 1949 este registro foi novamente cassado: o motivo agora era outro: afinado á luta contra o comunismo, dentro do contexto da Guerra Fria, o governo Dutra pretendia colocar preventivamente as Testemunhas de Jeová na ilegalidade, até que investigações provassem seu escopo religioso apenas, desligado de qualquer atuação política. (CASTRO, 2007, p. 16)

As Testemunhas de Jeová, apesar de sua pouca expressividade no País no período pelo número reduzido de membros, numa sociedade de maioria católica e culturalmente influenciada por esta vertente cristã, a atuação do grupo através da entrega de folhetos foi uma constante. Além disso, conforme Castro, as Testemunhas de Jeová não eram bem vistas por se

tratar de uma organização norte-americana, e associação com o imperialismo estadunidense, manifesto não apenas na política e economia, mas também no campo religioso.

No livro, *Inimigo*, de 1937, escrito por Joseph Rutherford, segundo líder das Testemunhas de Jeová, ao clero da Igreja Católica foi assim retratado:

O Diabo é o príncipe das trevas, e faz seus melhores esforços para conservar o povo em ignorância quanto à verdade, mantendo-o assim nas trevas. Por que procuram os guias religiosos, os clérigos, conservar o povo sem que estude e entenda a Bíblia? Por que instruíram as pessoas de suas congregações a recusarem qualquer coisa que explique a Bíblia? A resposta é: Porque são agentes e representantes do Diabo, quer estejam cientes desse facto ou não, pois o que não é pelo Senhor é contra ele. (Mateus 12:30). Por causa de razões egoísticas desejam conservar o povo em ignorância, de sorte mantê-lo em sujeição ao clero, recebendo do povo honra e aplausos, e também o sustento financeiro que vem por causa da influência que têm sobre o povo. (RUTHERFORD, 1937, p. 73)

As duras críticas à Igreja Católica, o caráter anticlerical de muitas das suas publicações fez com que o grupo recém instalado no Brasil sofresse resistência por parte da população. No entanto, esse embate com o catolicismo, embora suas críticas também se ampliassem para outros grupos religiosos estava intimamente ligado com a disputa por espaço e prestígio no campo religioso brasileiro. A Igreja Católica era chamada em muito de suas publicações como a “satânica organização” (p. 18) ou mesmo de a grande Babilônia.

É importante lembrar que as Testemunhas de Jeová pretendiam oferecer uma opção para aqueles que estavam descontentes com a visão de mundo que o catolicismo. Daí a sua razão de se ter implicado, muitas vezes em uma feroz campanha anticlerical, que contribuiu para intensificar a repressão policial sobre o grupo tratado pelo DEOPS como transgressores da ordem. (CASTRO, 2007, p. 21)

Embora a Igreja Católica não fosse mais a religião oficial do Brasil desde o advento da Primeira República em que constitucionalmente o País se tornou laico, a aproximação do catolicismo com o governo de Getúlio Vargas logo após o golpe de 1930 estava intimamente ligada à busca pela retomada de prestígio da Madre Igreja, expresso no Concílio Plenário Brasileiro e à concordata moral.

O DEOPS buscou encontrar na literatura do grupo Testemunhas de Jeová atos de insubordinação à pátria brasileira, com perseguições e prisões, além do confisco de materiais. No entanto, até que ponto essas perseguições deixaram de estar no campo da política e passaram para o campo religioso, afinal quais eram de fato os problemas que a Sociedade Torre de Vigia poderia trazer para o Brasil? Ao analisarmos o reduzido número de Testemunhas de Jeová no País, podemos inferir que seus membros não representavam

qualquer tipo de ameaça para a pátria. No entanto, a dissertação de Castro nos ajuda a pensar nesses questionamentos e a analisar o período de tensão, mas também de consolidação das Testemunhas de Jeová no País.

A dissertação de mestrado de Suzana Bornholdt (2004) na área da Antropologia Social analisou o trabalho proselitista do grupo, feito de casa em casa e chamado por eles de serviço de campo. A autora procurou entender como, numa época em que os meios de comunicação, como a internet e a televisão são tão acessíveis e colaboram para a divulgação rápida de informações, publicidade e propaganda, as Testemunhas de Jeová fizeram o caminho inverso, optando pela evangelização pessoal, mesmo que, nos primórdios da história do grupo, a utilização de fonogramas e outros recursos mais avançados da época, fossem largamente utilizados.

Qual seria, então, o motivo por trás dessa mudança de estratégia e metodologia de pregação? De que forma o serviço de campo colabora na construção identitária do grupo? São alguns questionamentos que a autora procurou responder através da pesquisa sobre as Testemunhas de Jeová da Congregação da Lagoa em Florianópolis. Vale ressaltar que as Testemunhas de Jeová possuem um site oficial que pode ser traduzido a todas as línguas que possui o trabalho deles, no qual pode ser encontrado alguns artigos das revistas *Despertai!* e *A Sentinela*, testemunhos de conversão e um convite para o visitante, não testemunha de Jeová, deixar seu endereço, se caso o mesmo queira estudar a Bíblia com membros do grupo.

Essa mudança no método de evangelismo ocorreu a partir da metade do século XX e se consolidou durante a década de 1980 e 1990. A criação da Escola do Ministério Teocrático colaborou para o treinamento e preparação dos fiéis para o serviço de divulgação de suas mensagens. Segundo a autora, há uma disciplinarização que leva a uma busca pela eficiência no trabalho proselitista. A análise se pautou também em dados, como o crescimento de 7% ao ano no Brasil, que possui atualmente a segunda maior concentração de Testemunhas de Jeová no mundo, mais 600.000 adeptos.

As Testemunhas de Jeová investem na produção de livros, revistas, folhetos, além de CDs e DVDs, sendo esses dois últimos mais acessíveis aos membros do grupo, embora não haja nenhuma objeção para que pessoas fora dele tenham acesso. No Brasil, por exemplo, o parque gráfico das Testemunhas de Jeová é um dos mais modernos do país.

A dissertação de mestrado de Sueli Maria Silva (2007), em Semiótica e Linguística Geral, intitulada *O discurso de divulgação religiosa materializada por meio de diferentes gêneros, dois éthé, duas construções do Céu e da Terra* analisou, através dos materiais de divulgação dos grupos religiosos Católicos e Testemunhas de Jeová, as construções que estes

fazem sobre o Céu e a Terra, que partem da mesma fonte – os textos bíblicos – mas que são interpretados de maneira distinta, construindo assim, sentidos e visões diferentes a respeito da vida terrena e pós morte. A autora buscou compreender a importância do corpus doutrinário, no ensino e instrução em ambos os grupos.

Buscamos demonstrar, por meio da construção do sentido pela diferença, como o discurso bíblico se modifica de religião para religião com base na ideologia que as fundamenta, na medida em que, ao analisarmos discursos de divulgação religiosa, torna-se indissociável tratarmos linguagem e ideologia, por ser a própria criação divina dada de forma linguageira. (SILVA, 2007, p. 20)

A dissertação de mestrado de Douglas Pinheiro (2001), em Ciências da Religião analisou a doutrina do grupo relacionada à transfusões de sangue e a recusa dos mesmo, a partir do discurso produzido pelo Corpo Governante em relação ao assunto. Segundo o autor, essa doutrina colabora na construção da identidade do grupo, pelo seu caráter peculiar.

(...) para os cristãos primitivos se fortalecerem como uma fraternidade religiosa a criação de uma série de tabus referentes a hábitos alimentares foi essencial. Com certeza, tal interdito cumpre semelhante papel entre as Testemunhas de Jeová, notadamente, pois surge de forma mais evidente durante a década de 50, fase essa em que a Sociedade estava sobre a presidência de Nathan Knorr. Em tal momento, conforme analisamos na segunda parte desta pesquisa, o grupo pretendia expandir sua doutrina por todos os continentes, para o que seria necessário fortalecer-se primeiro como comunidade religiosa – e, seguramente, o preceito de abstenção de sangue serviu como um forte símbolo de unidade e identidade para que o grupo cumprisse tal mister. (PINHEIRO, 2001, p. 72)

Buscando fundamento no cânone sagrado para a proibição de transfusões de sangue, em textos do Antigo e do Novo Testamento, as Testemunhas de Jeová batalham na justiça para que esse direito de recusa em receber e doar sangue lhes seja assegurado. Enquanto isso, as Comissões de Ligação com os Hospitais (COLIH's) e o Sistema de Informação Hospitalar (SIH) buscam fazer com que a vontade de um membro do grupo e de sua família seja respeitada e tratamentos alternativos ao uso do sangue sejam administrados no paciente.

Além da Bíblia, o uso de “pareceres de estudiosos” procura justificar a interpretação feita pelo grupo, tornando “o preceito religioso mais racional” (p. 73). Isso colabora para dar uma seguridade maior ao fiel de que o texto bíblico e o entendimento do mesmo proposto pela Organização encontram respaldo no discurso científico, previamente selecionado por ela, evidentemente.

Outra dissertação em Ciências da Religião é a de Esequias Soares da Silva (2007), *Testemunhas de Jeová: a inserção de suas crenças no texto da Tradução do Novo Mundo das*

Escrituras Sagradas, em que ele analisou “a transferência da teologia da Sociedade Torre de Vigia” para a versão apresentada por ela do cânone sagrado. A própria utilização de outro nome para a Bíblia pode ser interpretada como uma busca em diferenciar a tradução feita por eles das outras vertentes do Cristianismo. O autor utilizou materiais impressos do grupo, principalmente as revistas mensais, como fonte, além de livros de ex-testemunhas de Jeová. No entanto, faltaram as fontes orais para confrontar aquilo que está escrito a respeito do grupo, produzidos por eles mesmos, como os que foram escritos pelos desassociados ou dissociados, pois há uma ausência do fiel, que é tratado muitas vezes como “massa de manobra” pela Torre de Vigia, o que precisa ser analisado com muita cautela, principalmente, ao utilizar fonte como referência bibliográfica. As conclusões foram tiradas pelo autor antes mesmo dos argumentos serem apresentados.

Surgimento do Corpo Governante e expansão global

Com a morte de Rutherford, Nathan Homer Knorr presidiu o grupo, entre os anos 1942 a 1977. Durante esse período, as Testemunhas de Jeová investiram mais no treinamento e capacitação de líderes locais (anciãos e servos ministeriais) e dos próprios membros das congregações para o trabalho proselitista. A expansão global foi o objetivo principal desse período e o evangelismo pessoal se tornou o método para que esse empreendimento se concretizasse. A formação do Corpo Governante também caracterizou o período de liderança de Nathan Knorr. O Escravo Fiel e Discreto deixou de ser apenas uma figura e passou a ser um grupo, responsável em “trazer o alimento no tempo certo”. A Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (TNM) deu o subsídio importante para a consolidação das doutrinas do grupo que contestavam a deidade de Cristo, a trindade, o céu e o inferno e serviu para legitimar o poder simbólico da Torre de Vigia e de seu Corpo Governante.

Com o intuito de expandir o trabalho das Testemunhas pelos “quatro cantos da terra” e alcançar mais adeptos, em 1942 surgiu o Curso Adiantado do Ministério Teocrático, atualmente chamada de Escola do Ministério Teocrático, que acontece em uma das reuniões do grupo no Salão do Reino e que tem como objetivo preparar o fiel para o “serviço de campo”. Em 1943 foi criada a Escola de Gileade, que procurava treinar pessoas para servirem como missionários. A partir desse novo direcionamento em relação ao método de pregação e crescimento, que as Testemunhas de Jeová deixaram de investir nos meios de comunicação da

época, como o fonógrafo e o rádio, para investir no método bíblico de pregação de porta em porta e pessoalmente.

As Testemunhas de Jeová não obrigam ninguém a aceitar sua mensagem. Porém não medem esforços para divulgar a esperança apresentada pela Palavra de Deus, esperança que lhes traz consolo nesta época atribulada. De casa em casa e contatando transeuntes nas ruas, as Testemunhas de Jeová transmitem as boas novas de Deus a todos os que desejam ouvir. (A Sentinela, 1997, p. 32)

A disciplinarização das Testemunhas de Jeová para o trabalho proselitista foi o principal objetivo da criação dessas escolas de treinamento. Obedecer ao *ide* de Cristo tinha que ser levado a sério e teria que ser feito de forma regular, assim, de fato, eles poderiam ser reconhecidos como seus discípulos. Ser testemunha de Jeová estava, então, intimamente ligado em trabalhar para a expansão de seu reino na Terra. A ordem de Jesus da qual resulta esta ação proselitista se encontra no evangelho de Mateus, capítulo 28, versículos 19 e 20: “Ide, portanto, e fazei discípulos de pessoas de todas as nações, batizando-as em o nome do Pai e do Filho e do espírito santo, ensinando-as a observar todas as coisas que vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a terminação do sistema de coisas.” (Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, 1986)

Portanto, as publicações, como livros, revistas, brochuras e folhetos e o investimento nos parques gráficos de suas filiais se tornaram imprescindíveis, pois o discipulado tornou-se a ferramenta para a adesão das Testemunhas de Jeová e consolidação das congregações e aumento do número de membros.

[...] a partir de 1927, muito mais publicações começaram a ser produzidas na gráfica de oito pavimentos, em Brooklyn, Nova York, de propriedade da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova York, Inc. Esta Foi ampliada para outros prédios de gráfica e um conjunto de escritórios. Há outros edifícios nas imediações, em Brooklyn, para alojar os ministros voluntários que trabalham nas oficinas gráficas. Além disso, um conjunto de fazenda e gráfica funciona perto de Wallkill, no interior do estado de Nova York. Ali se imprimem as revistas *A Sentinela* e *Desperta!* em vários idiomas e se produzem alimentos para os ministros que servem nos diversos locais desse estado. Cada trabalhador voluntário recebe uma pequena ajuda mensal para cobrir eventuais despesas. (Torre de Vigia, 2000, p. 11)

O investimento nos parques gráficos foi uma prioridade para as Testemunhas de Jeová. No início do grupo, a impressão de suas publicações era feita em firmas comerciais. Conforme o trabalho foi crescendo, houve a necessidade de aquisição das mesmas. Com as ofertas coletadas nos Salões do Reino ao redor do mundo, essas propriedades são mantidas e os voluntários que trabalham nelas recebem gratificações.

Outro passo importante foi a tradução feita por eles da Bíblia, chamada Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (TNM). Primeiramente foi feita a tradução do Novo Testamento, *Escrituras Gregas Cristãs*, e logo depois, o Velho Testamento, chamada de *Escrituras Hebraicas*, em 1953. A versão completa, porém, viria uma década depois. As Testemunhas de Jeová costumam usar nos cultos, chamados de reuniões, a Tradução do Novo Mundo, mas no serviço de evangelização, além dela, eles utilizam as versões católicas e protestantes e pedem para o ouvinte acompanhar a leitura na versão da Bíblia que tiverem em casa.

Nathan Knorr foi sucedido por Frederick William Franz (Fred Franz), que tinha sido o vice-presidente durante seu mandato. Franz era conhecido como “o mais respeitado erudito da Organização”. Ele procurou também dar prosseguimento ao objetivo de expansão global de seu antecessor. Com o surgimento do Corpo Governante já no período de Knorr, os nomes dos presidentes e dos outros líderes passaram a não ser muito divulgados, no entanto, a concepção de que eles eram a continuação dos profetas e apóstolos dos tempos bíblicos e únicos representantes de Deus na Terra foi cada vez mais difundida entre as Testemunhas de Jeová.

Destino Manifesto dos EUA e os Milenaristas

A formação dos Estados Unidos da América esteve intimamente ligada às questões religiosas na Europa, em especial, na Inglaterra, com a Reforma Protestante no século XVI. Os *pilgrim fathers* (pais peregrinos), nome utilizado para designar os pioneiros ingleses, puritanos em geral, fugindo das perseguições do Estado e da Igreja oficial, a Igreja Anglicana, embarcaram rumo ao Novo Mundo, ou Nova Inglaterra, em 1620, como a esperança de construir um futuro melhor. A travessia do Atlântico, no *Mayflower* representou para esses pioneiros puritanos a travessia do povo de Deus à terra prometida, Canaã.

Em seu artigo *A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA*, Cecília de Azevedo analisou o universo político-religioso norte-americano e a relação estabelecida entre esses dois campos (religião e política), a influência de um para com o outro e as consequências desta aproximação dentro da sociedade estadunidense. Segundo Azevedo:

O paradigma bíblico traçado pelos puritanos continuou impregnando o universo político norte-americano, podendo ser flagrada também em outro momento crucial da história, a Guerra Civil, justificada por ambos os lados, em termos religiosos. Com a virada do século XIX para o XX passou a prevalecer nos EUA a ideia de que sua condição excepcional como nação

deveria justificar não seu isolamento em relação ao mundo, mas uma atitude inversa, de intervenção ativa.” (AZEVEDO, s/d, p. 116)

Desta maneira, justificados pela missão cristianizadora e civilizatória, confiada pelo próprio Deus aos seus eleitos, os Estados Unidos avançaram numa política imperialista, dentro e fora de seu território, com a conquista do Oeste no século XIX, a anexação de terras mexicanas, a Doutrina Monroe e a “venda” de um estilo de vida, o *american way of life*. A construção identitária e cultural norte-americana perpassou pelo Destino Manifesto perante as outras nações. De acordo com o historiador Vasni de Almeida:

O Destino Manifesto, uma doutrina política de fundo teológico, traduzia-se na convicção das grandes igrejas protestantes dos Estados Unidos de que esse país tinha sido escolhido por Deus para dirigir as demais nações. As motivações para tal convicção estavam imbricadas na ideologia do desenvolvimento e expansionismo norte-americano e no próprio cristianismo protestante daquele país. O protestantismo norte-americano, alicerçado na desinstitucionalização eclesiástica e no tripé religião-moralidade-educação, com papel normativo e civilizador, traduzia-se na possibilidade de progresso social e religioso ao mesmo tempo. (ALMEIDA, In SILVA, 2011, p. 235)

O *american way of life* foi se desenvolvendo no decorrer do século XIX e início do século XX, período também do desenvolvimento do capitalismo industrial. Além de carros, roupas, comida, esse estilo de vida se expressou e expandiu-se através das práticas religiosas, a exemplo das missões evangelizadoras, que chegaram a diversas partes do mundo, incluindo o Brasil. Elizete da Silva discutiu sobre o estilo de vida norte-americano nos grupos religiosos protestantes, que, a partir do século XIX se instalaram no Brasil. Segundo Silva, os missionários norte-americanos trouxeram para o Brasil não apenas a mensagem do Evangelho, mas também sua cultura, o “ethos americano” (p. 135), através dos trajés, liturgia dos cultos, ritmos e músicas, sem nenhum tipo de adaptação aos costumes locais. A visão de superioridade étnica, justificada pela missão especial e única de seu povo, fez com que os missionários norte-americanos não contextualizassem a mensagem cristã que traziam com a realidade brasileira que se apresentava a eles.

Os missionários americanos na tarefa de evangelização dos brasileiros, não souberam ou não quiseram distinguir a mensagem universal do cristianismo, da roupagem cultural norte-americana, dos seus valores e até da posição de classe que ocupava na estrutura social de origem. (...) Paralela a essa deturpação do conteúdo do evangelho anunciado pelos missionários, pejado de todas as virtudes e vícios do “ethos americano”, a dependência eclesiástica do protestantismo brasileiro, além do aspecto financeiro, expressa-se na liturgia, quando as músicas entoadas nos cultos são traduções de letras, que não tem nenhuma relação com a realidade brasileira e um ritmo declaradamente estranho às suas raízes culturais. (SILVA, 1998, p. 135-136)

Essa visão de superioridade étnica se constituía como reflexo do fundamentalismo religioso, criado pelo protestantismo do Sul dos EUA, no século XIX, que, além de negar outras formas de crer, não reconhecia manifestações culturais, que não fossem a sua. Conforme este pensamento, a forma correta de servir a Deus era aquela apresentada pelos missionários norte-americanos.

A missão não era apenas de evangelizar e civilizar, mas também de moralizar. Desta forma, havia uma preocupação dos missionários em manter sobre controle e vigilância a conduta dos novos convertidos brasileiros, que ingressavam nessas denominações. Além da origem sulista da maioria desses missionários e das missões, como a Junta de Missões de Richmond, dos batistas, a preocupação em ser diferente e ser visto desta maneira pela sociedade brasileira, fez com que os missionários adotassem uma postura ultraconservadora e exigisse dos novos convertidos tal postura. Não apenas os metodistas, mas também os puritanos, que desde o período em que se caracterizavam apenas como um movimento dentro do anglicanismo, até a sua institucionalização, buscavam a perfeição e a santificação, como uma prática cotidiana na vida dos fiéis. De acordo com essa prática: “A doutrina da perfeição cristã pode ser considerada o referencial em todos os países nos quais se inseriu, ainda que tenha sofrido, nas suas interpretações, as influências de diferentes culturas” (ALMEIDA, 2011, p. 231).

As Testemunhas de Jeová adotaram práticas similares. O estilo de vida norte-americano acompanhou a mensagem de salvação trazida pelos mesmos, pois pertencer ao grupo implica em aceitar também uma liturgia, vestimentas e complementos, como a pasta. A expressão muito utilizada pelos membros do grupo de que o povo de Jeová fala uma só língua pode ser compreendida não apenas na perspectiva organizacional e homogeneizante, mas também no sentido cultural. A “língua” que o povo de Jeová fala, ou precisa aprender a falar, é o *american way of life*, conforme os ditames do Corpo Governante, situado nos EUA.

Estrutura interna do grupo: “O Escravo Fiel e Discreto” e a hierarquia Testemunha de Jeová

“Aquele que manda o alimento para nós no tempo certo”. Essa é, muitas vezes, a denominação dada ao Corpo Governante, grupo de anciãos de diversas partes do mundo,

responsáveis por toda a produção escrita, cantada, enfim, por todo discurso que norteia a vida do fiel Testemunha de Jeová. Não encontrei nenhum registro escrito ou em depoimento nas entrevistas sobre a participação de algum ancião brasileiro no Corpo Governante. São os líderes da Organização, que organizam doutrinas, comportamentos e valores, que constituem o grupo religioso e o clero formulador dos discursos e das práticas norteadoras.

JEOVÁ é um Deus de ordem. Ele é também a Fonte de toda autoridade legítima. Confiante na lealdade de suas criaturas fiéis, Jeová se dispõe a delegar autoridade. Aquele a quem mais delegou autoridade é seu Filho, Jesus Cristo. De fato, Deus ‘sujeitou todas as coisas debaixo dos pés dele, e o fez cabeça sobre todas as coisas para a congregação’. – Efésios 1.22. O apóstolo Paulo chama a congregação de “família de Deus”, e diz que o Filho fiel de Jeová, Jesus Cristo, foi encarregado de supervisionar esta família. (1 Timóteo 3:15; Hebreus 3:6) Cristo, por sua vez, delega autoridade aos membros da família de Deus. Pode-se discernir isso das palavras de Jesus registradas em Mateus 24:45-47. Ele disse: “Quem é realmente o escravo fiel e discreto a quem o seu amo designou sobre os seus domésticos, para dar-lhes o seu alimento no tempo apropriado? Feliz aquele escravo, se o seu amo, ao chegar, o achar fazendo assim! Deveras, eu vos digo: Ele o designará sobre todos os seus bens” (Torre de Vigia, 1990, p.10).

É esse o *Escravo Fiel e Discreto*, conforme a expressão utilizada na referência bíblica citada acima, o único representante de Jeová aqui na Terra, aquele por meio de quem Deus fala e alimenta o seu corpo, portanto, aquele que não pode ser questionado, pois tudo que Jeová quer revelar para seu povo, Ele assim o faz por meio do Corpo Governante, que, por sua vez, distribui aos outros membros da “fraternidade mundial”. A autoridade dos líderes do grupo, portanto, emana do céu, por meio de Jesus Cristo, o primeiro e principal escravo, que designa outros a fim de assessorá-lo nessa tarefa. Ela é fruto da lealdade e uma recompensa conquistada por poucos, mas para o bem de todos, pois, conforme o texto, a hierarquia proveniente da autoridade, que apenas alguns possuem, produz ordem e harmonia dentro do grupo religioso. A naturalização da ideia de autoridade, como algo necessário para a manutenção da ordem e preservação do grupo colabora para que as disputas pelo poder sejam ocultadas. De acordo com Bourdieu (2007), o monopólio do poder simbólico por alguns – os sacerdotes – em relação aos leigos está relacionado ao capital de autoridade acumulado por eles e pela conservação desse monopólio.

Em entrevista com José, ancião das Testemunhas de Jeová da Congregação Central, em Santo Estevão, quando perguntado sobre os materiais utilizados pelo mesmo, que o ajuda na educação de suas filhas, o mesmo respondeu:

O escravo fiel, que a Bíblia tem o escravo fiel e discreto, que manda o alimento no tempo apropriado. A gente tem esse escravo que manda o alimento para os pais, para os filhos e para a esposa. Se todos eles seguir

esse mandamento, ser orientado na Bíblia, ai sim vai ter uma família feliz, família que não vai dar trabalho à sociedade. (SANTOS, 03 de julho de 2009)

A partir dessa declaração, pode-se ter uma noção da importância e centralidade não apenas do discurso bíblico, como também da Organização, através de seus líderes, na vida do fiel. É o Escravo Fiel e Discreto quem traz as orientações divinas para as Testemunhas de Jeová sobre todos os aspectos de sua vida. Esta posição de centralidade que coordena e busca direcionar as atitudes dos membros do grupo foi construída e afirmada através de suas publicações, que associavam o Corpo Governante aos profetas do Antigo Testamento com os apóstolos do Novo Testamento. A utilização de textos bíblicos, mediante interpretação da própria liderança, serviu para respaldar e legitimar seu poder simbólico. Conforme as fontes:

Jeová é um Deus de ordem. Confiante na lealdade de suas criaturas fiéis, Jeová se dispõe a delegar autoridade. Aquele a quem mais delegou autoridade é seu Filho Jesus Cristo. (...) Cristo, por sua vez, delega autoridade aos membros da família de Deus. Pode-se discernir isso das palavras de Jesus registradas em Mateus 24.45-47. Ele disse: “Quem é realmente o escravo fiel e discreto a quem o seu amo designou sobre os seus domínios para dar-lhes o seu alimento no tempo apropriado? Feliz o seu escravo se o seu senhor, ao chegar, o achar fazendo assim! Deveras eu vos digo: Ele o designará sobre todos os seus bens.” (A Sentinela, 15 de março de 1990, p. 10)

Este artigo da revista A Sentinela, contendo quatro páginas procurou enfatizar a existência do Corpo Governante como uma ordem estabelecida pelo próprio Jeová, que, por esta causa, não pode ser revogada e nem contrariada.

Coletivamente, os cristãos ungidos pelo espírito haviam de ser o mordomo, ou administrados doméstico, do amo, designado para fornecer aos membros individuais da família de Deus o oportuno alimento espiritual. Embora a família de Deus seja composta coletivamente de todos os cristãos ungidos, há abundante evidência de que Cristo escolheu um pequeno número de homens dentre a classe-escravo para servir como corpo governante visível. A história inicial da congregação mostra que os 12 apóstolos, incluindo Matias, eram a base do corpo governante do primeiro século. Atos 1: 20-26 dá-nos uma indicação disso. Relacionado com a substituição de Judas Iscariotes, fez-se ali referência ao “seu cargo de superintendência e a este ministério e apostolado”. Tal cargo de superintendência incluía a responsabilidade dos apóstolos de nomear homens aptos para cargos de serviço, e organizar o ministério. Mas, significava mais. Envolvia também ensinar e esclarecer pontos doutrinários. (A Sentinela, 15 de março de 1990)

Desta maneira, imbuídos da responsabilidade de entregar o “alimento espiritual”, por ser este o papel do “mordomo” em relação ao seu “amo”, o Corpo Governante é aquele que delega e supervisiona o trabalho dos outros membros e, principalmente, aquele que tem a

autoridade concedida por Jeová, de formular as doutrinas do grupo e passar os ensinamentos de Cristo para os demais.

É desta forma, que, mesmo sendo produzidas nos Estados Unidos, com diferenças culturais marcantes, as obras produzidas pelo Corpo Governante alcançam todos os cinco continentes e influenciam seus fiéis onde eles estiverem. Segundo Bourdieu (2007) a religião é uma linguagem, um conhecimento, que contribui para a conservação da ordem social estabelecida, no caso aqui, para uma ordem estabelecida internamente entre as Testemunhas de Jeová, com suas representações e práticas próprias, que se originam do discurso da Torre de Vigia.

[...] a religião contribui para a imposição (dissimulação) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos. (BOURDIEU, 2007, p. 34)

A liturgia do culto, o que deve ser lido e cantado em cada reunião são programadas e distribuídas anualmente¹⁹, para todas as comunidades e, pelo que pôde ser constatado, pelo menos com os membros das congregações em Santo Estevão, isso é motivo de orgulho, pois mostra que, “o povo de Jeová é um povo organizado”, conforme os membros do grupo entrevistados nesta pesquisa.

A revista A Sentinela de 1º de abril de 1976 trouxe uma nota referente a algumas mudanças no Corpo Governante, ajustes com o objetivo, segundo o editorial, de facilitar o trabalho. Assim foram instituídas seis comissões do Corpo Governante, com um presidente cada uma.

Estas seis comissões, que começaram a funcionar em 1º de janeiro de 1976, são as seguintes: Comissão de Serviço; Comissão de Redação; Comissão Editora; Comissão de Ensino; Comissão Pessoal; Comissão do Presidente. No que se refere às nossas filiais em todo o mundo, uma comissão de Filial de três ou mais membros designados pelo Corpo Governante, administrará o arranjo organizacional de cada filial. Estas comissões também terão um presidente que servirá por um ano. Parece evidente que a direção de Jeová se manifesta na formulação destes ajustes recentes. Se dúvida, seu espírito também nos conduzirá a darmos o mais pleno apoio e cooperação ao passo que esses arranjos são postos em vigor (A Sentinela, 1/04/1976, p. 207)

¹⁹ A programação anual é enviada para as congregações, geralmente, no mês de outubro.

Há outros cargos de destaque na hierarquia eclesiástica, como o de missionários, aqueles que dedicam tempo integral na pregação, sendo enviados para outras cidades, estados e até mesmo países. Todos as Testemunhas de Jeová, no entanto, tem o dever de pregar de porta em porta e são denominados de publicadores. Não apenas os batizados, como também os estudantes podem fazer esse trabalho. Ao se batizar, o publicador passa a se chamar pioneiro, que pode ser regular ou auxiliar, de acordo com o número de horas prestados ao serviço proselitista. Os missionários, aqueles que trabalham em tempo integral, são sustentados pelas doações dos fiéis em todo o mundo, pois não exercem trabalhos seculares, a não ser o de pregação das doutrinas.

O Anuário de 2000, a respeito do ano anterior, em que são comentados e atualizados dados sobre o número de fiéis, congregações, relatório dos congressos ao redor do mundo trouxe a seguinte informação, com algumas alterações relacionadas ao tempo de evangelização para os pioneiros:

Por causa da pressão cada vez maior que as pessoas sentem em toda a parte para prover adequadamente às suas necessidades físicas, o Corpo Governante fez um ajuste em janeiro de 1999 no requisito de horas para os *pioneiros* regulares (reduzindo de 90 para 70 horas por mês) e para os *pioneiros* auxiliares (de 60 para 50). Que grande bênção isso foi! Permitiu que muitos que já eram pioneiros permanecessem na lista, e milhares de outros se alistaram. Para muitos, foi uma evidência adicional de que o “Senhor é benigno.” – 1 Ped. 2: 3 (Torre de Vigia, 2000, p. 18).

Além dos membros atuantes na atividade proselitista terem seus nomes escritos em uma lista, não apenas na sua congregação local, mas também registrada na sede administrativa do grupo, a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, eles recebem também uma espécie de crachá, com seu nome e sua função de publicador e a data em que se tornou um destes.

Existem também os superintendentes de circuito, ancião encarregado de visitar as congregações que fazem parte do seu circuito, prestando alguma assistência e remetendo todas as informações desta congregação, como número de publicadores, batizados, desassociados, entre outras coisas, para a Betel (filial da Torre de Vigia) do País. A cidade de Santo Estevão faz parte da região, chamada por eles de circuito, de Amélia Rodrigues, onde são realizados congressos, para lançamentos de publicações da Watch Tower, e os batismos dos novos fiéis. O batismo simboliza o “novo nascimento”, uma ruptura com o estilo de vida anterior ao grupo. Ele se dá por imersão e não por aspersão, em que o fiel, ao imergir nas águas, sepulta sua antiga vida e emerge como uma nova criatura. A partir deste momento, ele

passa a fazer parte do rol de membros das Testemunhas de Jeová. Esta é uma realidade de muitos grupos protestantes, como batistas e metodistas.

Os Congressos, tanto regionais como internacionais são momentos muito aguardados pelas Testemunhas de Jeová. Em se tratando da realidade dos membros do Salão do Reino em Santo Estevão, a ida ao evento de três dias, realizado semestralmente, em Amélia Rodrigues se constituem num momento de renovação espiritual e no encontro com outras Testemunhas de Jeová de outras localidades. Eles fretam ônibus, para os que não possuem carro, outros se dirigem para lá em seus veículos próprios. Nestes eventos são lançados livros, assistem também a peças teatrais, com temáticas sobre relacionamentos, advento de Cristo, por exemplo, discursos públicos e batismos.

Em 1893, realizou-se o primeiro grande congresso, em Chicago, Illinois, EUA. A assistência²⁰ foi de 360, e 70 novos foram batizados. O último grande congresso internacional, realizado num único lugar, foi em Nova York, em 1958. Usaram-se tanto o Estádio Iaque como o então existente Campo de Pólo. O auge de assistência foi de 253.922; o total de novos batizados foi de 7.136. desde então, realizam-se congressos internacionais em série, em muitos países. Ao todo, essas séries podem envolver milhares de congressos em todo o globo. (Torre de Vigia, 2000, p. 11)

No que diz respeito aos cargos ocupados no interior de uma congregação local há dois princípios:

- a) *os servos ministeriais*, que auxiliam o trabalho dos anciãos, dedicam-se à elaboração de discursos públicos, que são sermões, e à condução das reuniões na ausência dos anciãos e distribuição/organização do material de divulgação. Este cargo seria uma preparação para o jovem ou senhor se tornar, futuramente, um ancião da congregação.
- b) *o ancião*, que pode ser mais de um nas diversas congregações. Por exemplo, em Santo Estevão, as três congregações – Central, Progresso e Nova Esperança – possuem cada uma delas, em média, três anciãos. A função deles é de supervisionar, aplicar a disciplina em seus membros, quando necessário e estabelecer um elo entre a congregação e os “níveis superiores” da Associação Torre de Vigia. Embora este nome, *ancião*, dê um sentido de pessoa mais velha, um homem pode ser ancião com idade mínima de 25 anos, desde que seja batizado, tenha sido antes servo ministerial e tenha uma conduta exemplar dentro e fora da congregação. Ele não precisa ser casado para ser ancião, mas se tiver família, ela tem que ser

²⁰ Como são chamados os irmãos e irmãs que assistem aos eventos e que, em suas congregações, não participam diretamente da reunião (culto), como aqueles que estão no púlpito, fazendo o discurso público ou dirigindo o ensino das revistas.

uma família “exemplar”²¹. Conforme o artigo *Quem está qualificado para ser ancião?* da revista A Sentinela, de 1º de fevereiro de 1976, foi construído o perfil daquele que cumpre os pré-requisitos para o cargo de ancião, incluindo as questões referentes à área conjugal.

O superintendente deve ser “marido de uma só pessoa”. Isto não significa que o viúvo ou o solteiro estejam desqualificados. Significa agora, assim como nos dias de Paulo, que alguém que pratica poligamia ou vive com uma mulher sem o benefício do casamento não pode servir como superintendente na congregação cristã. De fato, não se lhe pode estender a mão direita em sinal de união. Conjugado com o requisito adicional mencionado no versículo 4 (I Timóteo 3), indica que, para ser superintendente, não se deve ser mais adolescente, mas ter bastante idade para ter família. (A Sentinela, 01/02/1976, p. 87)

Os conflitos dentro do lar podem desqualificar alguém para o cargo de ancião – pastor – ou mesmo desqualificá-lo, se este já estiver cumprindo essa tarefa. Nas congregações presentes no Salão do Reino em Santo Estevão alguns anciãos perderam seus cargos por problemas envolvendo suas famílias, como a desassociação ou dissociação de um filho, filha ou mulher, por exemplo. Se o problema for resolvido, há uma possibilidade de eles reaverem seus cargos, caso contrário, as possibilidades disso acontecer são nulas, pelo menos dentro da realidade das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão e conforme as orientações de suas publicações, respaldadas na Bíblia. Conforme a Revista A Sentinela:

Paulo fez uma pergunta, depois de dizer que o ancião precisa ser homem que preside de modo excelente à sua própria família, tendo os filhos em sujeição, a saber: “Deveras, se um homem não souber presidir à sua própria família, como tomará conta da congregação de Deus?” (1 Tim. 3:5) Paulo reconheceu que na família de Deus há mais vidas em jogo do que na família dum homem. Por isso é necessário que ele esteja bem qualificado na sua capacidade de tratar dos assuntos de sua própria família no interesse geral de todos. Mas, significa isso que sua família necessariamente terá de ser um modelo ideal em todos os sentidos? Possivelmente não. Ele talvez faça tudo o que razoavelmente possa, contudo, alguém na sua família talvez não corresponda assim como gostaria. Sua esposa talvez seja muito rebelde, até mesmo opondo-se a Jeová e à sua Palavra. (Mat. 10:36) Mas, as questões importantes são: Até que ponto é o homem da casa responsável pela rebelião dela, e deve-se a desunião na família a qualquer negligência da sua parte? Também se precisa tomar em consideração o conceito que a congregação forma sobre a situação. (A Sentinela, 01/02/1976, p. 88)

Outras características são descritas no artigo e tem como objetivo não apenas de encontrar homens que estejam inseridos dentro do perfil estabelecido, mas de construir, naqueles que se sentem motivados assumir uma liderança, habitus compatíveis com os

²¹ Sobre o modelo de família construído nas Testemunhas de Jeová, será abordado mais profundamente no capítulo 2.

apontados, como ser uma pessoa ponderada, casada, com uma família harmoniosa, sem vícios. A representação de um pastor é construída a partir dessas virtudes.

Com exceção do serviço de campo, seja ele integral (missionário) ou por algumas horas na semana (publicador), as mulheres não assumem nenhum cargo de liderança ou de destaque dentro do grupo, como o cargo de ancião ou de servo ministerial. Segundo os fiéis entrevistados, isso é uma designação bíblica, que segundo o grupo não ofusca e nem desmerece o importante trabalho desenvolvido pelas pessoas do sexo feminino na evangelização e em estudos bíblicos feitos nas casas.

Principais Doutrinas

Para um melhor entendimento das concepções sobre a família, faz-se necessário explicitar algumas doutrinas que são a base da qual se originam práticas, discursos e comportamentos do grupo. O termo doutrina aqui é empregado para falar das normas e regras formuladas pelo grupo, a partir de textos bíblicos. Para uma melhor compreensão dessas doutrinas, elas serão apresentadas em subtópicos.

➤ As Testemunhas de Jeová e a doutrina da Trindade: “só Jeová é Deus”

As Testemunhas de Jeová, diferentemente dos cristãos católicos e protestantes não crêem na Trindade, ou seja, na figura de um Deus Trino que se manifesta como Pai, Filho e Espírito Santo. Para eles existe apenas um Deus, Jeová é seu nome, que deve ser louvado e temido por todos.

Quem seria então Jesus Cristo para eles? Jesus é sim o Filho de Deus, enviado para cumprir as promessas de Jeová para a humanidade. Veio também para servir de exemplo a todos e mostrar como se deve adorar a Jeová e como tratar o próximo. Jesus, portanto, não deve ser adorado, pois para as Testemunhas de Jeová ele também é criação divina. Conforme a Revista A Sentinela de 01 de junho de 1979 no artigo *A Trindade – como surgiu?*

Um dos principais ensinamentos da maioria das igrejas da cristandade é a doutrina da Trindade, a união e igualdade do Pai, do Filho (a Palavra, Verbo, ou Logos) e do espírito santo. Os atuais aderentes a esta doutrina muitas vezes afirmam que ela se baseia nas Escrituras e que, assim, se trata duma doutrina cristã desde os primórdios da história da igreja. Todavia, Alvan Lamson, examinou a evidência deste conceito e em especial se Justino, o Mártir, e outros primitivos escritores haviam aceito e ensinado essa doutrina. O Dr. Lamson observa: “Para encontrarmos os aspectos originais e distintivos

da doutrina do Logos, conforme aceita pelos Padres eruditos do segundo e do terceiro séculos, temos de recorrer, não às Escrituras judaicas, nem aos ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos, mas a Filo [filósofo judaico do primeiro século E. C.] e aos platônicos alexandrinos. Em concordância com este conceito, afirmamos que a doutrina da Trindade é de formação gradual e comparativamente tardia; que ela teve sua origem numa fonte inteiramente alheia às Escrituras judaicas e cristãs; que ela se desenvolveu e foi enxertada no cristianismo pelas mãos dos Padres que promoviam o platonismo; que no tempo de Justino [c. 100-165 E.C.], e por muito tempo depois, a natureza distinta e a inferioridade do Filho eram ensinadas universalmente; e que o único primeiro esboço vago da Trindade passou então a se tornar visível” (A Sentinela, 1979, p. 32).

Utilizando-se de outras vozes para fortalecer o seu discurso, a Torre de Vigia procurou, durante sua história, e, principalmente após a Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, provar que a doutrina da Trindade, criada pela Igreja Católica e aceita pelos protestantes, chamados por eles de cristandade, não é originária dos escritos sagrados, logo não pode ser levada em consideração. Desta forma, além de colocar a sua própria doutrina como a verdade, a Sociedade procurou com isso legitimar o seu poder e acumular capital simbólico perante seus fiéis, na medida em que se coloca como porta-voz do próprio Deus e conhecedora de suas verdades.

Esse é um ponto divergente entre os cristãos, em geral, e as Testemunhas de Jeová. Enquanto os primeiros acreditam na deidade de Cristo, não sendo ele apenas uma criatura, mas Deus também. Para o grupo aqui estudado, só existe um Deus e esse não é Trino, pois se manifesta apenas na figura de Jeová, o Todo-Poderoso.

Sobre a Trindade, Jesus Cristo e o Espírito Santo, a Torre de Vigia continua mantendo o ensino de Russel. A Organização nega a doutrina da Trindade e chama os católicos e protestantes de triteístas e de unicistas. “A Trindade que consiste de três Pessoas, ou deuses, em um só”. Segundo sua teologia, a Trindade é doutrina pagã, desenvolvida por Constantino, imperador romano, no quarto século. Recusa-se a aceitar essa doutrina, pois ensina que a palavra “trindade” não aparece na Bíblia, trata-se de uma doutrina incompreensível: “De fato, a palavra ‘Trindade’ nem aparece na Bíblia e acrescenta: justificá-la com a palavra mistério não satisfaz” (SILVA, 2007, p. 95).

Se Jesus foi uma pessoa criada por Jeová para desígnios específicos, entre os quais, permitir que os fiéis vivam para sempre no Paraíso aqui na Terra, o Espírito Santo, não se constitui nem numa outra faceta de Deus e nem numa pessoa. O Espírito Santo, para as Testemunhas de Jeová, é a “força ativa de Deus”, sopro, mas também uma espécie de instrutor. Por acreditarem nisso, as Testemunhas de Jeová escrevem o nome espírito santo, a terceira pessoa da Trindade, com *letras minúsculas*. No entanto, o papel exercido por ele para os mesmos não há discrepância com o discurso católico e protestante. Ele é quem fortalece e

auxilia o cristão a se manter firme na fé. “Do mesmo modo, a força do justo vem duma fonte inesgotável, a saber, Jeová Deus. Com a ajuda do *espírito de Deus*²², são capazes de suportar a pressão das provações e das dificuldades”.²³ Conforme o artigo *Como opera hoje o espírito de Deus*

O *espírito santo* de Deus ajuda também os cristãos a combater Satanás e os demônios, o atual iníquo sistema de coisas e as tendências pecaminosas da carne decaída. Como é isso possível? O apóstolo Paulo responde: “Para todas as coisas tenho força em virtude daquele que me confere poder.” (Filipenses 4:13) O *espírito santo* pode não remover provações ou tentações, mas pode ajudar-nos a suportá-las. Por confiarmos no *espírito* de Deus, podemos receber “poder além do normal” para lidar com quaisquer dificuldades ou aflições. — 2 Coríntios 4:7; 1 Coríntios 10:13.

Considerando-se todas as evidências, não há dúvida de que o espírito santo de Deus opera hoje em dia. O espírito de Jeová energiza seus servos para darem testemunho dos seus grandiosos propósitos. Continua a revelar lampejos de luz espiritual e fortalece a nossa fé, ajudando-nos a continuar leais ao nosso Criador. Como podemos ser gratos de que Deus continuou fiel à sua promessa por dar hoje *espírito santo* aos seus servos fiéis! (A Sentinela, 01 de abril de 2001, p. 11)

Para as Testemunhas de Jeová, o conceito de Jeová como o único Deus não se harmoniza com a concepção de Deus Trino, conforme as outras vertentes do Cristianismo. Este conceito está mais próximo de uma concepção divina do Velho Testamento, seguida pelos judeus que adoram Yhavé ou Jeová, Deus único que não deve ser citado o seu nome: EU SOU, de acordo com o relato bíblico de Moisés e a sarça ardente, em que Deus se apresenta para ele e revela seu nome, no livro de Êxodo, capítulo 3. Todavia, para as Testemunhas de Jeová, aprender e dizer o nome de Deus – Jeová – é algo importante, pois significa afirmar que ele é único e não trino.

➤ **Armagedom – Juízo Final**

O juízo final, uma crença não apenas seguida pelos cristãos, mas presente em outras religiões, na qual o mundo um dia irá se acabar e nesse dia todos os homens irão prestar contas de tudo o que fizeram, entre as Testemunhas de Jeová é conhecido como Armagedom. O Dia, segundo eles, de grande angústia, dor e desespero, do acerto final de contas, em que os que não são Testemunhas de Jeová irão padecer, sendo exterminados de uma vez por todas da face da Terra. Desta forma, eles não poderão experimentar do paraíso terrestre, destinado ao povo de Deus e sob o governo de Jesus Cristo. Na revista A Sentinela, de 01 de março de

²² Ênfase deste trabalho

²³ A Sentinela de 15 de Julho de 1979, pág. 14.

1976, há um artigo a respeito do Armagedom, o que significa os motivos pelos quais o grupo acredita que ele irá acontecer e os benefícios trazidos por ele.

A palavra “Armagedom”, pois, não deve causar medo ou pavor, mas, antes, expectativa e esperança, tanto para com ele como para o que virá depois. Os que reconhecem seu verdadeiro significado e sua proximidade juntar-se-ão aos previstos na profecia bíblica, que dizem em gratidão: “Agradecemos-te, Jeová Deus, o Todo-poderoso, aquele que é e que era, porque assumiste o teu grande poder e começaste a reinar. Mas as nações ficaram furiosas e veio o teu próprio furor e o tempo designado... para arruinar os que arruinam a terra” – Rev. 11.17,18 (Torre de Vigia, 1976, p. 133)

Como o grupo não acredita no inferno, – lugar de tormento eterno, pois conforme membros do grupo em entrevistas e observações participantes e também nas leituras de suas publicações, a palavra inferno está mais ligada à sepultura do que um lugar de punição eterno – o Armagedom irá, assim, cumprir a justiça de Deus sobre os idólatras, “feiticeiros”²⁴, ateus, espíritas, e outros grupos que não se “adéquam à vontade de Jeová”. O ser humano deveria, desta forma, se preocupar se seus atos estão de acordo com a vontade divina, pois disso depende sua salvação ou sua destruição.

Ora, por que devemos saber o que aconteceu nos dias de Noé? Lembra-se do que Jesus disse? – Ele disse que aquilo que aconteceu então é uma lição para nós. Jeová destruirá de novo todos os maus, mas esta vez não usará um dilúvio. Já está perto o tempo para ele fazer isso. Quando Deus fizer isso, a quem manterá vivo? – Serão os ocupados demais com outras coisas, que nunca querem saber nada de Deus? Serão os que sempre estão ocupados demais para estudar a Bíblia? – Serão os que nunca querem ir às reuniões onde se aprende a vontade de Deus? O que você acha? Queremos estar entre os que Deus manterá vivos, não queremos? – Não seria maravilhoso se nossa família pudesse ser igual à de Noé, para que Deus salve a todos nós? – Ajudem-nos sempre uns aos outros a ser fiéis a Deus, para que ele salve a todos nós. (Torre de Vigia, 1971, p. 130)

Durante o Armagedom, Satanás será finalmente derrotado e a Terra passará, definitivamente para as mãos de Jeová. Conforme o livro devocional, *Verdadeira Paz e Segurança – de que fonte?*: “A destruição mundial que a Bíblia prediz será seletiva e terá objetivo (...) Em vez de causar a morte indiscriminada a qualquer pessoa, eliminará da terra aqueles que realmente merecem a destruição, os quais são responsáveis pelas más condições da Terra. (Torre de Vigia, 1973, p. 38)

➤ Milênio de Cristo

²⁴ Feiticeiros são, segundo o grupo, os adeptos das religiões de matrizes africanas.

O milênio de Cristo é um dos eventos mais aguardados pelas Testemunhas de Jeová, pois representa para eles o fim da violência e de todos os males que assolam a humanidade, sendo um começo de um tempo de paz e alegria. O milenarismo não está presente apenas no Cristianismo, mas em outras religiões, como o islamismo. No entanto, como a pesquisa está relacionado a um grupo que se designa cristão, analisaremos o milenarismo a partir da visão cristã.

O advento do milênio, embora seja alvo de poucas menções no texto bíblico, adquiriu uma importância muito grande no pensamento cristão. Na esperança do milênio, as aspirações e expectativas quanto a um futuro melhor intra-terreno puderam ser traduzidas em uma linguagem religiosa pelos cristãos. Além disso, tal esperança começou a ser um consolo para os períodos de tribulação. O mal que hoje atua na sociedade e causa tanto sofrimento será vencido. (ROCHA, 2010, p. 205)

Em seu artigo, *O fundamento de um reino milenar: expectativas milenaristas e engajamento político na história do fundamentalismo religioso norte-americano*, Daniel Rocha (2010) analisou as relações entre as crenças escatológicas e os projetos políticos nos Estados Unidos, a partir da segunda metade do século XIX, com a Guerra de Secessão e as grandes ondas de reavivamento, até o século XX, principalmente durante o governo de George W. Bush, no qual o fundamentalismo religioso e a politização do mesmo ganharam um novo impulso e atingiram uma proporção maior. Esse fundamentalismo religioso, fruto do conservadorismo protestante norte-americano, estava ligado ao projeto de nação cristã, espelho para o mundo de moral, civilidade e de Cristianismo autêntico.

Elizete da Silva fez uma análise da expectativa escatológica presente no protestantismo:

A profunda expectativa escatológica que dominou o protestantismo desde seu nascedouro, ao mesmo tempo em que ameaçava os pecadores com o medo do juízo final, contribuiu para alargar a visão do milênio de paz na cidade celestial que aguardava os fiéis. A morte, a ressurreição, o milênio glorioso de Cristo têm sido representações muito ricas ao longo da história do protestantismo. “A fermentação escatológica”, ao mesmo tempo que tem produzido o medo, o pavor do juízo final, alimentou as certezas do milênio de paz e a consequente omissão frente aos problemas mais terrenos aqui e agora (SILVA, 1998, p. 385).

Em momentos de crise moral e graves problemas econômicos e políticos, os movimentos de despertar religioso surgiam, juntamente com seu caráter moralizador e, muitas vezes, escatológico. Desta forma, buscava-se reviver um tempo em que os problemas e a degradação moral não existissem. “O milenarismo, espera de um reino deste mundo, reino

que seria uma espécie de paraíso terrestre reencontrado, está, por definição mesma, estreitamente ligada à noção de uma idade de ouro desaparecida” (DELEMEAU (1997, p. 17).

Dentro da concepção milenarista das Testemunhas de Jeová, após o Armagedom, Cristo irá governar por mil anos até que todas as pessoas que morreram antes de seu governo sejam ressuscitadas e tenham a oportunidade de se redimirem, pois as Testemunhas de Jeová estarão neste período, mais do que nunca, produzindo materiais necessários para que todos tenham à disposição, a mensagem de Jeová. Este período será considerado, segundo o grupo, como um período de “maior programa educativo de todos os tempos, realizado sobre a organização do Reino de Jeová. Abrir-se-ão, então, os “rolos”, uma alusão à lei do Velho Testamento. Estas serão as instruções publicadas para ajudar os humanos ressuscitados a realizar as ações que os habilitarão para a vida eterna. (BORNHOLDT, 2004)

Uma pequena parte de todas as Testemunhas de Jeová, cerca de 144.000 irá governar juntamente com Cristo nos céus. Os anciãos que fizeram ou fazem parte do Corpo Governante estão inclusos neste grupo seletivo, além de outros fiéis espalhados nas Congregações pelo mundo, que durante a Refeição Noturna do Senhor comem o pão e bebem o vinho terão o privilégio também de ir morar nos céus. A Refeição Noturna do Senhor é para as Testemunhas de Jeová uma celebração referente ao dia em que Jesus reuniu seus apóstolos para comemorarem a Páscoa. Esta prática está muito ligada ao caráter milenarista do grupo, pois os fazem lembrar que Jesus em breve irá governar o mundo e acabar com o sistema atual. Essas celebrações acontecem apenas uma vez no ano, baseado no mês de Nisã, mês do calendário judaico em que se celebra a Páscoa. Conforme as fontes:

Ora, então apenas cento e quarenta e quatro mil serão “comprados dentre a humanidade como primícias para Deus e para o Sião, nos céus. O quê? Apenas 144.000(...)? quão diferente é este fato bíblico da idéia da cristandade, de que as centenas de milhões de membros de suas igrejas haviam de ir para o céu, ao morrerem! Lembremo-nos, aqui, que as primícias de qualquer colheita não são a safra inteira, mas apenas uma pequena seleção representativa da safra inteira. Jesus deu a entender o pequeno número dos membros do Reino quando disse aos seus discípulos: “Não temas, pequeno rebanho, porque aprouve a vosso Pai dar-vos o reino (...)”. (O Reino de Deus – Nosso Iminente Governo Mundial, 1977, p. 111 e 114)

A iminência do governo mundial – Governo de Cristo – está presente em quase todas as publicações das Testemunhas de Jeová que os impulsionam a uma prática proselitista incansável. Não importa a hora do dia, motivo de inconveniência muitas vezes para aqueles que os atendem, ou mesmo o dia da semana, pode ser notada a circulação de fiéis cumprindo

seu “trabalho de campo”. A oposição e críticas, inclusive a essa ação evangelística é motivo de alegria, por estarem sofrendo por Jeová. Esta visão concebida pelo grupo é descrita por Bornholdt (2004) como “auto-atribuição vitimizada”, em que eles se sentem privilegiados em sofrer por aquilo que acreditam ser a vontade de Deus, assim como uma afirmação de sua fé, segundo suas doutrinas, uma espécie de espírito de mártir. Segundo os textos doutrinários:

Serão recompensados pela sua fidelidade à soberania universal do Pai do Rei – não com uma herança no reino celestial, junto com Jesus Cristo e seus “irmãos” espirituais – mas com uma herança no domínio terrestre do reino messiânico. A palavra “reino” amiúde é usada para se referir ao domínio governado por um reinado. Este domínio do Reino será o Paraíso terrestre, sobre o qual Jesus Cristo falou na mais de dezenove séculos, pouco antes de sua morte na estaca, quando ele disse q um simpatizante moribundo: “Deveras, eu te digo hoje [no dia da Páscoa de 33 E.C.]: Estarás comigo no Paraíso.” (Lucas 23: 43). Mas, quando expulsou Adão e Eva do paraíso no Éden, ele pensava nesse Paraíso restabelecido, segundo o que disse em Gênesis 3: 15, e isto foi na “fundação do mundo”. – Mateus 25: 34 (O Reino de Deus – Nosso Iminente Governo Mundial, 1977, p. 166)

➤ **A alma e o sangue**

Um assunto importante, e de caráter polêmico, concernente às Testemunhas de Jeová, está ligado à transfusão de sangue. As Testemunhas de Jeová não doam e nem recebem sangue de outras pessoas nem em casos extremos, que envolva risco de morte e essa posição radical está ligada à interpretação bíblica a respeito da alma e do sangue e a relação estabelecida entre eles. Outra interpretação importante é a concepção de espírito, a diferenciação que o grupo faz em relação aos dois.

Em um de seus principais livros de doutrina, intitulado, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, publicado em 1990, com três volumes, funciona como um dicionário bíblico, com palavras e nomes de personagens da Bíblia. Segundo o editorial, o objetivo deste livro é:

Ajudá-lo a fazer um estudo perspicaz das Escrituras. Como se faz isso? Por juntar de todas as partes da Bíblia os pormenores que se relacionam com os assuntos em consideração. Por trazer à atenção palavras de línguas originais e seu sentido literal. Por considerar informações relacionadas da história secular, das pesquisas arqueológicas e de outros campos de ciência, e pela avaliação disso á luz da Bíblia. Por prover ajudas visuais. Por ajudar a discernir o valor de agir em harmonia com o que a Bíblia diz. (Torre de Vigia, 1990, s/n)

No primeiro volume dessa coletânea, o conceito de alma é bastante discutido, por ser um assunto que sustenta outras doutrinas das Testemunhas de Jeová. A partir da concepção do que é a alma, construída pelo grupo, as doutrinas relacionadas ao inferno, ao espírito santo

não como uma pessoa, transfusão de sangue se sustentam, dentro do discurso produzido pela Organização.

O estudo sobre a alma busca trazer conceitos não cristãos e confrontar com os conceitos bíblicos, interpretados a partir do grupo. Conforme a compreensão das Testemunhas de Jeová, a “alma é a pessoa, o animal ou a vida que a pessoa ou o animal usufrui” (p.90). A diferença entre o homem e os animais estaria no fato de que o primeiro seria feito a imagem e semelhança de Deus. A princípio a explicação não parece esclarecer muita coisa, mas o desenvolvimento da explicação se dá com a utilização do termo alma nas línguas grega e hebraica, *psy-khé* e *né-fesh*, respectivamente. Segundo o texto, “a Bíblia não diz que temos uma alma. Nefesh é a própria pessoa, sua necessidade de alimento, o próprio sangue nas suas veias, seu ser”(p.90). A partir desse momento, há o objetivo em associar alma com sangue.

Para as Testemunhas de Jeová, a alma é material, visível e mortal, diferentemente do espírito, que, “refere-se geralmente à força de vida da criatura ou alma vivente” (p.93). o espírito seria, desta forma, o fôlego de vida, a respiração, algo invisível, imaterial, mas que também perece.

As Testemunhas de Jeová rebatem o conceito, “originado do pensamento religioso pagão grego”, conforme intitulam, que influenciou a própria concepção da palavra alma na língua portuguesa. Segundo os estudos desenvolvidos pelo Corpo Governante: “Em vista de tal incoerência dos escritos não bíblicos, é essencial deixar que as Escrituras falem por si, mostrando o que os escritores inspirados queriam dizer ao usarem o termo *psy-khé*, bem como *Né-fesh*.” (1990, p. 91)

A alma e o sangue são sinônimos dentro da cosmogonia Testemunha de Jeová, desta forma, abster-se do sangue, para eles é não violar a alma, ou seja, a vida de um determinado ser. A orientação para isso, segundo o grupo, encontra-se em algumas passagens bíblicas, dentre as quais são destacadas aqui Levítico 17: 11, que declara o seguinte: “A alma [ou a vida] da carne está no sangue e eu mesmo o pus para vós, sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas, porque é o sangue que faz expiação”; e Atos 15: 28-29: “Pois, pareceu bem ao espírito santo a nós mesmos não vos acrescentar nenhum fardo adicional, exceto as seguintes coisas necessárias: de persistirdes em abster-vos de coisas sacrificadas a ídolos, e de *sangue*, e de coisas estranguladas e de fornicação” (Tradução do Novo Mundo)

Embora os textos referidos sejam da Antiguidade em que não havia esse procedimento médico relacionado à doação de sangue, isso não é levado em conta, pois a Organização, como representante de Deus aqui na Terra, interpretou, desde os primórdios da fundação do

grupo, que a transfusão de sangue quebra a regra estabelecida por Jeová no Antigo Testamento até o Novo Testamento, da abstenção de sangue.

Em uma, das várias publicações a respeito do assunto, a Associação Torre de Vigia declara:

Será que o mandamento de abster-se de sangue inclui transfusões de sangue? Sim (...) abster-se de sangue quer dizer não introduzi-lo de modo algum no corpo. Ou seja, o mandamento de abster-se de sangue significa que não devemos permitir que ninguém injete em nossas veias [...] num esforço de preservar a preciosa dádiva de Deus, a vida, ele aceitaria outros tipos de tratamento que não envolvessem o mau uso do sangue. Assim, solicitaria esse tratamento médico, se disponível, e aceitaria uma variedade de alternativas à transfusão de sangue. (O que a Bíblia realmente ensina, 2005:130)

Para que a vontade dos fiéis seja respeitada, em caso de internamento em hospitais, existe representantes, uma comissão já responsável para isso, com plenos poderes legais para representar qualquer Testemunha de Jeová, nessa questão. Em entrevista realizada com Natalício Teles, ancião de Congregação em Santo Estevão, quando perguntado sobre a transfusão de sangue e as medidas legais para resguardá-los, ele afirmou:

O sangue é uma questão polêmica, não é? mas a gente segue esse princípio. E tem até nesse assunto também, pessoas que representam as Testemunhas de Jeová em hospitais. Comissão de algumas pessoas que trabalham especificamente nessa área. Por exemplo, tem um irmão ou uma irmã que tá lá e aí geralmente há recomendação para o uso do sangue, [então essa Comissão] vai trabalhar junto à administração do hospital, junto aos médicos. Explicar a nossa crença e solicitar que o tratamento seja feito, mas sem o sangue.(TELES, 26 de janeiro de 2009, entrevista realizada na residência do entrevistado)

Douglas Pinheiro, que estudou as batalhas no campo jurídico que a Sociedade Torre de Vigia tem travado para garantir o direito dos membros do grupo que assim necessitem de não fazerem transfusões de sangue entende que essa doutrina colabora para a construção da identidade do grupo e fortalece os laços de solidariedade deles em momentos que a sua crença opõe a tal procedimento é testada. Durante a década de 1950, sob a presidência de Nathan Knorr, quando esta doutrina foi construída e difundida largamente, a abstenção, assim como a repressão a essa postura das Testemunhas de Jeová “serviu como um forte símbolo de unidade e identidade” (PINHEIRO, 2001, p. 72) para os fiéis.

Desse modo, as Testemunhas de Jeová acabam possuindo uma identidade própria que as leva a: proclamar a sua doutrina em qualquer lugar; reconhecer na perseguição uma grande oportunidade de dar provas públicas de fé; jamais transigir nas suas crenças, ainda que isso signifique a morte. E

se tiverem que morrer, especialmente pelas questões de sangue, estarão nas mesmas condições de Abel, a primeira testemunha de Jeová, e Jesus Cristo, a maior delas. (PINHEIRO, 2001, p. 79)

Embora o mundo pós-moderno seja caracterizado pelas identidades múltiplas, não fixas e passíveis de transformação, como afirma Hall (2006), devido ao impacto que a globalização produz sobre a identidade cultural, o fundamentalismo religioso parece caminhar na contra mão dessa flexibilização e multiplicidade identitária. De acordo com Hall:

(...) existem também fortes tentativas para se reconstruírem identidades purificadas para se restaurar a coesão, o fechamento e a tradição frente ao hibridismo e à diversidade. Dois exemplos são o ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo. (HALL, 2006, p.92)

Nesta mesma linha de raciocínio, Castells (1999), em seu estudo sobre fundamentalismo norte-americano, analisou a construção da identidade nesta sociedade e o fundamentalismo religioso como uma busca por segurança, em meio a um mundo em constantes transformações. Diante do caráter moralista e conservador do fundamentalismo cristão,

O elo de ligação entre a personalidade e sociedade passa pela reconstrução da família, a instituição central da sociedade que costumava ser o refúgio diante de um mundo caótico e hostil, e que atualmente está desmoronando em nossa sociedade. Esta fortaleza de vida cristã tem de ser reconstruída pela reafirmação do patriarcalismo que consiste na santidade do matrimônio (excluindo-se o divórcio e o adultério) e, sobretudo, a autoridade do homem sobre a mulher (no sentido literal, conforme apresentado na Bíblia: Gênesis 1, Efésios 5.22.23) e a estrita obediência dos filhos, reforçada, se necessário, pela agressão física (CASTELLS, 1999, p.39).

Eliane da Silva, ao falar sobre fundamentalismo religioso, analisa-o como um refúgio para as pessoas, neste tempo tão conturbado, que caracteriza a contemporaneidade. Segundo SILVA (2006): (...) os fundamentalistas religiosos apareceriam como um remédio radical que, ao abolirem a liberdade de escolhas e opções (afinal não há liberdade sem riscos), oferecem certezas plenas, respostas absolutas e convicções inabaláveis.

A identidade coletiva que o fundamentalismo religioso cristão se propõe a construir tem como base interpretações a respeito das leis de Deus feitas, geralmente, por uma instituição, ou mesmo um grupo seletivo, *uma autoridade definida que atua como intermediária entre Deus e a humanidade* (CASTELLS, 1999). Assim, ao ser inserido num grupo com características fundamentalistas, como as Testemunhas de Jeová, as outras identidades

construídas pelo sujeito ao longo de sua vida ficam subordinadas à identidade do grupo religioso; ele passa a ser uma Testemunha de Jeová e como tal, todas as suas ações giram em torno das práticas e ideias que são característicos de um membro da Organização Torre de Vigia.

O sentimento de pertencimento ao grupo, visto como a família de Deus, os laços de solidariedade produzidos, a própria designação de irmãos, feita pelos membros ao se reportar uns aos outros são partes integrantes desta nova identidade. Nas entrevistas feitas com os fiéis, em vários momentos, ao falar sobre o grupo ou em nome deste, o entrevistado usava a seguinte expressão: “nós, povo de Jeová”, ou “nós da Organização de Jeová”. Sempre o pronome pessoal na primeira pessoa do plural era utilizado, como uma forma de expressar esse pertencimento e ao mesmo tempo demonstrar a construção de uma identidade coletiva que o grupo se propõe a fazer.

A recusa de um fiel em doar e receber sangue está diretamente relacionada a este sentimento de pertencimento ao grupo Testemunhas de Jeová.

Materiais de divulgação das Testemunhas de Jeová

Desde o início da criação do grupo religioso Testemunhas de Jeová, as publicações impressas se tornaram meios essenciais de divulgação das ideias do grupo nascente. Concomitantemente à construção hierárquica e administrativa, a produção de materiais, jornais, livros, folhetos e revistas, foram feitas com uma constância cada vez maior, procurando galgar mais espaço no campo religioso norte-americano.

Charles Taze Russel, com a colaboração de George Steston, pastor da Igreja Cristã do Advento, George Storrs, editor da revista *Bible Examiner*, Nelson Barbour, editor da revista *Herald of the Morning*, além de outros, começaram a produzir artigos de cunho milenarista à medida que também se reuniam para estudar a Bíblia, influenciados pelas ideias do movimento milenarista de William Miller, de 1840, e com o objetivo de aprimorar essas concepções, principalmente no que concerne à volta de Cristo. Sob a influência de Barbour, Russel e seus colaboradores começaram a divulgar que Cristo havia retornado à Terra, em 1874, mas, de maneira invisível.

O rompimento de Russel com Barbour, em 1878, fez com que o fundador das Testemunhas de Jeová criasse sua própria revista, a *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence*, conhecida hoje com pelo nome de *A Sentinela: Anunciando o Reino de*

Jeová, juntamente com sua esposa Maria Frances Ackley e Jhon Panton, em julho de 1879. Em meio a tantas interpretações e publicações de vários grupos dissidentes do protestantismo, e que estavam surgindo também nesse período nos Estados Unidos, Charles T. Russel e seus colaboradores começaram a divulgar a sua visão a respeito do milênio de Cristo. O grupo procurou naquele momento galgar espaço no campo religioso norte-americano, em meio a proliferação de grupos e materiais de cunho milenarista.

Por muchos años, La Atalaya fue una publicación dirigida a los cristianos consagrados y su tirada era limitada. En 1916 se imprimían 45 mil ejemplares. Sin embargo, a partir de 1935 se animó a los Testigos pertenecientes a “la gran multitud” a leerla regularmente. En 1939 comenzaron a frecerse suscripciones al público con lo que el número de lectores se elevó hasta 120 mil. Al año siguiente la revista se ofrecía a la gente en las calles. A inicios de 2005 La Atalaya contaba con una tirada media quincenal de 26 millones 439 mil ejemplares y era publicada en 150 idiomas.” (PUGA & LOPES, 2010, p. 157)

O aumento significativo do número de tiragens da revista e a produção cada vez maior de livros, folhetos e brochuras esteve diretamente ligada à urgência da pregação, pois o Juízo Final e o Milênio de Cristo podiam acontecer a qualquer momento. O fim estava próximo e não havia tempo a perder.

Além da persistência e constância de publicações e da consolidação do grupo de estudos da Bíblia, chamados de *Inquiridores da Bíblia*, a utilização das tecnologias disponíveis na época, como o radiofone e o foto-drama, bem como a capacidade de readaptar as profecias e reafirmar seu discurso milenarista, colaboraram para a consolidação do grupo e o crescimento cada vez maior das tiragens de suas publicações. A sociedade norte-americana estava ávida por respostas que resolvessem os conflitos internos trazidos pela Guerra de Secessão e os Estudantes da Bíblia estavam ansiosos em respondê-las.

En 1886, Russel emprendió la publicación de una importantísima serie de libros, titulada Millennial Dawn (La Aurora del Milenio), a la cual se conoció más tarde como Studies in the Scriptures (Estudios de las Escrituras). El primer tomo apareció bajo el título The Divine Plan of the Ages (El Plan Divino de las Edades), y cinco volúmenes completaron la saga: el tomo II, The Time Is at Hand (El tiempo ha llegado), escrito en 1889; el tomo III, The Kingdom Come (Venga a nos tu Reino), de 1891; el tomo IV, The Battle os Amargeddon (La batalla de Armagedón), escrito en 1897 y titulado originalmente The Day of Vengeance (El día de la venganza); tomo V, The At-one-ment Between God and Man (La propiciación entre Dios y los hombres), del año 1899, y tomo VI, The New Creation (La nueva creación), de 1904.” (PUGA & LOPES, 2010, p. 40)

Esta série de publicações de livros, percorreu sempre a mesma temática: o milênio de Cristo. O Armagedom, a nova criação, todos esses assuntos estavam inseridos na expectativa do estabelecimento do Reino de Deus aqui na Terra. No entanto, o grupo que vivia um momento de afirmação perante a sociedade norte-americana e de consolidação e crescimento no número de adeptos precisou ampliar suas temáticas e construir seu corpo de doutrinas, que caracterizasse e singularizasse o mesmo. Os livros de caráter doutrinal e que englobavam outras temáticas, como família, por exemplo, foram escritos, principalmente, depois desse período, marcado pela expansão de grupos milenaristas. No entanto, o tema nunca foi abandonado pelas Testemunhas de Jeová; o Advento de Cristo ainda permeia os materiais impressos mais recentemente.

A revista *Despertai!*, outra importante ferramenta de instrução para os membros da Congregação e de apresentação de suas ideias para os não-membros foi criada em outubro de 1919, pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com o nome inicial de *The Golden Age* (*A idade do Ouro*), com temáticas variadas, relacionadas à Ciência e comportamento, mas que convergia para o tema que é central no discurso Testemunha de Jeová: o Reino de Cristo. A instalação de forma invisível desse, nos anos 1914, conforme o grupo, marcou a história da humanidade e o início do fim.

Segundo o quadro profético de Revelação 12: 1-10, no fim dos tempos dos gentios, em 1914, Jeová Deus fez nascer, lá dos céus, seu reino messiânico nas mãos de seu entronizado Filho, Jesus Cristo (...) Isto significará o fim total deste sistema de coisas. Significará o desaparecimento eterno da “estátua²⁵” simbólica de potências mundiais, políticas, constituídas pelos homens. Isto está na iminência de ocorrer, muito mais perto do que em qualquer tempo anterior desde 1914 E.C. A eliminação da idolatria “estátua” de governo humano não será pacífica. Será esmiuçada e pulverizada. (...) O fim violento deste sistema global de governo político, constituído pelos homens, não deixará um vácuo aqui, no que se refere a um governo para a humanidade. (...) Em vez disso, o governo mais grandioso e mais poderoso de toda a história humana assumirá o controle completo dos sobreviventes dentre esta geração (Torre de Vigia, 1977, p. 67-69).

Conforme Puga e López (2010), as publicações, além do tom de alerta, adquirem um sentido de “alimento espiritual” e a relação estabelecida entre ambos – publicações e alimento – fez com que esses materiais estivessem num mesmo pé de igualdade dos escritos sagrados, transformando-os numa “literatura bíblica”, não apenas a produção em si, como também os responsáveis – a liderança – que produzem este alimento espiritual e os entrega, “no tempo

²⁵ A estátua faz referência á profecia bíblica do livro de Daniel, capítulo 2, na qual, cada parte da estátua – cabeça, tronco, pés – representam potências mundiais em diferentes épocas da humanidade. Quando o último grande império, representado pelos pés de barro, for destruído, então o fim chegará e o Reino de Cristo se estabelecerá permanentemente e de maneira visível.

certo”, aos fiéis. Segundo os autores: “Revestidas de este modo, las publicaciones adoptan un carácter sagrado y, en consecuencia, se vuelven depositarias del valor, el aprecio y la dignidad que merece este atributo.” (PUGA E LOPEZ, 2010, p. 155)

O grupo, então, ou a sua liderança pelo menos, passa a falar em nome de Deus e o controle sobre essa produção se torna cada vez maior, principalmente, sobre quem a produz, as pessoas qualificadas para esse serviço. No período de Russel, as publicações eram escritas ou analisadas e aprovadas pelo mesmo. No entanto, no decorrer das sucessões presidenciais, os colaboradores foram se somando, até chegar na formação do Corpo Governante, o *Escravo fiel e discreto*, em meados do século XX.

As publicações começaram a se preocupar com a capacitação das Testemunhas de Jeová, através de cursos bíblicos, métodos de evangelização, ensinando-os como proceder nesse mundo, em suas relações familiares, produzindo habitus, a partir de uma diretriz. A família precisa estudar junta a Bíblia e os textos produzidos pelo grupo. Esses momentos servem para fortalecer o vínculo entre seus membros, principalmente, para as crianças e adolescentes, construindo desde cedo a visão de mundo deles conforme as ideias do grupo.

O estudo das revistas *A Sentinela* e *Despertai!* são feitas em uma das reuniões do Salão do Reino. Previamente o fiel estuda em casa, onde pode fazer suas anotações responder às perguntas relacionadas aos parágrafos de cada artigo das mesmas. Durante a reunião, no momento destinado à elas, logo após o discurso público, a assistência, como é chamado os irmãos e estudantes – independentemente da faixa etária e sexo – que estão presentes na reunião, tem a oportunidade de participar, respondendo em voz alta as questões do estudo.

No livro *Manual da Escola do Ministério Teocrático* (1971) são dadas algumas instruções aos membros do grupo de como estudar e se preparar para cooperar com os estudos feitos na congregação.

É de proveito ler a revista de capa a capa assim que a receber, obtendo assim uma visão geral da matéria. Daí, algum tempo antes do estudo congregacional da matéria, é bom recapitulá-la pessoalmente ou considerá-la em família. Ao fazer isso, observe primeiro o tema do artigo, o texto-chave e os subtítulos em negrito, do artigo anterior. Isto lhe dará uma visão geral do assunto e o ajudará a avaliar a relação dos pormenores nos respectivos parágrafos. Depois leia a lição parágrafo por parágrafo, achando as respostas às perguntas e sublinhando apenas os pontos-chaves para referência futura. Ao terminar cada parágrafo, se verificar que não pode responder à pergunta nas suas próprias palavras, convém ler o parágrafo outra vez para que possa fazê-lo. (Torre de Vigia, 1971, p. 35-36)

O estudo das revistas é similar às Escolas Bíblicas Dominicais (EBD), que muitas denominações protestantes reafirmam, principalmente, Batistas, Presbiterianos e Metodistas.

É um momento de preparação, disciplinarização e consolidação das doutrinas do grupo, em especial, para as crianças e para os recém-convertidos. No entanto, esse momento de estudo das Testemunhas de Jeová funciona sem uma divisão por faixa etária. As crianças não possuem uma classe própria e nem há classes de mulheres e homens, muito menos para os novos na fé, como os batistas possuem, chamada de catecúmenos. Funciona como uma classe única e a participação da mesma é aberta para todos. Zózimo Trabuco analisou a importância da EBD para os batistas:

A EBD era fundamental enquanto *Escola* porque a educação constituía-se um valor importante no pensamento missionário como elemento evangelizador e civilizatório. Era importante por ser *Bíblica*, ou seja, voltada principalmente ao estudo dos textos bíblicos que fundamentavam as crenças batistas e a visão de mundo do grupo sobre a sociedade. (TRABUCO, 2009, p. 41)

Em visitas de observação participante pudemos perceber a preocupação que muitos dos membros do grupo têm em se preparar e participar desse estudo. Nas diversas ocasiões em que visitamos o Salão do Reino em Santo Estevão, alguns membros do grupo que sentaram-se próximo a mim, passavam suas revistas para que eu acompanhasse o estudo. Percebi que nessas revistas haviam muitos riscos, respostas no final da página, grifos nas partes que achavam importantes. Assim que era aberto ao público a participação, conforme eram lidos os parágrafos e lançada as perguntas existentes como nota de rodapé, as pessoas levantavam as mãos e algumas eram escolhidas esporadicamente para responder. Na maioria das vezes, a resposta era mais uma repetição do parágrafo, do que uma construção pessoal. O método Testemunha de Jeová de estudo funciona dessa maneira. As perguntas já acompanham seus materiais impressos. Elas não são elaboradas pelo ancião ou servo ministerial que coordena o estudo ou mesmo não são feitas pelo irmãos que estão na assistência.

As questões se tornaram recursos didáticos, que buscam inculcar as doutrinas ensinadas. Geralmente, no início de um artigo ou capítulo dos livros das Testemunhas de Jeová começam com uma pergunta. Elas servem para iniciar a discussão que o texto traz, assim como uma forma de se aproximar do leitor. Ao analisar o discurso da Torre de Vigia e seus argumentos, Puga e Lopez (2010) compreendem que:

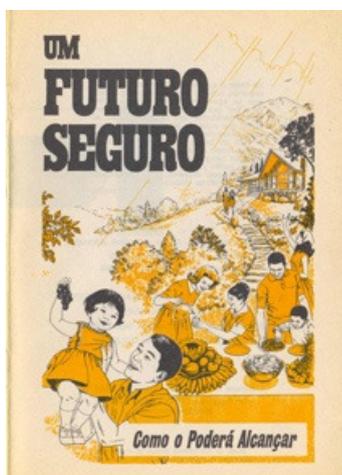
Además de su carácter reafirmador, la pregunta puede servir para otros fines. El primero de ellos es inducir un acuerdo respecto de un asunto a juzgar. La inducción puede ser sutil o explícita y sólo se limita a proponer un punto de vista, sino que también aconseja sobre las conductas. El segundo consiste en expresar presupuestos implícitos dentro de una pregunta. Este tipo de pregunta suele manifestar una postura acorde con un

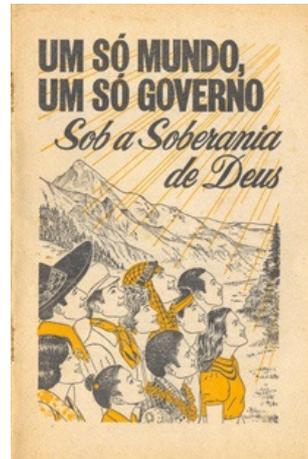
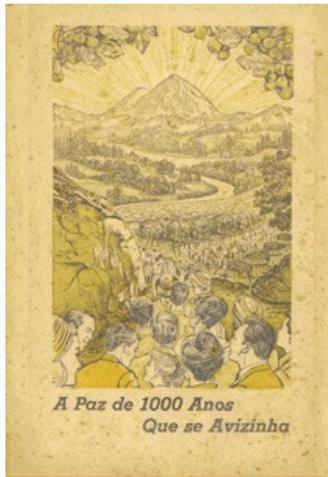
sistema de creencias. A veces se hacen juicios desde estas formas de interrogación.

El tercero es aquel en el que las preguntas introducen datos nuevos o bien pretenden iniciar razonamientos. En este caso, las preguntas se vuelven vehículos de la inferencia. (PUGA & LOPEZ, 2010, p. 182)

Não há preocupação, desta maneira de fazer com que o fiel tenha autonomia na interpretação dos textos bíblicos e nem daqueles produzidos pela Organização. Há uma orientação previamente estabelecida. No entanto é preciso muito cuidado ao, precipitadamente, inferir que todos se apropriam do discurso da mesma forma, pois, embora o discurso textual, tenha como objetivo controlar a produção de sentido, querendo ser homogeneizante, a apropriação que os leitores fazem do mesmo está relacionado com suas vivências e passíveis de várias interpretações. E, provavelmente, deve ter sido esse o desafio dessas produções textuais das Testemunhas de Jeová, assim como de outros grupos, pois o leitor é livre para fazer a sua própria “leitura” do conteúdo apresentado. Conforme Chartier (1998): *Essa dialética entre imposição e apropriação entre os limites transgredidos e as liberdades refreadas não é a mesma em toda a parte, sempre e para todos.* (p. 8)

Os folhetos se constituem em importantes materiais para a ação proselitista das Testemunhas de Jeová. São, na maioria das vezes, a primeira forma de comunicação entre o grupo e as pessoas que não pertencem a ele. Colaboram para o primeiro contato e apresentam, de maneira objetiva, as principais doutrinas do grupo. Muitos folhetos trazem apenas imagens e uma frase, diferentemente dos folhetos de grupos protestantes, em que uma pequena mensagem acompanha a figura. Abaixo apresentamos a imagem de alguns folhetos, da década de 1960 e 1970:





A maioria dos folhetos está relacionado ao milênio de Cristo e o Paraíso terrestre. Num deles, o leitor é convidado a refletir como alcançar um futuro seguro. A partir desses folhetos, o publicador Testemunha de Jeová tem a oportunidade de evangelizar e apresentar a mensagem do grupo a outras pessoas, visando a ampliação da membresia da Congregação.

Cursos bíblicos e capacitação das Testemunhas de Jeová

Uma preocupação que surgiu conforme o grupo foi crescendo e conquistando novos adeptos foi a capacitação de seus membros, para assim expandir sua pregação em mais lugares, alcançando mais pessoas, nos Estados Unidos e fora. Desta maneira, cursos de estudo sistemático da Bíblia foram criados, juntamente com materiais que traziam como conteúdo as doutrinas e os métodos de evangelização, além de explicações mais aprofundadas a respeito dos textos sagrados. Assim, no primeiro ano de presidência de Nathan Knorr foi criado o *Curso Adiantado do Ministério Teocrático*, que, segundo Pinheiro (2001), estava intimamente relacionado com o caráter da administração de Knorr, a ênfase na “formação doutrinária e técnica dos missionários” (p. 58). Conforme a Revista A Sentinela:

J. F. Rutherford faleceu em 1942 e foi sucedido na presidência por N. H. Knorr. Iniciou-se um concentrado programa de treinamento. Em 1943, fundou-se uma escola de treinamento especial para missionários, chamada de Escola Bíblica de Gileade da Torre de Vigia. Desde então, graduados nesta escola têm sido enviados a países em toda a Terra. Surgiram novas congregações em países onde antes não havia nenhuma, e há agora mais de 100 filiais e congêneres da Sociedade estabelecidas em escala internacional. De tempos em tempos realizaram-se cursos especiais para o treinamento de anciãos congregacionais, de voluntários nas filiais e congêneres e dos que se empenham por tempo integral (como pioneiros) na obra de dar testemunho.

Vários tipos especializados de instrução para ministros têm sido oferecidos no centro educacional que funciona em Patterson, Nova York, EUA. (Torre de Vigia, 2000, p. 8-9)

Com a criação da Escola de Gileade foi organizada, com o nome, a princípio de Faculdade Bíblica de Gileade, a Organização procurou capacitar as Testemunhas de Jeová, através de técnicas de oratória, conhecimento sobre leis relacionadas a registro de suas filiais ao redor do mundo, história das religiões, para o serviço de campo, entre outros assuntos estudados.

Vê-se, pois, que a criação da Escola de Gileade não foi sem motivo: com certeza, a expansão global do grupo não teria tido o mesmo êxito sem uma maior capacitação de seus missionários. Por fim, a atuação dos colportores²⁶ merece ser destacada não somente pela ênfase que lhe deu o então presidente da Sociedade, Nathan Knorr, mas principalmente pela repercussão que ela conseguiu exercer no cotidiano de fiéis e recém-convertidos. (PINHEIRO, 2001, p. 60)

Se a qualificação para ocupar algum cargo dentro da hierarquia obedecia a algumas restrições, como gênero, idade e outros atributos, a capacitação era para todos as Testemunhas, pois o objetivo era o treinamento das mesmas, não apenas na divulgação e distribuição de suas publicações, como também do ensino da Bíblia para aqueles que se mostrassem interessados.

Num âmbito mais local e para atender a demanda de um público maior, formado não apenas pela liderança, foi criada a *Escola do Ministério Teocrático*, que acontece em uma das reuniões das congregações. Para participar o interessado deve, primeiramente, saber ler. Caso a pessoa não seja alfabetizada, um membro do grupo que esteja fazendo estudos com ela, se encarregará de ensiná-la. Desta maneira, a pessoa não precisa pertencer à membresia do grupo, precisa apenas estar fazendo estudos bíblicos com os mesmos. Segundo as fontes:

Como instrui Jeová a nós, seus servos, para sermos eficientes no ministério? Faz isso por meio da sua organização. Em muitos países, esta instrução começa com algo tão básico como aprender a ler. Para os que já aprenderam a ler e escrever, o passo seguinte é matricular-se na Escola do Ministério Teocrático. (...) Em cada país, o programa é elaborado pelo escritório da Sociedade Torre de Vigia, e fornece-se anualmente um programa. (Torre de Vigia, 1971, p. 9)

Essa escola possui um superintendente – espécie de diretor – que é um dos anciãos da congregação local. Precisa preencher alguns pré-requisitos, dentre os quais:

²⁶ Vendedores de Bíblias e livros religiosos

Em cada congregação se designa um superintendente da Escola do Ministério Teocrático. Ele precisa ser um instrutor habilitado. Deve ter bom conhecimento da verdade bíblica e conhecimento prático e útil à língua da maioria dos estudantes. Precisa usar de tato e ser bondoso. Em sentido espiritual, deve ser “ancião”. O serviço dele é matriculá-lo como estudante, designar-lhe discursos e dar-lhe conselho bondoso e construtivo (Torre de Vigia, 1971, p. 10).

O objetivo desta escola é ajudar os membros do grupo, não somente para o trabalho fora do templo e incentivar o crescimento diário dos participantes, mas também colaborar para a preparação de novos anciãos de congregação. O superintendente, desta maneira, delega aos homens, principalmente aqueles que já são servos ministeriais, para fazerem uma determinada leitura bíblica, uma oração ou até mesmo uma pequena reflexão, a partir de um tema designado por ele. A postura, conteúdo, a leitura, obedecendo as regras de pontuação, e eloquência são avaliados durante a apresentação dos mesmos. No final, são feitos elogios, ressaltando o empenho e os pontos positivos dos aspirantes a anciãos.

O superintendente da escola aconselhará cada estudante aos ouvidos da congregação inteira, porque outros além do próprio orador podem tirar proveito disso. Sempre é próprio dar elogios. De fato, o conselheiro fará empenho em animá-lo. Dar-se-á conselho construtivo sobre os pontos específicos alistados na folha de Conselho Sobre Discursos, pontos sobre os quais foi avisado para se preparar. O superintendente da escola se empenhará em familiarizar-se pessoalmente com as suas necessidades como estudante, e ele estará vivamente interessado no seu progresso (Torre de Vigia, 1971, p. 11).

A Escola do Ministério Teocrático tem como objetivos disciplinar e construir habitus aos que dela participam. Essa disciplina está associada ao modo de falar, ao tipo de linguagem utilizada, evitando palavras de baixo calão, até mesmo o uso do microfone é ensinado. Os estudantes que dela participam precisam aprender a ter atitudes bem polidas, evitando assim, “mal” testemunho perante a sociedade. As recomendações estão baseadas na Bíblia.

As declarações de minha boca ... tornem-se elas agradáveis diante de ti, ó Jeová. (Sal. 19:14) Para que seja assim em nosso caso, precisamos falar das coisas certas e dum modo próprio do servo de Deus. Queremos que a nossa maneira de falar prove que somos servos fiéis de Deus cada dia, não apenas quando estamos no Salão do Reino ou no ministério de campo. A linguagem que usamos no lar, no trabalho e na escola refletirá então favoravelmente sobre o nosso ministério. – 2 Cor. 6:3 (Torre de Vigia, 1971, p. 53-54)

O Ministério de Campo também foi outra importante ferramenta para a capacitação dos membros no serviço de proselitismo, que resultou no crescimento numérico do grupo. Ele consiste no treinamento, realizado em uma das reuniões do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, juntamente, com a Escola do Ministério Teocrático. Através de pequenos ensaios,

geralmente duas, no máximo três pessoas por vez, busca-se preparar os fiéis para o serviço de campo (evangelismo pessoal). Diversas situações são encenadas, visando a instrução dos membros para saber lidar com elas. Por exemplo, como uma Testemunha de Jeová deve agir com alguém que pertence a outra religião e os trata com hostilidade ou como lidar com ateus. Depois de apresentados os problemas que podem ser enfrentados no campo, é feita uma análise da performance dos irmãos e apontado algumas questões que o treino trouxe. Essas apresentações colaboram também para a instrução e preparação dos estudantes da Bíblia (os que ainda não foram batizados).

Assim como os membros, os estudantes também podem participar do serviço de campo, ou evangelismo pessoal, feito de porta em porta, com a distribuição de folhetos e até revistas, que objetiva, principalmente, a oportunidade para começar um estudo bíblico. A principal preocupação não é o de convidar as pessoas para assistir uma de suas reuniões, a não ser em datas específicas, como a comemoração da Refeição Noturna do Senhor, a Páscoa Cristã, ou um discurso público especial, com a visita de um superintendente de circuito. Eles se empenham em conseguir fazer um estudo bíblico com as pessoas descrentes, em alguma casa. Estão preocupados em “ensinar” aquilo que creem como verdade bíblica, que só é revelada em seus escritos.

No início da abordagem de uma pessoa em seu domicílio, as Testemunhas de Jeová gostam de lançar uma pergunta, que se encontra presente na capa de alguma de suas revistas ou no conteúdo interno das mesmas, assim como de folhetos e brochuras. Espera-se que a pessoa responda, para que, se estabeleça um diálogo. Um exemplo: Você acredita que este mundo tem solução? A partir da resposta, eles leem um versículo bíblico, previamente selecionado, para dizer o que Jeová declara através de sua palavra sobre o assunto implícito na pergunta. Caso consigam a atenção do ouvinte, a proposta para um estudo mais aprofundado sobre o tema colocado, naquele mesma hora ou num outro momento, é feita. O objetivo do primeiro estudo alcançado, o próximo passo será propor para a pessoa uma série de estudos bíblicos, com doutrinas como, o nome de Jeová, Jesus Cristo, espírito santo, entre outros. Não importa a religião que a pessoa abordada segue. Para as Testemunhas de Jeová, eles tem a missão de levá-las ao conhecimento da verdade acerca dos assuntos espirituais.

Fazendo isso, seguem o exemplo de Jesus. Ele se dirigiu aos judeus. Os judeus tinham sua própria religião, mas em muitos sentidos esta se havia desviado da Palavra de Deus. (Mateus 15: 1-9) Todas as nações têm alguma espécie de religião, quer chamada cristã, quer não-cristã. É de importância vital que as pessoas tenham crenças que se harmonizem com a Palavra do próprio Deus, e o empenho das Testemunhas de Jeová em ajudá-las nisso constitui um ato de amor ao próximo. (Torre de Vigia, 2000, p. 29)

Antes de começar o evangelismo, os publicadores, como são chamados aqueles que batem de porta em porta evangelizando, se reúnem no templo para um período de oração. Homens, mulheres e crianças, todos aqueles que fazem parte do grupo ou que já estão estudando com eles e apresentam um bom comportamento podem participar. Esse período se constitui num momento de preparação espiritual, que busca a orientação de Jeová, para que assim eles tenham êxito no serviço de campo. Um *homem qualificado*, ou seja, batizado faz a oração. Na falta de um homem que preencha essa prerrogativa, uma das mulheres, cobrindo a cabeça com um véu, faz a oração. O véu remonta os tempos bíblicos e as culturas orientais, um contexto histórico e cultural bem diferente do vivido pelas Testemunhas de Jeová em Santo Estevão e no Brasil como um todo.

Desta maneira, as Testemunhas de Jeová tem procurado, desde a década de 1940, investir na educação “espiritual” de seus membros, através de cursos que promovam a capacitação dos mesmos. Esses cursos funcionam como uma espécie de teologia para leigos, aprofundando algumas temáticas, mas, em linhas gerais, visando o doutrinamento e a preparação dos fiéis para o proselitismo, atividade central da vida religiosa das Testemunhas de Jeová.

Tradução Novo Mundo das Escrituras Sagradas

A Bíblia é considerada Palavra de Deus, não apenas para os diferentes grupos cristãos, dos quais as Testemunhas de Jeová fazem parte, como também para os judeus. Conforme Karen Armstrong (2007), “os seres humanos são criaturas que procuram sentido” (p. 7) e a linguagem, seja ela escrita, oral ou iconográfica, se constitui num elemento essencial dessa busca. Por isto, as Escrituras Sagradas conferem sentido à existência, para os que acreditam nela, especialmente os protestantes.

As Escrituras cristãs foram redigidas em momentos diferentes, em regiões diversas e para audiências muito díspares, mas compartilhavam uma linguagem e um conjunto de símbolos, derivados da Lei e dos Profetas, bem como de textos do final do período do Segundo Templo²⁷. (ARMSTRONG, 2007, p. 69)

²⁷ A autora refere-se ao Templo de Herodes, destruído por um incêndio na década de 70 do Século I da Era Cristã.

A partir do século II, como fruto das disputas entre as lideranças da igreja e pela busca em construir um único modelo de cristianismo, a preocupação em selecionar textos hebraicos e gregos e torná-los num mesmo livro começou a ser fomentado. No século IV, com a elevação do cristianismo à religião oficial do Império Romano, assim como consequência destas ações e escolhas feitas, deliberadamente, por alguns líderes da Igreja na época, com forte influência política, a Bíblia nasceu e a construção dela como Palavra atemporal de Deus, também.

Irineu, bispo de Lyon (c.140-200), ficou horrorizado tanto com Marcião quanto com os gnósticos e insistiu no vínculo entre as velhas Escrituras e as novas. Ele compilou uma lista de textos aprovados em que vemos o futuro Novo Testamento, em embrião. Ela começava com os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João – nessa ordem -, continuava com os Atos dos Apóstolos (uma história dos primórdios da Igreja), incluía epístolas de Paulo, Tiago, Pedro e João, e concluía com duas descrições proféticas do fim: o Apocalipse e O Pastor de Hermas. Mas o cânone não foi fixado até um período avançado do século IV. Alguns dos livros selecionados de Irineu, como O Pastor de Hermas, seriam rejeitados, e outros, como a Epístola aos Hebreus e a Epístola de Judas, seriam acrescentados à lista de Irineu. (ARMSTRONG, 2007, p. 68-69)

Todavia, a visão da Bíblia como um texto sagrado e não como produção humana, fruto de seu tempo, ou dos diversos períodos nos quais os textos que a compõem foram escritos, faz com que os fiéis Testemunhas de Jeová não a questionem e, sob diversos aspectos, principalmente, no que concerne às relações de gênero, não a contextualize.

A vida, o planeta Terra e tudo que nele existe são explicados à luz da Bíblia. “A Bíblia sempre significou mais do que dizia”, afirma Armstrong (2007), pela maneira diferente como ela é tratada. Os rituais para a sua leitura e a reverência prestada ao cânone o tornou sagrado. De acordo com um dos textos das Testemunhas de Jeová:

Sem a Bíblia, não saberíamos qual é o objetivo real da vida. (Ecl. 12:13) Ela esclarece que o homem não é produto do acaso, mas é criação de Deus, que tem um propósito amoroso para com a humanidade. E ela explica o que Deus deseja de nós agora e como podemos achar a verdadeira satisfação na vida. (Torre de Vigia, 1971, p. 18-19)

Na busca por sentido e orientação para os problemas da vida e respostas para as questões do mundo, as Testemunhas de Jeová afirmam a importância e centralidade das Sagradas Escrituras. Ela possui autoridade um lugar de destaque e se torna essencial na vida dos seres humanos porque provém do Criador. “Mas, se a Bíblia for mesmo a Palavra de Deus, então ela é exatamente o que necessitamos para conseguir passar por esses tempos

difíceis (...) contém a única solução válida para os problemas da humanidade. “(1989, p. 7) É o que afirma o livro, *A Bíblia: Palavra de Deus ou de Homem?* (1989).

Ao relatar a trajetória da Bíblia como um livro que “sobreviveu” ao tempo, enquanto outros livros religiosos de outros povos, mais ou menos do mesmo período, sucumbiram, a Organização diz estar provando que as Escrituras Sagradas são realmente a palavra de Deus, pois nada, nem ninguém conseguiu destruí-la.

No entanto, o texto bíblico não saiu totalmente ileso. “As organizações religiosas da cristandade”, termo utilizado pelo grupo para designar a Igreja Católica e as denominações protestantes, se tornaram “falsas amigas da Bíblia”. Durante a Idade Média, por exemplo, a Igreja Católica se opôs à tradução da Bíblia para as línguas vernáculas de cada país, com o objetivo, segundo a Torre de Vigia, de inviabilizar o acesso da maioria da população aos textos sagrados.

O papa²⁸ queria manter a Bíblia na então língua morta, o latim. O conteúdo dela devia ser mantido “em segredo”, não traduzido para as línguas do povo comum. A Vulgata latina de Jerônimo, produzida no 5º século para se tornar a Bíblia acessível a todos, tornou-se então o meio de mantê-la oculta. Com o avanço da Idade Média, a posição da Igreja endureceu. (Torre de Vigia, 1989, p. 28)

A Reforma Protestante, por outro lado, colaborou com a divulgação das Sagradas Escrituras, através das traduções e publicações em diversos idiomas. No entanto, os “eruditos protestantes” alemães, de acordo com o livro, construíram no século XIX, uma teologia moderna, que empreendeu um “grande ataque intelectual contra a Bíblia” (p. 34), na qual, os textos bíblicos eram vistos como uma produção meramente humana e não de natureza divina.

Mas as igrejas protestantes não estão isentas de culpa no que se refere à oposição à Bíblia. Com o passar dos anos, certos eruditos protestantes elaboraram outro tipo de ataque contra o livro: um ataque intelectual. Durante os séculos 18 e 19, desenvolveram um método de estudo da Bíblia conhecido como alta crítica. Os altos críticos ensinaram que grande parte da Bíblia era composta de lendas e de mitos. Alguns até mesmo disseram que Jesus nunca existiu. Em vez de a Bíblia ser designada a Palavra de Deus, esses eruditos protestantes diziam que ela era a palavra de homem, e ainda por cima uma palavra muito confusa. (Torre de Vigia, 1989, p. 31-32)

Ambos os comportamentos apresentados pela “cristandade”, segundo o texto, demonstrou que a conduta desses grupos não representa o Cristianismo genuíno. A exegese que os teólogos liberais começaram a fazer, usando o contexto histórico, para as Testemunhas de Jeová, era, na realidade, uma adulteração do conteúdo bíblico. O verdadeiro Cristianismo

²⁸ Faz referência ao Papa Gregório VII, em 1079.

acredita no caráter atemporal da Bíblia e procura seguir os princípios existentes nela. Desta maneira, ao mesmo tempo em que descredencia o discurso dos outros grupos cristão, as Testemunhas de Jeová se colocam numa posição de diferenciação dos mesmos, utilizando termos distintos para designar a si mesmos – como os únicos representantes do Cristianismo, em oposição à cristandade, como adulteradores da mensagem bíblica.

O modo de se reconhecer os genuínos cristãos foi explicado pelo próprio Jesus: “Por meio disso saberão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor entre vós.” (João 13:35) Além disso, Jesus disse: Não fazem parte do mundo, assim como eu não faço parte do mundo.” (João 17: 16) Em ambos esses pontos, a cristandade revela claramente que não representa o cristianismo bíblico. Afirmar ser amiga da Bíblia, mas tem sido uma falsa amiga (Torre de Vigia, 1989, p. 36).

A partir da justificativa de defensora da Palavra que acreditam ser divina, e com discordâncias teológicas a respeito de doutrinas como céu, inferno, purgatório, alma e espírito, a Organização Torre de Vigia empreendeu esforços para traduzir o cânone sagrado, que serviu para embasar as doutrinas do grupo e legitimar o poder simbólico do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová.

Antes mesmo da tradução própria das Escrituras Sagradas, o grupo utilizou outras versões, que se aproximavam das explicações construídas, para alguns temas pertinentes do Cristianismo e que iam de encontro com o que outros grupos cristãos afirmavam, como a doutrina do inferno e a trindade, por exemplo.

As versões da Bíblia mais comumente usadas pelas Testemunhas de Jeová, ainda no período de Russel foram *Rotherdam* e a *Holman Linear Bible*, em 1896, quando ele adquiriu o direito de imprimi-la. Segundo Esequias Silva (2007), “em 1907, a Sociedade Torre de Vigia publicou uma Bíblia baseada na Versão Autorizada, com notas marginais, denominada Edição dos Estudantes da Bíblia” (p. 100). O passo seguinte foi comprar os direitos desta versão. A princípio, as impressões das traduções bíblicas eram apenas do Novo Testamento.

A organização comprou da A. J. Holman Company, de Filadélfia, em 1942, as chapas da Bíblia inteira de *The King James Version* (A Versão do Rei Tiago), a mais tradicional versão da Bíblia inglesa, também conhecida como *A Versão Autorizada*. Foi a primeira edição da Bíblia completa impressa na própria Sociedade Torre de Vigia. Sua edição foi publicada com novos títulos nas seções bíblicas de acordo com a doutrina das Testemunhas de Jeová e acrescida, segundo eles, de uma concordância preparada por seus teólogos para “expor falsidades religiosas”. (SILVA, 2007, p. 101)

Nas versões utilizadas pelas Testemunhas de Jeová houve sempre a preocupação de fazer algumas incursões teológicas e acrescentar notas ou concordâncias, que atendiam aos

interesses do grupo e, particularmente, de seus líderes. Pode-se afirmar que um dos objetivos era diferenciar-se das demais denominações cristãs, principalmente, de católicos e protestantes, se auto-proclamando como a religião verdadeira. O próximo passo foi a sua própria versão das Escrituras Sagradas, atendendo às suas peculiaridades teológicas.

Em 1946, o projeto de tradução da Bíblia começou a se concretizar. Primeiro o Novo Testamento, chamado de *Escrituras Gregas Cristãs*, que ficou pronta em 1950. Logo depois veio o Novo Testamento, com o nome de *Escrituras Hebraicas*, inicialmente com cinco volumes, publicados durante a década de 1950. Nos anos 1960 e durante os anos 1977 à 1984, a Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (TNM) foi publicada e revisada, contendo o texto completo.

Esse lançamento provocou reação no mundo acadêmico por suas características peculiares, como a inserção do nome “Jeová” no texto das Escrituras Gregas Cristãs, a substituição do termo “cruz” por “estaca de tortura”, a divindade de Jesus é obliterada, o Espírito Santo é grafado com letras iniciais minúsculas (“espírito santo”). A palavra “inferno” não aparece, a organização preferiu usar os termos na língua original, Sheol, em hebraico, e Hades, Geena e Tártaro, em grego. Ela emprega, ainda, diversas interpolações e modificações divergentes do sentido original. Segundo a Torre de Vigia, as Testemunhas de Jeová desejavam uma tradução “que não fosse influenciada pelos credos e tradições da cristandade, uma tradução literal que apresentasse fielmente o que consta nos escritos originais. (SILVA, 2077, p. 102-103)

Essa tradução do livro bíblico veio acompanhada de muitas polêmicas e críticas dos teólogos cristãos (católicos e protestantes) e não cristãos que queriam saber, entre outras coisas, quais os autores, melhor dizendo, tradutores e em que se baseavam as mudanças trazidas por eles. A Sociedade Torre de Vigia buscou manter em sigilo o nome dos tradutores, alegando que os mesmos não queriam glória e nem honras para si mesmos. Uma hipótese defendida, no entanto, por estudiosos do grupo é a de os tradutores, no qual Frederick Franz, futuro presidente da organização e tido como o teólogo do grupo, sem, contudo, ter formação nessa área, não tinha os requisitos teológicos para tal empreendimento. Um tópico será utilizado para aprofundar o assunto relacionado à TNM. No entanto, apesar do anonimato, é de se supor que os tradutores faziam parte do Corpo Governante ou pelo menos todo o projeto foi realizado sob a coordenação desses homens, que compõem a alta hierarquia Testemunhas de Jeová. Perguntas, no entanto, ficaram sem ser respondidas pelo grupo, como, por exemplo, com base em quais manuscritos foi realizada essa tradução? Se a Igreja Católica detém as primeiras cópias de alguns dos primeiros manuscritos, como eles conseguiram fazer sua própria tradução sem manter a influência do catolicismo?

Apesar das críticas, a TNM reafirmou a autoridade do Escravo Fiel e Discreto nos assuntos espirituais. Através do uso de paráfrases e interpolações, a Torre de Vigia conseguiu inserir seus ensinamento e doutrinas dentro do cânone sagrado, confundindo-os com o próprio texto bíblico. Não se tratou apenas de substituir uma palavra por outra, mas de dizer quem está ou não com a “verdade” sobre as questões relacionadas ao Cristianismo. A credibilidade dessa tradução era a busca e o objetivo maior da liderança das Testemunhas de Jeová e uma forma de descredenciar o discurso de outros grupos que se dizem cristãos. Desta forma, ao traduzir textos ligados à divindade de Cristo, por exemplo, e declarar que eles foram traduzidos de forma incorreta, a Organização estava ao mesmo tempo afirmando que os outros grupos (católicos e protestantes) possuem um discurso baseado numa mentira, o que os tornam mentirosos também, e que as Testemunhas de Jeová tiveram a coragem de confrontar esses ensinamentos falsos e trazer à luz aquilo que é correto, verdadeiro. Uma nova leitura do texto bíblico que respaldava as inovações doutrinárias formuladas pelas Testemunhas de Jeová.

As Testemunhas de Jeová e a Ciência: *conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*

A relação estabelecida entre Testemunhas de Jeová e a Ciência é ambígua, pois, ao mesmo tempo em que ela é vista como responsável pelo “progresso” da humanidade, seu discurso é descredenciado quando se opõe às “verdades bíblicas”. Antes, porém, é preciso compreender o que significa ciência para as Testemunhas de Jeová, conforme é apresentado em seus textos. Eles se apóiam na concepção apresentada pela *Enciclopédia Delta Universal*, que diz:

“A ciência engloba um vasto campo de conhecimento humano relacionado com fatos agrupados por princípios (regras)”. É compreensível que haja vários tipos de ciência. Isso contribui para certa dificuldade em definir com precisão onde começa uma ciência e onde termina outra. (...) Todavia, a maioria das obras de referência apresenta quatro divisões principais: ciências físicas, ciências biológicas, ciências sociais e ciência da matemática e da lógica. (Torre de Vigia, 1993, p. 6)

A revista *Desperta!*, traz, em suas edições, temáticas variadas, das quais, os temas relacionados a descobertas científicas, por exemplo, são constantes. Além dessa revistas, livros como *A vida: qual sua origem? A evolução ou a criação?* (1985) e *Existe um Criador que se importa com você?* (1998) abordam assuntos ligados aos diversos campos da Ciência, principalmente, quando estão relacionados às suas doutrinas, como transfusão de sangue, veracidade dos textos sagrados, criacionismo, dentre outros.

Por exemplo, na matéria de capa da revista *Despertaí, A ciência pode atender a nossas necessidades?*, de 08 de abril de 1993, dois artigos estão relacionados à Ciência. Um desses artigos, intitulado, *Pode a ciência enfrentar os desafios do século 21?* apontou alguns problemas que o planeta Terra tem enfrentado como a destruição da camada de Ozônio, aumento expressivo da população mundial nos últimos 200 anos, que, conforme dados trazidos pela edição, “saltou de 1 bilhão para 5 bilhões e meio”, além de doenças como “câncer, problemas circulatórios, doenças cardíacas e numerosas outras doenças”, que “há muito desafiam a perícia médica. Apesar de anos de progresso médico, essas enfermidades ainda matam.” (p. 5) A matéria acrescenta ainda a AIDS, como “um novo flagelo”. O texto lança a seguinte questão: “A ciência já enfrentou desafios tremendos e os têm vencido, pelo menos até certo ponto. Ainda assim, não é fora de propósito perguntar se a Ciência pode enfrentar os desafios ímpares que o vindouro século 21 apresenta. Existe base para otimismo?” (Torre de Vigia, 1993, p.5)

Com alguns anos ainda faltando para o começo do século XXI e as expectativas a respeito daquilo que este novo momento traria para a humanidade, a revista ressaltou os desafios que a ciência já enfrentou em outros tempos, mas questiona se ela conseguirá vencer os que vêm a seguir. Apesar de colocar em dúvida a capacidade da ciência em resolver os problemas que por certo surgirão no próximo século, as Testemunhas de Jeová construíram uma boa relação de diálogo constante com o saber científico.

Conforme o outro artigo, *Ciência: a contínua busca da verdade pela humanidade*, o conhecimento científico é tratado como uma verdade, assim como a religião e, por esta causa, tem o poder de libertar as pessoas da ignorância.

A verdade científica, por exemplo, libertou as pessoas de muitos conceitos errôneos, como de a Terra ser plana, de a Terra ser o centro do Universo, de o calor ser um fluido chamado calórico, de o ar viciado causar epidemias e de o átomo ser a menor partícula da matéria. A aplicação prática das verdades científicas na indústria, na comunicação e nos transportes tem libertado as pessoas de desnecessária labuta e, em certa medida, das limitações do tempo e da distância. As verdades científicas aplicadas na medicina preventiva e na assistência médica têm ajudado a libertar as pessoas da morte prematura ou do medo mórbido das doenças. (Torre de Vigia, 1993, p. 6)

As melhorias na indústria, medicina, comunicação, entre outras áreas, são enaltecidos pelo texto como uma forma de dar créditos à Ciência por esses avanços. Além de a verdade científica libertar as pessoas das mentiras que o erro produz, ela traz qualidade de vida. No entanto, embora o texto apresente a ciência como uma verdade, juntamente, com a religião, algumas diferenças são destacadas, para mostrar que a religião está acima da mesma, ou seja,

que a última palavra a ser dada a respeito de algum assunto tratado por ambos, a religião tem mais autoridade em suas afirmações.

A religião e a ciência são exemplos do desejo da humanidade de saber a verdade. Mas há uma diferença significativa entre como a verdade religiosa é procurada numa fonte e a verdade científica noutra. A pessoa que busca a verdade religiosa provavelmente recorre a Bíblia Sagrada, ao Alcorão, ao Talmude, aos Vedas ou ao Tripitaca, dependendo de se ela é cristã, mulçumana, judia, hindu ou budista. Ali ela encontra o que a sua religião tem como revelação da verdade bíblica, talvez derivada duma fonte divina, e, portanto, tida como autoridade final. No entanto, quem busca a verdade científica não tem esse tipo de autoridade final a qual recorrer – nem um livro, nem uma pessoa. A verdade científica não é revelada; é descoberta. Isso torna necessário um sistema de tentativas, em que aquele que busca a verdade científica não raro se envolve num empenho infrutífero (Torre de Vigia, 1993, p. 7).

A verdade religiosa, por ser revestida de uma inspiração sagrada, para quem nela acredita, pois vem de uma fonte infalível, enquanto que, a verdade científica, por ser “descoberta” após diversas tentativas, com fracassos durante o percurso, não possui, para o grupo, o respaldo necessário para dar a última palavra a respeito de assuntos como a criação do universo e a origem da vida. É preciso salientar, no entanto, que a noção de ciência apresentada pelas Testemunhas, nos textos apresentados, esteve ligada às ciências naturais e exatas, pois a concepção apresentada por eles de que a verdade científica se dá por meio da experimentação remontou à visão da ciência moderna, dos séculos anteriores, na qual, o conhecimento científico era pautado em experimentos e reprodução em laboratório.

Desta maneira, o diálogo entre as Testemunhas de Jeová e a ciência cessa quando o assunto é a origem da vida, por exemplo, pois os caminhos para explicá-la são opostos, enquanto a ciência, ou grande parte da comunidade científica, direciona suas explicações para a teoria da evolução, as Testemunhas de Jeová acreditam no criacionismo. Jeová é o Deus criador dos céus, da Terra e de tudo o que nela há, assim crêem. De acordo com o livro *Existe um Criador que se importa com você?* (1998):

Provavelmente você aceita o fato de que houve um tempo em que não havia vida na Terra. A ciência concorda com isso, bem como muitos livros religiosos. Mesmo assim, talvez saiba que essas duas fontes – a ciência e a religião – divergem na explicação de como a vida começou na Terra. Milhões de pessoas de todos os níveis culturais acreditam que um Criador inteligente, o Projetista original, produziu a vida na Terra. Em contraste, muitos cientistas dizem que a vida surgiu de matéria sem vida, através de sucessivas reações químicas, por mero acaso. Quem está certo? (Torre de Vigia, 1998, p. 28)

O texto prossegue, apontando, segundo a revista, a inconsistência do discurso científico em relação á origem da vida. As generalizações e o uso do termo “acaso” não poderiam satisfazer enquanto explicação para um assunto tão importante.

Mas é isso realmente satisfatório? Isso significa que, exposta à energia do Sol, a relâmpagos ou a vulcões, alguma matéria sem vida reagiu, organizou-se e, por fim, passou a viver – tudo isso sem ajuda orientada. Que enorme salto isso teria sido! De matéria sem vida para matéria viva! Poderia ter acontecido assim? (Torre de Vigia, 1998, p. 31)

A resposta, contida nas próprias perguntas e nas afirmações carregadas de ironia, suscitadas pelo grupo atestam que sem uma *ajuda orientada*, isto é, ajuda divina, a vida não poderia ter começado a existir. Além dos problemas apontados, as divergências na sociedade científica demonstram a fragilidade dessa teoria. “Desta forma, como acreditar no discurso científico e na teoria da evolução se ela não é consenso dentro do meio científico?” (p. 15), afirmou um dos trechos do livro *A vida, qual a sua origem? A evolução ou a criação?* (1985)

As mudanças na teoria evolucionista também são apresentadas pelo livro como pertencentes a um discurso ainda cheio de lacunas e, portanto, não confiável. Diferentemente da explicação científica para a origem da vida e do universo está o discurso bíblico para tais acontecimentos. Nele, Jeová, o Deus criador é responsável pela existência da vida, que cumpre um propósito, louvar e obedecê-lo.

O Deus Jeová, como produtor e diretor de sua criação, deu aos humanos certa liberdade de ação com respeito a como cumpriram. Não foi exigente nem restritivo demais(...) Essa ordem exigia que a humanidade reconhecesse o direito de Deus de ser obedecido(...) Mas ele deseja que suas criaturas sejam supremamente felizes, o que é uma consequência natural de viver em harmonia com as Suas boas leis. (Torre de Vigia, 1985, p. 116-117)

Apesar das divergências em alguns assuntos, como fora destacado acima, a ciência ainda é colocada como responsável pelo desenvolvimento das sociedades. Compreendendo ciência com a ideia de progresso, de evolução, não das espécies, mas do homem enquanto ser social, relacionando-o aos avanços tecnológicos, o peso da balança pende para o lado positivo da produção científica para a humanidade. “A ciência e a tecnologia tiveram muito a ver com a criação da estrutura do mundo moderno.” (1993, p. 8)

As Testemunhas de Jeová procuraram galgar espaço dentro do campo religioso, norte-americano e brasileiro, conforme análise, através da construção de um discurso religioso, por meio de materiais impressos, audiovisuais, que procuravam atestar para o caráter verdadeiro de sua mensagem. O trabalho proselitista também colaborou para a propagação e divulgação dessas mensagens. A tradução da Bíblia foi outro passo importante para a consolidação do

Corpo Governante, como representantes de Deus na terra, entre os membros do grupo, e para legitimar as suas doutrinas, principalmente as que divergiam das outras vertentes do Cristianismo.

As Testemunhas de Jeová no Brasil

A instauração do trabalho religioso das Testemunhas de Jeová no Brasil fez parte de um projeto de expansão global, que caracterizou o grupo desde seu nascedouro, com as viagens de Taze Russel e seu colaboradores a países da Europa, por exemplo, mas que foi se ampliando a partir da década de 1920. Neste período, houve a inserção desse grupo religioso no País, com o envio de missionários e os batismos começaram a acontecer, indicando a adesão de pessoas.

Ao período de instalação das Testemunhas de Jeová no Brasil somou-se o estabelecimento de uma gráfica, conhecida como Casa de Publicação da América do Sul, em 1923, para facilitar a propagação das mensagens religiosas, pois no início do século XX, as publicações que chegavam aos poucos adeptos eram em espanhol. Com a casa de Publicação os materiais puderam ser impressos em português e em maior quantidade.

Na década de 1930 o trabalho ganhou novo impulso, mesmo com todas as dificuldades, principalmente pelo número reduzido de membros e missionários, mas nesse período, uma filial do grupo foi aberta no País, em São Paulo. As filiais do grupo, espalhadas pelo mundo, são chamadas de Betel, ou “casa de Deus”, termo bíblico que representa o lugar em que Deus habita. Revistas e livros começaram a ser publicados a partir desta filial como *Luz da Verdade*, *Informante* (atual *Nosso Ministério do Reino*), *A Torre de Vigia*, além de folhetos. O trabalho proselitista do grupo tomou, desta maneira, novo impulso com a utilização de fonógrafos com discos em espanhol, inglês e italiano. Em 1938, em comemoração à morte e ressurreição de Cristo, a Páscoa cristã, realizou-se uma assembléia, de 14 à 17 de abril, com a presença de 98 Testemunhas de Jeová e a realização de batismos. Foram batizadas 11 pessoas na ocasião.

Em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o grupo sofreu perseguição por parte das autoridades constituídas, pelo fato de alguns missionários enviados pela Organização serem de origem alemã, chegando a Watch Tower Society (Sociedade Torre de Vigia), que tinha sido registrada em 1938, ser proscrita no ano em questão, com um dos missionário norte-americanos, conhecido como irmão Yuille, detido. Inúmeros telegramas foram enviados ao Presidente da República, Getúlio Vargas, contrários à prisão de

missionários de origem alemã, que foram acusados de serem espiões nazistas. Somou-se a isso, acusações de que as suas publicações traziam um conteúdo político contrário ao governo brasileiro. Apesar do número inexpressivo das Testemunhas de Jeová no período em questão, a ditadura varguista procurou eliminar toda e qualquer ideologia, que tinha uma conotação de insubmissão ao Estado.

Este grupo religioso, representado legalmente pela Sociedade Torre de Vigia, foi colocado sob suspeita deste seu estabelecimento no Brasil, pois proclamava, através de seu “braço gráfico”, a mensagem do “Reino de Deus”. Muitas vezes distribuídas de porta em porta, em marchas públicas em locais estratégicos dos grandes centros ou até do lado de fora de igrejas católicas e protestantes, as Testemunhas de Jeová defendiam, entre seus congregados, esta “mensagem”, que residia em um conjunto de crenças que contrariavam um princípio de “Teocracia”, o qual é defendido pelas Testemunhas de Jeová até hoje. Este princípio de governo divino formar-se-ia na liberdade de exercício da consciência e na disseminação da justiça na Terra como caminhos de louvor a Deus. Opunham-se a submissão às leis civis e governos constituídos, as saudações de símbolos nacionais, prestação de serviço militar obrigatório, doação de sangue e comemoração de aniversários natalícios, dentre outras atitudes. Tais proclames constituíam um corpo de crenças exóticas à realidade nacional e, naturalmente, postavam-se contra a ordem católica por tradição, endossada pelo Estado brasileiro. (CASTRO, 2007, p. 13)

Conforme Eduardo Castro, a reaproximação do Estado com a Igreja Católica, durante o governo de Getúlio Vargas esteve “diretamente ligado ao estreitamento ideológico que favorecia a predominância do pensamento conservador” (CASTRO, 2007, p.12). Uma forma também de lutar contra a “ameaça comunista”. O país podia ser laico em sua constituição, mas culturalmente ainda se mantinha católico. “O corpo de crenças da então restrita organização das Testemunhas de Jeová tornou-se alvo da censura policial culminando, em 1940, com a proscrição de suas atividades no Brasil” (2007, p. 12)

Em 1945, no final do Estado Novo (1937-1945), Nathan Knorr, presidente da Organização, visitou o Brasil, realizando duas reuniões no Ginásio do Pacaembu, em São Paulo. Esta visita fez parte do projeto de expansão global e educacional do grupo, durante a presidência dele. Neste mesmo ano o grupo iniciou uma campanha de coleta de assinaturas, que foram enviadas ao Presidente da República com o objetivo de dar ao grupo o direito de pregar livremente e o reconhecimento legal da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. No ano seguinte a petição com mais de 44.000 assinaturas foi entregue ao então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e em 1947 foi concedido o direito da Sociedade Torre de Vigia de ser registrada oficialmente como uma sociedade filantrópica.

Na década de 1960 a preocupação da Organização Torre de Vigia em relação ao Brasil se concentrou na capacitação de seus membros e na construção de Salões do Reino para adoração. Em 1961 iniciou-se a Escola do Ministério do Reino, curso com duração de um mês, que tinha como objetivo aperfeiçoar os servos de circuito e de distrito. Em 1964 algumas congregações receberam ajuda financeira da Sociedade para construírem seus Salões do Reino. Essa prática de empréstimo financeiro continua até hoje, pois, conforme relato dos membros em Santo Estevão, recentemente – 2009 – eles terminaram de pagar à Organização o empréstimo feito para construírem seu Salão do Reino, obra realizada em 2001, na Avenida Teixeira de Freitas.

Em 1968, terminou a construção da Betel em São Paulo, com uma área de cerca de 3.000 metros, que fora ampliada três anos mais tarde, para comportar o crescente número de máquinas e pessoal. Em 1975, O Corpo Governante decidiu ampliar o parque gráfico Betel no Brasil, o que contribuiu para que em poucos anos este se tornasse um dos parques gráficos mais modernos do País. (BORNHOLDT, 2004)

A partir da década de 1980, com a formação das Comissões Regionais de Construção, as construções rápidas de Salões do Reino começaram. Essa comissão reúne profissionais na área de construção, como engenheiros, arquitetos, mestres de obras, entre outros, que, voluntariamente trabalham nas construções dos templos, tanto na sua região, como em outras regiões do País. O primeiro Salão do Reino construído desta forma ficou pronto em 16 dias e foi construído no ano de 1992, em São Paulo. O templo construído em Santo Estevão, no ano de 2001, demorou 21 dias para ficar pronto, chamando a atenção da sociedade santoestevense pela rapidez e mobilização de Testemunhas de Jeová, que vieram de outras cidades para realizar a obra.

Capítulo II

Representações e práticas familiares entre as Testemunhas de Jeová

A análise das revistas *A Sentinela*, *Desperta!* e outras literaturas produzidas pelas Testemunhas de Jeová, e as entrevistas, realizadas com diferentes pessoas, de diferentes faixas etárias e estado civil, colaborou para compreender melhor as relações de gênero estabelecidas pelo grupo religioso, bem como de outros grupos de matriz cristã, além de contribuir e mesmo nortear as discussões apresentadas neste capítulo, em especial, a respeito da relação família-religião.

Como a família lida com a desassociação, dissociação ou violência e maus tratos, homossexualidade e divórcio? De que forma as vivências e experiências individuais influenciam na apropriação do discurso de família produzido pelo grupo? Segundo as Testemunhas de Jeová, há uma fórmula, um segredo para que a felicidade reine e a religião pode fazer com que este segredo seja revelado.

As transformações sociais, políticas e econômicas das últimas três décadas do século XX afetaram profundamente a família, por questionar o modelo patriarcal e a desigualdade entre os sexos, dentro e fora do lar. A bipolarização do mundo entre capitalistas e socialistas, as guerras do Vietnã, das Coreias, a crise do petróleo, conflitos no Oriente Médio não trouxeram consequências apenas no campo político e econômico no mundo, mas trouxeram também questionamentos em relação às desigualdades sociais e diferenciações entre homens e mulheres, que culminaram em inquietações e ações durante todo esse período. A crítica contra as Guerras, principalmente a do Vietnã, foi além e se transformou também numa bandeira de luta contra as desigualdades sociais, inclusive, de gênero.

A Contracultura, assim como o Movimento Hippie, a atuação de grupos feministas no final da década de 1960 e, principalmente, na década de 70, primeiro nos Estados Unidos da América, Europa e depois nos países em desenvolvimento, reatualizaram como pauta de discussão os papéis de gênero e, por conseguinte, sua hierarquização, a violência física e simbólica sofrida por milhares de mulheres, que perpassam por um modelo de família, baseado no poder masculino, principalmente, sobre o corpo da mulher.

O corpo feminino, a liberdade em relação à sua sexualidade e ao aborto também permearam essas discussões, principalmente, pelo advento da pílula, como método anticoncepcional, somando para uma verdadeira revolução nas relações entre homens e mulheres; o lema “faça amor, não faça guerra” não poderia se encaixar melhor no momento em questão.

Durante o final da década de 1960 e em toda a década de 1970, o feminismo norte-americano se organizou em grupos que tinham dentre outros objetivos, a luta contra a discriminação sexual e a dominação masculina. O workshop Mulheres Engajadas no movimento, promovido pelas Estudantes por uma Sociedade Democrática (ESD), em 1965, nos Estados Unidos, foi um dos responsáveis pela formação destes novos grupos feministas. Posteriormente, foi criada a NOW – Organização Nacional da Mulher. O movimento feminista americano, em toda década de 1970 esteve concentrado em duas bases ideológicas: a liberal e a radical.

O feminismo liberal concentrou seus esforços na obtenção de direitos iguais para as mulheres, inclusive a adoção de uma emenda constitucional que, após aprovada no Congresso, não conseguiu a aprovação de dois terços dos estados, sendo finalmente derrotada em 1982 (...) Feministas radicais, embora participando ativamente das campanhas por direitos iguais, e principalmente ativamente das mobilizações para obter e defender os direitos de reprodução concentraram seus esforços no projeto trabalho de conscientização, organizando grupos para essa finalidade (CASTELLS, 199, p. 213).

Deste modo, ao se falar de família é preciso levar em consideração outros fatores e instituições sociais que a influenciam e que também protagonizaram certa resistência e mesmo, contundente oposição aos novos modelos familiares, como, por exemplo, os grupos religiosos.

O Brasil também sofreu transformações sociais e comportamentais neste período. Mesmo sendo uma formação social com características conservadoras, os novos arranjos familiares, as chamadas famílias monoparentais, o aumento do número de separações e divórcios e de uniões consensuais marcaram a sociedade brasileira no final do século XX, entre as décadas de 1970 à 1990.

No ano de 1977, por exemplo, a lei nº 6.515 institucionalizou o divórcio e permitiu aos divorciados terem novo matrimônio, um avanço, já que a Constituição de 1934, com o então presidente da República, Getúlio Vargas, através do artigo 144 proibiu o divórcio²⁹. Na década de 1930, a reaproximação do governo brasileiro com a Igreja Católica resultou na criação de leis conservadoras, como esta, a respeito da família, no entanto, no período estudado, a atuação de movimentos feministas, a proliferação de suas ideias, bem como dos questionamentos trazidos pelos movimentos estudantis à ordem estabelecida no País, que perpassam também pelas concepções de família, fez com que algumas mudanças acontecessem.

²⁹CASTRO, Eduardo Góes, 2007

No Brasil, os estudos sobre família têm, a partir da década de 70, novos horizontes de investigação, com a emergência de discussões que criticam a prevalência de determinados modelos como expressão da sociedade brasileira. Em especial, ocorre a desconstrução da família patriarcal como modelo hegemônico que durante muito tempo foi utilizado como parâmetro de classificação. Assim, ao final da década de 80 proliferam-se as recusas à sua representação como referência à família brasileira e essa como família extensa. (...) Prevalece, portanto, a vertente analítica que versa a família como uma instituição essencial, cuja estrutura se refletia nas relações de poder com centralidade na figura masculina e que se estendia à vida social, através de um forte grau da relação exploração e subordinação tipicamente retratada na nossa sociedade. (DIAS, 2005, p.5)

Apesar de estar vivendo um período de Ditadura Militar (1964-1985), calcada num modelo burguês de família, conservador e cristão, a sociedade brasileira estava mudando e essas mudanças repercutiram nas leis sobre divórcio, por exemplo, que foram mais ou menos percebidas, levando em consideração a classe social, pertencer ou não a um grande centro urbano, ter acesso aos meios de comunicação, produções e discussões a respeito desses questionamentos. Conforme Maria Ângela D’Incao em seu artigo *Mulher e Família Burguesa*,

Convém não esquecer que a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. (D’Incao, 2009, p. 230)

No entanto, é preciso algumas ponderações ao se falar dessas mudanças e de seus avanços, pois, além delas não serem sentidas de igual modo pelas diferentes classes sociais, nem pelas realidades regionais do País, elas sofreram também resistência de grupos sociais, por diversos motivos.

As Testemunhas de Jeová, por se constituírem um grupo de caráter fundamentalista têm, no seu discurso, uma atenção especial voltada para a família. De acordo com Eliane Silva (2006), o fundamentalismo religioso apresenta uma preocupação particular com a educação e a família, segundo ela,

O fundamentalismo investe na família como um lugar privilegiado para a educação e a transmissão dos valores religiosos de uma geração para a outra (...) Os papéis de gênero são, então, sacralizados e baseiam-se na ideia de que homens e mulheres foram divinamente criados como tipos de pessoas com funções diferentes e complementares. Os hábitos e os costumes dos papéis sociais de gênero fazem parte de uma ordem divina e qualquer alteração significa pecado, transgressão e as consequências são funestas. (SILVA, 2006, p. 18-19)

Sandra Duarte de Souza em seus trabalhos sobre a influência da religião *na construção das identidades de gênero e perpetuação da violência* (2009, p. 19), parte do princípio desse caráter conservador e patriarcalista da fé cristã e da noção de família como algo indissolúvel que permeia o discurso cristão. Esse discurso trabalha com a naturalização da hierarquia de gêneros, que a família reproduz como nenhuma outra instituição social, daí a importância em preservá-la. Assim, os homens são colocados numa posição de superioridade e de direito sobre a mulher, o que resulta em muitos casos, no uso da violência física e simbólica sobre elas, segundo a autora.

Uma representação acumula recursos materiais e simbólicos. Apesar das mudanças, as representações sociais de mulheres e homens em nossa sociedade ainda hoje são informadas por uma simbologia que secundariza a mulher. Essa ideologia de gênero teima em afirmar a mulher como um ser ‘para’ os outros, isto é, a mulher se constitui heteronomamente enquanto tal, devendo servir ao outro e viver para o outro. O não cumprimento deste princípio (ou lei natural) gera processos como sua culpabilização pela sociedade e também por si mesma. E mais, opera como motivador da prática da violência de gênero. (SOUZA, 2009, p. 32)

O papel da mulher, na relação entre os sexos é secundário e complementar ao do homem, conforme o Cristianismo ela é sua auxiliadora, aquela que dá suporte às suas ações, que as ratifica. No entanto, apesar desse caráter complementar e mesmo dependente, uma submissão feminina em relação ao homem, talvez não dê subsídios suficientes para afirmar que o Cristianismo colabora com a violência física e mesmo simbólica da mulher. Esta é uma questão que precisa ser analisada com cautela, partindo inclusive do princípio de não-agressão que a fé cristã possui.

No entanto, a trajetória de várias mulheres protestantes desde o século XVI com a Reforma nem sempre foi de submissão, mas de reação a essa subalternidade. No texto *Mulheres Protestantes: uma trajetória nem sempre submissa*³⁰, das historiadoras Elizete da Silva e Bianca D’Aebs, elas analisam as concepções de mulher construídas pelos anglicanos e batistas, mas que foram questionadas por teólogas feministas e outras mulheres protestantes, no século XIX, que buscaram *ampliar seu espaço dentro do grupo, em vista do caráter androcêntrico vigente* (2011, p. 341). Um dos exemplos clássicos dessa luta foi a publicação da *Bíblia da Mulher* (*The Woman’s Bible*), no final do século XIX, de autoria da protestante e teóloga feminista Elizabeth Cady Stanton e outras colaboradoras, com o objetivo maior de dar

³⁰ ALMEIDA, Vasni, SANTOS Lyndon, SILVA, Elizete In: “Fiel é a Palavra”: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil (2011)

visibilidade as mulheres nos textos bíblicos e mostrar a importância da participação delas na história do Cristianismo Primitivo.

Campo religioso santo-estevense

O campo religioso apresenta, conforme o sociólogo Pierre Bourdieu, assim como os demais campos sociais – político, econômico, por exemplo – disputas de poder e uma dinâmica própria de funcionamento. As particularidades deste campo social está ligado às relações estabelecidas no seu interior, a partir das empresas religiosas e os bens de salvação que elas possuem. Quanto maior for o capital simbólico³¹ de uma empresa, sua posição dentro do campo mudará e a dinâmica dentro do campo também. Dentro do campo religioso existem os agentes, que podem ser tanto indivíduos como grupos e instituições, que lutam pela hegemonia.

No entanto, há disputas internas dentro de uma mesma instituição, o que gera tensões, mas o campo sempre organiza estratégias para a conservação da ordem estabelecida. O corpo de sacerdotes e a igreja são pela produção do discurso, pela legitimação de uma teologia e pela “manipulação legítima do sagrado” , diferentemente, do profeta e de sua seita, “obrigados a realizar a acumulação inicial do capital religioso pela conquista (ou reconquista) de uma autoridade sujeita a flutuações e às intermitências da relação sobrenatural entre a oferta do serviço religioso e a demanda religiosa de uma categoria particular de leigos.” (BOURDIEU, p. 59) O profeta, desta maneira, se opõe ao sacerdote, pois, enquanto o sacerdote visa a conservação do seu poder simbólico adquirido pela acumulação dos bens de salvação, o profeta precisa, para obter êxito e se tornar igreja, adquirir esses bens de salvação.

A demanda e oferta religiosa também colaboram para as transformações dentro do campo religioso, conforme Bourdieu, pois, o grupo que possui mais bens de salvação à oferecer, de acordo com as necessidades apresentadas pelos leigos, consegue galgar mais posições dentro do campo religioso. O período de chegada das Testemunhas de Jeová no município de Santo Estevão marcou um período de transformações e tensões no campo religioso do mesmo. Vários grupos começaram a se estabelecer na cidade, que também começava a crescer, principalmente em seu perímetro urbano.

Na década de 1950 já havia a presença da Assembleia de Deus, a mais antiga denominação protestante em Santo Estevão. No entanto, numericamente, os evangélicos e grupos dissidentes, como as Testemunhas de Jeová, durante as décadas de 1970 à 1990 eram

³¹ O autor utiliza termos da economia para tratar sobre as questões relacionadas ao campo religioso.

numericamente inexpressivos. Mesmo com o crescimento cada vez maior, atualmente, se constituindo um fenômeno nacional, e a proliferação de diversos grupos neopentecostais, que também se fazem presentes na cidade, os evangélicos ainda são minoria, pois nos últimos anos, com o movimento carismático, houve uma revitalização do trabalho católico por meio de suas pastorais, principalmente da juventude, entre a população santoestevense.

Este trabalho não pôde perceber as medidas tomadas pela Igreja Católica quando a presença cada vez mais crescente de grupos protestantes se tornou uma realidade e, talvez, uma ameaça. No entanto, foi percebida a ação das Testemunhas de Jeová, foco deste trabalho, em lutar contra o “monopólio” da Igreja Católica e de seu corpo de sacerdotes.

A partir da ação proselitista das Testemunhas de Jeová, vista pelos membros do grupo como uma missão de valiosa importância ordenada pelo próprio Cristo, o grupo procurou se aproximar da população e mostrar-lhe uma mensagem diferente, mas que, de acordo com sua visão, se mostrava eficaz para atender às necessidades espirituais dos santo-estevenses. Partindo desta missão divina de *fazer discípulos de pessoas de todas as nações*³², as Testemunhas de Jeová chegaram a Santo Estevão no ano de 1969, para fazer o reconhecimento do “campo”, seus desafios, realidade religiosa, social e econômica e, em janeiro de 1970, deram início ao trabalho de evangelização, disputando espaço no campo religioso santo-estevense. Alguns irmãos e irmãs, membros da Congregação do Alto Saldanha³³, em Brotas, Salvador, foram comissionados para essa missão de evangelização e implantação de uma congregação do grupo no município.



Imagem 1: Foto do Centro de Abastecimento no período de sua inauguração, em 1923. Arcevo privado de Manoel Pompílio da Rocha Filho

³² Bíblia Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, 1986.

³³ Infelizmente, não tive acesso às fontes escritas do grupo, como Atas, que relatassem a respeito desta chegada a Santo Estevão e nem em relação à congregação de Salvador, que começou o trabalho nesta localidade.



Imagem 2: Foto da Feira da cidade na Praça 7 de Setembro, na década de 1970
Arcevo privado de Manoel Pompílio da Rocha Filho

Dona Célia foi a segunda pessoa, que aderiu à mensagem das Testemunhas de Jeová nesse momento de chegada deles à Santo Estevão e nos relatou um pouco de suas lembranças a respeito desse período. As três primeiras Testemunhas de Jeová na localidade foram mulheres: Donas Alaíde, Célia e Laura, destas três, apenas Dona Célia está viva. Segundo a mesma, os irmãos de Salvador começaram a entregar folhetos na *Feira* da cidade, que acontecia na Praça 7 de Setembro, aos sábados, nos chamados barracões, que eram lonas armadas, que comercializavam, principalmente, gêneros agrícolas e animais, vivos ou abatidos, além de panelas, roupas, entre outras mercadorias. Aproveitando o momento em que a população santoestevense, tanto do perímetro urbano, como da zona rural estavam reunidas em grande número, os pioneiros aproveitavam para evangelizar e fazer convites para as reuniões numa casa alugada na Rua Floriano Peixoto, mas que era comumente chamada de Rua do Curral, localizada no centro da cidade, e que no início, conforme o nome popular da mesma indica, servia para colocar os animais, como bois, vacas, bodes e cabaras que eram abatidos nela. Nos dias atuais, essa avenida permanece sendo chamada de Rua do Curral.

Em um desses momentos de evangelização, os pioneiros abordaram Dona Alaíde, explanando um pouco de seus ensinamentos para a mesma, que se interessou e aceitou o

convite de assistir a uma das reuniões das Testemunhas de Jeová, mas com receio de ir só, convidou Célia, na época com apenas 13 anos de idade, que por curiosidade aceitou o convite dela. Após o trabalho, eles começaram a fazer estudos bíblicos com dona Alaíde, em sua residência. Geralmente, as Testemunhas de Jeová se preocupam em começar os estudos bíblicos nos lares, para depois incentivar o estudante a frequentar as reuniões, mas a realidade de um trabalho iniciante em uma cidade que demonstrava resistências a ele, fez com que eles adotassem outro método, apresentando o grupo às pessoas que assim desejassem, convidando-as para suas reuniões, que aconteciam nesse período, apenas um dia na semana, aos domingos.

Em uma das reuniões deles, na Rua do Curral onde eles tinham alugado uma sala. E, quando ela³⁴ retornou, sábado à noite do trabalho, ela me fez o convite para eu ir assistir essa reunião. Que ela conheceu dois senhores que falou do nome de Deus e ela ficou muito empolgada, era uma nova religião, que ela não sabia e que ela queria muito isso; se eu podia acompanhar ela. Então, eu aceitei o convite. E, quando foi domingo, às três da tarde, nós fomos lá na Rua do Curral assistir a essa reunião. E lá eu fiquei empolgada, porque aprendi o nome de Deus. Que até então eu sabia que Deus era Deus mesmo e não sabia que ele tinha um nome pessoal. Ai então eu fiquei sabendo que o nome de Deus era Jeová. E, conforme Salmos 83.18 que lá diz: “Para que as pessoas saibam que tu cujo nome é Jeová, somente tu és o altíssimo sobre toda a Terra.” E também eu fiquei aprendendo que Jesus era o filho de Jeová e que foi Ele que veio para Terra pra nos resgatar. Fiquei sabendo também que Deus também considerava nós como sua ovelha, as ovelhas Dele e que Ele cuidava de nós. Isso me deixou muito feliz. (Entrevista realizada em 02 de outubro de 2009)

As informações sobre Deus, Jesus Cristo e sua missão salvífica chamaram a atenção, tanto de dona Célia como de Alaíde. A curiosidade em descobrir uma nova religião, ou, o que essa religião tinha a dizer de novo para elas, fomentaram o desejo de participar da reunião. E, ao chegar lá, a explicação que ouviram a respeito do *nome de Deus* soou como uma novidade empolgante. Embora católicas de tradição, os ensinamentos bíblicos e presentes no Cristianismo no geral, mesmo que, com algumas diferenciações, se tornaram mensagens reveladoras do cuidado de um Deus, que parecia, anteriormente distante, apenas existente na tradição, mas que agora se manifestava de forma pessoal e particular para elas, principalmente porque o mesmo, através das Testemunhas de Jeová, havia revelado seu próprio nome às mesmas.

Pessoas e estrelas têm seus nomes. Acha que Deus também tem um nome? – O Grande Instrutor³⁵ disse que tem. Ele disse certa vez em oração a Deus: ‘Dei a conhecer o teu nome aos meus seguidores.’ – João 17:26. Conhece o

³⁴ Fazendo referência de Dona Alaíde

³⁵ O grande Instrutor, conforme o livro Escute o Grande Instrutor (1971) é Jesus Cristo

nome de Deus? – O próprio Deus nos diz qual é. Ele diz: “Eu sou Jeová. Este é meu nome.” Portanto, o nome de Deus é JEOVÁ. – Isaías 42:8.
 Gosta quando outros se lembram de seu nome? – As pessoas gostam de ser lembradas pelo nome. E Jeová também quer que as pessoas saibam seu nome. Portanto, devemos usar o nome Jeová quando falamos a respeito de Deus. (Torre de Vigia, 1971, p. 18)

Ainda na década de 1970 as Testemunhas de Jeová mudaram-se para a Av. Rio Branco, antiga Rua do Cemitério, uma das ruas mais conhecidas de Santo Estevão, e naquele período, uma das mais importantes, se reunindo na garagem da casa de Dona Alaíde. Mais tarde, já na década de 1980, a congregação mudou para o Salão do Reino localizado na Rua A. Dona Célia conta que, antes dos pioneiros que começaram o trabalho no centro urbano de Santo Estevão, estes já faziam os cultos evangelísticos na Caatiguinha, zona rural do município, tanto que, por muito tempo, a congregação que se instalou lá era chamada de Congregação do Oeste³⁶, enquanto que, a congregação urbana era chamada de Congregação do Leste. Como se deu essa inserção numa cidade majoritariamente católica? Quais as dificuldades de um trabalho pioneiro num campo que ofereceu resistências a uma nova forma de crer? Além das Testemunhas de Jeová, um grupo evangélico, os Batistas³⁷, da Primeira Igreja em Feira de Santana, instalaram uma congregação em Santo Estevão, na década de 1970 e em 1976, inauguraram o templo da Primeira Igreja Batista, nesta localidade.

A Festa do Padroeiro – Santo Estevão, comemorada no dia 26 de dezembro e as festejos juninos se constituíam eventos importantes e manifestações da cultura local, intimamente ligadas ao Catolicismo, pois estas festividades tinham um caráter santo, com as missas realizadas na Igreja Matriz, templo católico, e profano, com as apresentações de danças e grupos musicais na principal praça da cidade, a Praça 7 de Setembro. Essas manifestações culturais e sociais, relacionadas ao catolicismo popular se tornaram alvo de críticas dos protestantes e grupos dissidentes, como as Testemunhas de Jeová, como algo a ser combatido, por estar ligado à fé católica.

No final da década de 1970 e início dos anos 1980, a cidade apresentava algumas mudanças importantes em seu perímetro urbano com a chegada da agência do Banco do Brasil, por exemplo. O serviço de telefonia, com a venda de linhas telefônicas, também começou a encurtar as distâncias entre a cidade e a capital, Salvador, e demais localidades. No entanto, a compra de linhas telefônicas não foi algo acessível a toda a população santoestevense. O aumento do número de colégios municipais e estaduais também

³⁶ A presente pesquisa se concentrou apenas no estudo das Testemunhas na zona urbana de Santo Estevão.

³⁷ A Primeira Igreja Batista em Santo Estevão é fruto do trabalho da Primeira Igreja Batista em Feira de Santana.

colaboraram para o crescimento gradual do centro urbano, com construção cada vez maior de casas, em ruas como a que começou o trabalho proselitista do grupo Testemunhas de Jeová. Aos poucos, os terrenos vazios foram cedendo lugar a casas residenciais e de comércio.

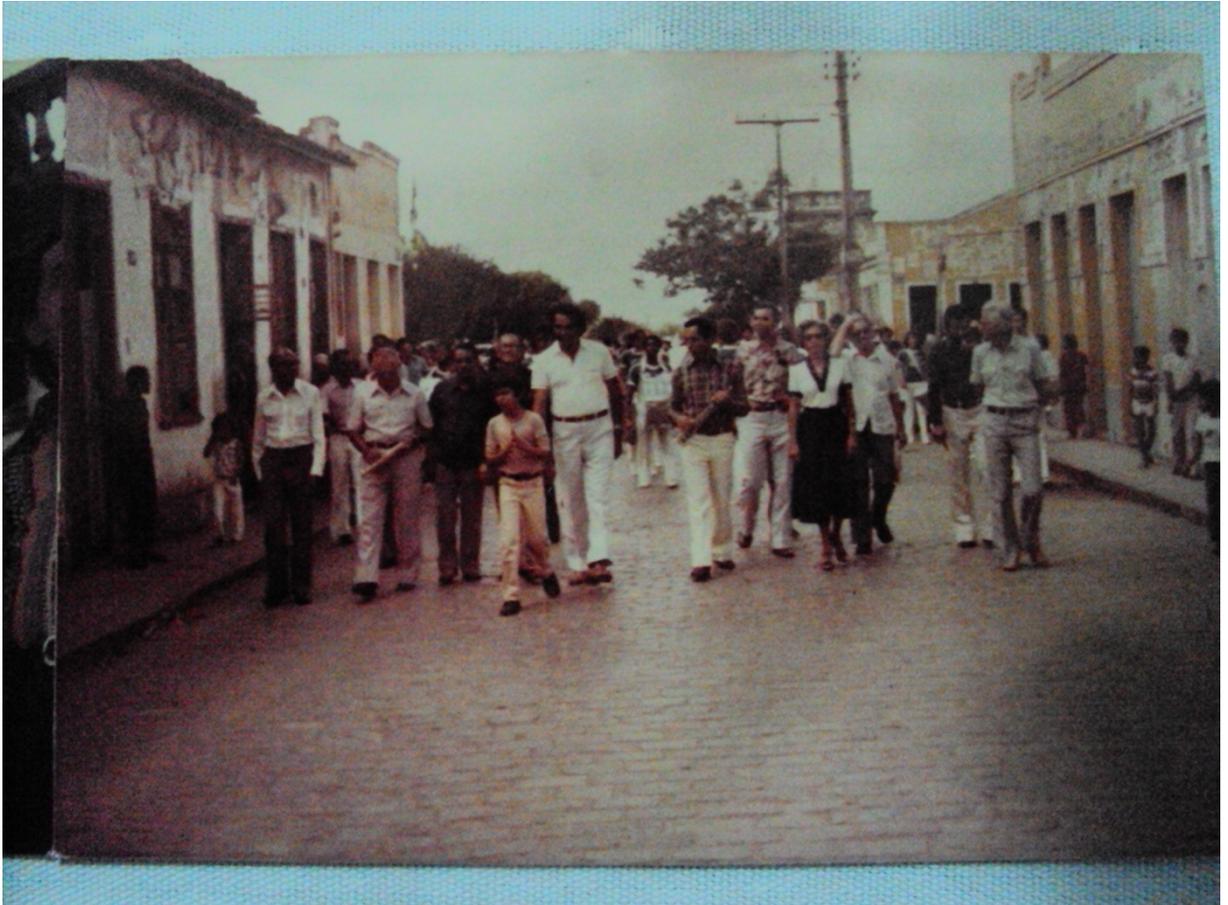


Imagem 3: Adar Miranda Cabral em Campanha eleitoral pelas ruas de Santo Estevão, em 1976, disputando o cargo de prefeita do Município. Rua próxima à Praça 07 de Setembro, em que estava localizada a Prefeitura Municipale a Câmara de Vereadores.

Fonte: Arcevo privado de Dona Adair Miranda Cabral

Não demorou muito para que Dona Célia começasse a participar do trabalho proselitista do grupo, fato que lhe trazia grande satisfação como ainda hoje lhe traz, principalmente, porque ela encarava-o como uma forma de alertar as pessoas sobre a *Religião Falsa* – o Catolicismo – e de cumprir com o *ide* de Jesus Cristo. Conforme Dona Célia:

(...) E então fui progredindo (...) e senti o desejo de pregar as boas novas do Reino, que é esse o trabalho das Testemunhas de Jeová. E ai então com três meses eu comecei a sair no serviço de campo, de casa em casa pregando e nas roças também pregar. Eu sei que eu era uma moreninha clara, fiquei pretinha do sol de tanto pregar e ficava empolgada e vinha feliz e queria logo, se eu pudesse, tirar as dúvidas das pessoas da, digamos assim, da religião falsa, por exemplo, de adoração falsa, eu já queria tirar aquilo da mente das pessoas, dizer que a Bíblia condenava. Eu fiquei muito empolgada

ao ponto de uma vez peguei as imagens de minha mãe e destruí. No entanto, hoje eu penso diferente. Não faria o que eu fiz no passado (Célia de Jesus, em entrevista, 21 de out/2009).

O entusiasmo com a nova fé, recém-professada, fez com que Dona Célia participasse dos trabalhos de evangelização do grupo em apenas três meses de estudos da Bíblia, tanto na zona urbana como na rural. Segundo ela, o desejo em pregar as boas novas do Reino a identificava como Testemunha de Jeová. A prática de pregação fazia com que a mesma se sentisse pertencente ao grupo e como tal, responsável por levar a mensagem que anteriormente tinha mudado sua vida, lhe tirando do engano do Catolicismo, chamado de religião falsa pelo grupo, conforme seu relato. Para os pioneiros Testemunhas de Jeová, a presença de uma recém-adepta do grupo, moradora da localidade, que conhecia muitas pessoas e lugares foi de grande importância nesse primeiro momento.

Segundo a mesma, o começo do trabalho foi bem difícil, apesar de toda a satisfação que lhe trazia. A experiência dela, por exemplo, pertencente a uma família católica fervorosa, na época uma adolescente, ter se convertido ao grupo trouxe grande resistência por parte de seus familiares, os quais procuraram fazer com que ela desistisse dessa escolha religiosa. Ela também entrou em conflitos com sua mãe, quebrando todas as santos católicos que a mesma possuía, fato que se arrepende atualmente.

O historiador Zózimo Trabuco, ao pesquisar sobre o *Instituto Bíblico Batista do Nordeste* (IBBNE) em Feira de Santana, Bahia, e seu papel na expansão e construção das “identidades religiosas dos quadros denominacionais” (TRABUCO, 2009, p. 16) daqueles que eram formados como líderes – pastores, missionários e educadoras cristãs – no período de 1960 a 1990, analisou também a experiência de conversão de alguns desses futuros líderes em seus Pedidos de Admissão. Em muitos desses relatos, a negação de antigos hábitos ou práticas religiosas estão sempre presentes, como uma forma de demonstrar as transformações que o Evangelho trouxe para eles. Segundo Trabuco:

Os modelos de narrativa de conversão e vocação se entrecruzaram em cada relato. Ao mesmo tempo em que se negava um antes religioso ou *irreligioso*, aformava-se no *depois* uma posição religiosa aprendida na vivência da nova fé, como o combate à idolatria, incorporação de um sentimento vocacional, a disposição para a atividade missionária constituíram-se representações que em conjunto delineavam uma identidade sobre o estar no mundo como um cristão batista... (TRABUCO, 2009, p. 159).

No livro *Escute o Grande Instrutor*, diz o seguinte a respeito de ser um cristão: “Quer ser discípulo de Jesus? – eu quero. Isso é realmente o melhor que podemos fazer. Mas, lembre-se que só dizer que somos cristãos não nos torna discípulos do grande instrutor, não é?”

– se formos mesmo seus discípulos, devemos demonstrar em tudo”. (TORRE DE VIGIA, 1971, p.58). Ou seja, colocar em prática os ensinamentos bíblicos que contém as características dos seguidores de Jesus Cristo é que torna alguém cristão. Através da prática, que provém também do estudo sistemático da Bíblia, que a identidade cristã é forjada no indivíduo, conforme os textos doutrinários das Testemunhas de Jeová.

Vistos com desconfiança e mesmo com repulsa por muitos santoestevenses, principalmente, durante o serviço de campo, isto é, o trabalho proselitista ou de evangelização, em que, insultos e palavras hostis eram dirigidas aos membros do grupo, além de muitas “portas fechadas” para eles, como relatou Dona Célia e outros irmãos Testemunhas. Segundo uma das Testemunhas de Jeová, que naquela época começou a ter contato com a congregação, as pessoas muitas vezes nem deixavam eles começarem a falar e já afirmavam sua religião, com a frase *eu sou católico ou católica*, tentando impedir que esse primeiro contato fosse possível. Como uma nova confissão religiosa naquela localidade, buscando seu espaço no interior daquele campo religioso, as Testemunhas de Jeová procuraram legitimar seu discurso como verdadeiro, perante a sociedade santoestevense, através da negação do catolicismo e suas práticas, como o que aconteceu com a própria Dona Célia, ao quebrar os santos de sua mãe. Negar o catolicismo e outras formas de crer era afirmar-se enquanto religião verdadeira.

Esta atitude de negação a outras crenças não é uma característica peculiar às Testemunhas de Jeová, mas várias denominações protestantes negam, até mesmo demonizam outras religiões, principalmente, as de origem africana. A demonização dos grupos espíritas, das religiões afro-brasileiras, entre outras confissões religiosas, chamados pejorativamente de seitas se encontra também presente na literatura produzida pela Denominação Batista. Segundo Trabuco:

Os grupos não cristãos, por sua vez, eram por definição classificados como seitas, não no sentido sociológico e sim no sentido pejorativo de ilegitimidade religiosa, e as religiões em que a associação com o Diabo era mais frequente na literatura, na prédica protestante, e nos relatos de conversão que encontramos foram: a maçonaria, o espiritismo e as religiões afro-brasileiras (TRABUCO, 2009, p. 161).

Num artigo da Revista *A Sentinela*, intitulado *Curandeirismo - devem os cristãos procurar tais curas?*, é explicitado:

(...) Mas os verdadeiros cristãos evitarão a macumba, o curandeirismo, feiticeiros e toda forma de espiritismo, inclusive considerado como bons espíritos pelos praticantes (...) O apóstolo Paulo advertiu os cristãos contra o perigo de dividirem sua devoção por recorrerem a outros deuses e não a Jeová: ‘Não podeis estar bebendo o copo de Jeová e da mesa de demônios.

Ou, estamos incitando Jeová ao ciúme? Será que somos mais fortes que ele?
1 Co. 10. 21,22 (Torre de Vigia, 1974, p. 373-378)

Segundo esse trecho do artigo, só existe um Deus, Jeová, uma só fé e as outras práticas religiosas são consideradas demoníacas e todo verdadeiro cristão deve evitá-las. Aqueles que vivem de acordo com os ensinamentos de Jeová não devem concordar e muito menos participar das atividades religiosas desses grupos que são vistos no texto como uma coisa só, sendo chamados, de forma generalizante de espiritismo.

Além do Candomblé e do Espiritismo, as Testemunhas de Jeová sempre tiveram como tema recorrente críticas à Igreja Católica, chamada por eles como a religião falsa, corruptora do Cristianismo, responsável muitas vezes por conflitos políticos, segundo o grupo, pela influência da mesma junto a governos, como o próprio estado brasileiro, durante o período de Getúlio Vargas. Outros protestantes, como os Batistas também designavam o Catolicismo como idolatria e o criticavam pela sua participação na política. No entanto, quando passaram a ter densidade eleitoral e visibilidade também, os batistas começaram a pleitear cargos políticos³⁸.

Desta maneira, as Testemunhas de Jeová viam a si mesmos como defensores da fé cristã e como tal, tinham a necessidade de esclarecer às populações de todo o mundo sobre os malefícios que o Catolicismo fazia não apenas ao Cristianismo como também à política e economia. Além disso, a visão redentora dos Estados Unidos, tanto religioso, como politicamente estavam presentes, segundo Castro, nesse anticlericanismo. (2007, p.105)

No entanto, ao criticar veementemente o Catolicismo, numa cidade construída ao redor de um templo católico – a Igreja Matriz – fundada por um padre e culturalmente construída sobre os ensinamentos dessa religião, suas festas, suas missas, como o próprio nome da cidade demonstra, *Santo Estevão*, nome do primeiro mártir do cristianismo, as Testemunhas de Jeová, assim como os demais protestantes, enfrentaram muita resistência por parte da população majoritariamente católica.

Durante todo o período estudado, entre resistências e adesões, já na década de 1990, o Salão do Reino em Santo Estevão contava com duas congregações, que se reuniam em dias diferentes, devido ao aumento do número de membros: a Congregação Central e a Congregação Progresso. A criação das duas congregações colaborou para que o grupo construísse um templo denominado Salão do Reino maior e num lugar melhor localizado, o que resultou na construção do Salão do Reino, em 2001, na Avenida Teixeira de Freitas, com

³⁸ SILVA, Luciane Almeida. *O comunismo é o ópio do povo: representações dos batistas sobre o comunismo, o ecumenismo e o regime militar na Bahia (1963-1975)*. Feira de Santana: (dissertação de mestrado), UEFS, 2011.

capacidade em torno de 200 pessoas, em cada reunião. Atualmente são três congregações existentes: Central, Progresso e Nova Esperança. A construção do novo salão durou cerca de 21 dias, com a colaboração de outros irmãos de cidades diferentes da Bahia, que trabalharam em mutirão. O dinheiro para essa construção foi cedido pela Organização Torre de Vigia, que faz empréstimos para a construção de templos. Esse dinheiro é devolvido depois para que outros templos sejam construídos em outras localidades.

A adesão ao grupo de professores, como o senhor Antônio, um dos entrevistados neste trabalho, assim como comerciantes e autônomos pode ter colaborado para o crescimento e consolidação das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão. O grupo foi se formando, com uma composição social bastante heterogênea, pois, além dos exemplos de profissionais citados, entre seus membros existem um número expressivo de feirantes, funcionários públicos, como oficiais de justiça, auxiliar de administração, micro empresários, donas de casa, motoristas, dentre outros. A maioria dos frequentadores do Salão do Reino são afro descendentes.

No campo religioso santoestevense, as Testemunhas de Jeová buscaram legitimar seu discurso e alcançar maior espaço através de uma atitude de distanciamento e diferenciação em relação aos demais grupos protestantes, diante de um campo cada vez mais diversificado, aumentando assim, as ofertas no mercado de bens de salvação, nos quais estavam presentes os protestantes tradicionais, neopentecostais, espíritas, religiões de matrizes africanas, adventistas e, principalmente, o Catolicismo.

A visão de mundo que as Testemunhas de Jeová trouxeram a Santo Estevão, durante esse período estudado, através dos discursos, representações e práticas construídas no decorrer de sua própria história encontraram uma sociedade de maioria católica, conservadora e patriarcal. Oposição e resistência, mas também receptividade conforme o grupo foi se inserindo no interior desta sociedade. Quando seus membros deixaram de ser pessoas vindas de fora, de uma outra cidade e passaram a ser professores, comerciantes, donas de casa, vizinhos e vizinhas que antes professavam outra fé ou não tinham nenhuma religião e que se tornaram Testemunhas de Jeová. Houve um processo de acomodação ao cotidiano vivido na sociedade santoestevense, principalmente pela visibilidade e prestígio social dessas pessoas, a exemplo de Dona Alaíde.

Representações de família entre as Testemunhas de Jeová

O modelo ou modelos familiares não são estáticos e mudam no decorrer da História. O modelo tradicional de família, por exemplo, baseado nas *relações de geração e de gênero*

(TRERBORN, 2011), sofreu mudanças, principalmente com a inserção da mulher em larga escala no mundo do trabalho, durante o século XIX e os movimentos feministas, do século XX, que o questionaram.

Ao estudar a relação família e religião, o objetivo central é tentar perceber esse apoio mútuo e como a religião, ou, as práticas religiosas podem influenciar na construção de *habitus* na família. O modelo familiar ideal produzido pelo discurso da Organização Torre de Vigia, tendo como base principal a Bíblia, resulta em representações e práticas entre os fiéis, seguidores em todo mundo, inclusive em Santo Estevão. De acordo com Toledo-Francisco (2002) em *Passagens Híbridas: relações de gênero e Pentecostalismo*, ao analisar as relações de gênero no movimento pentecostal e a concepção de família construída por alguns grupos pentecostais, considera que:

Podemos afirmar que não há diferenças significativas entre o discurso institucional e as falas dos membros de cada igreja quanto às suas representações sobre família, tomada em geral como instituição divina e que deve ser preservada. Por ter sido pensada e projetada por Deus, ganha significados universais e estáveis, seguindo o modelo da família burguesa do século XIX, que coloca o homem como o chefe, a mulher subalterna a ele e os filhos como um complemento do casal. (TOLEDO-FRANCISCO, 2002, p. 143)

Segundo a socióloga Maria das Dores Machado: “A religião e a família funcionam como uma espécie de mecanismo de equilíbrio, oferecendo ao indivíduo uma ordem integradora e cheia de significados para sua vida em sociedade” (MACHADO, 1996) Desta forma, elas se apresentam como referenciais sob os quais o indivíduo pode se desenvolver de forma completa e segura. E qual o discurso religioso produzido pela Organização Torre de Vigia a respeito da família? Quais são as representações e *habitus* que este discurso busca produzir?

No principal livro dos TJ sobre a família, intitulado *O Segredo de uma Família Feliz* (1996) a família é mostrada como a mais antiga e principal instituição terrena, responsável pelo desenvolvimento do ser humano e por uma sociedade bem estruturada. Sendo assim, trabalhar para a preservação e o bem-estar da família torna-se algo fundamental para o fiel Testemunha de Jeová e para conseguí-lo, é preciso basear-se na Bíblia, ou nos discursos produzidos a partir dela. Segundo o livro doutrinário:

Conselhos sobre conseguir uma família feliz aparecem de todos os lados (...) Onde, então, podemos encontrar orientação familiar confiável? (...) Essa fonte é a Bíblia. Segundo todas as evidências, ela foi inspirada pelo próprio Deus. Se estiver inclinado a descartar a possibilidade de que a Bíblia possa ajudar a produzir famílias felizes, considere o seguinte: Aquele que inspirou a Bíblia é o Originador do casamento. (Gênesis 2:18-25). A Bíblia diz que

seu nome é Jeová. (Salmo 83:18) Ele é o Criador e ‘Pai a quem toda família deve seu nome’. (Efésios 3: 14,15) Jeová observa a vida familiar desde o começo da humanidade. Ele conhece os problemas que podem surgir e dá conselhos para resolvê-los. Por toda a História, aqueles que sinceramente aplicaram os princípios bíblicos na sua vida familiar foram os que encontraram maior felicidade. (Torre de Vigia, 1996, pp. 10-11)

Através de exemplos extraídos da Bíblia ou de fiéis de várias partes do mundo, o texto *O segredo de uma família feliz* procura inculcar nos membros do grupo que a família precisa de Jeová para ser feliz e, mais que isso, ela precisa seguir sem questionar, seus ensinamentos e mandamentos. A orientação de Deus para o bom funcionamento familiar perpassa pela organização interna. Essa organização está ligada à distribuição e diferenciação de papéis entre os sexos e pela manutenção do poder masculino e, conseqüentemente, a submissão feminina a ele.

As Escrituras Sagradas assumem, então, o papel central na vida dos fiéis, não apenas nos assuntos familiares, mas em todos os aspectos de suas vivências, tanto entre as Testemunhas de Jeová, como entre os protestantes em geral, pois ela é considerada pelos mesmos, como *única regra de fé e prática* (SILVA, 1998, p. 240).

O texto bíblico tem muito a ensinar, conforme os membros do grupo entrevistados e os materiais impressos, a respeito das relações de gênero, os papéis que cabem a homens e mulheres no seio familiar, sobre a criação dos filhos, entre outros conselhos contidos nele.

➤ **Submissão feminina e diferenciação entre os sexos**

O mito bíblico da criação é relatado no livro de Gênesis, a partir do primeiro capítulo, no qual Deus, senhor único do universo, criou o primeiro casal humano, Adão e Eva, para viverem no paraíso chamado Éden, felizes para sempre. No entanto, no meio do caminho, ou melhor, do jardim, haviam duas árvores, uma da vida e a outra do *conhecimento do que é bom e do que é mau*³⁹, da qual eles não poderiam comer.

Mas, influenciada pelo Diabo – em forma de serpente –, a mulher comeu do fruto proibido e como se não bastasse, ofereceu ao seu marido, que também comeu, culminando com esta atitude em diversos castigos impostos por Deus aos homens, incluindo a morte. Além da punição que trouxe consequência para ambos, Adão e Eva, que foi a morte, houve também punições específicas de cada sexo:

³⁹ Gênesis 2.9 (Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, 1986)

À mulher ele⁴⁰ disse: “Aumentarei grandemente a dor da tua gravidez; em dores de parto darás à luz filhos, e terás desejo ardente de teu esposo e ele te dominará.”

E a Adão disse: “Porque escutaste a voz da tua esposa e foste comer da árvore a respeito da qual te ordenei, dizendo: não debes comer dela, maldito é o solo por tua causa. Em dor comerás dos seus produtos todos os dias da tua vida.” (Gênesis, 3.16-17, Tradução do Novo Mundo, 1986)

Para os protestantes, a hierarquização entre os sexos é consequência do pecado original, constituindo-se na submissão feminina ao homem – *ele te dominará* – e para ele, que não dera ouvidos ao que Deus dissera, mas ao que sua mulher lhe falou, seria o de trabalhar duro para suprir as necessidades de sua família. À Eva, no entanto, coube, dentro do imaginário cristão, a responsabilidade por ter feito seu marido, Adão, pecar. O conhecimento do bem e do mal, principalmente do mal, foi obra de uma mulher, que por causa de sua curiosidade, comeu do fruto proibido. Segundo Bianca D’Aébs Almeida: *Dentro da História do Cristianismo, a submissão da mulher é tanto reflexo de sua natureza inferior, quanto punição por sua responsabilidade pelo pecado.* (2006, p. 50)

Almeida em sua dissertação de Mestrado intitulada *Uma História das Mulheres Batistas Soteropolitadas* (2006), sobre a história e participação das mulheres na Denominação Batista, entre 1930 a 1960, busca analisar as representações sobre as mulheres que o discurso batista construiu e que se manifestou na prática dessas mulheres, principalmente, em seu importante apoio às lideranças masculinas. A autora trabalhou com mulheres batistas da Igreja Batista de Plataforma, com uma composição social de classes populares, e a Igreja Batista São, no bairro do Campo Grande, comunidade formada por pessoas das classes média e alta de Salvador. No capítulo dois, *Filhas de Eva*, em sua análise sobre a imaginário cristão acerca da mulher, ressalta que,

A interpretação patriarcal do mito de Eva tem-se perpetuado histórica e socialmente, sobretudo através da retórica e da oratória dos pais da igreja, sendo continuada nos reformadores. O discurso desses homens, ostentando como verdade divina por meio do clero e da publicação de suas leituras, tem oprimido e inviabilizado um número significativo de mulheres, principalmente as latinas e africanas, já marginalizadas por condições sociais, políticas e econômicas ao longo da História (ALMEIDA, 2006, p. 50).

Desta forma, através dos escritos bíblicos, que começa no Antigo Testamento, com o mito de Adão e Eva até os escritos paulinos no Novo Testamento, em suas diversas cartas, foi construído e solidificado ao longo da História e através das instituições sociais,

⁴⁰ Ele aqui se refere a Deus

principalmente através da família e da religião, as relações desiguais entre os sexos, cabendo à mulher o lugar de sujeição, como consequência de sua desobediência ao Criador.

Na carta do apóstolo Paulo aos fiéis de Efésios, escrita na década de 60 do primeiro século da era cristã, comentando a respeito das relações familiares, em especial, à relação entre marido e mulher, o apóstolo afirmou e advertiu,

As esposas estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o marido é cabeça de sua esposa, assim como também o Cristo é cabeça da congregação, sendo ele salvador [deste] corpo. De fato, assim como a congregação está sujeita ao Cristo, também as esposas estejam [sujeitas] aos seus maridos, em tudo. Maridos, continuais a amar as vossas esposas, assim como também o Cristo amou a congregação e se entregou por ela (Efésios 5. 22-25, Tradução Novo Mundo das Escrituras Sagradas, 1986).

Conforme o discurso cristão, o texto do apóstolo Paulo sintetiza os papéis de gênero que devem existir dentro da família, mas que se estende também ao funcionamento interno dos grupos religiosos. Papéis bem definidos podem ser observados nesta passagem, em que, à mulher cabe a subserviência e submissão e ao homem o papel de chefe do casal. Dois versículos bíblicos usados, secularmente, para construir representações e práticas familiares, pautado na diferenciação e hierarquização entre os sexos.

A analogia com o corpo humano, sendo a cabeça, parte responsável pelo comando e direcionamentos, representada por Cristo e pelo marido, procura estabelecer uma relação assimétrica entre homens e mulheres, em que, simbolicamente, o homem é aquele que toma as decisões, quem orienta, quem guia os passos de sua família, assim como Cristo faz com sua Igreja. Através da fé e de interpretações de trechos bíblicos, escrito em contexto social, cultural e histórico diferentes, procura-se naturalizar as desigualdades de direitos entre homens e mulheres, na atualidade. No entanto, distante de serem algo natural e inevitável, essas relações assimétricas, pautadas na dominação masculina são resultado de construções sociais e simbólicas que visam a manutenção dos poderes estabelecidos, tanto no grupo religioso, como em outras esferas da sociedade.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu movimento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2002, p. 11)

Elizete da Silva e Bianca D'Aebs Almeida (2011), no artigo comentado anteriormente analisam uma questão importante trazida pelas estudiosas feministas do século XIX e XX que foi uma releitura do texto bíblico e, principalmente, as interpretações feitas a esses textos, que servem para legitimar o poder masculino sobre a mulher. Essas estudiosas, procuraram desta maneira, fazer uma *historiografia cristã protestante* com ênfase na participação feminina.

A mensagem evangélica, difundida pelo protestantismo, colocou homens e mulheres em igualdade de condições perante Deus e nas relações religiosas. No entanto, mantinha-se intacto o primado masculino quanto ao ministério da pregação e a direção administrativa da comunidade. (ALMEIDA e SILVA, 2011, p. 341)

Sara Silva dos Anjos ao estudar *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana (1949-1980)* analisou a importância das mulheres assembleianas para o crescimento do grupo, pela grande atuação delas na ação proselitista, mas que, mesmo assim elas estavam sempre sujeitas a uma hierarquia, na qual o homem estava no topo. Segundo ela: *a estrutura simbólica da religião é, em muitos aspectos, hierarquizada* (ANJOS, 2008:16). As mulheres Testemunhas de Jeová são muito atuantes na evangelização, mas não podem ocupar nenhum cargo no grupo, como servo ministerial ou ancião, pois este é um papel exclusivamente masculino, seguindo as práticas de outros grupos protestantes.

Outra contribuição importante para essa análise são os estudos da socióloga Maria das Dores Campos Machado, em sua obra, *Carismáticos e Pentecostais – adesão religiosa na esfera familiar* (1996), em que ela trabalhou sobre a participação das mulheres dentro dos grupos pentecostais e carismáticos e como isso repercutia nas relações familiares, principalmente, pelo fato da maioria dessas mulheres pertencerem às classes mais populares. De que forma a adesão religiosa conferia a elas certa notoriedade, colaborando, inclusive, para sua auto-estima, por exemplo? Embora esses grupos incentivassem a submissão feminina frente a seus cônjuges, eles colaboravam no reconhecimento e enfatizavam a importância dessas mulheres, dentro do grupo e na família.

Em Santo Extevão as entrevistas revelaram práticas intrigantes como relatado por uma jovem casada⁴¹, que chamaremos de Karen⁴², pertencente ao grupo Testemunha de Jeová, em entrevista: *O homem é a cabeça. As mulheres podem dar opinião. Falando da minha*

⁴¹ Entrevista realizada na casa da depoente, em fevereiro de 2013.

⁴² Foi utilizado um pseudônimo como forma de preservar a identidade da entrevistada.

realidade, J⁴³. sempre procura ouvir minha opinião. O homem é a cabeça e pronto. Loren, outra jovem testemunha de Jeová, solteira, também ratifica esse pensamento: *O que a Bíblia diz é que o homem é a cabeça da esposa e Cristo, a cabeça da congregação.*

No livro *o Segredo de uma Família Feliz* está registrado o seguinte:

A Bíblia nos informa que o homem foi criado com atributos que o capacitaram a ser um bom chefe de família. Como tal, o homem seria responsável perante Jeová pelo bem-estar espiritual e físico de sua esposa e de seus filhos. Teria de fazer decisões equilibradas que refletissem a vontade de Jeová e ser bom exemplo de conduta piedosa (Torre de Vigia, 1996, p.31).

Ao se comparar a leitura de trechos das entrevistas e do texto acima referido, pode-se perceber uma reprodução pelos fiéis do discurso oficial da hierarquia de submissão feminina, sem nenhum espaço para crítica e mudanças, principalmente, quando a fala de uma das entrevistadas termina em, *o homem é a cabeça e pronto*, encerrando a discussão. No entanto, ao analisar a vivência dessas mulheres e, no decorrer da entrevista, com respostas para outras questões, analisadas mais adiante, pôde se perceber que a forma como essa submissão é expressa em suas realidades familiares muitas vezes é bem diferente do discurso oficial da hierarquia religiosa.

No que diz respeito à Karen, 29 anos⁴⁴, casada, começou a estudar a Bíblia com as Testemunhas de Jeová quando tinha 05 e 06 anos de idade. Ela e seu irmão começaram a fazer esses estudos com duas vizinhas, que se tornaram suas instrutoras. A partir da iniciativa deles, seus pais começaram também a estudar a Bíblia. Mais tarde, com 15 anos de idade, Karen se batizou. Nesse período toda a família já fazia parte do grupo.

Conforme a depoente, o fato de não ser muito “dada a amizades” e de sua família começar a participar das Testemunhas de Jeová colaborou para que ela não sofresse muita pressão para não entrar no grupo. Com 20 anos de idade, ela conheceu o seu primeiro e único namorado, com quem casou-se, no mesmo ano em que se conheceram. O amor, à primeira vista, segundo a mesma ocorreu quando eles participaram de um Congresso do grupo, em Feira de Santana. De cidades diferentes da Bahia, ele de Berimbau e ela de Santo Estevão, a comunicação se dava através de ligações telefônicas, até que ele conheceu sua família, numa visita, feita por ele, à mesma. Todas as vezes que seu, então namorado, vinha visitá-la, ele ficava na casa de um dos anciãos da Congregação Progresso, na qual ela congrega. As saídas

⁴³ Referente ao esposo da entrevistada

⁴⁴ A idade dos depoentes foi colocada conforme a data em que eles foram entrevistados.

para a pizzaria, por exemplo, aconteciam na companhia de seu irmão ou com algum membro do grupo, mais chegado à Karen e com horário para retornar. Foram 08 meses, entre namoro e noivado até se casarem. Ele veio morar em Santo Estevão e abriu uma micro-empresa de informática, em que ambos trabalham. Dessa união, eles possuem uma filha com 04 anos de idade. Além de empresária, ela está cursando Enfermagem.

Em casa, segundo Karen, as decisões, como, por exemplo, adquirir algo, passeios, educação de sua filha, são tomadas em comum acordo com seu marido, que, apesar do respaldo bíblico de ter a última palavra, não faz nada sem antes consultá-la. Segundo seu relato: *Falando de minha realidade, J⁴⁵ sempre procura ouvir minha opinião*. Para ela, o fato de ser consultada, pelo seu esposo, demonstra sua importância diante das decisões que o casal precisa tomar, dando-lhe um status, pois sua opinião se torna tão importante quanto o ato de decidir.

A necessidade dos maridos de ouvirem a opinião de suas esposas é algo salientado pelas entrevistadas, pois, apesar da chefia do homem sobre o lar, pregado pelas Testemunhas de Jeová, ao final as decisões são tomadas em comum acordo. Se a mulher não tem o poder, *ela tem poderes*, como afirma Perrot⁴⁶ (2001), ou seja, ela se utiliza de estratégias para conseguir seu espaço, ou mesmo, para influenciar nas decisões e atitudes masculinas de formas múltiplas, sem demonstrar abertamente que está fazendo isso. Segundo Lúcia⁴⁷, 40 anos de idade, casada com um ancião de Congregação, mãe de uma filha estudante universitária, em entrevista, afirmou que: *o homem é a cabeça, mas a mulher é o pescoço*.

Ao mesmo tempo em que ela reconhece e respeita a autoridade masculina, porque essa é dada pelo próprio Jeová, ela entende também que, através do diálogo e de outras estratégias, como a sedução, por exemplo, a mulher pode fazer com que sua vontade prevaleça. Testemunha de Jeová desde criança, já que fora criada num lar em que seus pais pertenciam ao grupo, a internalização dessa ideia parece ter naturalizado para ela as relações entre os homens e mulheres, as quais são construídas socialmente. No entanto, Lúcia acredita que a mulher pode, sem “transgredir” os princípios estabelecidos pelo próprio Deus, que incluem as relações assimétricas de poder entre os sexos, influenciar nas escolhas feitas pelo seu marido.

Porém, há um limite para essa sujeição ao poder masculino, ele é, conforme Cláudia, *relativo*, ou seja, o poder masculino sobre a mulher é limitado pelo próprio tratamento que o homem dá a ela – se a maltrata verbal ou fisicamente – ele perde seu efeito, quando o homem

⁴⁵ Inicial do primeiro nome do esposo da depoente Karen

⁴⁶ Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Editora Paz e Terra, São Paulo: 2001.

⁴⁷ Entrevista realizada na casa da depoente, em 27 de agosto de 2009.

deixa de suprir o sustento de sua família, estando a mulher livre para pedir o divórcio nesses casos, mas não para casar-se novamente. Segundo Cláudia: *O marido deve dirigir a casa de forma honrosa. O fato de ele ser chefe, não faz dele um tirano. O marido deve seguir o exemplo de Cristo, como ele tratava a congregação.*

O casamento não é um sacramento para os protestantes, como o é para os católicos. No entanto, o divórcio deve ser evitado, através de aconselhamentos para os casais que estão passando por dificuldades no relacionamento conjugal, e, principalmente, em se casar com uma pessoa que comunge da mesma fé, o que não significa também êxito na relação. (Silva, 1998)

As três entrevistadas citadas acima têm idade entre 30 e 45 anos, casadas e solteiras. Possuem formação superior, trabalham, são independentes financeiramente, estão inseridas numa realidade mais conservadora, como a sociedade santo-estevense, pela forte influência do Catolicismo em sua formação sócio-cultural e por ser uma cidade pequena, mas que conta cada vez mais com um número crescente de pessoas com nível superior, em diversas áreas – Saúde, Licenciaturas, Bacharelado em Direito, entre outras formações – num intercâmbio constante com a Academia.

Lorena⁴⁸, 33 anos, solteira, batizada em 09 de julho de 2011, anteriormente, aos 18 anos de idade já havia feito alguns estudos bíblicos com as Testemunhas de Jeová, mas, na ocasião, quando começou a namorar com um rapaz cuja família era da Assembleia de Deus, Lorena parou de estudar com o grupo. Em 2007, porém, ela se aproximou novamente das Testemunhas e retomou os estudos, culminando em seu batismo, posteriormente. Segundo a depoente, durante o período em que parou de fazer estudos bíblicos com as Testemunhas de Jeová ela perguntava pra Deus: “Qual o caminho que eu deveria seguir?” mais tarde optou pelo caminho das Testemunhas de Jeová.

De acordo com Lorena, quando começou a fazer parte do Salão do Reino o discurso de submissão feminina a incomodava, devido a sua própria vivência familiar como também, pelo fato de, neste período, está começando sua formação acadêmica, no curso de Licenciatura em Geografia. Filha de pais separados, ela e a irmã –tem outro irmão – tiveram que apoiar a mãe e assumiram algumas responsabilidades na família, o que a tornou, segundo relatou, numa “mulher independente”. A figura paterna não foi tão presente em sua vida, como foi a materna. A chefia do lar, então, coube à mulher, ou às mulheres, em seu caso e, por isso, ser submissa pareceu-lhe algo longe de sua realidade. A realidade de muitos lares brasileiros,

⁴⁸Entrevista realizada na casa da entrevistada, em fevereiro de 2013

principalmente, entre as classes populares é ter a mulher como arrimo de família, mães solteiras ou separadas, que criam os filhos, geralmente, sem o apoio, financeiro e emocional, de seus ex-parceiros.

O que fez, segundo Lorena, mudar de opinião foram os estudos da Bíblia, com textos como o de Efésios 5. 22, 23, comentados anteriormente, que aos poucos foram sendo aceitos por ela como verdade. Ela procurou adequar seus pensamentos e, de certa forma, suas próprias vivências, como o divórcio dos pais, ao que é entendido pelo grupo como uma relação saudável entre homem e mulher. Quando perguntada se faz parte de seu projeto de vida, casar, formar uma família nos moldes tradicionais – pai, mãe e filhos – ela afirma que: *Sim, eu penso que sim. Ter filhos, eu não sei, mas casar eu penso que sim.*⁴⁹ Embora a família com a qual ela sonha, possa não incluir filhos, devido, segundo ela, à própria falta de tempo que se tem em criá-los, o casamento, é uma possibilidade real. Ela é funcionária pública do município de Santo Estevão há mais ou menos 12 anos, trabalha 40 horas semanais, na secretaria de uma das escolas municipais, o que dificultaria ter tempo para educar filhos.

A independência financeira que ela conquistou também lhe impede de abrir mão do seu emprego para cuidar de uma ou mais crianças. Desta maneira, seu relato diverge do discurso cristão que naturaliza a formação de uma família. Apesar do texto bíblico: “Sede fecundos e tornai-vos muitos, e enchei a terra e sujeitai-a” (Gênesis 1.28 a, TNM), que torna a procriação algo inerente e também uma missão dos seres humanos, não é assim encarado por ela. Ter filhos, segundo a fiel Testemunha de Jeová, é uma escolha, uma opção e não uma realidade imposta pelo Salão do Reino.

Outra jovem solteira, a quem chamaremos de Alice, 23 anos, formada em Letras com Espanhol, com pós-graduação em andamento, professora da rede pública do Estado da Bahia, comunga de algumas ideias apresentadas pela entrevistada acima, em relação a casamento, filhos e submissão feminina. Alice começou a estudar a Bíblia com as Testemunhas de Jeová aos 06 anos de idade, mas demorou certo tempo, cerca de 10 anos, para ela se batizar. Sua vizinha na época Testemunha de Jeová, lhe propôs estudar a Bíblia com ela, que, por curiosidade e por gostar de ler, aceitou. “Estava tentando seguir um proceder diferente”, disse a mesma, enquanto as outras “pessoas estavam lá, curtindo adoidado”. Embora sua família não fosse Testemunha de Jeová, pelo contrário, uma “família predominantemente Católica com influências do Candomblé”, conforme nos relatou, não houve oposição ao seu interesse em estudar e, depois, em ingressar, através do Batismo, no referido grupo religioso.

⁴⁹ Ibidem

Segundo Alice, o casamento e filhos, não fazem parte de seu projeto de vida, ou pelo menos, não estão na sua lista de prioridades. Se isso acontecer, algum dia, acontecerá porque ela encontrou a pessoa que a fará assumir essa responsabilidade, caso contrário, a opção em ficar solteira será sua primeira escolha.

Do meu projeto de vida não faz. A pessoa não precisa constituir uma família para ser feliz. Não é o meu projeto de vida. A Bíblia não manda que ninguém case. Paulo até aconselha que aqueles que pudessem ficar solteiro, dessem lugar a isso, quem pudesse dar lugar a isso. Mas, assim, eu sempre tive uma visão, um pensamento assim de que a pessoa não precisa, porque tem outras formas de conseguir a felicidade. Então pra mim não é o meu projeto de vida, mas é claro que, se eu gostasse muito de uma pessoa, eu me casaria sim. É uma consequência. Não é aquela coisa eu tenho que casar, eu tenho que casar. Se acontecer é bom, se não acontecer paciência. (Alice, 06 de janeiro de 2013)

Buscando respaldo na própria Bíblia, Alice se sente tranqüila em tomar essa decisão, pois não estaria indo de encontro à vontade de Jeová. Por diversas vezes em seu relato ela reafirma que não é o seu projeto de vida o casamento, pois há outras maneiras de ser feliz, como servir a Jeová, estudar, trabalhar e não, necessariamente, contrair matrimônio. No que diz respeito ao questionamento feito sobre submissão feminina, a depoente contou que, quando começou a fazer parte do grupo, por ser “uma pessoa questionadora”, as mensagens proferidas nas reuniões e os materiais impressos, por exemplo, que abordavam esse tema a incomodava, e trazia questionamentos internos, mas que não eram externados para sua Congregação:

Eu sempre fui questionadora (...) Eu olhava assim: poxa, por que só os homens fazem o discurso público? Eu fui questionando, mas à medida que eu fui estudando, aí eu entendi que há papéis designados para os homens e até há motivos para que isso aconteça e há papéis designados para as mulheres. Mas eu não encaro isso hoje como uma forma de preconceito. Eu acho que é uma hierarquia. Da mesma forma Cristo é a cabeça da congregação, o homem é o chefe da família. Mas eu acho que Cristo, não sei se Cristo se sente humilhado por estar abaixo de Jeová, da mesma forma, eu acredito dentro do arranjo que há na Congregação, que a mulher não tem que se sentir humilhada. Existe papel pra ela. Hoje eu entendo, não estranho mais não. Entendo o princípio bíblico por trás disso. Hoje eu não estranho mais não. (Alice, 06 de janeiro de 2013)

Segundo seu relato, os questionamentos que ela fazia pra si e para Deus a levaram a uma pesquisa, nos textos bíblicos, que a levou a um entendimento e, por conseguinte, uma aceitação de que os papéis de gênero definidos e assimétricos dentro do grupo faziam parte de uma ordem estabelecida por Deus. Utilizando o exemplo de Cristo e fazendo uma analogia da

situação inferior dele em relação a Jeová e sua aceitação a esta condição, ela também deveria aceitar a condição de submissão à qual as mulheres estão destinadas.

A resignação da Alice, pelo menos em sua resposta, se debruça sobre o fato de que as mulheres formam um “exército” necessário para que o serviço de evangelização aconteça. Sem a participação feminina esse trabalho não avançaria. “As mulheres louvam, formam um exército. Na pregação tomam a dianteira. São maioria no serviço de campo”, acrescentou. Pontuou também que na limpeza e construção de Salões do Reino elas podem participar, “exceto no discurso público e na liderança, mas as mulheres participam de outras coisas”. Podemos perceber que, no exército formado pelas mulheres, os homens ainda constituem a liderança.

A construção de sua nova identidade, a partir do grupo e dos valores compartilhados por eles fez com que ela reformulasse suas concepções anteriores à sua adesão religiosa, reelaborando seu próprio modo de conceber as relações familiares. É importante refletir, como afirma Célia Silva, ao estudar mulheres assembleianas em Recife, que essa nova identidade não é construída sem conflitos, sejam eles interiormente no indivíduo como também do próprio grupo. Assim, “entendemos que é a partir da negociação, aceitabilidade, disputas e conflitos que se constroem a identidade, porém, esses conflitos não ocorrem somente em contraposição, mas também no interior do próprio grupo, pois não existe identidade homogênea e estática.” (SILVA, 2001, p.2)

A importância da família, a naturalização dos papéis de gênero, são discursos produzidos e reproduzidos em grupos religiosos como as Testemunhas de Jeová, que constroem representações e estimulam práticas, que justificam o poder e controle masculino. Conforme Bourdieu (2007), o objetivo dessa, como de outras representações religiosas, é manter uma estrutura já existente, através de sua legitimação

Em uma sociedade dividida em classes, a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribui para a perpetuação e para a reprodução da ordem social (no sentido de estrutura das relações estabelecidas entre os grupos e as classes) ao contribuir para consagrá-la, ou seja, sancioná-la e santificá-la. (BOURDIEU, 2007, p. 52, 53)

As representações, o modelo ideal de família foi construído com base em interpretações bíblicas, presentes na literatura produzida pela Sociedade Torre de Vigia, através do seu Corpo Governante, que representa a vontade de Jeová na Terra. Esta pequena equipe, dentro do próprio grupo religioso, composto exclusivamente por homens, ao afirmar a

liderança masculina sobre o lar, estaria também reafirmando esta chefia no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová. Desta forma, o homem, ao ser a cabeça do lar está apenas exercendo seu poder de fato e de direito e a mulher, ao ser submissa e ajudadora, também está cumprindo seu papel e sendo obediente ao que Jeová diz através de seu Escravo Fiel e Discreto.

➤ Criação de Filhos

A preocupação com a manutenção da felicidade familiar perpassa pelo cuidado com a educação religiosa dos filhos. Uma família feliz, para as Testemunhas de Jeová, é aquela em que há êxito na criação dos filhos e filhas, nos caminhos de Jeová. Para isso, cuidados e atitudes devem ser tomadas para que essa educação, ou instrução, como é chamada pelo grupo, possa ocorrer da melhor forma possível, como, por exemplo, a prática do estudo em família, com utilização de materiais que atendam às necessidades de cada faixa etária, além da atitude de levar os filhos às reuniões doutrinárias e estimulá-los a participarem delas, durante o estudo da revista *A Sentinela*, por ser esse um momento de participação da congregação durante a reunião. A hierarquia também está presente nas relações familiares.

Em sua dissertação de mestrado em Sociologia, intitulada *Violência Sexual na Família*, Acácia Batista Dias (1996) analisou as *representações sobre violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes* em Salvador, entre as populações pobres e predominantemente negra. Segundo seus estudos as relações entre pais e filhos são relações de poder, portanto, assimétricas e hierarquizadas. Conforme Dias, a relação entre o adulto e criança é: “(...) pautada em hierarquias que separam o adulto e a criança dentro da família e que delimita atributos diferenciados quanto a autoridade e obediência e quanto aos papéis sociais definidos aos pais e aos filhos. (1996, p.9). Desta forma, os pais dentro dos papéis definidos pela sociedade tem responsabilidades sobre a educação dos filhos, além de suprir as necessidades materiais e emocionais da criança.

Esta boa educação está intimamente ligada à disciplina e ao controle dos filhos pelos pais. Não basta apenas apontar a direção a seguir, é preciso evitar os atalhos ou “caminhos errados” – o que seria o afastamento deles do grupo religioso – e para isso, muitas vezes a disciplina, tanto física como verbal, ou proibições se fazem necessárias. De que forma os pais devem disciplinar seus filhos? Segundo o livro *O Segredo de uma família feliz*, a disciplina é uma forma de proteger a família de crises e problemas,

A Bíblia diz que “o rapaz deixado solto causará vergonha à sua mãe.” (Provérbios 29:15) Você tem o apoio de Jeová Deus em estabelecer e fazer vigorar regras familiares. Portanto, não ceda ao sentimento de culpa, remorso, ou medo. (Provérbios 1:8) Jamais comprometa princípios bíblicos. (Provérbios 13:24) Procure ser razoável, coerente e firme. Com o tempo, a maioria dos filhos corresponderá. (...) a disciplina envolve treinamento e instrução, não apenas punição. Um bom programa de treinamento espiritual evita problemas. (Filipenses 3:16) Assistência regular às reuniões cristãs é essencial. (Hebreus 10:24,25) Essencial também é realizar, semanalmente, um estudo bíblico familiar. (Torre de Vigia, 1996, pp. 108-109)

As referências bíblicas utilizadas no texto acima, servem como parâmetro e advertência também para os pais, sobre a importância da disciplina na educação de seus filhos, afim de que eles os temam e os obedeçam, pois, ao fazer isso, estarão obedecendo ao próprio Jeová. A disciplina é vista como um treinamento *que corrige a mente e o coração* e que deve ser feita pelos pais, *com amor, como Jeová faz*⁵⁰. Um significado comum de treinar e educar é adestrar, com a finalidade de produzir hábito. Desta forma, o objetivo dos fiéis Testemunhas ao fazer isso é produzir hábitos que os caracterizem como tais cristãos testemunhas de Jeová, evitando assim, que outros hábitos – nocivos à sua fé – sejam cultivados.

A preocupação com a influência *mundana* é uma constante em grupos cristãos, principalmente, os fundamentalistas, que fazem uma associação entre mundo e pecado. Evitar o mundo, ser influenciado por ele, é evitar o pecado. Mundo, dentro desse ponto de vista, é compreendido como sistema de valores que se opõem à moral e aos costumes cristãos.

É preciso preservar os filhos da *moderna “revolução sexual” com a sua “nova moralidade”* (A Sentinela, 1974, p. 276), referindo-se às lutas pela liberdade sexual e de expressão, que permearam o final da década de 1960 e início dos anos 70, através dos movimentos feministas e homossexuais. *Essa revolução sexual*, conforme os ensinamentos desse grupo religioso, é vista como uma ameaça para a família, principalmente, para os filhos, pelo medo de que se tem de que essas novas ideias possam influenciá-los negativamente, ou seja, que eles vivam segundo essa *nova moralidade*. Por isso, é importante sempre diferenciar as práticas de quem vive segundo os valores da Bíblia – as Testemunhas de Jeová – daqueles que vivem de acordo com essa nova forma de pensar, desqualificando as práticas tidas como contrárias aos ensinamentos bíblicos. Ao analisar esse mesmo discurso de invenção do *mundo e não mundo* pelos batistas, Jairo Rios afirma o seguinte:

⁵⁰O Segredo de uma família feliz, Torre de Vigia, 1996, p. 59

Esse espaço – “o mundo” – que fora se configurando como o oposto do universo dos batistas foi inventado pelos protestantes através de práticas e discursos que justificavam sua recusa. O outro espaço – “o não mundo” – passou a ser praticado e nomeado com condenações e repúdio a comportamentos que ameaçavam a espiritualidade dos batistas. Mas, direcionando essa criação para Serrolândia nos anos de 1950, notamos que as narrações acabaram fabricando “mundos” e “não mundos” de acordo com suas práticas. Ou seja, construíram realidades anteriores à conversão para recusarem tais comportamentos, inventando novas atitudes, que foram nomeadas e contadas para afirmarem um novo modo de vida (RIOS, 2013, p. 68).

Esse afastamento, *como se fossem indivíduos- fora-do-mundo*, também foi estudado por Igor Trabuco (2009) a partir do grupo pentecostal Assembléia de Deus em Feira de Santana e sua participação em questões sociais e políticas entre 1972 a 1990. Em sua pesquisa, Trabuco analisou como o envolvimento dos assembleianos feirense em trabalhos assistencialistas colaborou para um novo direcionamento, transformando-os em *indivíduos-no-mundo*. Isso não quer dizer que, tanto os assembleianos, como outros grupos evangélicos abriram mão de seus valores religiosos, mas que, por motivos como o próprio crescimento desses grupos, a busca por canalizar recursos para seus projetos colaboraram para a inserção dos mesmos em outras relações sociais.

No capítulo quatro de sua dissertação de mestrado, *Composição e Categoria*, Marli G. Teixeira (1975) analisa a *rigidez comportamental* dos batistas baianos, como uma forma de manter os *padrões doutrinários* e diferenciar-se do mundo e até mesmo de outras associações religiosas. A negação a si mesmo também era necessária como uma forma de se parecer cada vez mais com Cristo, afastando-se das práticas mundanas, inclusive nas relações matrimoniais. Conforme Teixeira :

A decisão de aceitar a doutrina batista, exigiria dele (o convertido) não apenas o grande esforço de desligar-se de comportamentos até aquele momento não formalmente proibidos, mas sobretudo, implicaria na desarticulação do seu próprio esquema existencial.(TEIXEIRA, 1975, p. 233)

A família, além da comunidade de fé, tinha, segundo Teixeira, o papel de vigiar a conduta de seus membros, a fim de evitar as chamadas práticas imorais, como o adultério e a fornicação. O não cumprimento por algum membro com os padrões morais estabelecidos pelo grupo religioso poderia resultar em sua exclusão da membresia.

Assim, o mundo, para os protestantes, deve ser evitado, pois suas práticas induzem ao pecado, ao sexo antes do casamento, à desobediência dos filhos, à contestação dos papéis de gênero e isso é extremamente perigoso, principalmente, para as gerações que nasceram nesse

momento de profundas transformações sociais e comportamentais. Esse é o desafio, para eles: estar no mundo, mas não ser do mundo, conforme o apóstolo Paulo afirmou em suas cartas bíblicas. O ancião José explicou as práticas de namoro entre as Testemunhas de Jeová:

As Testemunhas de Jeová são ensinadas a não ter sexo antes do casamento. Até pegar nas partes íntimas, chama de fornicação. É um namoro casto, um namoro que procura não violar os princípios bíblicos. Se tiver algum que fazer isso, chega o ponto até de ser desassociado. O namoro é um namoro respeitoso, honroso e sobre o homossexualismo não pode existir lá, porque a Bíblia fala, quem pratica tais coisas não herdará o Reino de Deus. Então homossexualidade, sexo antes do casamento, não pode ter com as Testemunhas de Jeová, se ter não é uma Testemunha de Jeová, é uma Testemunha falsa (...) Antes de ser batizados, são ensinados a não praticar tais coisas. (...) Ele não faz isso enganado. Quando é batizado, ele já tem na mente o que é ser uma Testemunha de Jeová. (José, 03/07/2009)

Conforme o trecho da entrevista com o ancião José, da congregação Central de Santo Estevão, os membros do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová precisam estar cientes de seus limites em relação a sexo antes do casamento e até mesmo sobre homossexualidade. A atitude de um fiel precisa ser diferente daquela apresentada pelas pessoas que não pertencem ao mesmo.

Há um contraste entre o estilo de vida das pessoas mundanas, isto é, das não-Testemunhas de Jeová, em relação às pessoas cristãs, como é enfatizado por membros do grupo. O conflito entre o verdadeiro cristão Testemunha de Jeová e as práticas da sociedade permissiva só é resolvido mediante o afastamento do cristão desses comportamentos considerados desrespeitosos e pecaminosos. De acordo com as fontes estudadas, está-se vivendo uma *era de promiscuidade*⁵¹, pela proximidade dos *últimos dias*⁵², daí a urgência de se estar atento a tudo que venha prejudicar a família. De acordo com Cláudia, ela só conseguiu levar a sério sua vida “espiritual”, quando perdeu o interesse pelas coisas mundanas, no caso, as festas.

No livro *Sua Juventude, o melhor modo de usufruí-lo* (1976), vários conselhos são dirigidos aos jovens, como uma forma de protegê-los contra as chamadas práticas imorais e as consequências que essas práticas podem trazer, como doenças venéreas, gravidez na adolescência e um casamento infeliz. Em um dos trechos do livro, questionamentos são levantados no intuito de fazerem os jovens associarem à liberdade sexual todo o tipo de maselas e problemas sociais, que observa-se atualmente.

Na realidade, qual é o bem que já resultou dum processo de imoralidade sexual? Por que é que se associam com ela tantas coisas indesejáveis,

⁵¹Revista A Sentinela, de 1º de abril de 1974

⁵²Juízo Final, denominado pelo grupo de Armagedom

inclusive as doenças venéreas aleijadoras, abortos, brigas ciumentas e até mesmo assassinatos? Por que é que em países de grande liberdade sexual a proporção dos divórcios muitas vezes está entre os mais elevados do mundo? É o divórcio um indício de bom êxito ou de fracasso? É sinal de verdadeira felicidade ou de infelicidade e insatisfação? (Torre de Vigia, 1976, p. 137)

Conforme a revista A Sentinela, os filhos precisam ser protegidos do sexo antes do casamento, da utilização de drogas, através de uma instrução baseada em princípios bíblicos. Através de perguntas e também de afirmações contundentes a literatura produzida pelos Testemunhas de Jeová procura chamar a atenção de seus leitores, para a responsabilidade dos pais de famílias na educação dos seus rebentos:

Está sinceramente interessado em ver que seus filhos se tornem pessoas honestas e retas, que amem a Deus e seu próximo? Sem dúvida, este é um de seus desejos mais vivos. Mas, dá-se conta de que a satisfação ou não deste desejo depende em grande parte de como os instrui? Isto é verdade. E é especialmente assim agora, quando há tantas pressões sobre os jovens, a fim de se voltarem para a imoralidade sexual, para o uso de entorpecentes e para outras formas de delinqüência. Este é o motivo pelo qual a educação de seus filhos é uma das atividades mais importantes em que vocês, pais, se empenharão na vida. Consideram-na tão importante assim? Sabem o que pode acontecer e *está* mesmo acontecendo em famílias em que os pais deixaram de manter uma comunicação regular e livre com seus filhos? (A Sentinela, Torre de Vigia, 1974)

Karen, do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão, relatou em sua entrevista a dificuldade em criar filhos, sem que estes se envolvam com as *coisas do mundo*. No caso dela, com uma filha ainda criança, as dificuldades se encontram, principalmente, na comemoração de datas como Natal, Páscoa, aniversários. Segundo a entrevistada, há uma preocupação em mostrar à sua filha que *ela não está sendo privada de algo bom*. Sua estratégia é fazer festinhas sem nenhum motivo aparente, dar presentes, para que ela compreenda que não precisa chegar o dia de seu aniversário pra comemorar, além de estar sempre conversando com sua filha o porquê de não participar desses eventos. As Testemunhas de Jeová não comemoram aniversário, pois, conforme o grupo, em duas ocasiões apresentadas na Bíblia em que isso ocorreu, registradas no livro de Daniel, Antigo Testamento, e nos Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas. No texto de Daniel, o aniversário de Belssazar acabou com a sua morte; nos Evangelhos, a morte do profeta João Batista se deu na festa de aniversário de Herodes. Essas festas são sinalizadas pelo grupo como festas pagãs, ou seja, de povos que não seguiam a Jeová e, não havendo nenhum relato de comemoração de aniversário entre o chamado “povo de Deus”.

O Natal também não é comemorado pelo grupo, pois, para eles, além de Jesus não ter nascido nesta data, conforme os indícios apresentados pela própria Bíblia, ela era uma “festividade pagã”. Por isso, os “verdadeiros” cristãos devem fugir dessa prática. Num artigo da revista *Desperta!*, de 22 de dezembro de 1993, intitulado *O que aconteceu com o tradicional Natal?* é dito o seguinte a respeito do tema:

Pode-se reconhecer o Natal pelo que ele é, uma celebração pagã que falsamente se apresenta como comemoração do nascimento de Jesus, e não ter nada que ver com isso. (...) Mas nem sempre é fácil adotar um proceder diferente da maioria. Muitos que decidiram optar por não mais participar concordam com isso. Mas sabem também que um profundo amor á verdade lhes tem dado tanto o incentivo como a força para tomar e manter essa posição. Pode acontecer o mesmo no seu caso – se você assim o desejar. (Torre de Vigia, 1993, p. 19)

A responsabilidade em educar os filhos norree grande parte dos materiais impressos desse grupo religioso em apreço. Para os que exercem liderança, por exemplo, é uma obrigação ter a casa em “ordem”, para servir de exemplo aos outros membros das Testemunhas de Jeová, principalmente para os que estão começando a sua jornada de fé.

Vários problemas podem ser enfrentados pela família em sua busca pela felicidade, os pais devem ter o cuidado com a educação religiosa dos filhos, a conduta e orientação sexual deles, o risco com a utilização de drogas e outras práticas condenadas pelo grupo são temas recorrentes na literatura produzida pela Organização como uma forma de alertar toda a família para os perigos que ela enfrenta ou poderá enfrentar caso as ordenanças de Jeová não sejam cumpridas. Segundo o livro *Escute o Grande Instrutor: Deus exorta os pais, nas páginas da Bíblia, a se interessarem pessoalmente em inculcar princípios corretos na mente dos filhos* (TORRE DE VIGIA, 1971, p.5).

➤ **“Macho e fêmea os criou”: as Testemunhas de Jeová e a Homossexualidade**

Para além do que já foi abordado como motivo de preocupação ao qual os pais precisam estar atentos, a masturbação e homossexualidade, tidos pelas Testemunhas de Jeová como algo *desnatural*, merecem uma atenção especial. Não apenas na literatura produzida, como também nos relatos dos entrevistados, a palavra *desnatural* foi comumente utilizada ao referir-se a essas práticas, principalmente, ao tratar-se da homossexualidade. Em relação à masturbação, os pais precisam orientar os filhos a não praticarem, pois ela, além de

desnatural, pode tornar-se um vício, podendo comprometer, inclusive, sua felicidade no casamento⁵³, além de incitá-los à prática da fornicção⁵⁴ e homossexuais. Conforme o texto:

Entregar-se em fraqueza aos desejos sexuais pela masturbação certamente não dará a você forças para enfrentar uma situação em que é tentado a cometer fornicção – ou mesmo homossexualismo. Bem ao contrário, cultiva o modo de pensar errado e o desejo errado. De fato, a masturbação pode levar ao homossexualismo. (TORRE DE VIGIA, 1976, p. 39-40)

A homossexualidade se apresenta para as Testemunhas de Jeová como um desejo, um mau comportamento aprendido e ainda, como um vício, levado por outro, a masturbação. Conforme Alice:

Em relação à homossexualidade, a Bíblia é clara em dizer que Deus criou Adão e Eva, um homem e uma mulher e também tem outros textos como I Coríntios 6. 9 e 10 fala também de homens que se deitam com homens que estes não herdarão o Reino de Deus. A prática do homossexualismo é comum hoje, mas sempre existiu e a Bíblia faz referências a isso e as referências que Deus faz por meio dos homens. Então eu, contra os homossexuais não tenho nada, até porque é uma escolha deles, mas a prática da homossexualidade debaixo de meu ponto de vista, que, claro, é um ponto de vista com todas as minhas ideologias, tudo. É uma prática condenável, não é uma prática que agrada a Deus. A prática, os praticantes não. Então, da mesma forma que a Bíblia fala, né, que é pra gente fugir da fornicção, em I Co 6.18 (...) os desejos são comuns a todos, hétero e homo, mas a pessoa escolhe se ela quer se manter firme, ela tem que amortecer⁵⁵. E como a Bíblia fala, a gente tem que ter um comportamento louvável. As pessoas que tem inclinações homossexuais elas, segundo a Bíblia, tem que se esforçar para que isso não prevaleça, porque isso acaba sendo um desejo, como muitos outros, como a bestialidade. (Alice, 06 de janeiro de 2013)

A referenciado primeiro casal, Adão e Eva, e de outros textos bíblicos comentados pela entrevistada reforçam a sua opinião de que a homossexualidade é uma desobediência àquilo que Deus ordenou. De acordo com o texto bíblico do livro de Gênesis 1.27: “E Deus passou a criar o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea os criou.” (TNM). Para ela, então, a pessoa homossexual deve escolher firmemente abandonar essa prática, para participar do Reino de Deus. Embora a prática da homossexualidade seja condenada, o tratamento dado à pessoa deve ser diferente. Segundo Cláudia, ao falar sobre homossexualidade: “A minha opinião é o que o Criador fala na Bíblia: uma coisa desnatural. Não tem como aceitar como certo; a gente não odeia os homossexuais, longe a homofobia, as atitudes deles não aceitamos como certo”. Karen acrescenta que: “Não é que eu discrimine o homossexualismo. Eu os trato normal, mas nunca me questioneei sobre isso, só sei que é algo

⁵³ Sua juventude, o melhor modo de usufruí-la (1976, p. 81)

⁵⁴ Relações sexuais antes do casamento, ou entre uma pessoa solteira com uma pessoa casada.

⁵⁵ Amortecer aos desejos da carne, à natureza pecaminosa.

condenável, assim como o adultério e a fornicação. (...) Classifico como uma atitude que se a pessoa quiser deixa, vejo como um vício”. Lorena, outra entrevistada, afirma que: “A Bíblia diz desde o Velho Testamento que não pode (...) Deus diz que não é correto; Deus nos criou, ele sabe o que é correto”.

O jovem Testemunha de Jeová precisa afastar-se dessas práticas, por temor e amor a Jeová, bem como os pais precisam ficar atentos a tais atitudes de seus filhos, afim de evitá-las, orientando-os por meio de conversas pautadas em textos bíblicos e materiais produzidos pelo Corpo Governante sobre sexualidade. Conforme o livro *O Segredo de uma família feliz*:

É especialmente assim com relação a assuntos sexuais. Pais sentem-se constrangidos de discutir sexo com seus filhos? Mesmo se assim for, esforcem-se nesse sentido, pois os jovens com certeza aprenderão sobre o assunto com alguém. Se não aprenderem de vocês, quem sabe que informações distorcidas obterão? Na Bíblia, Jeová não evita assuntos de natureza sexual e, tampouco devem os pais evitar. Provérbios 4: 1-4; 5: 1-21. (Torre de Vigia, 1996, p.68).

Entendida como uma prática errônea, a homossexualidade deve ser tratada. Em entrevista com um dos anciãos, relatou que há materiais específicos, dos quais apenas eles da liderança, nem outras Testemunha de Jeová tem acesso, que ensinam como eles trabalharem com aqueles que apresentam esse tipo de comportamento. É uma espécie de redirecionamento de homossexual para heterossexual. Diante das constantes discussões a respeito do tema, da contestação através da ciência e da luta dos movimentos gays e lésbicas, desde a década de 1970 refutando a concepção de que o homossexualismo é uma doença ou um comportamento anormal, mas apenas mais uma dentre as várias formas de viver a sexualidade, as Testemunhas de Jeová, assim como diversos grupos cristãos e de outras religiões, como o islamismo, ainda são resistentes a qualquer diálogo a respeito do tema ou aceitação da homossexualidade.

Durante a composição deste trabalho não se soube de nenhum caso de desassociação, nas congregações que compõem o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão, de desassociação ou dissociação pelo motivo de homossexualidade. Não quer dizer, todavia, que isso não tenha ocorrido, mas por se tratar de um assunto delicado, tanto para o grupo, como para a sociedade santo-estevense, ainda permeada de preconceitos sobre práticas homoeróticas, não nos foi informado.

A Revista A Sentinela, de 1º de janeiro de 1984, em seu curto artigo, de apenas uma página, *O homossexualismo é normal?* a partir da crítica a um filme norte-americano recém

lançado, no período, intitulado *Making Love* (Fazer Amor), sobre o tema. Um dos trechos do artigo, deve-se salientar, num tom bem ofensivo, declarou o seguinte:

Não importa como tal propaganda esteja alterando “o conceito das pessoas sobre o homossexualismo”, isso é tão detestável para o Criador do corpo humano como sempre o foi. A Lei de Deus exigia que os homossexuais no antigo Israel ‘sem falta fossem mortos’. (Levítico 20:13) E a lei de Deus para os cristãos indica que o Seu modo de pensar sobre o assunto não mudou. A Bíblia diz claramente que “os homossexuais” estão classificados junto com outros que “não herdarão o Reino de Deus”. — 1 Coríntios 6:9, 10, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*. (Torre de Vigia, 1984, p. 31)

Utilizando mais uma vez alguns textos bíblicos, conforme as entrevistadas assim fizeram, a Organização procurou enfatizar o caráter “detestável” para Deus, em relação à prática homossexual. A violência com que eram tratados os homossexuais no período do Antigo Testamento, ou das Escrituras Hebraicas, deveria servir de alerta, pois, embora o apedrejamento não seja mais realizado, eles perderão mais do que a vida, não desfrutarão do Paraíso aqui na Terra, conforme o Novo Testamento, ou Escrituras Gregas.

A família Testemunha de Jeová: “Nossa fraternidade mundial”

Além da importância da família consaguínea e do bom relacionamento que deve permeá-la, a família da fé também adquire um papel fundamental para as Testemunhas de Jeová. “Nossa fraternidade mundial⁵⁶”, como é chamada pelos membros a Organização, procura construir no fiel uma identidade pautada em novos laços de amizade e irmandade. Essa nova família na qual o recém-membro é inserido possui características próprias, vocabulários, regras e costumes, que além de produzir *habitus*, produz também um sentido de pertencimento àquele meio, uma construção da identidade através, ou, a partir do grupo religioso.

Materiais impressos não faltam para construir essa identidade Testemunha de Jeová nos fiéis. Todos estes tem como base os escritos bíblicos, sob a interpretação da Torre de Vigia, que enfatizam a importância da união dos membros do grupo, da convivência para além das reuniões no Salão do Reino, mas também, em momentos de lazer, de práticas de esporte, por exemplo. Com isto, o grupo acaba se fechando em si, o que contribui para a manutenção do poder simbólico da Organização, do não questionamento sobre ensinamentos

⁵⁶ Alguns entrevistados como publicações das revistas e livros das Testemunhas de Jeová trazem esse termo ao se referir ao grupo.

e práticas reproduzidos por eles, característica mais uma vez do fundamentalismo religioso presente no grupo, implicando no fato que eles não discutam “questões ligadas à fé com ninguém que esteja comprometido com a autoridade de seu grupo” (CASTELLS, 1999).

De acordo com Cláudia, solteira, membro do grupo, ao ser questionada sobre as relações de amizade entre Testemunhas de Jeová e pessoas que não pertencem ao grupo, ela diz o seguinte:

Tenho muitos amigos, no sentido de me dar bem (...) o que pode acontecer é a gente se apegar demais porque volta e meia, meia-volta, ela tem gostos, crenças diferentes e a minha associação muito íntima com ela pode me comprometer. Acheço só com os nossos irmãos, pois eles possuem mesmas crenças, anseios, desejos; são imperfeitos, mas amizade maior com os nossos irmãos (...) pensamento dos mundanos diferente dos da gente.

Outro membro do grupo, Lorena, também fez um discurso parecido ao de Cláudia e acrescentou que se sente mais à vontade com seus irmãos de fé em momentos de lazer e que, o fato de sua família – mãe e irmãos – não ser Testemunha de Jeová, faz com que a companhia dos irmãos da fé seja necessária para encorajá-la e fortalecê-la na fé: “Quando a gente sai junto – pessoal do Salão – a gente se diverte e se respeita, sem palavrões, sabe como se comportar”⁵⁷. A maneira de se comportar em público, principalmente, sem a utilização de palavrões, ou outra atitude tida como inconveniente para os padrões morais dos mesmos são utilizados pela entrevistada como justificativa para que ela procure estar na companhia – associação - de outras Testemunhas de Jeová, pois, para ela, os valores aprendidos e disseminados dentro do grupo fazem com que os fiéis prezem por um comportamento exemplar, principalmente fora do Templo Salão do Reino, que sirva de elogios por parte de outras pessoas que não pertencem ao grupo. Associação, ou associações são palavras comumente utilizadas pelas Testemunhas de Jeová para dizer sobre as relações de amizade, namoro, casamento com pessoas inseridas ou não, dentro do grupo.

No artigo *Para ser feliz, cuide de suas associações*, da Revista *A Sentinela* de 15 de julho de 1979 está evidente:

OS COMPANHEIROS que se tem, podem exercer influência para o bem ou para o mal (...) Portanto, se realmente quiser ter genuína felicidade e segurança, terá de evitar a associação daqueles que não amam o que é direito (...) A felicidade simplesmente não pode ser conseguida pelos que desconsideram os modos de Deus. (*A Sentinela*, 1979, p. 13)

⁵⁷ Entrevista realizada com Lorena (pseudônimo) em fevereiro de 2013.

A Revista *A Sentinela*, em seu artigo *Não deixe sua fé naufragar por desânimo ou personalidades*, os fiéis são chamados à atenção para o cuidado que devem ter em seus relacionamentos: “(...) os cristãos respeitam e confiam nos seus irmãos e irmãs provados e fiéis, e reconhecem a liderança e o exemplo de seus pastores fiéis, mas não devem permitir que outras criaturas humanas os façam sofrer naufrágio no que se refere à sua fé.” (TORRE DE VIGIA, 1976)

Em outro momento, na *A Sentinela* de 15 de maio de 1985 em *Amigos Genuínos – como encontrá-los?* reforça a sociabilidade intragrupal, as boas amizades.

Onde, porém, podemos encontrar amigos genuínos? Para começar, um bom lugar seria a congregação local das Testemunhas de Jeová. Esses cristãos genuínos usufruem tão boas relações que freqüentemente se referem uns aos outros como “amigos”, assim como faziam seus concórcios do primeiro século. (3 João 14) Estes eliminaram os fatores do orgulho nacionalista e racial, que separam as pessoas. Esforçam-se a revestir-se do que a Bíblia chama de a “nova personalidade”. Isto significa desenvolver qualidades atraentes tais como as “ternas afeições de compaixão, benignidade, humildade mental, brandura e longanimidade”. (Colossenses 3:10-12) Certamente conseguirá encontrar amigos desejáveis entre pessoas que fazem isso! (*A Sentinela*, 1985, p.7)

O que pode ser percebido nesses excertos do artigo, bem como nas entrevistas é a preocupação em criar e fortalecer os laços de amizade no interior do grupo, como uma forma de preservação da própria fé, evitando as influências externas – “criaturas humanas” e mundanas. As conversas após as reuniões no templo, as saídas para a evangelização, além de programações de lazer, como partidas de futebol, assistir a filmes juntos, se constituem em momentos e estratégias de aproximação entre os membros do grupo e uma forma de evitar também a presença e influência de amigos que não fazem parte da família Testemunha de Jeová, que podem trazer perigos ou conflitos aos fiéis.

No capítulo *Que espécie de amigos deseja ter?* do livro *Sua juventude, o melhor modo de usufruí-la*⁵⁸ (1976), é chamado a atenção dos jovens para as implicações de se ter amigos que não comungam da mesma fé, como também, daqueles que possuem *maus hábitos* (p. 65), pois a associação com estas pode resultar num esfriamento na fé e numa conduta duvidosa também. Segundo o livro,

Acima de tudo, deve pensar seriamente em como a associação com pessoas de práticas duvidosas pode afetar sua relação com Jeová Deus e o Filho dele. Em Tiago 4:4 se declara a verdade de que “todo aquele que quiser ser amigo

⁵⁸ Alguns dos livros publicados pelas Testemunhas de Jeová são estudados nas reuniões feitas no Salão do Reino, outros são para o estudo em casa, principalmente nos cultos feitos em família; Em uma das reuniões feitas semanalmente pelo grupo a prioridade é o estudo das Revistas *A Sentinela* e *Desperta!*

do mundo constitui-se inimigo de Deus”. Este princípio pode ser aplicado à nossa relação com qualquer pessoa, do mesmo modo como a nossa relação com o mundo como um todo. Se aprovarmos os modos impróprios de alguém ou preferirmos a companhia de tal em vez da de jovens que realmente querem agradar a Deus, então, não mostramos que somos amigos do mundo? Se quiser mesmo ter felicidade agora e no futuro, não deixe de aprender a prezar a amizade de Deus e de seu Filho. (Torre de Vigia, 1976, pp. 65-66)

Desta forma, os jovens Testemunhas de Jeová devem buscar amizades que o aproximem de Deus, e em que lugar eles achariam essas companhias, se não dentro do próprio grupo? Através da construção de amizades consistentes com outros fiéis, de acordo com o livro, eles estariam protegidos da influência mundana, o que colaboraria também para uma relação mais íntima dos jovens com o próprio Deus e seu Filho Jesus, conforme o trecho citado acima.

A família da fé, suas normas e costumes são colocados muitas vezes à frente da própria família biológica. Seguir seus direcionamentos significa, muitas vezes, abrir mão de certos valores que a família consangüínea possui ou possuía. Essas atitudes podem ser melhor observadas quando acontecem dissociações ou desassociações⁵⁹ no seio familiar e a opção em fazer a vontade da família espiritual, de afastar-se do membro desligado da Organização, foi a atitude tomada.

Mas, o que é ser uma Testemunha de Jeová? Quais os “caminhos” para se tornar uma Testemunha? Como toda construção, seja de uma casa ou de identidades, ela é processual e, no caso da identidade religiosa, perpassa por alguns rituais, como o batismo, no exemplo em questão. “O batismo, por exemplo, é uma das formas de se observar como uma pessoa procura se reconfigurar em sua história de vida. As simbologias são partes dos rituais e tem significado que pretende produzir realidades” (RIOS, 2012). Desta forma, para se tornar uma Testemunha é preciso passar pelo ritual do batismo. Antes dele, a pessoa é apenas um estudante da Bíblia, podendo sair juntamente com o grupo no serviço de campo, como um publicador⁶⁰ não batizado, mas é com o batismo que ele é de fato inserido na família da fé. Em todas as entrevistas feitas, quando perguntado sobre como foi o processo de conversão, os entrevistados faziam a ressalva: ao invés da palavra conversão, a utilização da palavra batismo, pois em seu grupo uma pessoa só se torna Testemunha de Jeová após esse ato.

⁵⁹ Dissociação ocorre quando um membro do grupo pede afastamento; desassociação, ocorre quando um membro é disciplinado e afastado da membresia do grupo, podendo retornar ou não, mediante seu comportamento e demonstração de arrependimento.

⁶⁰ O estudante da Bíblia ou membro do grupo que dedica algum tempo da sua semana para fazer o trabalho de evangelização.

No entanto, para se chegar ao batismo, não basta apenas estudar a Bíblia, sob a orientação de um instrutor, como é chamada os fiéis que fazem os estudos bíblicos com os não batizados, mas, ao longo desse processo de aprendizado, o estudante deve demonstrar comprometimento e avanço em relação aos assuntos estudados, suas doutrinas, mas também sobre a Organização, as regras e costumes que a envolvem, desde a utilização da pasta até a rejeição à transfusão de sangue. Esta pessoa deve demonstrar também as mudanças em relação ao seu comportamento, seus trajés, para depois ser batizada. Seria a profissão de fé, semelhante a outros grupos protestantes.

Ao estudar os Batistas na cidade de Serrolândia, no capítulo que trabalha sobre a simbologia do batismo nesta denominação protestante, Rios Junior enfatiza que,

Após aceitar os “desígnios divinos” como o motor da vida, “convertendo-se e livrando-se dos vícios do mundo”, através da “preparação com estudo da Bíblia” e dos fundamentos da Denominação Batista, é que a pessoa poderia passar pela etapa mais decisiva e definitiva de um cristão: o batismo. (RIOS JUNIOR, 2012, p.77)

Segundo Zózimo Trabuco (2009), *a importância do batismo para a identidade batista* era comprovada através do próprio nome do grupo. O batismo significava morrer para o mundo – práticas, valores e costumes – que se opunham à nova fé.

Marli Geralda Teixeira ressalta que:

Diremos assim que o zelo pela preservação da pureza da doutrina implicava em fiscalização e punição daquelas atitudes consideradas impróprias para o crente. Consideremos, sobretudo, que o compromisso formal do crente com a igreja – *oficializada pelo batismo*⁶¹ – implicava na exclusão de qualquer envolvimento com outros sistemas religiosos até mesmo de outros grupos protestantes. (TEIXEIRA, 1975, p. 227)

Essa nova vida que o batismo traz inclui novos irmãos e irmãs, novas atitudes, novos valores, que são trabalhados coletivamente e continuamente. Ele traz a responsabilidade de fazer parte de fato desse novo grupo e, por isso, a preocupação de que os membros, que se transformam em irmãos uns dos outros, sirvam de exemplo positivo para o grupo e para a sociedade também. Desta forma, a família da fé também exerce o papel de vigilância e controle de seus membros.

Conforme Maria das Dores Machado, “a distinção entre tradições protestantes e católica se baseia na conversão como ruptura simultânea com a confissão hegemônica e com a tradição cultural brasileira.” (MACHADO, 1996, p. 82) No entanto, Trabuco (2009) discorda dessa interpretação sobre conversão, pois, segundo ele “a pentecostalização do campo

⁶¹ Colocada em itálico para enfatizar.

religioso brasileiro, tem criado religiosidades fluidas, em que certos símbolos estão em constante circulação entre praticantes e instituições religiosas distintas e muitas vezes abertamente concorrentes”. (TRABUCO, 2009, p. 145). Dessa maneira, a conversão não se apresentaria apenas como uma ruptura de velhas e construção de novas práticas, mas ela seria também múltipla. Segundo ele,

Muito mais do que a substituição de esquemas de significação que define a conversão religiosa na perspectiva alvesiana⁶², o que se valoriza em algumas abordagens mais contemporâneas é a circulação de significados religiosos entre as instituições e praticantes da religião, que torna possível uma pluralidade de alternativas acessíveis para a escolha de uma nova instituição ou experiência religiosa por parte do sujeito contemporâneo. (TRABUCO, 2009, p. 144)

Hulda Stadler (1994), em sua tese *Religion and Cognition: religious commitment and reasoning in Brazilian Pentecostalism*, analisou as transformações na vida das pessoas que se convertem, a partir do contexto, ou seja, da instituição religiosa, em que aconteceu o processo de formação dessa nova identidade, no caso de sua pesquisa, nos grupos pentecostais. A relação conversão religiosa e família foi importante em sua análise, pois, conforme a autora, as mães exercem uma forte influência na conversão de seus filhos e cônjuges, pois, dentro desses grupos religiosos, as mulheres constituem maioria e são bem atuantes. Mesmo quando essas conversões não acontecem, as relações familiares, no entanto, tendem a ser transformadas. A partir de entrevistas realizadas com mais de 120 convertidos: “The mother seems to be very importante influence, especially in the conversion fo men. Mothers were singled out by the men as their main spiritual models in the family. That is a gender issue since the spiritual needs which lead people to conversion a women’s domain.” (STADTLER, 1994, p. 65)

Em relação às pessoas entrevistadas, membros do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão, havia uma necessidade em sinalizar este antes e depois, como foi o relato de Claudia. A sua aproximação com o grupo aconteceu após a morte de sua mãe. Conforme ela lembrou: “Tinha acabado de enterrar a minha mãe e eu tive um consolo da parte das Testemunhas de Jeová”. A partir deste momento, Claudia começou a fazer estudos bíblicos com uma Testemunha de Jeová, juntamente com sua irmã, mas, segundo a mesma, “meu amor às festas era maior que qualquer outra coisa”, o que dificultava sua adesão ao grupo. Com o tempo, o incentivo da irmã e a necessidade de adorar a Deus, fez com que ela

⁶² Diz respeito a Rubem Alves, que concebe conversão como ruptura, entre o antes e depois.

optasse por pertencer à Congregação. De acordo com Cláudia, “servir ao Criador não tem nada melhor”.⁶³

Não apenas a necessidade de acreditar e servir a um ser supremo, como ela narrou, como também questões relacionadas à família consangüínea, pode ter sido a causa de sua adesão ao grupo religioso, ou pelo menos o que a fez se aproximar inicialmente do grupo. O apoio que ela encontrou por parte de uma Testemunha de Jeová num dos momentos mais tristes de sua vida, bem como as respostas às perguntas que ela fazia naquele momento, como vida após a morte, podem ter colaborado para o ingresso no grupo religioso. No entanto, este processo de conversão, que culminou em seu batismo, como afirmou a mesma, não se deu sem conflitos entre os *desejos da carne* (festas, principalmente) e a necessidade de ter um Deus para adorar. As regras estabelecidas pelo grupo, seus costumes e valores ainda precisavam ser assimilados por ela e seu amor às festas precisava desaparecer para que Cláudia se tornasse, de fato, uma Testemunha de Jeová, adotando novos discursos e novas práticas.

Família feliz? Entre o discurso e a prática

Uma das questões a se pensar quando se estuda família e religião é como a apropriação ou apropriações do discurso religioso se manifesta na prática familiar? A religião ou religiões possuem seus modelos ideais de família, no entanto, por mais homogeneizador e perfeito que eles possam parecer, a apropriação que cada sujeito e, por conseguinte, cada família faz dele, pode variar e se diversificar.

Livros, revistas, discursos públicos, aconselhamentos, não faltam materiais e nem ajuda para que a família encontre a felicidade ao resolver seus problemas e se proteger das ameaças externas – os valores mundanos, o chamado secularismo. No entanto, ao se deparar com a realidade de uma crise conjugal, desassociação de membro da família, as atitudes tomam muitas vezes outra direção da esperada por um fiel Testemunha de Jeová. Os anciãos fazem visitas às famílias, chamadas de visitas de pastoreio. Pelo menos uma vez por ano cada família é visitada, podendo ser mais freqüentes, dependendo da necessidade – problemas - enfrentada por ela.

⁶³ Entrevista realizada na casa da depoente em março de 2013

Para uma melhor análise dos problemas que afetam tanto a família da fé quanto a família nuclear, foi dividido em dois subtópicos, no qual o primeiro trata sobre a desassociação e dissociação e o segundo sobre divórcio.

➤ **Desassociação e dissociação: quando a família da fé perde um membro**

A desassociação ou dissociação de um membro do grupo Testemunhas de Jeová podem significar um processo doloroso e conflitante, assim como para sua família, se esta fizer parte do grupo religioso. A desassociação se constitui no ato de ser afastamento da membresia por motivos como conduta sexual inapropriada – sexo antes do casamento, adultério, homossexualidade – violência doméstica, péssima reputação – ser um mau pagador, cometer algum furto – entre outras condutas que vão de encontro às regras estabelecidas pelo grupo. Antes, contudo, os anciãos procuram, através de aconselhamentos, resolver alguns desses problemas, com o fiel; a desassociação é a última e mais drástica punição tomada pelos líderes das congregações locais.

A dissociação, por outro lado, é o ato de afastar-se por vontade própria do grupo e, seja o motivo qual for, é rotulado pelo grupo como um ato de apostasia da fé, ou seja, negação da fé, a infração mais grave que alguém pode cometer.

Em ambos os casos, o membro que é afastado da comunidade religiosa ou se afasta e deixa de ser uma Testemunha de Jeová rompe um laço não apenas com a instituição, família da fé, mas, muitas vezes, com a família nuclear. Esta pessoa fica impedida de dirigir a palavra a outras Testemunhas de Jeová, de cumprimentá-la com uma simples saudação. Esse desligamento do grupo é informado no final de uma das reuniões, quando o nome da pessoa é lido em público e depois é notificado que esta pessoa não é mais uma Testemunha de Jeová.

No capítulo 7, intitulado *Há um rebelde na família?* do livro *O Segredo uma família feliz* (1996) apresenta o problema da rebeldia, dos filhos geralmente, que podem culminar numa desassociação dos mesmos. De acordo com um trecho do capítulo:

O apóstolo João disse a respeito de alguém que se torna um rebelde incorrigível na congregação: “Nunca o recebais nos vossos lares, nem o cumprimenteis.” (2 João 10) Os pais talvez achem necessário adotar uma postura similar com relação ao seu próprio filho, caso este seja maior de idade e totalmente rebelde. Por mais difícil e aflitivo que isso seja, pode ser essencial para proteger o restante da família. A família precisa de proteção e supervisão contínuas. (Torre de Vigia, 1996, p. 88)

O tratamento, no entanto, é diferenciado no caso de um filho menor de idade, em relação a um filho maior de idade que é desassociado entre as Testemunhas de Jeová. Segundo uma fiel entrevistada:

Nesse caso, quando se trata de filhos menores, os pais, eles continuam dando ajuda, para que eles venham a se restabelecer, no caso ai de filhos menores. Mas falando de membros da família, maiores de idade, é, não temos vínculo nenhum, no sentido espiritual, quer dizer, assuntos espirituais não são tratados para eles. Ele mesmo tem que se procurar se restabelecer. E também se morar na mesma casa, procuramos falar, ou seja, conversar o necessário. Por que? Porque a própria Bíblia diz, lá em I aos Coríntios, capítulo 15, versículos onze a trez, diz para não termos convivência com qualquer que se chame irmão e seja fornicador, bebedor, etc., nem sequer, a Bíblia diz assim, nem sequer comendo com tal homem. Então é bíblico e temos que obedecer e sermos também leais a Jeová, concernente aos membros de nossa própria família. (Lucia, 27/08/2009)

Em alguns exemplos, abordados neste trabalho, a família precisa se proteger de seus próprios membros, que, por algum motivo estejam assumindo comportamentos, que vão contra os ensinamentos das Testemunhas de Jeová. A atitude da família consanguínea deve ser firme, por mais que seja difícil e, se preciso for, ela deve afastar-se desse membro, para que ele não influencie outros, como os irmãos por exemplo. No entanto, as atitudes da família pode se apresentar de maneira diferente daquela esperada pela instituição religiosa.

As fontes orais utilizadas neste tópico se referem a pessoas que tiveram membros de suas famílias desassociados e também um relato de dissociação e as conseqüências, tanto para a pessoa, sua família parental e a família Testemunha de Jeová. O primeiro exemplo é a do professor aposentado Antônio, casado, pai de uma filha apenas, um dos primeiros anciãos locais – os primeiros eram de Salvador – alguém respeitado tanto internamente como fora do grupo, foi afastado desse cargo, que exerceu por muitos anos, por causa da desassociação de sua filha. Em seu relato, o professor rememorou:

No meu caso específico, eu só tive uma filha e ela na adolescência, ainda na escola, ela começou proceder de modo inadequado, inadequado, a um ser cristão. Chamou atenção, deu escândalo e ficou o assunto muito conhecido na comunidade e... não teve outro jeito que não fosse eu ser desqualificado. Naquela ocasião parecia que era uma coisa menor, uma adolescente desajustada, que logo poderia se ajustar e, talvez, não demorasse muito, eu pudesse reaver a condição de ancião. Mas aconteceu que não foi assim. A minha filha parou de estudar, com o tempo, é, chegou aos 18 anos foi trabalhar fora e não firmava em emprego, e tinha a vida irregular e ficava lá e cá, e aparecia com más companhias e, de qual forma era minha filha e para a congregação eu não poderia aceitar tá dando cobertura a uma pessoa já maior de idade que estivesse envolvida em assuntos de consciência não boa. Mas filho a gente fica impossibilitado de bloquear acesso a sua casa. Chega em sua casa, precisando de moradia, de alimentação, de assistência, de

remédio e essas coisas é difícil de se negar pra o filho.(18 de julho de 2009, casa do depoente)

A desqualificação a qual ele se refere foi a perda do cargo de ancião que pode ser retomada, o que ainda não aconteceu em seu caso, devido a atitude tomada por ele de abrigar sua filha, juntamente com dois filhos e mais o companheiro dela em sua casa, algo inaceitável para um dirigente de Congregação das Testemunhas de Jeová. Embora, em sua vida pessoal não exista algo que o comprometa – não há nenhum problema de ordem moral– ele não está, segundo as doutrinas Testemunhas de Jeová, qualificado para o cargo, pois falhou na instrução da sua família. Esse sentimento de falha pôde ser observado durante a entrevista, o que o fez, por um lado, aceitar o afastamento como uma atitude correta do grupo em relação a sua realidade, mas de outro, fazer a sua escolha de aceitar sua filha em casa, mesmo não concordando com as práticas comportamentais da mesma.

Na Revista A Sentinela de 1º de fevereiro de 1976, no artigo *Quem está qualificado para ser um ancião?* está escrito:

Paulo fez uma pergunta, depois de dizer que o ancião precisa ser homem que preside de modo excelente à sua própria família, tendo os filhos em sujeição, a saber: “Deveras, se um homem não souber presidir à sua própria família, como tomará conta da congregação de Deus?” (1 Tim. 3:5) Paulo reconheceu que na família de Deus há mais vidas em jogo do que na família dum homem. Por isso é necessário que ele esteja bem qualificado na sua capacidade de tratar dos assuntos de sua própria família no interesse geral de todos. (Torre de Vigia, 1976, p. 88)

Há uma preocupação constante em ser exemplo, ter credibilidade perante a sociedade e dentro da comunidade de fé, principalmente, para aqueles que exercem cargos dentro do grupo. Segundo Antônio, como ele poderia aconselhar alguém ou mesmo fazer alguma advertência, se a família dele não estava de acordo com as leis de Jeová? A sua palavra, então, seria descredibilizada. Dai a atenção que é dada à família, como mantenedora dos ensinamentos religiosos e também como um exemplo a ser imitado, por isso, que ela precisa viver de acordo com o que é estabelecido como doutrinas e normas pelo grupo.

A atitude deste ex-ancião, a maneira como ele se apropriou dos ensinamentos das Testemunhas de Jeová, a partir de sua própria experiência de vida, personalidade, a maneira como sua filha retornou para casa, se desenrolou diferentemente daquilo que era esperado dele enquanto um ancião da Congregação, membro do grupo, mas não em relação a sua identidade enquanto pai, o que não significou sua discordância com a doutrina a respeito

disso, mas, que, ele a aplicou de acordo com a sua realidade, obedecendo a outros critérios, que para ele pesaram e valeram mais que manter o cargo de ancião no Salão do Reino.

Não foi essa, no entanto, a realidade de dona Marina e seu esposo, também ancião de Congregação. Como sujeitos que são de sua história, a atitude que eles tomaram com um filho desassociado – possuem três filhos -, foi de afastá-lo do convívio familiar, como uma forma, segundo ela, de preservar os outros filhos da má influência que ele se tornara, não apenas pela desassociação, mas também pelo seu comportamento:

Mas tínhamos assim um contato limitado com Alfredo⁶⁴. (...) Nós nos limitamos a pouca conversa com A. Ele tinha acesso dentro de casa, conversava com a gente o necessário, ele tinha ajuda necessária. Mas, nas questões de assuntos espirituais nós não o envolvíamos nos assuntos e chegou um tempo, chegou um determinado tempo, que infelizmente o comportamento de A. foi piorando cada vez mais, pelas más companhias, foi ficando assim, um pouco, passando do limite e chegou uma hora que o meu marido, depois de conversar com a família⁶⁵ teve de pedir pra ele sair (...) então pra proteger os nossos outros dois filhos, nós pedimos a ele pra sair. Mas, esmo nesse caso, quando a gente pediu pra ele sair a ente deu todo o suporte, todo o suporte... aluguel de lugar pra ele ficar, dando assistência e, dizendo a porta aber, pra o momento em que ele precisasse, que ele desejasse voltar pra casa, que ele precisasse de ajuda, que nós estávamos prontos pra dar essa ajuda pra ele(...) tanto que, quando ele viu que ele tinha que voltar, que ele viu que ali realmente não era o tipo de vida, não era bom, que tava prejudicando, que ele se conscientizou, ele veio em busca de ajuda e a gente estava pronto a ajudar, embora com muitas recaídas, mas toda vez que ele solicitava ajuda, socorro, a gente nunca deixou longe. (Marina, 02 de outubro de 2009)

No período em que foi realizada a entrevista, o filho de Marina tinha 1 ano e meio mais ou menos de falecido. Ele morreu atropelado quando saía, com sua motocicleta, da pousada pertencente à família. É pertinente salientar que ele era filho adotivo. Foi adotado quando tinha mais ou menos 06 meses de vida. Na ocasião, o casal não tinha ainda filhos biológicos. No entanto, não se pode afirmar que o tratamento dado a ele, não seja dado aos outros, pelo fato dele ter sido adotado. Ela também, em nenhum momento da entrevista se referiu a ele como filho adotivo – essa informação obtivemos com outras Testemunhas de Jeová. Suas primeiras palavras ao falar de Alfredo foi a de que era um menino que todos amavam, professores, os irmãos da congregação, um exemplo, comprometido com o trabalho de evangelização das Testemunhas de Jeová, mas, no período da adolescência, as “companhias erradas”, segundo a depoente, o influenciaram negativamente.

⁶⁴ Refere-se ao filho da entrevistada.

⁶⁵ Família parental

De acordo com Marina, apesar de tirá-lo do convívio do lar, eles procuraram dar toda a ajuda necessária, pagando o aluguel, não deixando que nada o faltasse. Apesar do contato ter que ser o mínimo, mas ele podia frequentar a casa de seus pais e, quando quisesse retornar, ou precisasse de ajuda para “mudar de vida, eles estavam aptos para socorrê-lo. Mesmo depois da morte dele, ela continuou defendendo a postura tomada por sua família, como a melhor naquele momento, da qual ela não se arrependeu.

Nisso não significa que não deixamos de amar aquela pessoa, seja somente um irmão na fé, ou seja um filho, ou um irmão ou um pai ou uma mãe, né. Não deixamos de amar aquela pessoa, não deixamos de atender as necessidade dela, de socorrer no momento que precisar, estamos em total disposição daquela pessoa. Mas evitamos um contato mais íntimo. Por exemplo, quando nós estamos fazendo nossos estudos em família, né, conversando sobre assuntos espirituais, preparando nossas reuniões, que as Testemunhas de Jeová tem esse hábito, nós não incluímos aquela pessoa. Agora, se a pessoa, o desassociado demonstra algum desejo de acompanhar, ela não será impedido de fazer isso. Agora, essa questão da desassociação, alguns que não sabem... que não conversam com uma Testemunha de Jeová, tem um ponto de vista distorcido: “Ah, foi desassociado, renega, não sei o que”! E a coisa não é bem assim, né. Por exemplo se tiver um desassociado que passou ali na rua e com problema de saúde, um acidente...ai Feira de Santana, não tem mais transporte, eu tô com carro....paramos o carro e trazemos essa pessoa no nosso carro. (Marina, 02/10/2009)

As necessidades do momento podem fazer com que a postura com o membro desassociado mude, como as descritas pela depoente acima. Mas terminando o momento em que a pessoa precise de uma ajuda, por exemplo, as relações de amizade não são restabelecidas até que a mesma retorne ao grupo. Conforme Marina, o afastamento é uma maneira também de pressionar a pessoa à voltar para o grupo. Como suas relações de amizade e reconstrução de sua identidade perpassam por ele, estar sem o convívio, sem o afeto e amizade dos membros, podem colaborar para abreviar seu desligamento das Testemunhas de Jeová. “Evitamos um apego, uma amizadinha, porque se fizermos assim, o desassociado, ele vai ver a necessidade dele corrigir a situação dele e retornar. Porque na verdade, a disciplina é justamente pra induzir o errante a corrigir as coisas e voltar para o convívio.” (Marina, 2013) A postura da mesma e de sua família parental esteve em consonância com o trecho do livro escrito no início do tópico. A “proteção” da família em relação a um filho rebelde é importante para que não afete aos outros e nem mesmo a congregação.

A Testemunha de Jeová Lucia, comentou a respeito da situação de desassociação que ocorrera na família de Marina. Segundo a mesma, apesar de desassociado, Alfredo frequentava regularmente as reuniões no Salão do Reino e até ia em Congressos, acompanhado por sua mãe, fato que a mesma não nos relatou em sua entrevista.

Desde o dia em que ele foi desassociado, ele nunca deixou de ir às nossas reuniões, até mesmo Congressos, né. Visto que os nossos congressos não é na mesma cidade, é em Amélia Rodrigues e ele pedia a mãe dele para acompanhar ele de moto. Ele saía daqui de Santo Estevão até Amélia Rodrigues com a mãe de moto para assistir ao Congresso. Mas a mãe fazia isso, porque ele pedia para que a mãe o acompanhasse. (Lúcia, 27/08/2009)

A desassociação de Alfredo não representou seu afastamento completo do grupo. O fato de frequentar regularmente as reuniões, ir aos Congressos, podiam ser indícios que havia uma vontade de voltar à comunhão das Testemunhas de Jeová, ao grupo que era sua família também, com o qual sempre esteve envolvido em todas as suas atividades. O sentimento de pertencimento, de identidade ainda estava presente nele, o que não o deixava se afastar completamente do convívio da comunidade religiosa.

Além do mais, nunca perca a esperança. Seus empenhos de educar corretamente o errante podem por fim influenciar o coração dele e fazê-lo cair em si. (Eclesiastes 11:6) Bom número de famílias cristãs passaram por essa mesma situação, e algumas delas viram o filho que se desviou retornar, como aquele pai na parábola do filho pródigo, de Jesus. (Lucas 15:11-32) O mesmo pode acontecer no seu caso. (Torre de Vigia, 1996, p. 89)

Uma trajetória bem diferente, pois diz respeito a um dissociado, foi a relatada por Daniel, ex-pedreiro, afastado de suas atividades por questão de saúde – ele sofre de epilepsia e tem crises constantes, além de problemas circulatórios – casado há 20 anos, pai de dois filhos e batizado em 12 de janeiro de 1988. Daniel começou a fazer estudos bíblicos com o grupo, por influência de seus primos. Na época ele morava ainda em Feira de Santana, sua cidade natal. no entanto, por causa dos problemas de saúde que ele já começava a apresentar , começou a faltar muito às reuniões, o que foi chamado à atenção pelos dirigentes da congregação a que pertencia e por seus parentes também, pois grande parte de sua família é Testemunha de Jeová.

Ele contou que, por muitas vezes “desanimou na fé”, pelas constantes faltas, inclusive em Congressos do grupo, ora por causa da saúde, ou por falta de dinheiro mesmo. durante esse período, ele conheceu a sua esposa, que na época, bem como agora, não era Testemunha de Jeová. Mais uma vez foi criticado por namorar e casar com alguém que não fosse do grupo.

Muitas pessoas, teve pessoas lá como parentes, me deu bastante conselho que eu esperasse para eu adquirir ou conseguir uma companhia, uma namorada ou um casamento no meio deles lá, com pessoas da própria congregação. Mas eu passei tanto tempo esperando, e eu já tinha essa idade e não tinha mais como conseguir isso no meio deles. E eu consegui fora. Pra mim já era uma alegria. (Daniel, 08 de março de 2013)

O receio de ficar sozinho, principalmente, devido á sua condição de saúde e à idade, que ele associa como um determinante fez com que ele desobedecesse o princípio do casamento endogâmico, feito com pessoas do próprio grupo, o *casamento no Senhor*. As críticas a sua decisão se somaram ao fato dele não ser um membro regular nas reuniões, nem nas saídas para o evangelismo.

No ano de 2000, ele e sua esposa, juntamente com seus filhos vieram morar em Santo Estevão. Ela era natural desta cidade e a maioria de seus irmãos e irmãs moravam no município. Seu pai já era falecido e sua mãe tinha pouco tempo que havia morrido. Em uma nova cidade, ele se viu numa outra realidade, pois sentiu a diferença de tratamento da Congregação que frequentava em Feira de Santana, para a congregação em Santo Estevão, principalmente, porque lá, segundo o mesmo, tinha o apoio de sua família.

A primeira casa em que morou em Santo Estevão ficava muito distante do Salão do Reino, por esse motivo, algumas vezes ia de carona com irmãos da congregação. No entanto, em muitas ocasiões, quando ele passava na casa, a pessoa já tinha ido, ou ele ficava esperando em sua residência e a pessoa não ia buscá-lo. Tudo isso, somado ao fato de sua família não pertencer ao grupo, ele diz ter enfraquecido na fé novamente:

Com os problemas de saúde somando, ao ponto dele se afastar das atividades profissionais, sua assistência perante o grupo foram ficando mais raras. “De tanto eu me sentir com essas falhas, o desânimo, os problemas na minha mente. As influências também, eu não boto culpa na família. Quando eu me casei a família⁶⁶ sabia que eu tinha essa religião, porque eu casei e continuei... e companhia pra eu encontrar e ir pra lá pras reuniões. Tudo isso me desanimou bastante. (Daniel, 08 de março de 2013)

As justificativas apresentadas por ele em ter pedido a dissociação estavam centralizadas no fato de seus problemas neurológicos. O medo de passar mal, como acontecera algumas vezes, no trajeto ao culto, por isso a necessidade de ter companhia, todos esses impecilhos, fizeram com que ele tomasse a decisão de se dissociar do grupo, em uma reunião com os anciãos de sua Congregação, a Progresso:

Eu pedi. Eu pedi que eles deixassem pelo menos um tempo (...) A esperança de um dia quem sabe... depois de esfriar a cabeça, como se eu fosse dando um intervalo, eu querendo voltar atrás... se eu tivesse o desejo de voltar atrás, pra mim as portas estivessem abertas. E tanto que aí, foi nesse tempo mesmo que eles me disseram que pra eles eu seria mais um inimigo do que aqueles que eram associados com casos de praticarem coisas erradas, entendeu, praticarem seus pecados e a, pra eles, eu era pior, mas eu era mais inimigo do que um outro que eram desassociados. (Daniel, em 08 de março de 2013)

⁶⁶ Referindo-se a sua esposa.

Embora ele soubesse que tanto a desassociação como a dissociação culminassem no afastamento não apenas da membresia do Salão do Reino, mas também dos membros do grupo, já que esses, a partir daquele momento evitaria qualquer tipo de contato com a pessoa que estivesse nessa situação, no seu caso, devido aos motivos que o levou a pedir o afastamento, esse tratamento seria mais brando. A dissociação é tratada com mais rigor, pois, o apóstata é aquele que renega a fé, que se afasta por vontade própria, constituindo-se “um inimigo”, conforme os anciãos disseram a Daniel, quando conversaram com ele.

Isso me magoou bastante. Porque isso não era pra ser tratado assim, porque se muitas outras pessoas hoje, até hoje ainda falam comigo, que eu não tô mais no meio, mas mesmo assim, esses, para eles eu sou um grande inimigo por ter me afastado do grupo deles. Eles me disseram que não podiam falar mais comigo por eu me afastar por dissociação. (Daniel, 08/03/2013)

Ele explicou a sua mágoa pelo fato de algumas Testemunhas de Jeová, mesmo sabendo que ele pediu a dissociação, ainda o cumprimentarem, enquanto que, outros, principalmente os que exercem liderança terem uma postura, que para ele é até ofensiva. Por este motivo, ele repensa seu interesse em voltar ao grupo, sabendo, inclusive, que seria uma tarefa árdua, pois o retorno não é aceito tão logo a pessoa pede, mas leva um tempo, até que os irmãos e, principalmente, os anciãos, compreendam que houve uma mudança real na pessoa. Enquanto isso, ela passa a frequentar as reuniões, sentada nos últimos bancos e não deve dirigir a palavra a ninguém.

No entanto, no final da entrevista, quando perguntado se ele a cederia para este trabalho, mesmo tendo sido explicado desse procedimento, ele relutou em conceder, com medo de que a gravação fosse ouvida pelos anciãos de sua Congregação e tornasse inviável seu retorno ao grupo, pois não devem conceder entrevistas sem autorização dos líderes.

➤ **Divórcio: o que Deus uniu não o separe o homem**

E quando o problema da família está associada ao adultério? Uma das questões que mais colocavam a família em risco, dentro do pensamento das Testemunhas de Jeová, contra a qual se deve lutar para que não aconteça era o divórcio. A revista mensal *Desperta!* de 08 de junho de 1993, intitulada *Divórcio – a porta para uma vida mais feliz?* enumerou alguns dos motivos para o divórcio, dentre os quais o sexo extraconjugal, a violência doméstica, problemas financeiros como também a inserção cada vez maior da mulher no mercado de

trabalho e sua independência, além das mudanças comportamentais no mundo. Segundo o texto:

Apesar de serem variados os motivos do divórcio, há algo por trás do surto mundial. (...) Outro importante fator que contribui para o fracasso conjugal são as “mudanças na atitude da sociedade em geral” ou, como diz a revista *Journal of Marriage and the Family*, “um declínio no ideal da permanência conjugal”. Para os noivos da década de 90, o tradicional voto de casamento de “até que a morte nos separe” já não significa exatamente isso. Eles continuam a procura de um cônjuge melhor. Se é assim que os recém-casados encaram seu vínculo, quão forte será este? (Torre de Vigia, 1993, p. 6)

A “banalização” do casamento, como uma realidade do comportamento social, principalmente nas sociedades ocidentais é encarado como um elemento importante para se compreender o porquê do número cada vez maior de divorciados. Segundo a Revista *Desperta!*, as pessoas não levam mais a sério o compromisso assumido com o outro na cerimônia de casamento, ou mesmo antes dele, no noivado. Como então resistir a essas mudanças e lutar pela preservação do casamento?

Apesar de ser um dos sacramentos católicos e não dos reformados, alguns grupos protestantes, como batistas, presbiterianos, pentecostais (assembleianos, Igreja Cristã do Brasil, por exemplo) têm uma concepção de indissolubilidade do casamento. Por isso, lutar pela manutenção do mesmo, se apoiando na fé, deve ser uma das atitudes que o casal, principalmente a mulher deve tomar.

Em sua análise sobre *Conversão e Adesão Religiosa: Justificativas e consequências*, entre mulheres pentecostais, de *classes médias ou populares* e carismáticas, de *classe média*, Machado (1996) fez algumas ponderações sobre a adesão religiosa dessas mulheres e os conflitos que ela causou, assim como, os problemas domésticos que levaram muitas dessas mulheres a procurar alguma comunidade religiosa, em busca de apoio. Essa inserção em grupos religiosos, pentecostais ou carismáticos serviram, em muitos casos, para aplacar as brigas domésticas, evitando assim, uma possível separação. De acordo com a autora: “Para a maioria absoluta das mulheres⁶⁷ (...) a conversão evitou uma separação, independentemente da alteração do comportamento dos maridos” (MACHADO, 1996, p. 112).

Foi a experiência vivida por Daniela, 48 anos, divorciada, mãe de dois filhos, Professora do município e Coordenadora Pedagógica do Estado da Bahia, batizada em 1998. Os problemas conjugais a levaram, conforme a mesma, a buscar o consolo na religião. Foram 25 anos de casamento e há 01 ano ela encontra-se divorciada. Conforme conversas e

⁶⁷ Refere-se as mulheres entrevistadas em sua pesquisa, pentecostais e carismáticas.

questionário respondido pela mesma, desde o início do casamento, os problemas começaram a aparecer e, quando seu filho tinha 01 ano e maio de idade, seu marido, na época, simplesmente saiu de casa, justificando apenas que não dava mais pra eles viverem juntos.

A reação da mesma, foi apenas chorar e seu filho, mesmo criança, ao vê-la nesse estado, também começou a chorar. Segundo Daniela, eles passaram o dia todo chorando. Nesse período, moravam na pequena cidade de Ipecaetá, durante os cinco primeiros anos de casamento, a 11km de Santo Estevão. Depois de algum tempo, eles reataram, mas as crises e traições continuaram. Chegou até a ficar noiva de outra mulher, estando casado com ela. Como vendedor de peças de veículos e estava constantemente viajando, o que facilitava os atos de infidelidade. Em diversas ocasiões a depoente encontrou comandas de motel nos pertences do marido. Foram ao total seis ou sete separações, ao longo de mais de 20 anos de casamento, até que ela optou em se divorciar.

O divórcio só aconteceu depois de dezenas de tentativas de reconciliação ao longo dos vinte e cinco anos de casamento e após ter perdoado várias vezes o adultério na relação conjugal. Mas, como qualquer pessoa, o cristão sofre as consequências da infidelidade: perda de confiança, diminuição do respeito, esfriamento do amor, enfim, a relação conjugal se deterioriza, chegando a ponto de você não conseguir conviver mais com a pessoa que ama, mesmo sabendo das dores emocionais que o divórcio pode causar, mesmo temendo a quebra das relações entre as famílias, também do distanciamento dos filhos com o cônjuge que deixou o lar... Enfim, é uma sensação de verdadeiro pesar, tudo é abalado. (Daniela, abril de 2014)

Daniela ponderou, por muitos anos, as consequências de uma separação definitiva, de acordo com sua resposta, a respeito de sua experiência de divórcio. Além desses motivos, o sentimento também fazia com que ela relutasse. Em algumas ocasiões em que ocorreu a separação de corpos, ele se aproximava dos irmãos de fé da mesma, visitava o Salão do Reino e até chegou a fazer estudo bíblico com um deles. No entanto, ao reatar, ele se distanciava do grupo, apesar de nunca pertencer de fato.

Foi perguntada à depoente houve ajuda por parte dos anciãos da Congregação Nova Esperança, e ela respondeu:

Muitas e muitas ajudas por parte dos anciãos ao longo dos dezesseis anos que sou batizada e congrego com esses irmãos, que acompanharam de perto essas idas e vindas da reconciliação. Sempre apoiados na Bíblia me aconselhavam e me incentivavam a fazer o que era correto aos olhos de Deus. Mas também deixavam claro que, a depender da minha decisão, se esta estivesse em harmonia com a vontade de Deus, que todos me apoiariam, como de fato aconteceu, após dezesseis anos de orações e súplicas a Jeová, percebi que não agüentava mais e decidi pelo divórcio. (Daniela, abril de 2014)

A ajuda dos anciãos, seus irmãos de fé, foi um amparo importante durante todos os anos em que lutou pelo seu casamento. O fato dele não ser Testemunha de Jeová e de cometer muitos adultérios fez com que eles a apoiassem na decisão de se separar, mas essa decisão foi o último recurso e não a primeira opção tomada pela mesma. Atualmente Daniela quer refazer sua vida, talvez encontrar alguém, desde que este seja também Testemunha de Jeová. Seus dois filhos, uma menina, com quase 20 anos e cursando Enfermagem e um menino, com mais de 20 anos, cursando Psicologia moram com ela e a apoiaram nesse processo de separação. Sua filha visita as reuniões do grupo, faz estudos bíblicos, mas ainda não se batizou. Seu filho, no entanto, não frequenta regularmente e nem é batizado, embora tenha estudado a Bíblia e é simpático às doutrinas das Testemunhas de Jeová.

A entrevista com Karen colaborou também para se pensar como os problemas de adultério e separação afetaram ambas as famílias. No caso dela, essa separação durou apenas um ano, depois de quase 10 anos de casamento, quando a mesma decidiu dar uma segunda oportunidade ao seu marido, segundo ela, por amá-lo e também por tentar seguir os princípios de Jeová, como o perdão. Marcela *casou-se no Senhor*, expressão usada pelo grupo para se referir a um casamento entre pessoas Testemunhas de Jeová, que compartilham a mesma fé, com um *namoro honroso*, conforme relatou. Não apenas as Testemunhas de Jeová, mas grupos protestantes comungam deste pensamento de casar somente com pessoas de seu grupo religioso.

Depois de alguns anos de casamento, começaram as traições por parte dele, que resultou na separação de corpos, não antes de frustradas tentativas de reconciliação e ajuda por parte dos anciãos. No entanto, quando parecia que o casamento tinha de fato acabado, tendo ela o direito de se divorciar e casar novamente, segundo as doutrinas do grupo, eles reataram, pois para ela, a família tem um peso muito importante na vida de uma pessoa. Eles tem uma filha, o que também influenciou em sua decisão.

O esposo de Karen permanece afastado do Salão do Reino – desassociado – o que, segundo ela, não compromete o relacionamento deles, pois ela não deixou de se relacionar normalmente com ele e nem com o irmão dela que também está desassociado. De acordo com Karen, não há necessidade em deixar de falar com a pessoa ou mesmo em limitar o relacionamento com ela, pelo menos quando se trata de família e crítica, mesmo que sutilmente, a atitude de pais que optaram por mandar seus filhos embora de casa. Conforme a mesma: “É uma questão pessoal, a pessoa decide. Conheço pais que colocaram seus filhos

para fora de casa, por pensar: eu criei você na Organização⁶⁸”. Karen acredita no retorno de seu irmão e marido para o grupo, mas não se sente desconfortável em manter sua relação com eles antes de suas desassociações.

A conduta moral, através do chamado *namoro honroso*, ressaltado pela entrevistada, pode ser analisado a partir da concepção de pureza, não apenas entre as Testemunhas de Jeová, como também entre grupos protestantes. No meio protestante, por exemplo, em que há um único padrão sexual tanto para homens como para mulheres, manter-se casto antes do casamento, constituiria assim como uma busca pela santificação. Conforme: “A preparação dos jovens casais para o matrimônio, além de inculcar a pureza sexual, tinha o objetivo explícito de manutenção saudável da convivência conjugal, evitando assim, oportunidades para separações e divórcios”. (SILVA, 1998, p. 289)

É interessante observar que, a rigor, os batistas afirmam categoricamente que a sexualidade só pode ser desfrutada dentro do casamento monogâmico entre um homem e uma mulher, nunca antes do casamento por pessoas solteiras, nem fora dos limites do casamento. Dessa forma, qualquer prática fora desses limites torna o sexo degradante, conforme o texto supracitado. A moral católica parece dividir espaço com a moral puritana herdada dos movimentos pietistas da reforma protestante. (ALMEIDA, 2006, p. 76)

Segundo Almeida, a *moral cristã protestante*, mesmo condenando a *fornicação e o adultério em homens e mulheres, parecem mais tolerantes com os homens, pois eles são naturalmente inclinados para o sexo*, (2006, p. 80) diferentemente das mulheres que conseguem controlar seus impulsos sexuais. Partindo dessa mesma linha de raciocínio, embora o discurso das Testemunhas de Jeová trate de forma equânime homens e mulheres, na prática como esse discurso se manifesta? Não seria a desigualdade de tratamento entre os sexos, principalmente no que diz respeito ao adultério, um dos motivos do perdão e reconciliação de Karen ao seu marido? É preciso salientar que essas diferenciações de tratamento entre os sexos são construções sociais, que se manifestam em suas instituições, como a família e a religião. A sociedade brasileira vê com “maus olhos” a traição feminina, enquanto faz “vista grossa” a essa prática quando é feita por homens.

A complexidade e imprevisibilidade da vida fazem com que o sonho de uma família feliz possa muitas vezes ser interrompido, ou pelo menos, tenha que adequar às escolhas pessoas de seus membros, às desassociações ou dissociações, à traição de um dos cônjuges, à rebeldia de um dos filhos. Por mais que a religião construa respostas para a família, crie *habitus* para ela, a apropriação do discurso religioso se dá levando em conta as outras

⁶⁸ Entrevista realizada na casa de Karen, em 07/02/2013, na casa da depoente.

identidades do sujeito, suas experiências e suas escolhas, bom como o contexto histórico e local.

Os depoimentos dos Testemunhas de Jeová analisados neste texto , as memórias compartilhadas, de assuntos tão particulares, tão, privados, colaboram para se pensar como as mudanças sociais e comportamentais, dos questionamentos levantados à família patriarcal, chegaram a um grupo fundamentalista, que procura resistir a essas transformações e que cria mecanismos de defesa, afirmando e reafirmando seu discurso sobre família.

Esses sujeitos religiosos se apropriaram do discurso religioso e o ressignificaram levando em consideração suas próprias peculiaridades e de suas famílias. As crises familiares, brigas e adultérios podem significar o fracasso da família ou elas apenas afirmam que não existe um modelo único e perfeito de família? O modelo existe no discurso oficial, mas as fontes revelam formas diversas de apropriação pelos fiéis.

Dentre as muitas representações construídas pelo discurso religioso das Testemunhas de Jeová está o da família feliz, apesar dos problemas que ela possa enfrentar, a família, segundo este discurso, pode alcançar a felicidade, se tão somente seguir os preceitos de Jeová, permanecer no grupo, seguindo suas orientações. Esta família precisa cultivar o hábito de ir às reuniões, participar do serviço de campo, separar um tempo para ler a Bíblia e orar juntos, saber os papéis que cabe a cada um dentro do lar, para que, problemas como separação, e desassociação, inexistam no seio familiar, mas se vier a acontecer que eles possam ser resolvidos da melhor maneira possível, conforme as doutrinas seguidas pelo grupo religioso..

CAPÍTULO III

Imagens de uma família feliz

*E eu vi um novo céu e uma nova terra;
pois o céu anterior e a terra anterior tinham passado,
e o mar já não é. (Revelação 21.1)*

O objetivo deste capítulo é analisar as representações sobre família construídas pelas Testemunhas de Jeová, a partir das imagens produzidas por eles. Estas imagens estão presentes nas brochuras, livros, revistas e folhetos. Analisamos a partir da iconografia do grupo, os aspectos étnicos e culturais presente nessas imagens. Quais as questões culturais que elas trazem e como elas são ressignificadas dentro do contexto sócio-cultural brasileiro, especialmente das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão.

Segundo Boris Kosoy (1989), as imagens não podem ser entendidas como meras ilustrações ao texto, mas como uma forma de comunicação, algo com sentido próprio e construído com objetivos específicos de alguém ou de algum grupo. No entanto, sua análise precisa de metodologia específica para a compreensão de seu conteúdo.

Para os estudiosos da história social, da história das mentalidades e dos mais diferentes gêneros de história, assim como para os pesquisadores de outros ramos do conhecimento, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. (KOSOY, 1989, p. 20)

Em *Sendas imagéticas: o ato fotográfico no Seridó Potiguar*, Evaneide Maria de Mélo (2000) analisou a construção da história seridonense a partir de imagens, como também o nascimento da fotografia e o contexto histórico europeu, no século XIX, como a ascensão da burguesia, crescimento e expansão das indústrias, transformações de ordem econômica, social e cultural, que colaborou para que a fotografia tornasse uma invenção importante diante daquela realidade. Embora o pintor e decorador de teatro francês, Louis Mand Daguerre, em 1839, tenha apresentado para a Academia de Ciências e o Institut de France, a fotografia, o francês naturalizado brasileiro, Hércules Florence, desenhista, pode ter também, em 1833, sido o responsável por essa criação. No entanto, a autora apresenta os fatores, colocados acima, como essenciais, para que a descoberta de Florence passasse despercebida no Brasil, diferentemente, do que aconteceu na França, com Daguerre.

Mélo (2000) compreende que a fotografia faz parte daquilo que as pessoas desejam conservar, portanto, são momentos selecionados e construídos, por quem as tira – no caso, o fotógrafo – mas, principalmente, por quem paga por ela. Ao analisar as imagens produzidas pelas Testemunhas de Jeová um dos objetivos é perceber o que eles pretendem “conservar” nos comportamentos familiares.

A fotografia como documento participa do jogo de questões antropológicas, sociológicas, historiográficas, geográficas e artísticas propiciando a problematização das experiências vívidas, da memória, das crenças e dos valores de uma sociedade. Nesta dimensão, ela pode e deve alimentar as estratégias do saber. (MELO, 2000)

O diálogo da História com a Antropologia, Sociologia e a Semiótica, para o estudo das imagens, mais especificamente, a fotografia, conforme Ana Maria Mauad (1996) trouxe colaborações importantes, principalmente, pelos conceitos como cultura, ideologia e sentido (de uma mensagem textual), que essas ciências construíram e que colaboram nesta análise.

Nesta perspectiva, a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sígnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. Estabelecem-se, assim, não apenas uma relação sintagmática, à medida em que veicula um significado organizado, segundo as regras da produção de sentido nas linguagens não-verbais, mas também uma relação paradigmática, pois a representação final é sempre uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis. (MAUAD, 1996, p. 7)

A fotografia, como fonte histórica, é passível de análise crítica, como as demais fontes, mas possui sua própria metodologia, levando em consideração o processo de produção, circulação e consumo dessas imagens. Qual fato elas documentam e por que eles foram escolhidos em detrimento de outros? Ou, que estilo de vida ela procura representar? Esses questionamentos são necessários ao analisar as representações sobre família que os textos visuais das testemunhas de Jeová trazem e o estilo de vida que se deseja construir no fiel, através da formação de *habitus*, por exemplo. “A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas” (MAUAD, 1996, p. 10)

Portanto, é preciso que se faça uma leitura dessas imagens, a partir desses questionamentos e de outros também, como: para quem elas são produzidas e qual mensagem (ou mensagens) elas pretendem passar? Segundo Suzana Bornholdt, a iconografia Testemunha de Jeová, principalmente em suas brochuras e folhetos, objetivam produzir “sensações e ideias”.

Enquanto minoria cognitiva, ou seja, enquanto grupo formado ao redor de um corpo de conhecimentos divergentes dos da maioria, as publicações iconográficas das Testemunhas de Jeová são poderosas armas na construção da estrutura de plausibilidade na medida em que sustentam e reforçam para o indivíduo concepções do mundo compartilhadas pelo grupo. É um senso comum imaginário que se estende à elaboração de um estilo personalizado testemunha-de-jeová, perceptível por uma padronização estética dos indivíduos. (BORNHOLDT, 2004)

Como o objetivo principal deste trabalho é analisar as representações sobre família entre as Testemunhas de Jeová, o estudo sobre a iconografia do grupo se fez inicialmente pelo modelo ideal de família que as imagens buscam construir entre os fiéis. No entanto, essa análise se ampliará para outras temáticas abordadas pelo grupo e que, direta ou indiretamente estão relacionados à família, tanto biológica, como da fé.

A produção iconográfica das Testemunhas de Jeová sofreu algumas transformações nos últimos 30 anos e passou a ocupar um espaço importante em seus materiais impressos, no final do século XX. Alguns sinais puderam ser observados em relação a essas mudanças, a começar pela presença cada vez mais constante de imagens, não apenas na capa de publicações (periódicos ou livros), como também no interior delas. Mesmo que de forma ainda tímida, os livros da década de 1970 começaram a trazer imagens em forma de desenhos – quase rabiscados – para enfatizar alguma palavra, ou mesmo mostrar que atitudes o fiel deveria ou não tomar em relação a algum assunto abordado. No entanto, mesmo com a utilização de desenhos e não fotografias, as imagens já buscavam causar sensações, criar habitus e chamar atenção do leitor para aquilo que estava sendo dito através dos textos.

Uma das entrevistadas, Dona Célia, do Salão do Reino em Santo Estevão relatou que, em seu primeiro contato com o grupo, ainda adolescente, recebera o livro *A verdade que conduz á vida eterna* (1968) e ao começar a folheá-lo, se deparou com o quarto capítulo, intitulado, *Por que envelhecemos e morremos?* o qual chamou sua atenção. Mas ao virar a página, ela se deparou com a imagem de Adão e Eva e então os questionamentos começaram a florescer em sua mente. Conforme seu relato:

Ao chegar em casa eu fiquei folheando o livro e no quarto capítulo desse livro tinha um tema: Por que envelhecemos e morremos? Eu fiquei, é mesmo; por que envelhecemos e morremos? Ai virei a outra página do livro. A segunda página tinha assim o casal Adão e Eva. Eva com a fruta na mão. Eu pensei assim: Pronto! Por causa do pecado? Mas eu me perguntei: mas o que é que o pecado tem a ver com envelhecer e morrer? Fiquei com aquela dúvida. Ao invés de eu pegar o livro e ficar lendo eu fiquei só me fazendo perguntas, mas quando eles voltaram na outra semana pra fazer o estudo de Alaíde ai disse que gostei muito, mas que eu fiquei impressionada que por que a gente envelhece e morre? Será que era por causa do pecado? Mas o que é que o pecado tinha a ver com isso? (Entrevista com a sr^a Célia Santos, em 02 de out de 2009)

A imagem do primeiro casal, Adão e Eva, e esta segurando o fruto proibido despertaram em D. Célia questionamentos e dúvidas. Essa imagem, símbolo da queda da humanidade e bastante divulgada no Cristianismo tanto católico, quanto protestante, fez com

que a entrevistada a associasse com o pecado e posteriormente com a questão lançada pelo capítulo do livro, *por que envelhecemos e morremos?* Embora estas associações estivessem impregnadas de dúvidas, devido a sua provável dificuldade em aceitar o pecado como gerador da morte, a imagem produziu uma série de sensações e incômodos, que a instigaram a procurar novamente respostas com pessoas do grupo para as questões que surgiram.

Imagem 4: Adão e Eva



Fonte: Torre de Vigia, 1968, p. 30

A imagem presente no livro trouxe Adão segurando o fruto proibido, ao lado de Eva. A expressão de fascínio que a fruta exerce sobre eles, uma espécie de atração irresistível, diante das possibilidades e descobertas que esta poderia trazer, ao comê-la. A atitude de Adão, em desobedecer ao que Deus havia estabelecido – “mas, quanto à árvore do conhecimento do que é bom e do que é mau, não deveis comer dela, porque no dia que delas comeres, positivamente, morrerás⁶⁹” – e conforme a legenda foi tomada de maneira consciente, pois o mesmo era conhecedor da proibição, mas optou em não cumpri-la. O texto que acompanha a imagem diz o seguinte:

Por meio deste ato ilícito tornaram-se culpados de pecado e assim trouxeram sobre si a penalidade pelo pecado. (1 João 3:4) Ao considerarmos a correção da decisão de Deus, não devemos cometer o engano de julgar a seriedade do ato de Adão e Eva pelo modo como muitos consideram as coisas em nosso tempo. (Torre de Vigia, 1968, p. 30)

⁶⁹ Gênesis 2.17. Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas

A imagem também exerceu fascínio, ou melhor, trouxe inquietações à Dona Célia. Ela foi um dos primeiros contatos da depoente com os materiais impressos do grupo e em suas incursões ao desconhecido que, a nova religião, lhe apresentara. No entanto, o conhecimento que a mesma procurou a respeito do tema apresentado pela publicação não lhe trouxe morte, nem o castigo divino, como acontecera ao primeiro casal, mas, para ela, o conhecimento da verdade a libertara da ignorância e do pecado.

Aspectos étnicos nas representações de família

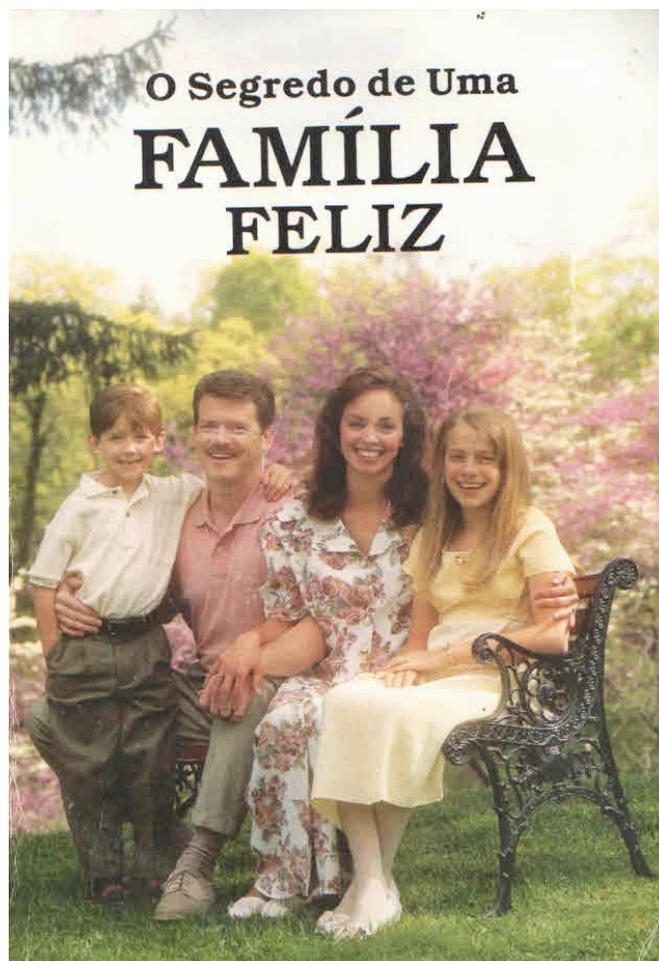
Ao analisar as imagens sobre família, as representações étnicas se impuseram como um assunto de relevância. Como todos os materiais (impressos e audiovisuais) das Testemunhas de Jeová são produzidos nos EUA, a realidade da sociedade norte-americana e suas questões raciais devem ser levadas em consideração. Diferentemente do Brasil, em que a miscigenação foi e ainda é uma realidade da própria formação do povo brasileiro, a segregação racial marcou a realidade estadunidense.

Nas representações sobre família entre as Testemunhas de Jeová, através das imagens, o modelo ideal de família está relacionado ao casamento endógeno, dentro de um mesmo grupo étnico. Não há nas fotografias ou mesmo nos desenhos, casamentos multirraciais, como as três imagens abaixo mostram. Vimos através delas famílias de latinos, de brancos, negros, entre outros grupos, mas não casais em que um é branco e o outro é negro. O círculo de amizade é visto de outra forma: um branco pode ter amigos negros e vice-versa, na família da fé isso também pode e deve acontecer, mas quando se trata de relacionamentos amorosos, a prática é outra. Embora nenhum dos textos que acompanham essas imagens faça alguma menção às diferenças raciais, ou aconselhem as pessoas a casarem com parceiros do mesmo grupo étnico, as imagens apontam para outra direção.

Como construir representações de família, numa realidade baiana, com uma população marcada pela miscigenação, por exemplo, tão diferente da norte-americana, em que a manutenção do distanciamento entre grupos étnicos em relacionamentos conjugais era sinônimo de harmonia social? Não é uma resposta fácil de responder e é possível que este trabalho não a contemple, totalmente, mas o que nos é proposto é analisar um padrão de comportamento e de cor para essas famílias, um “branqueamento” delas, através das roupas, costumes e a forma de adorar, ir aos cultos, participar do mesmo, como os brancos anglo-saxônicos fazem.

Embora diferentes modelos étnicos de família sejam colocados (indianos, negros, japoneses), a família feliz tem cor e esta é branco. Na capa do livro *O Segredo de uma família feliz* retrata bem essa visão de uma família ideal (imagem 5); além de sorridente, bem vestida, todos os membros – pai, mãe e filhos – são loiros. Em Santo Estevão, cidade baiana, que como fora dito anteriormente, localiza-se num cenário de miscigenação, a construção do modelo de família branca não se dá por meio de casamentos exógenos, mas por meio dos padrões de comportamento, de moral e civilidade elevadas.

Imagem 5: capa do livro O Segredo de uma família feliz

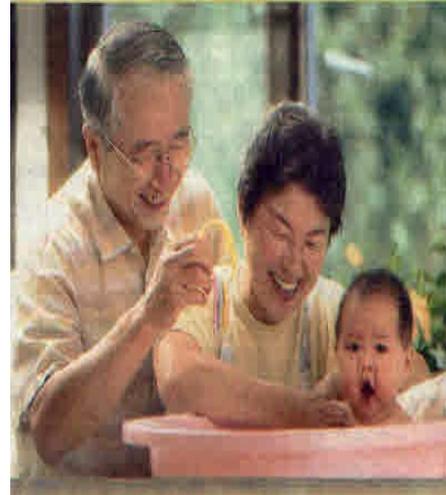


Fonte: Torre de Vigia, 1996

Imagem 6



Imagem 7



Fonte: Torre de Vigia, 1996, p. 4 e 5

A imagem 6, além de apresentar uma família branca dentro do modelo ideal de família estabelecido pelo grupo, traz ao fundo uma família negra, composta apenas por uma mãe e sua filha. Embora esta seja a realidade de muitos lares brasileiros, principalmente, entre as classes mais populares, formadas por afro-descendentes, as publicações das Testemunhas de Jeová, na busca em criar padrões de comportamento e de normatizar condutas, pouco retrata esse tipo de arranjo familiar, com pais solteiros. Como o modelo de família feliz está relacionado à moral burguesa do século XIX com a família nuclear, as outras realidades familiares são muitas vezes negligenciadas e criticadas em seus materiais. Contudo, quando a falta de um dos cônjuges está relacionada à viuvez, a preocupação do grupo recai sobre a mulher e àquilo que se espera dela em termos de moralidade e conduta. Valendo-se de exemplos dentro de suas publicações, a Torre de Vigia procura tratar dessas questões com os fiéis com o objetivo de controlar e corrigir qualquer padrão diferenciado de comportamento. Conforme o tópico, presente no livro *O Segredo de uma família feliz, Como vencer a solidão*:

Certa mãe suspirou: “Quando volto para casa e vejo aquelas quatro paredes, especialmente depois de as crianças terem ido para a cama, a solidão toma conta de mim”. Sim, a solidão não raro é o maior problema dos pais sem cônjuge. É natural ansiar o cordial companheirismo e as intimidades do casamento. Mas devia a mesma tentar resolver esse problema a todo o custo? Nos dias do apóstolo Paulo, algumas viúvas jovens permitiram que ‘seus impulsos sexuais se interpussem entre elas e o Cristo.’ (1 Timóteo 5: 11, 12) Permitir que desejos carnis ofusquem interesses espirituais seria prejudicial. (TORRE DE VIGIA, 1996, p. 110-111)

O texto se mostra claro quanto à preocupação do grupo em relação ao padrão de sexualidade imposto pelo mesmo aos seus membros. O controle dos impulsos sexuais estão relacionados à uma vida pietista e que agrada ao Criador. Ceder a eles, para as Testemunhas de Jeová, é afastar-se de Cristo e dar espaço a atitudes divergentes dos padrões civilizados e morais. Além de manter relações sexuais sem estar casada, as viúvas e divorciadas, podem, conforme a publicação, incorrer no risco de se relacionar com pessoas que não pertencem à comunidade religiosa:

Alguns cristãos passaram a namorar descrentes. Isto resolveu o problema deles? Não. Uma cristã divorciada alertou: “Há algo muito pior do que estar descasada. É estar casada com a pessoa errada!” As viúvas cristãs no primeiro século sem dúvida tinham momentos de solidão, mas as sensatas mantinham-se ocupadas ‘hospedando estranhos, lavando os pés dos santos e socorrendo os em tribulação.’ (1 Timóteo 5:10) Cristãos fiéis da atualidade, que há muitos esperam encontrar um cônjuge temente a Deus também se mantêm atarefados (TORRE DE VIGIA, 1996, p. 111)

O trabalho é uma maneira, conforme os argumentos apresentados pela Torre de Vigia para se evitar desvios e condutas que são desaprovadas pelo grupo. Seguindo uma dinâmica burguesa no qual o ócio, a falta de ocupação causa problemas para o indivíduo e para a sociedade, as Testemunhas de Jeová que se encontram na realidade apresentada precisam se manter ativos no trabalho religioso, por exemplo, para evitar sucumbir aos impulsos sexuais.

As viúvas mais jovens, assim como a mulher divorciada são vistas como vulneráveis e suscetíveis ao pecado, casando-se com um “descrente” ou tendo relações sexuais fora do casamento. Assim como Eva no Paraíso sem Adão esteve à mercê da serpente, a mulher sem um homem, “temente a Deus”, corre o sério risco de “cair” em tentação. Por isso a necessidade dela ser apoiada e acompanhada pelos membros do grupo. No entanto, esse apoio está relacionado ao controle do corpo e conduta feminino.

Além disso, 1 Pedro 3:8 diz: “Sede todos da mesma mentalidade, compartilhando os sentimentos, exercendo afeição fraternal, ternamente compassivos.” Certa mãe de seis filhos, sem marido, disse: “Tem sido difícil e, às vezes, fico frustrada. Mas, de vez em quando, um irmão ou uma irmã me diz: ‘Joana, você está fazendo um bom trabalho. vai valer a pena.’ Só saber que outros pensam na gente e se importam já ajuda.” Mulheres cristãs de mais idade podem dar ajuda especialmente eficaz a mães jovens sem marido, escutando-as quando tiverem problemas que seria embaraçoso considerar um homem. (TORRE DE VIGIA, 1996, p. 114)

Nesta tentativa de controlar os “impulsos sexuais” das mães solteiras, outras mulheres são convidadas a acompanhar as mais jovens, ao ouvirem suas queixas e necessidades – não apenas financeiras, mas afetivas também.

Além dessas preocupações, a relação entre as diferentes gerações na família são tratadas em suas publicações. A imagem dos avós dando banho na netinha está relacionada à importância do tema sobre cuidado com os idosos, como uma forma de honrá-los, dentro de uma visão de obediência aos preceitos bíblicos, assim como, pelo fato das pessoas de mais idade terem um papel importante na preservação dos ensinamentos mais conservadores do grupo religioso e em vigiar os mais novos no que se refere ao cumprimento das regras estabelecidas pelo grupo. Mesmo que eles morem em suas próprias casas, os idosos não podem ser esquecidos, muito menos maltratados. O capítulo 15, *Como honrar nossos pais?*, do livro citado, trouxe o seguinte comentário:

O apóstolo Paulo escreveu aos cristãos: “Que [os filhos ou netos] aprendam primeiro a praticar a devoção piedosa na sua própria família e a estar pagando a devida compensação aos seus pais e avós, pois isto é aceitável à vista de Deus.” (1 Timóteo 5:4) Filhos adultos pagam essa “devida compensação” por mostrarem apreço pelos anos de amor, trabalho e dedicação que seus pais e avós lhes dispensaram. Um modo de fazerem isso é reconhecer que, como qualquer outra pessoa, o idoso precisa de amor e de renovada prova de estima – muitas vezes desesperadamente. Como todos nós, os idosos precisam sentir-se valorizados. Precisam sentir que a vida deles é meritória. (Torre de Vigia, 1996, p. 173-174)

Na perspectiva das Testemunhas de Jeová, os idosos precisam ser vistos, literalmente, como parte integrante e fundamental das famílias. Como um princípio bíblico a ser respeitado, deve estar o cuidado e zelo para com eles, pois, agir desta maneira, é valorizar e respeitar a vida, em todas as suas fases. Eles colaboram também na manutenção da ordem estabelecida, pelo caráter mais conservador que geralmente possuem.

Construção de costumes através da iconografia

Um dos pontos importantes ao se falar sobre construções de modelos ideais, e mais especificamente, de representações através de imagens, é a construção de *habitus* e costumes, que perpassa pelas vestimentas. Segundo as fontes, o povo de Jeová precisa diferenciar-se dos não-cristãos, e qual a maneira mais visível dessa diferenciação do que as roupas e a disciplinarização do corpo? As vestimentas precisam afirmar antes mesmo que as palavras, que alguém pertence ao grupo. Além delas, os acessórios são fundamentais, como é o caso da pasta, para os homens e da bolsa para a mulher. Estes itens, importantes para carregar os materiais escritos do grupo, fazem parte da própria identidade das Testemunhas de Jeová e os diferenciam de outros grupos cristãos, que utilizam o evangelismo pessoal, feito de porta em porta, para conseguirem uma maior adesão de fiéis.

A preocupação em estar bem vestido deve fazer parte dos chamados ministros, aqueles estão à frente do trabalho, conduzindo os estudos e discursos na congregação, bem como das mulheres, em suas apresentações no serviço de campo. Essa preocupação deve estender-se á todos os membros no serviço de evangelização, quando eles atuam de porta em porta. Conforme o *Manual da Escola do Ministério Teocrático*:

Devem-se evitar os extremos no modo de vestir. O ministro cristão não acompanhará as modas passageiras do mundo, que atraem a atenção à pessoa. Evitará vestir-se de modo exagerado ou de modo muito ostentoso, ao ponto de trazer à atenção a sua roupa. Também, terá cuidado para não se vestir de modo desleixado. Estar bem vestido não exige que se use um terno novo, mas sempre se pode ser esmerado e asseado. As calças devem estar passadas e a gravata usada direito. Estas são coisas que qualquer um pode fazer.

O conselho sobre o modo de se vestir, registrado pelo apóstolo Paulo e encontrado em 1 Timóteo 2:9, é apropriado para as mulheres ou moças cristãs hoje em dia. Assim como se dá com os irmãos, elas tampouco se devem vestir de modo a chamar atenção para se mesmas, nem seria apropriado que elas se entregassem a extremos nos estilos de moda mundanos, evidenciando falta de modéstia. (Torre de Vigia, 1971, p. 183-184)

O “modo discreto” de se vestir, deve fazer parte do estilo de vida de uma Testemunha de Jeová, seja homem ou mulher, encontra respaldo na Bíblia. Os ensinamentos apresentados, a partir das publicações e das instruções feitas em reuniões no Salão do reino têm o objetivo de disciplinar os corpos e construí-los tendo em vista um modelo específico, uma norma de conduta que deve ser seguida por todos. A preocupação recai, principalmente, para as mulheres deve estar em chamar a atenção para a mensagem que ela prega no evangelismo pessoal e não para si mesma. Seu corpo não deve “aparecer”, no sentido de não chamar a atenção, apelando para a sensualidade. A justificativa, no entanto, é a de que ela precisa se diferenciar do mundo, “dos estilos de moda mundanos”, ser modesta. Ao arrumar-se, uma Testemunha de Jeová precisa compreender que ela esta representando o grupo e ao próprio Cristo. Conforme o livro:

O modo de se arrumar corretamente também deve receber atenção. Cabelo despenteado deixa má impressão. Deve-se ter cuidado razoável de se apresentar uma aparência esmerada nesse sentido. Do mesmo modo, quando varões na congregação recebem designações nas reuniões devem cuidar de estarem bem barbeados. Quanto ao conselho sobre esta questão de vestir-se e arrumar-se corretamente, quando há margem para elogios, sempre podem ser dados da tribuna. De fato, quando se elogia os que deram a devida atenção ao seu modo de se vestir e de se arrumar, anima-se assim os outros a seguir este bom exemplo. (Torre de Vigia, 1971, p. 184)

Os elogios àqueles que se vestem “corretamente” devem ser feito a fim de incentivá-los a continuar mantendo essa postura. Os recém-chegados precisam se espelhar neles e imitá-los. É a metodologia de ensino aplicada pelas Testemunhas de Jeová para a construção de habitus relacionados à vestimenta e à aparência pessoal. A construção dos corpos tem uma atenção especial dentro dos textos, tanto escritos como visuais.

Além da roupa, outros acessórios são importantes para a construção da imagem e do estilo de vida de uma Testemunha de Jeová. A pasta, para os homens e a bolsa para as mulheres, servem não apenas para guardar os materiais, Bíblias, livros e revistas, mas também refletem a incorporação de costumes norte-americanos, em que as mulheres costumam ir a reuniões religiosas de bolsa e os homens de pasta e vestidos com gravata e palitô. O estilo de vida norte-americano se apresenta mais uma vez, através de uma maneira correta de se vestir para ir às reuniões e ao evangelismo pessoal.

A arrumação da pasta deve ser outra preocupação, pois demonstra, principalmente, para os que não pertencem ao grupo, que as Testemunhas de Jeová são pessoas organizadas. As regras de conduta são tão importantes de ser obedecidas, quanto adquirir conhecimento a respeito de assuntos bíblicos.

O mesmo se dá com a pasta de literatura. Há muitos modos em que se pode arrumar vem a pasta de literatura, mas quando acontece que, ao nos dirigirmos a uma porta, se quisermos tirar uma publicação da nossa pasta, temos de mexer numa porção de papéis para achá-la, ou quando, ao tirarmos uma revista, outras coisas caem para fora, então certamente se precisa fazer algo a respeito disso. (Torre de Vigia, 1971, p. 186)

Apesar das altas temperaturas e do clima tropical no Brasil colaborar para o uso de roupas mais leves e com menor comprimento, essa realidade não se aplica para os grupos protestantes e dissidentes dos mesmos, pelo caráter etnocêntrico dos missionários e líderes norte-americanos, que procuraram impor o estilo de vida norte-americano, também, na roupa que se usa para adorar ao Senhor. Os pastores de denominações protestantes e outros membros delas, principalmente, os que exercem cargos de liderança costumam usar terno e gravata, assim como é feito um controle rígido do corpo da mulher, em algumas denominações, como a Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor. Cortar o cabelo, por exemplo, são muitas vezes proibidos, assim como o uso de blusas sem manga, uso de maquiagem, por exemplo. Em se tratando das Testemunhas de Jeová, as mulheres podem usar maquiagem, cortar cabelo, usar calças, no seu cotidiano, mas não para ir às reuniões ou ao evangelismo, conforme pode ser observado no grupo presente em Santo

Estevão. Estar bem alinhado se constitui habitus importante a ser aprendido e incorporado ao cotidiano do fiel.

Imagens 8 e 9:



Fonte: Torre de Vigia, 1996, p. 19 e 110, respectivamente.

Nas imagens 8 e 9 podemos observar que a busca em construir um padrão na forma de se apresentar para a sociedade e cultivar é feita desde a tenra idade. As crianças, adolescentes e jovens são incentivados a utilizar os acessórios e a vestir-se como os adultos, naturalizando assim, um determinado estilo. As diversas visitas e observação participante ao Salão do Reino das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão, no decorrer da pesquisa, colaboraram para percebermos essa padronização de comportamento. Apenas mulheres que não pertenciam ao grupo estavam de calça comprida, as que eram membros estavam sempre de vestido, à altura do joelho, ou longo, ou de conjunto, saia e blusa, geralmente, com manga, ou com o uso de um bolero, para cobrir parte do braço. Os homens também, desde os meninos, a partir dos cinco anos, mais ou menos, podiam ser vistos de calça social, camisa de botão, com manga longa ou curta e gravata. O uso do palitô, também pode ser visto, principalmente pelos anciãos ou por aqueles que lideram, a leitura e estudo das revistas, oração e do discurso público.

“Os jovens perguntam”: disciplinarização de jovens e adolescentes

A preocupação em disciplinar jovens e adolescentes não é uma realidade apenas das Testemunhas de Jeová, mas está presente também em outros grupos religiosos. Investir em ensinamentos e no controle comportamental de sua juventude faz parte da preservação e perpetuação desses grupos e, entre as Testemunhas de Jeová, se tornou uma das prioridades em seus materiais impressos, como revistas, vídeos e livros, dentre os quais, *Os jovens perguntam – Respostas Práticas (1989)*, livro publicado em dois volumes.

O objetivo deste livro é responder aos principais questionamentos suscitados pelos jovens cristãos, mas que não se restringe a eles apenas, a respeito de sexo, drogas, relacionamentos familiares, estudo e escolha da profissão. Surgem inicialmente como artigos dentro da Revista *Despertai!*, este livro rapidamente se tornou um instrumento para se aproximar de pessoas nesta faixa etária, entre a adolescência e a juventude.

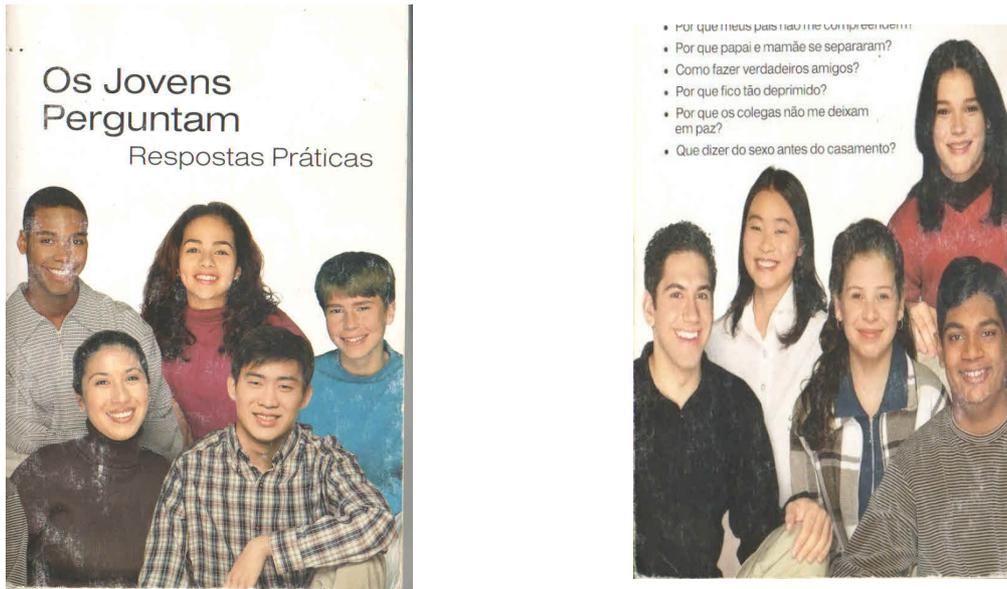
A revista *Despertai!*, reconhecendo a necessidade de respostas honestas e práticas para as perguntas da juventude de hoje, iniciou uma série de artigos intitulados “Os jovens perguntam...”, em julho de 1982. A série granjeou de imediato a acolhida favorável dos leitores. “A série é evidência de seu contínuo interesse pela situação difícil dos jovens hoje”, escreveu certo leitor apreciativo. “Espero que estes artigos nunca terminem, e oro por isso”, escreveu uma leitora (Torre de Vigia, 1989, p.5).

Diante da acolhida, conforme o editorial, o livro foi então lançado, como um guia para os jovens que se encontrassem confusos em meio às frequentes transformações no âmbito cultural e social, que repercutiam nas mudanças de costumes e valores éticos e morais. Desta forma, a preocupação com a apresentação desse material se estendeu não apenas na linguagem e conteúdo escrito, mas também em suas imagens.

A capa do livro apresenta cinco jovens, duas moças e três rapazes, de etnias diferentes – negro, latino, asiático, branco – certamente com o objetivo, se ser um discurso abrangente, contemplando diversos grupos, em várias partes do mundo. Também demonstra a ideia de que os jovens, não importa a sua cor e nem o lugar onde moram, possuem questionamentos e anseios parecidos, que podem ser explicados por uma mensagem que se propõe universal. A conta-capa obedece a mesma estrutura, com diferenças mínimas, como a inversão do número de meninas, em relação aos garotos. Embora de diferentes grupos étnicos, os jovens estão vestidos com roupas norte-americanas, mas que são exportadas para o mundo: calça jeans, blusas básicas e moletom. Conforme Evaneide Maria Mélo (2009), em seu livro, *A paisagem em foco: leituras fotográficas do Jardim de Seridó/RN*,

O quadro fotográfico opera em contingência. A imagem não se basta em si mesma; pela imagem não cessam de se imbricar interferências ideológicas, culturais, etc... a fotografia deriva do aparato técnico, porém, a imagem se revela como dado informacional contraído no bojo sócio-cultural. (MÉLO, 2009, p. 56)

Imagem 10 e 11: Capa e contra capa do livro “Os Jovens perguntam”



Fonte: Torre de Vigia, 1989.

Os 39 (trinta e nove) capítulos do livro foram divididos em dez seções de acordo com temáticas. A seção 1, *O cenário doméstico: como lidar com os membros da família*, procurou enfatizar a relação pai e filhos, discutidos em sete capítulos, que correspondem, cada um, a perguntas feitas pelos jovens. O relacionamento dos adolescentes e jovens com seus pais é marcado, muitas vezes, por conflitos, gerados pela crise de autoridade dos pais em relação aos filhos. “Honrar pai e mãe” significa para o grupo cumprir as Escrituras Sagradas, mas também uma maneira de impedir que algumas transformações no seio familiar aconteçam e desestabilize a ordem dentro dela. O filho ou filha precisa reconhecer a autoridade dos pais e obedecer às regras impostas pelos mesmos, sendo os pais cristãos ou não. A atitude de obediência pode colaborar para a mudança de comportamento de pais problemáticos, ao mesmo a adesão desses ao grupo Testemunhas de Jeová, através do exemplo de seus filhos.

Imagens 12 e 13:



Fonte: Torre de Vigia, 1989, p.12 e 14, respectivamente.

Não é a conduta dos pais que determina sua autoridade, mas a legitimação dada por Deus, a partir da condição destes de gerarem outra vida e serem responsáveis por ela. Aos filhos cabe apenas procurar, de forma sábia, viver em obediência, relacionando-se bem com seus genitores, para conquistar confiança e galgar benefícios, como uma recompensa pelo seu bom comportamento.

Pais que são geniosos ou imorais, que são bêbados, ou que vivem brigando um com o outro – são realmente dignos de honra? Sim, pois a Bíblia condena que se caçoe de qualquer genitor. (Provérbios 30:17) Lembra-nos ainda Provérbios 23:22 de que seus pais causaram o seu nascimento. Apenas isso já seria motivo de honrá-los. [...] Embora seus pais estejam longe de ser perfeitos, eles também fizeram muitos sacrifícios em seu favor (Torre de Vigia, 1989, p. 13-14).

Outra temática abordada no livro encontra-se na seção 2 e diz respeito aos relacionamentos e amizades que os jovens constroem e a preocupação que o mesmo deve ter em selecionar seus amigos. Três imagens são colocadas em destaque: a primeira identifica a necessidade que o jovem possui de estar em grupo, se socializar; na segunda, porém, os riscos de aproximar-se de determinados grupos se apresenta, juntamente com a necessidade de aceitação, o que pode levar o adolescente, por exemplo, a tomar certas decisões e atitudes que poderão lhe prejudicar mais tarde, como a de fumar, apresentado na fotografia. A inserção em alguns grupos, como por exemplo, numa gangue, através de um rito de passagem e a aceitação se dão através de uma determinada atitude, que pode ir contra seus valores e costumes.

A terceira imagem procura produzir no (a) jovem Testemunha de Jeová a atitude que se espera de um cristão. Uma adolescente, vestida com roupas condizentes ao serviço de campo ou para ir ao Salão do Reino e utilizando uma bolsa como acessório, passa de cabeça erguida por outras garotas de sua idade, que parecem zombar dela, talvez pelos seus trajes ou pelo fato dela ser uma Testemunha de Jeová. A expressão da adolescente, no entanto, parece não se preocupar com a atitude das outras meninas. A nota explicativa acrescenta: “Tenha a força moral de enfrentar a pressão dos colegas!”. Ou seja, ser cristão é ser diferente; é não se misturar e isso deve ser motivo de orgulho, como a adolescente da imagem apresenta.

As imagens trabalham com a ideia de certo e errado, com o que se pode e o que não se pode fazer. As conclusões que a juventude precisa tomar devem ser feitas a partir dos parâmetros trazidos pelo grupo religioso. Elas apresentam, desta forma, um discurso tendencioso e direcional, para os princípios doutrinários e morais das Testemunhas de Jeová.

A seção de número seis do livro, para a juventude, cujo título *O Sexo e a Moral*, é apontada pelo próprio editorial como a mais procurada pelo jovens por ser o tema sexualidade aquele que mais desperta curiosidade e interesse.

Muitos jovens, sem dúvida, voltarão primeiro sua atenção para esta seção do livro. Por quê? Porque nenhum assunto suscita tantas perguntas e tanta controvérsia – confusão – como o sexo e a moral. A boa moral, contudo, abrange mais do que o comportamento sexual. Por exemplo, pode-se dizer que o jovem que mente e que tapeia e “cola” tem boa moral? Ou existem situações em que a desonestidade é aceitável? Finalmente, a Bíblia nos fornece algumas orientações diretas e práticas sobre tais questões morais. (Torre de Vigia, 1989, p. 180)

Embora a introdução declare não tratar apenas sobre o tema sexualidade, mas também sobre a questão moral, que está aqui relacionado com a ética – não mentir, trapacear, entre outras questões – a ênfase em relação ao comportamento sexual se tornou o assunto central,

tendo em vista que, em cinco capítulos, quatro debatem sobre esse tema. A desobediência a esses preceitos não se constituiria num ato apenas contra o grupo e seus princípios, mas, principalmente, contra a Bíblia, de onde eles originam-se.

A principal preocupação é evitar que os jovens tenham relações sexuais antes do casamento, ou façam sexo pré-marital, como é chamado em várias passagens do livro. Na imagem abaixo alguns motivos são apontados em forma de consequências/advertências para os que desobedecem tal ensinamento. Nesta imagem (TORRE DE VIGIA, 1989, p. 183), uma jovem está sentada na cama, com a cabeça apoiada nas pernas, que estão flexionadas, como um sinal de abatimento, enquanto o rapaz sai pela porta, sem olhar pra trás. A etiqueta explicativa afirma: “No rastro do sexo imoral, uma jovem muitas vezes se sente explorada, ou até mesmo humilhada.” E o que é o sexo imoral? Aquele que não é realizado de acordo com os preceitos divinos, ou seja, é feito antes do casamento. A expressão corporal da jovem, apresentada pela imagem é de humilhação e abandono. Quem gostaria de ser abandonado, humilhado e rejeitado? Para que isso não aconteça, é preciso seguir as regras definidas por Jeová e interpretada pelo grupo instituído por Ele aqui na Terra.



Imagens 14 e 15

Fonte: Torre de Vigia, 1989, p. 185 e 183, respectivamente

Além da rejeição, há outros riscos que o jovem pode enfrentar, como uma gravidez indesejada, pela falta de experiência e mesmo irresponsabilidade, presentes nesta fase da vida, principalmente entre os adolescentes. A imagem, desta vez, é de uma menina grávida, com semblante abatido e olhar perdido, talvez preocupada com o seu futuro e de seu filho. Ela está sozinha, o que deixa a entender que, na maioria dos casos, o rapaz se exime da responsabilidade, deixando para a moça todo o peso da escolha de ambos em assumir a gravidez.

A gravidez na adolescência não é uma preocupação apenas para as Testemunhas de Jeová, mas trata-se de um problema social, no Brasil e na Bahia e que está relacionado com falta de planejamento familiar, de informações a respeito dos problemas derivados de uma gestação nesse período, entre outros motivos. Acácia Batista Dias em sua tese de doutorado *Parentalidade Juvenil e relações familiares em Salvador, Bahia*, trouxe a discussão sobre gravidez na adolescência na cidade de Salvador a partir do contexto na qual ela ocorre e as consequências para os jovens e suas famílias. Segundo Dias, as gravidezes de adolescentes acontecem no “contexto de relações estáveis” (p.96), no qual os contraceptivos não eram utilizados, ou se eram, acontecia de maneira irregular.

O início das relações sexuais no namoro, inclusive com o não uso ou o uso irregular de contraceptivos, promove uma dinâmica na relação permeada de incertezas e receios sobre a ocorrência da gravidez. Aposta-se na sorte e, com o passar do tempo, sem que o risco se concretize, os jovens acreditam, cada vez mais, na pouca probabilidade de engravidar. (DIAS, 2005, p. 98)

No entanto, o valor da “aposta” é muito alto, pois um filho não planejado pode interromper, mesmo que temporariamente, os objetivos e sonhos desses adolescentes de completar seus estudos, conseguirem um emprego e melhorar de vida.

Decerto, as famílias, independente da posição e da condição social, não desejam a gravidez dos seus filhos/as nesse momento de suas vidas; sabem que há outras prioridades que são anteriores à situação de parentalidade juvenil, como o investimento no estudo. Ainda que haja nas camadas populares uma valorização cultural da gravidez, a sua ocorrência na adolescência não é inicialmente comemorada. O que se festeja é o nascimento da criança. (DIAS, 2005, p. 120)

A falta de diálogo dos pais com seus filhos adolescentes no que concerne a relações sexuais é apontado pelos jovens como uma das causas da gravidez precoce. Conforme a autora, embora haja um medo constante dos pais que seus filhos engravidem neste período, “o tema sexo é abordado nas conversas em família de forma indireta, pouco clara e com reticências. (2005, p.97)

Na revista *A Sentinela* de 15 de abril de 1988, o artigo *A Bíblia e a moralidade dos Adolescentes* abordou o tema gravidez na adolescência, com o objetivo de evitar que ocorra entre os jovens Testemunhas de Jeová, não com a utilização de métodos contraceptivos, mas seguindo os preceitos estabelecidos pelo grupo a partir da Bíblia, que é a castidade até o matrimônio. A castidade serve para ambos, meninos e meninas, pois o padrão moral apresentado não somente pelas Testemunhas de Jeová, mas por outros grupos protestantes, é único para ambos os sexos.

Os jovens de hoje cresceram numa era de ambigüidade moral. A Bíblia, no entanto, provê instruções claras e nada ambíguas a respeito de moralidade sexual. Ao passo que os programas de educação sexual tendem a focalizar-se em evitar a gravidez, a Bíblia mostra que o sexo pré-marital em si é a coisa a ser evitada. “É bom que saibais que nenhum fornicário [que inclui o praticante de sexo pré-marital] ou impuro ou avaro... têm herança no Reino de Cristo e de Deus”, diz a Bíblia. (Efésios 5:5, *A Bíblia de Jerusalém*) Obviamente, as relações sexuais devem limitar-se ao casamento. Portanto, a solução para o problema da gravidez de adolescentes não é ensinar a contracepção aos jovens, mas sim dar-lhes orientação moral e espiritual. A Bíblia mostra claramente a quem cabe o dever de dar essa orientação: “Pais, não estejais irritando aos vossos filhos, mas prossegui em criá-los na disciplina e na regulação mental de Jeová.” – Efésios 6:4. Numa pesquisa, porém, pediu-se aos jovens que “classificassem seus genitores quais fontes de informação sobre sexo, numa escala que ia de insatisfatório a altamente satisfatório. A classificação que os adolescentes deram às mães foi, majoritariamente, pouco satisfatório. A classificação dada aos pais foi muito insatisfatório”. Sendo assim, é realístico esperar que os genitores dêem aos seus filhos orientação sobre assuntos sexuais? (Torre de Vigia, 1988, p. 4)

No tópico *O preço da promiscuidade*, do capítulo 23, as consequências assumem um nível mais complexo e temível, que são as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), sendo a principal, a AIDS. Na imagem abaixo, pode-se ver um médico mostrando o resultado do exame de um rapaz, que está de cabeça baixa, como se estivesse ouvindo uma sentença de morte. A expressão facial do médico é de tensão, dada a seriedade do assunto. O jovem apenas ouve com tristeza o diagnóstico, talvez com um arrependimento que não lhe serve mais pra nada. Embora não sejam apenas uma peculiaridade de grupos de solteiros sexualmente ativos, ou de casais homossexuais, por exemplo, o risco de infecção por doenças contraídas no ato sexual faz parte da realidade de casais heterossexuais, inclusive, cristãos. A etiqueta explicativa afirma o seguinte: “O sexo pré-marital muitas vezes resulta em doenças sexualmente transmissíveis”. Ou seja, o casamento se constitui numa espécie de proteção contra esses problemas, segundo os ensinamentos do grupo religioso.

Segundo certas estimativas, existem mais de 12 milhões de jovens sexualmente ativos apenas nos Estados Unidos. Até mesmo a epidemia da AIDS pouco contribuiu para estancar essa maré imoral. Contudo, as Testemunhas de Jeová tentam instilar em seus filhos algo muito mais decisivo do que o medo da AIDS ou da gravidez: um salutar temor a Jeová Deus. Salomão lembra aos jovens, em Provérbios 5:21: “Porque os caminhos do homem estão diante dos olhos de Jeová e ele contempla todos os seus trilhos.” João, que é Testemunha de Jeová e pai de quatro filhos, deu este conselho: ‘O que ajuda é os filhos terem um amoroso temor de Jeová. Não receie fazer com que seus filhos saibam que é possível entristecer a Jeová por meio de ações egoístas.’ – Compare com Provérbios 27:11. (Torre de Vigia, 1988, p. 6)



Imagem 16

Fonte: Torre de Vigia, 1989, p. 186.

As duas primeiras imagens tiveram como destaque a figura feminina, enquanto que na terceira, relacionada às DSTs, a figura masculina e fez presente. Isso se deve ao fato de que, culturalmente, os meninos são incentivados, desde à adolescência, a manterem relações sexuais, como símbolo de sua virilidade, o que não acontece com o grupo, em que essa “falha” não pode cometida, pois se constitui num pecado contra o próprio Jeová.

A associação dessas imagens com inúmeros problemas que o jovem pode enfrentar e que trarão consequências para seu futuro se propõe a ter um caráter didático. Eles precisam e devem relacionar o abandono, a gravidez na adolescência e as DSTs com o “sexo imoral”, sexo entre solteiros, conforme as publicações das Testemunhas de Jeová. O sexo no casamento os livra de infortúnios maiores.

Desta forma, o jovem Testemunha de Jeová precisa aprender a construir práticas que colaborem para que ele não cometa tal pecado: um desses hábitos é a oração. Além da leitura diária da Bíblia, os jovens necessitam da oração como uma ferramenta espiritual que os

ajudem a enfrentar aquilo que é biológico e natural: os desejos sexuais. De joelhos, próxima à sua cama, ora, pedindo a Jeová, pedindo que a livre das tentações. A etiqueta explicativa completa: “A oração é uma instantânea torre forte. Orar na hora em que o desejo surge é definitivamente de ajuda.”



Imagem 17

Fonte: Torre de Vigia, 1989, p. 206

Outra maneira do jovem se precaver e não manter relações sexuais ilícitas é evitar marcar encontros. A orientação que o livro traz é a de que um rapaz e uma moça que estejam interessados um pelo outro não se encontrem não se encontrem sozinhos, mas que estejam sempre rodeados por amigos, familiares ou em lugares públicos, para impedir que haja mais intimidade entre eles.



Imagem 18

Fonte: Torre de Vigia, 1989, p. 195.

Segundo as publicações das Testemunhas de Jeová, o namoro precisa culminar em casamento. Namorar para apenas para se divertir não é correto e pode trazer desventuras, expondo jovens e adolescentes em situações comprometedoras. Por isso, para namorar é preciso ter idade que possibilite constituir família.

Imagens do Paraíso

O Paraíso terrestre é uma espera assim como uma certeza para as Testemunhas de Jeová. O sofrimento, os problemas um dia terão fim e a paz reinará. Esse é um dos temas centrais do grupo e o alicerce de muita de suas doutrinas, como analisado anteriormente. No entanto, para além de uma produção de textos, outras linguagens são utilizadas para construir nos fiéis representações do paraíso, como também, do Armagedom.

Um cenário de guerra e destruição, ruas destruídas, prédio desmoronando e incendiados, carros-tanque, muito entulho. Este é a imagem apresentada do dia em que Jeová acertará contas com a humanidade. Nesta imagem, há um jogo de luzes: de um lado, ela é completamente cinzenta, com o céu nublado e não há pessoas nela, pois foram “exterminadas pela ira divina; na tira explicativa: “Serão decepados da vida os que preferirem ser independentes do Criador”. Nesta mesma cena, do outro lado, a cor da imagem muda, as cores aparecem marcadas por tons avermelhado e alaranjado. Apesar da destruição, há pessoas e elas estão felizes, por ter sobrevivido ao Armagedom. No final da imagem, flores aparecem, como uma forma de afirmar que, depois do dia da vingança do Senhor, a paz e a felicidade, perdidas com a desobediência do ser humano no jardim do Éden, ressurgirão. Na nota explicativa: “Os que esperam em Jeová sobreviverão”. Ou seja, a sobrevivência ao Armagedom está intimamente ligada à crença em Jeová e viver segundo os preceitos doutrinários de suas Testemunhas. Neste quadro, as famílias que conseguiram sobreviver isso por manterem-se fiéis aos ensinamentos bíblicos transmitidos pelas Testemunhas de Jeová. Passaram ilesas pelo Armagedom e poderão desfrutar da paz e alegria do paraíso terrestre, juntos e por toda a eternidade.

Lyndon Santos (2004) ao abordar a inserção do protestantismo no Brasil durante a Primeira República (1889-1930), com suas características culturais e suas crenças, analisou as representações, imagens, símbolos e comportamento que este trouxe para uma sociedade culturalmente católica. Como foram apropriadas e ressignificadas estes valores culturais e religiosos pelo povo brasileiro. No que concerne ao tema central de pregação dos protestantes,

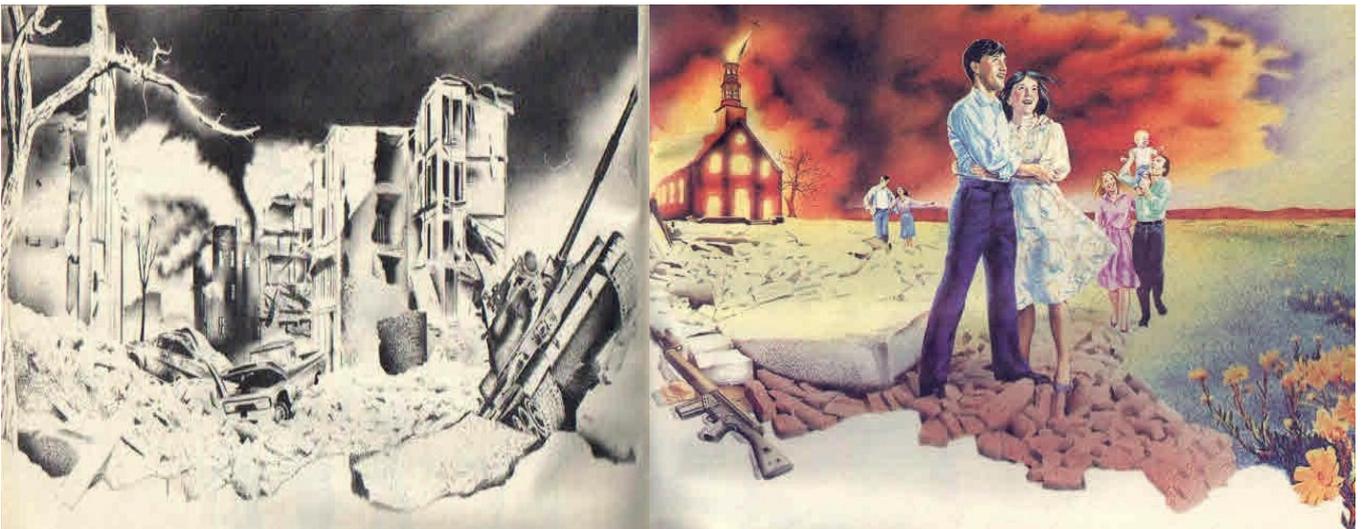
em suas várias vertentes, a salvação da alma, segundo o autor, não foi um assunto desconhecido pelos brasileiros, porém, as imagens sobre a salvação, no contexto brasileiro, foram construídas sobre o ponto de vista católico. No entanto, a “visão dualista da vida cristã vivida no mundo hostil” se apresentou no discurso protestante, inclusive em obras, como o quadro *Dois Caminhos*, “gravura originalmente pensada e patrocinada” por Charlotte Raihlen, uma artista protestante, em meados do século XIX, e que foi inserido no Brasil na década de 40 do século XX.

Desta forma, o protestantismo implantou um código doutrinário que incorporava imagens já presentes na cultura religiosa. Ao mesmo tempo, atualizou o debate originado desde a Reforma Protestante entre o processo de justificação do pecador luterano ou reformado e a economia católica da justificação. A prédica protestante incidia sobre a razão e a emoção no sentido de convencer pelos argumentos quanto à necessidade da salvação. A ideia da salvação pela prédica protestante não admitia terceira alternativa, ou seja, ou salvação ou perdição.

Nesta perspectiva, o quadro *Dois Caminhos* representou iconograficamente esse núcleo da crença protestante no Brasil (SANTOS, 2004, p. 206).

Nesta imagem das Testemunhas de Jeová, duas visões se opõem. Numa delas restou apenas a destruição e as vidas que optaram “pelo caminho” sem Jeová sofreram as consequências e firam destruídas. Do outro lado, os que optaram pela vida com Cristo foram poupados da destruição e poderão desfrutar da felicidade eterna.

Imagem 19



Legendas: *Serão decepados da vida os que preferirem ser independentes do Criador* (lado esquerdo da imagem) *Os que esperam em Jeová sobreviverão* (lado direito)

Fonte: Torre de Vigia, 1985, p. 284-285

Essas visões acerca do paraíso foram construídas ao longo do Cristianismo, tanto em seu viés católico, como protestante. No entanto, a “sobriedade protestante” (p. 408) fez com que essa produção a respeito do lugar de paz eterna aparecesse mais na forma escrita do que com o uso de imagens.

Tratando em seguida da ressurreição da carne, Calvino relembra que São Paulo usa a seu respeito a palavra “mistério” (I Co 15,51) e, portanto, “nos exorta à sobriedade e freia a licença de especular muito ousadamente e muito sutilmente” sobre isso. Pois, “embora a Escritura ensine que o reino de Deus está cheio de claridade, alegria, felicidade e glória, ainda assim tudo o que diz dele está bem longe de nossa inteligência, e quase envolto em figura, até que chegue o dia em que o Senhor se declarará a nós face a face [...]. Por isso os profetas, porque não podiam exprimir em palavras essa beatitude espiritual em sua substância, a descreveram e quase pintaram sob figuras corporais.” (DELUMEAU, 2003, p. 409)

Em sua obra *O que sobrou do paraíso?* Jean Delumeau (2003) tratou a respeito do tema, e de como os protestantes começaram a pensar o paraíso com mais parcimônia e menos imaginação, analisando a influência da revolução mental que a “nova astronomia” e o humanismo provocaram, “estilhaçando o paraíso”, no sentido dele ser mais vivido que visualizado. Desta forma, a partir do século XVII, passou-se a ter um cuidado maior em descrevê-lo, ao mesmo tempo em que “a persistência de uma esperança ligada a essa palavra” também existiu. Não apenas as imagens a respeito do paraíso, mas toda a iconografia protestante sempre foi muito contida e o motivo para esse cuidado era não construir objetos de adoração, fazer das imagens ícones com valores místicos, cair no pecado da idolatria como acontecera com o catolicismo. Outro motivo seria a subjetividade racional como forma de desenvolver e expressar a espiritualidade, em detrimento de uma preocupação maior com “exteriorizações rituais e a estéticas”. (DELEMEAU, p. 262)

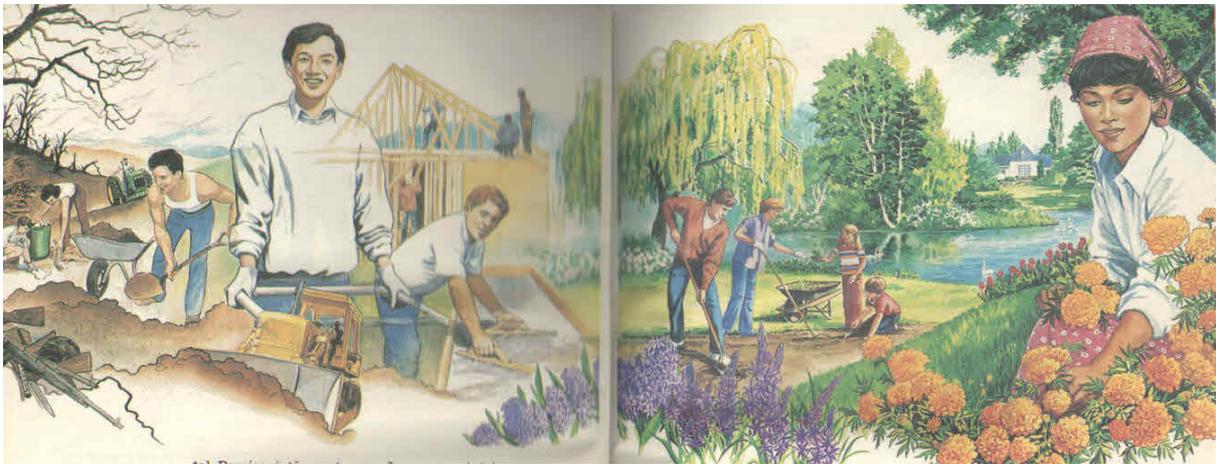
As Testemunhas de Jeová, desde seus primórdios se preocuparam em falar sobre o paraíso como também em descrevê-lo. As visões do paraíso, no entanto, foram construídas a partir do desenvolvimento e de uma maior utilização de imagens em seus materiais. O Paraíso descrito e construído por eles possui muita cor, muita luz, de vida, de harmonia e de dinamismo. Não é um lugar estático, mas as pessoas que dele desfrutarão terão muitas tarefas a desempenhar nele. Não há referências, no entanto, do céu. Talvez pelo número reduzido de fiéis que irão morar nele, pouco se descreve ou se fala a respeito do paraíso celeste, entre as Testemunhas de Jeová, mas não há limites para descrever a Terra em seu novo momento, quando o pecado e a morte não mais existirem.

Não há referências, no entanto, do céu. Talvez pelo número reduzido de fiéis que irão morar nele, pouco se descreve ou se fala a respeito do paraíso celeste, entre as Testemunhas

de Jeová, mas não há limites para descrever a Terra em seu novo momento, quando o pecado e a morte não mais existirem.

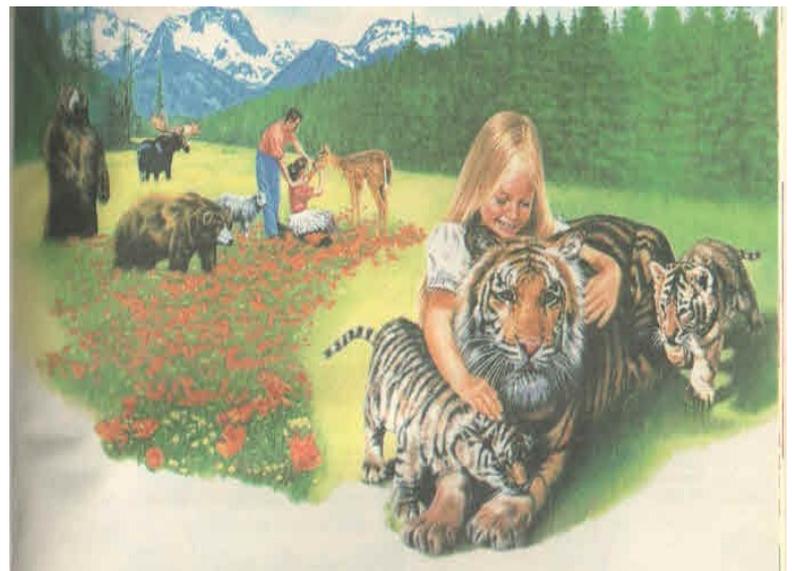
Os fiéis Testemunhas de Jeová reconstruirão a Nova Terra, juntos, como uma só família, homens, crianças, mulheres e idosos, todos, trabalhando em união, plantando, colhendo, construindo casas, felizes, porque não haverá mais dor, nem violência, apenas harmonia, entre os homens e deles com os animais. Essas são as imagens do paraíso.

Imagem 20: *Haverá uma mudança dramática na própria Terra*



Fonte: Torre de Vigia, 1985, p. 236

Imagens 21 e 22



Fonte: Torre de Vigia, 1985, p. 243 e 245.

Para os “justos”, a ressurreição será para a vida de felicidade, na companhia da família, pelo menos dos membros dela que são Testemunhas de Jeová. A felicidade familiar, sempre almejada, até aqui mesmo neste mundo, será plena, porque o Novo Mundo será agora conduzida, genuinamente pelos preceitos de Jeová, sem o domínio do pecado. “Por certo, o paraíso é espiritual, mas conserva características materiais com casas, avenidas, jardins e montanhas. Trata-se, portanto, de um universo acessível à experiência dos sentidos, tornando-se o invólucro material, nesse nível, uma das expressões do divino.” (DELUMEAU 2003, p. 470)

O Paraíso é um lugar para se viver a plenitude familiar, porque os relacionamentos humanos serão perfeitos, as pessoas não terão falhas e nem cometerão pecados que atrapalham a convivência, trazem mágoas, ressentimentos, ira e ódio, que destroem a harmonia da família. Embora a família possa desfrutar de certa felicidade no mundo atual, ela não se compara com o que a espera no novo mundo, onde a paz e o amor imperam. “O paraíso cristão apresenta-se, com efeitos, como uma situação de harmonia perfeita entre os seres humanos. Ele subsistirá pela concórdia e amizade os ódios nascidos do pecado.” (DELEMEAU, 2003, p. 487). De acordo com o livro, *Verdadeira Paz e Segurança – de que fonte?*: “A terra inteira florescerá então com beleza; seu ar, sua água e sua terra terão então frescor e pureza. Este restabelecimento do Paraíso não é algo além da possibilidade de se crer ou contrário à experiência humana.” (1973, p. 101)

A perfeita convivência não será apenas entre os humanos, mas também, entre eles e os animais. Numa das imagens acima, uma criancinha abraça uma tigresa e seus filhotes, enquanto que ao fundo vemos ursos caminhando próximos a outras pessoas e uma menina, juntamente com seu pai, alimenta um veado. É um momento de restauração daquilo que foi perdido quando Adão e Eva pecaram no primeiro paraíso terrestre, o Jardim do Éden.

Para muitos, a palavra “paraíso” contém a ideia de algo extra-terreno a até mesmo irreal. Mas “paraíso” vem de palavras similares usadas nos tempos antigos (em hebreu: parádeisos), palavras usadas para descrever coisas então realmente existentes na terra. Todas estas palavras contêm a ideia básica de um belo parque ou de um jardim semelhante a um parque. Assim como na antiguidade, também hoje há muitos de tais lugares, alguns deles sendo parques de grande tamanho. A Bíblia promete que virá o dia em que todo este planeta será tal jardim semelhante a um parque, ou um paraíso [...]. A terra inteira florescerá então com beleza; seu ar, sua água e sua terra terão então frescor e pureza. Este restabelecimento do Paraíso não é algo além da possibilidade de se crer ou contrário à experiência humana. (TORRE DE VIGIA, 1973, p. 100 e 101)

Música secular e as Testemunhas de Jeová

A relação das Testemunhas de Jeová com a música secular – músicas que não possuem um conteúdo religioso – diferentemente do que acontece com grupos evangélicos, é harmônica, mas existem algumas ressalvas. Estas ressalvas não estão ligadas, necessariamente, a um determinado gênero musical, embora o rock, principalmente, o *heavy metal*, e o *rap* são alvos de crítica, principalmente pelo conteúdo de suas letras. Assim como a música, uma Testemunha de Jeová precisa se preocupar com o conteúdo daquilo que está lendo, tendo como parâmetro a Bíblia. Se ferir aos ensinamentos de Jeová, eles devem ser evitados.

Não é só a letra da música que a torna boa ou ruim do ponto de vista bíblico. Que espírito é incentivado por ela? Leia Gálatas 5: 19 a 23 na Bíblia. Qual dessas listas descreve melhor o espírito das músicas se assemelham às “obras da carne”, então o conceito de Jeová sobre elas está bem claro. (...) Se você dá valor aos princípios bíblicos, avalie meticulosa e seriamente o tipo de música que ouve. Examine seus discos e vídeos. Elimine os que violam princípios bíblicos. Se ficar em dúvida, elimine-os mesmo assim. Faça o mesmo no caso de concertos aos vivos e material de leitura – dê fim a tudo que não tenha associação legítima com o que é justo (TORRE DE VIGIA, 1993, p. 8-9).



Imagem 23: Capa da Revista *Despertai!* de 08 de junho de 1993

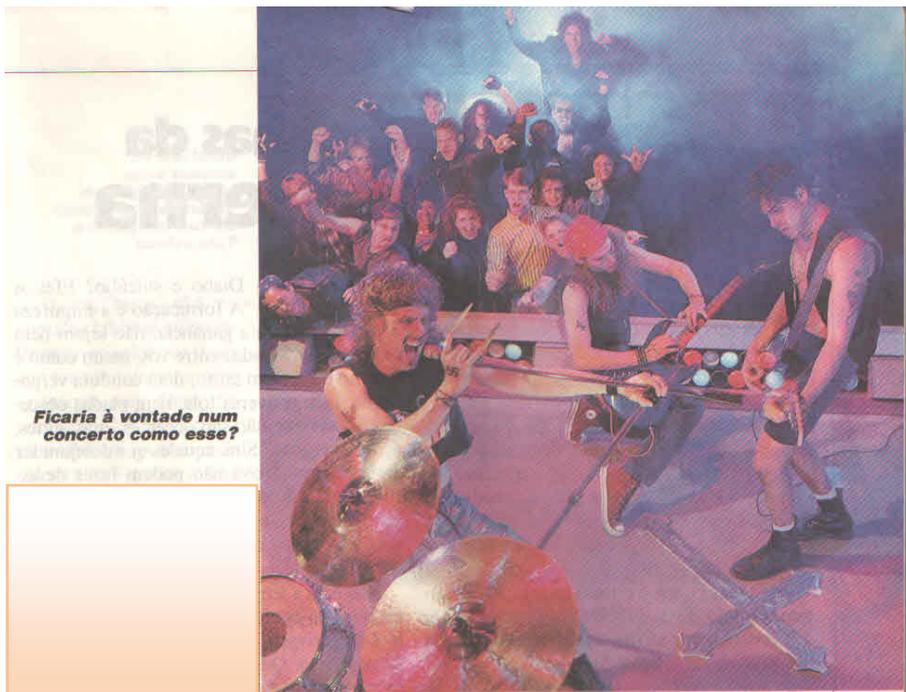
Fonte: Torre de Vigia, 1993.

A juventude, principalmente, precisa estar alertar e tomar cuidado com o tipo de música que escuta, os cantores e bandas, que em suas canções, possuem um conteúdo que vão de encontro aos princípios bíblicos. Na revista *Desperta!* de 08 de junho de 1993, a matéria de capa “Música moderna: diversão inofensiva?” Aponta os perigos que as Testemunhas de Jeová podem se expor ao ouvir músicas que fazem apologia ao uso de drogas, suicídio, relações sexuais fora do casamento, dentre outros exemplos. “Violência, suicídio e sexo sádico – estes são apenas alguns dos temas perniciosos veiculados em discos, vídeos e concertos ao vivo de rock.” (p. 4) Utilizando histórias de jovens que escreveram para a revista, contando suas experiências nada agradáveis ao se expor a determinadas situações por causa de shows ao vivo com grupos seculares, a matéria procurou conscientizar sobre os malefícios de se envolver com essas músicas.

A influência de músicos seculares e da mensagem que suas canções trazem e produzem no jovem, pode colaborar para mudanças de comportamento, de forma negativa.

Naturalmente, quando os jovens são induzidos ao uso de drogas, crimes e suicídios, é provável que por trás desse comportamento haja mais do que apenas música. O colapso da vida familiar e da sociedade humana em geral sem dúvida desempenha um papel importante nisso. Mas a música pode servir de ‘empurrão’, um meio de incentivar jovens vulneráveis a fazer coisas que de outra forma nem sequer cogitariam fazer. Será que pessoas já desalentadas pelas dificuldades da vida precisam de música que as incentive a ceder a inclinações destrutivas? (TORRE DE VIGIA, 1993, p. 8)

Imagem 24



Fonte: Torre de Vigia, 1993, p. 7

Na imagem, em que uma banda de rock se apresenta, alguns estereótipos desse estilo musical são apresentados, desde a roupa, atitudes dos cantores, até a platéia e o próprio cenário. A etiqueta explicativa diz o seguinte: “Ficaria à vontade num concerto como esse?” É uma imagem dotada de símbolos que vão contra às crenças do grupo, como a própria cruz, presente no chão do palco, o símbolo nazista , que faz lembrar a perseguição sofrida pelas Testemunhas de Jeová durante a Segunda Guerra Mundial, na Alemanha, além de toda carga de intolerância racial, violência, que a suástica representa.

Outro ponto abordado pela revista foi em relação à suposta relação do heavy metal com cultos satânicos. Segundo o artigo, muitos jovens vulneráveis são atraídos para esses cultos através da música, o que, talvez, não fariam sem a influência da mesma.

A adoração do Diabo, incentivada por algumas letras de heavy metal, não é diversão inofensiva. A revista Texas Medicine/The journal explicou que essa adoração inclui práticas que vão de “atividades ritualistas inofensivas a beber sangue de automutilação e de sacrifícios de animais.” Os cultos satânicos proclamam “lealdade ao diabo. Usam-se de rituais específicos para canalizar poder de Satanás para os seguidores.....O dogma da liberdade de escolha e vontade significa fazer o que quer que se queira fazer sem considerar Deus, sem ter a consciência.” (TORRE DE VIGIA, 1993, p. 6)



Imagem 25

Fonte: Torre de Vigia, 1993, p. 6.

O conselho dado aos jovens é que eles selecionem, com bastante critério, as músicas que vão ouvir. No artigo não está dito que eles só devam ouvir canções produzidas pelo próprio grupo, mas sim, que façam suas escolhas a partir das Sagradas Escrituras, para não escutar aquilo que desagrada a Jeová, e se o Servo Fiel é o representante da vontade divina na Terra, o jovem deve seguir as advertências dos líderes religiosos.

O jovem precisa se livrar daquilo que é contrário à sua fé. Não importa se o ritmo é bom e tenha uma batida empolgante, ou se alguma das canções de determinado álbum possua um conteúdo aprovado, músicas e artistas com letras e comportamentos reprováveis tem que ser descartado.

Mas nem sempre é fácil fazer o que é correto. Somos provados em especial quando as normas de Deus nos orientam a renunciar a algo a que estamos apegados emocionalmente. Racionalizaremos, achando que nosso caso é excepcional, e continuaremos “mancando em duas opiniões diferentes”, ou agiremos decisivamente contra o que Jeová odeia? – I Reis 18:21. (Torre de Vigia, 1993, p. 11)

Imagem 26



Fonte: Torre de Vigia, 1993, p. 11.

Desta forma, embora o jovem possa encontrar dificuldades para fazer o que é correto, perante o grupo, o rapaz da imagem parece estar feliz por jogar na lixeira CDs e revistas de bandas de rock. A satisfação deste moço vem do fato dele está deixando para trás aquilo que é abominável aos olhos do Criador.

Imagem 27

Fonte: Torre de Vigia, 1993, p. 10.

A revista chama a atenção, também, para os pais e a responsabilidade que os mesmos possuem de monitorar seus filhos e aquilo que estão ouvindo. Sem descredenciar o estilo musical que agrada ao filho, os pais devem focar no conteúdo. Se as músicas apresentarem incentivo ao uso de entorpecentes e ao suicídio, por exemplo, eles precisam orientar seus filhos, com “firmeza”, os critérios que os mesmos devem desenvolver para fazer a escolha correta. A imagem mostra que esta conversa deve ser feita com tranquilidade, no qual o pai procura conhecer os gostos de seu filho, sem julgamentos, apenas com orientação necessária, para que o rapaz não seja influenciado negativamente através de mensagens musicais. Conforme o texto:

Se você é pai ou mãe, tem a responsabilidade de ensinar os filhos a discernir a diferença entre música boa e música ruim. Isso significa familiarizar-se com o que eles ouvem. Significa respeito ao tipo de música que você permitirá e que não permitirá em casa. (...) Portanto, informe-se. Saiba qual é o ponto de vista de Deus sobre esses assuntos. As Testemunhas de Jeová de bom grado lhe fornecerão publicações bíblicas que entram em mais detalhes. Conheça os fatos. Deixe claro que a questão é de padrões bíblicos e não de impor seu gosto pessoal aos filhos. (Torre de Vigia, 1993, p. 10)

Tarefas domésticas e a harmonia familiar

O êxito da família, dentro do projeto de felicidade estabelecido pelas Testemunhas de Jeová, não está apenas na presença freqüente de seus membros nas reuniões do grupo ou em estudar juntos a Bíblia, de participarem do serviço de evangelização pessoal, por exemplo. Essas atividades, de caráter “espiritual” são de grande importância, como pode ser observado nessa imagem.

No entanto, para além das atividades “espirituais”, a família precisa organizar sua rotina dentro de casa, de maneira que todos colaborem com as tarefas domésticas, evitando assim, conflitos, discussões, que podem gerar atritos, como brigas constantes entre pais e filhos e até mesmo o divórcio entre os cônjuges.



Imagem 28

Fonte: Torre de Vigia, 1996, p. 42.

Nestas duas imagens colocadas juntas, embora se tratar de famílias distintas, temos as atitudes que se procura estimular, com membros das famílias cooperando com as tarefas domésticas. Embora nos papéis de gênero definidos pelo grupo a mulher tenha a responsabilidade principal de cuidar da casa e dos filhos, colaborar com algumas atividades do lar não retira do homem a sua autoridade e nem o seu papel de “cabeça”. Na imagem da esquerda, enquanto o casal lava e seca os pratos alegremente, a filha, ao fundo da imagem, arruma alguns alimentos no armário, ao mesmo tempo em que observa a harmonia e felicidade de seus pais ao trabalharem juntos e sonhando com esta mesma realidade quando se casar. Na imagem da direita temos dois irmãos, ainda crianças, em que o menino arruma sua cama e a menina retira algumas peças de roupa do chão. Desta maneira, mesmo em tenra idade, as crianças podem colaborar na organização da casa, arrumando seu próprio quarto. Como afirma a etiqueta explicativa: “Cuidar de uma casa é tarefa da família inteira.”

Imagem 29

Fonte: Torre de Vigia, 1996, p. 47

Nesta imagem, mãe e filho limpam o chão da casa. Próximo a eles está a filha mais nova, ainda um bebê. Manter o lar arrumado deve ser um ensinamento que pais e mães devem passar para seus filhos ainda pequenos. A limpeza está associada à saúde: “Manter limpa as coisas custa menos do que o remédio”. No entanto, conforme a publicação, a limpeza vai além dos cuidados com a higiene. A família precisa evitar o fumo, pelos malefícios à saúde, assim como precisa promover a limpeza espiritual, através de “elevados padrões morais” (O Segredo de uma família feliz, 1996, p.47).

Imagens da família de Jeová

Imagem 30: Capa da Brochura “Testemunhas de Jeová”

Fonte: Torre de Vigia, 2000

Jeová tem uma família e seus filhos são as Testemunhas de Jeová que pregam a sua palavra e ajudam outros a encontrá-lo. Sobre esse assunto, foi discutido anteriormente a construção da identidade e o sentimento de pertencimento à família da fé. Muitos materiais procuram mostrar como é a família de Deus, quais representações que são construídas a respeito dela, como a brochura *Testemunhas de Jeová: Quem são? Em quem crêem?* (2000), em que o grupo se propõe, através deste material, se apresentar para a sociedade em geral. Logo na capa esta família se apresenta extensa e diversificada. O globo terrestre ao fundo aponta para a universalidade da mensagem pregada pelas Testemunhas de Jeová e Deus não faz acepção de pessoas. Desta maneira, a inserção em sua família se dá apenas através da fé e não baseada no grupo étnico, social ou espacial em que uma pessoa se encontra. Na imagem pode-se notar a presença de asiáticos, caucasianos e africanos, por exemplo.

O globo terrestre ao fundo também traz à memória do fiel a responsabilidade que ele tem de pregar o Evangelho aos quatro cantos do mundo, implantando o trabalho da Organização, como a construção de Salões do Reino e de parques gráficos, para a expansão da divulgação de seu material, nesses lugares. Na foto, além da diversidade étnica há também uma variedade de profissões e, portanto, de grupos sociais dos quais as Testemunhas de Jeová têm inserção. Elas podem ser chefes de cozinha, ou músicos, pilotos de avião, jogador de futebol, bombeiros, médicas, donas de casa, executivos, operários. A profissão ou o status social não importa; a diversidade é também importante pela facilidade de evangelizar pessoas das mais diferentes realidades sócio-econômicas, com graus de instrução mais ou menos elevados.

A brochura procurou trazer representações da família Testemunha de Jeová. De que forma uma testemunha de Jeová deve se apresentar para a sociedade em que vive, com quais atitudes, que fazem do povo de Jeová um povo diferente. Conforme está escrito na brochura:

Em quase todos os aspectos, as Testemunhas de Jeová são pessoas iguais a todas as outras. Têm problemas normais – econômicos, físicos e emocionais. Às vezes cometem erros, pois não são perfeitas, nem inspiradas, nem infalíveis. Mas procuram aprender de suas experiências e estudam diligentemente a Bíblia para fazer os ajustes necessários. Dedicaram-se em cumprir essa dedicação. Em todas as suas atividades procuram a orientação da Palavra de Deus e de seu **espírito santo**. (Torre de Vigia, 2000, p. 3)

Um dos objetivos, portanto, é apresentar as Testemunhas de Jeová no seu dia-a-dia, interagindo com outras pessoas que não são do grupo, mas com uma postura diferenciada, que demonstra seu interesse em ajudar as pessoas, não apenas espiritualmente, mas sobre outros

aspectos da vida. Demonstra, ainda, que um fiel Testemunha de Jeová tem solidariedade e sabe conviver coletivamente.

Imagem 31



Fonte: Torre de Vigia, 2000, p.3.

Nesta imagem, um homem pertencente às Testemunhas de Jeová ajuda uma idosa a carregar suas compras enquanto sobem uma escada. Mais acima está uma mulher que pode ser sua esposa ou a filha desta idosa – na legenda não há nenhum tipo de informação que colabore que informe a respeito. No entanto, a atitude dele, ou dele juntamente com sua esposa – podemos supor – colabora para enfatizar a preocupação que as Testemunhas de Jeová cultivam no seu cotidiano, com simples gestos de respeito, gentileza e atenção, que podem servir também para uma primeira aproximação entre um membro do grupo e um possível estudante da Bíblia. Desta maneira, para além de uma boa ação, ela pode ser analisada também a partir de uma estratégia de proselitismo. “Na realidade, as Testemunhas de Jeová estão interessadas em você e no seu bem-estar. Querem ser seus amigos e falar-lhe mais sobre si mesmas, suas crenças, sua organização, e sobre o que acham das pessoas e do mundo em que vivemos.” (Torre de Vigia, 2000, p. 3)

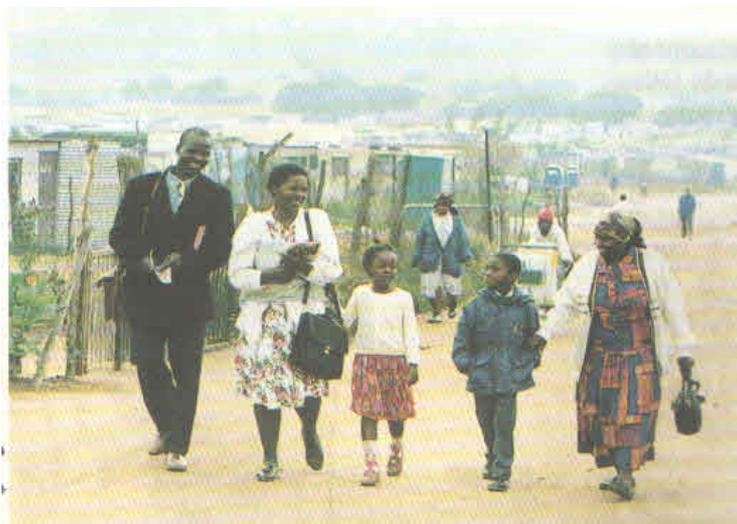
Para um membro do grupo, a melhor das boas ações que uma Testemunha de Jeová pode fazer por outra pessoa é pregar o Evangelho para a mesma e ajudá-la a escapar no Armagedom, isto é, da perdição eterna. Muitas são as imagens que se reportam à

evangelização pessoal, seja na rua, de porta em porta, ou em conversas com um amigo “descrente”. O importante é que os fiéis falem a respeito do Reino de Deus.

Quando Jesus esteve aqui na Terra, seus discípulos chegaram-se a ele e perguntaram: “Qual será o sinal da tua presença e da terminação do sistema de coisas?” Ele respondeu que haveria guerras envolvendo muitas nações, que haveria fome, pestilências, terremotos, crescente violação da lei, instrutores de religião falsa desencaminhando a muitos, que seus verdadeiros seguidores seriam odiados e perseguidos, e que o amor de muitos pela justiça esfriaria. Quando estas coisas principiassem a ocorrer, isso indicaria que Cristo estava invisivelmente presente e que o Reino celestial estava próximo. Estas seriam as novas – as boas novas! De modo que Jesus acrescentou as seguintes palavras como parte do sinal: “Estas boas novas do reino serão pregadas em toda a terra habitada, em testemunho a todas as nações; e então virá o fim.” – Mateus 24.3-14. (Torre de Vigia, 2000, p. 15)

Em qualquer lugar do mundo, seja criança ou adulto, homem ou mulher, a satisfação em evangelizar precisa estar estampado no rosto do fiel, pois se trata de cumprir o “ide” de Jesus Cristo de expansão das doutrinas das Testemunhas de Jeová. Nesta imagem uma família de origem africana se encontra num subúrbio de alguma cidade de um país da África fazendo o serviço de evangelização. Eles caminham alegremente pela rua de terra, em meio a um cenário de pobreza extrema, com barrancos ao fundo, como única forma de moradia naquela localidade, mas a alegria deles é expressa em seus sorrisos. O pai de paletó e gravata, munido dos materiais religiosos e da pasta, caminha ao lado da esposa, que também está com a pasta e revistas em suas mãos, a filha do casal está próxima à mãe, enquanto o menino está andando com a avó, que possui uma bolsa, acessório que acompanha as Testemunhas de Jeová em qualquer lugar do mundo. O sorriso, a troca de olhares, o diálogo que aparentam travar demonstram como estas pessoas se sentem privilegiadas em obedecer aos ensinamentos de Cristo, que é pregar as boas novas.

Imagem 32:



Fonte: Torre de Vigia, 2000, p. 10.

As adversidades, problemas de ordem econômica e social não parecem abalar a confiança dos fiéis Testemunhas de Jeová em relação à mensagem que propagam. Provavelmente eles crêem que esta mensagem possa transformar, não apenas no sentido espiritual, como também socialmente, as condições e expectativas das pessoas que a ouvem. A vida que possuem, envolta em provações, violência e privações num lugar de profundas desigualdades sociais não se comparam com a vida que terão quando esta Terra for destruída e outra surgir em seu lugar, mas sem pecados.

Imagem 33:



Fonte: Torre de Vigia, 2000, p. 15.

Nesta imagem, duas crianças, acompanhadas de sua mãe, ou alguém responsável por elas, estão empenhadas em levar a mensagem do Reino e aparentam muito entusiasmo por isso. Enquanto o menino entrega um folheto, a menina está com sua Bíblia aberta, preparada para lê-la. O habitus religioso das Testemunhas de Jeová, através das vestimentas, do proselitismo pessoal já começa a ser construído nessas crianças, de maneira que elas naturalizem a atitude de falar sobre sua fé e procurar convencer a outros a aderirem-na. Em Santo Estevão, nas saídas a campo (como chamam as saídas para evangelizar) das Testemunhas de Jeová podem ser vistas crianças, numa idade em que já sabem ler, mesmo que minimamente, na companhia de seus pais ou de outro adulto responsável. Algumas vezes essas crianças participam lendo um versículo para alguém que está sendo evangelizado, em outros elas apenas entregam folhetos ou revistas, mas em geral, elas estão ali para observar a atitude dos adultos, e tentar imitá-las depois.

Em ambas as imagens a busca em ensinar às crianças as tarefas proselitistas, através do exemplo e da participação das mesmas, com suas famílias ou com outra pessoa que faz parte da família da fé se torna uma lição importante que precisa ser transmitida e imitada. A padronização das roupas e acessórios também pode ser observada, independente da idade que

os membros do grupo possuam, mas esta padronização vai além, ela está presente também no método de abordagem: o proselitismo pessoal.

O método mais conhecido que usam para achar os afligidos pelas condições atuais é ir de casa em casa. Fazem assim um empenho positivo de contatar o público, como Jesus fazia ao viajar de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e declarando as boas novas do reino de Deus. Seus primeiros discípulos faziam o mesmo. (Lucas 8:1; 9:1-6; 10:1-9) Hoje, sempre que possível, as Testemunhas de Jeová se esforçam a visitar cada casa diversas vezes por ano, procurando conversar com os moradores por alguns minutos sobre um assunto de interesse ou de preocupação local ou mundial. Podem-se apresentar um ou dois textos bíblicos para uma palestra adicional. Colocam-se à disposição Bíblias e publicações que explicam a Bíblia e, quando o morador deseja, realiza-se um estudo bíblico domiciliar gratuito. Milhões de tais estudos bíblicos úteis são realizados regularmente com pessoas ou famílias em todo o mundo. (Torre de Vigia, 2000, p. 19)

Imagens 34, 35 e 36:



Holanda



Nigéria



Havái



Venezuela



Iugoslávia



Fonte: Torre de Vigia, 2000, p.10, 18 e 19.

Imagem 37:



Fonte: www.google.com.br/imagens

A sede administrativa das Testemunhas de Jeová, a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, a Organização, com sede no Brooklin, em Nova York, EUA, apareceu muito pouco nas publicações do grupo. A primeira imagem foi extraída da brochura *Testemunhas de Jeová, quem são? Em quem crêem?* E a segunda de um site de pesquisa na internet. Em ambas, nos deparamos com grandes edifícios, em um lugar de destaque em Nova York, perto da ponte do Brooklyn, um dos cartões postais da cidade. Na primeira imagem, a

foto parece ter sido tirada de baixo pra cima, passando a ideia de algo imponente, grandioso, uma espécie de agência de Deus aqui na Terra. O local também funciona como alojamento para voluntários e moradia dos seus líderes e famílias, que compõem o Corpo Governante. Os prédios da sede administrativa do grupo demonstram para o fiel como estão sendo empregadas as ofertas voluntárias enviadas para o crescimento da obra. Todo o crescimento e ampliação, inclusive de espaços físicos têm esse objetivo. Conforme o texto:

(...) muito mais publicações começaram a ser produzidas na gráfica de oito pavimentos, em Brooklyn, Nova York, de propriedade da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova York, Inc. esta foi ampliada para outros prédios de gráfica e um conjunto de escritórios. Há outros edifícios nas imediações, em Brooklyn, para alojar os ministros voluntários que trabalham nas oficinas gráficas. Além disso, um conjunto de fazenda funciona perto de Walkill, no interior do estado de Nova York. Ali se imprimem as revistas *A Sentinela* e *Desperta!* em vários idiomas e se produzem alimentos para os ministros que servem nos diversos locais desse estado. Cada trabalhador voluntário recebe pequena ajuda mensal para cobrir eventuais despesas. (Torre de Vigia, 2000, p. 11)

As instalações para as reuniões de culto também obedecem a um determinado padrão, como pode ser observado nessas fotos abaixo. Algumas diferenças existem de um Salão do Reino, mas, em linhas gerais, eles se assemelham, como o Templo da cidade de Santo Estevão, em relação ao apresentado nessas imagens. Ambos possuem um jardim na frente e uma arquitetura simples, em comparação com muitos templos de denominações protestantes. Há uma ênfase na modéstia dos Salões do Reino das Testemunhas de Jeová por seus membros, como se este tipo de estrutura estivesse relacionado com a humildade e simplicidade que o cristão deve ter. No entanto, uma das preocupações que o grupo possui é com a localização de suas instalações. Eles procuram lugares estratégicos, de fácil acesso e em ruas ou avenidas bem movimentadas. A limpeza e arrumação do Templo são realizadas pelos próprios membros do Salão do Reino, divididos em equipes, que trabalham obedecendo a uma escala.

Imagem 38:



Imagens 39: Salão do Reino das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão/Ba



Fonte: Arcevo digital da autora desta dissertação

Imagens 40 e 41: Salões do Reino das Testemunhas de Jeová





Fonte: www.google.com.br/imagens

As duas últimas imagens são de Salões do Reino no Brasil, extraídos de um site de pesquisa na internet⁷⁰, que, como se pode ver, numa primeira impressão, poderia ser confundido com o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão. A imagem 40 é de um Salão do Reino em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, o outro não foi possível a identificação do local. A grade e portão, a estrutura em si do Templo. Apenas as disposições das janelas variam, assim como uma placa, na última imagem, com horário de funcionamento, o que geralmente não é visto neles e detalhes no jardim os diferenciam. A cor também pode variar, mas obedecem a tons sóbrios, como tons de verde, azul, marrom, por exemplo.

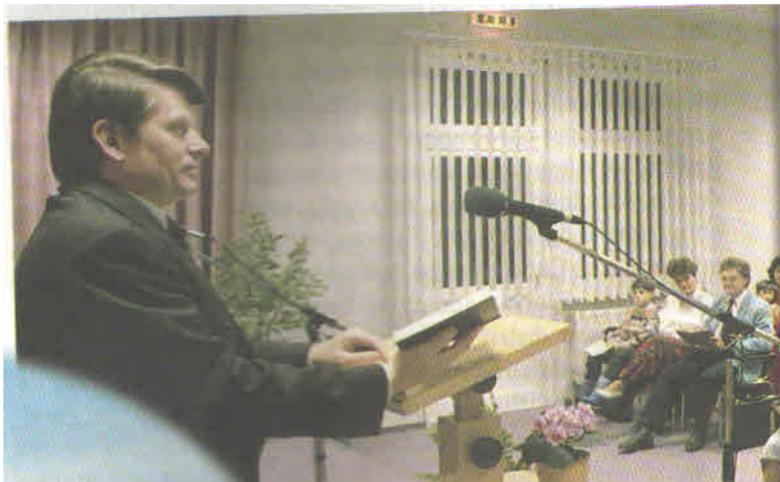
Fotos do interior do Templo em Santo Estevão, no entanto, não foi autorizado a tirar. No entanto, as fotos presentes em suas publicações se assemelham com as instalações do Salão nesta localidade, conforme observação participante que fizemos ao longo da pesquisa.

⁷⁰ www.google.com.br. Infelizmente, não foi encontrado referência das cidades onde os Salões do Reino estão localizados.

Imagem 42:

Fonte: Torre de Vigia, 2000, p. 20.

Esta foto do interior de um Salão do Reino mostra um altar simples, com um púlpito, alguns arranjos, mesas e cadeiras, utilizadas durante a escola do Ministério Teocrático, em que apresentações, em forma de pequenas skeats, geralmente com duas ou três pessoas com o objetivo de preparar o fiel para diversas situações, durante o serviço de evangelização. Outra foto do interior de um Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, também composto por brancos.

Imagem 43

Fonte: Torre de Vigia, 2000, p. 26.

No entanto, além da estrutura externa e interna das instalações de culto das Testemunhas de Jeová, as imagens remontam às discussões étnicas já abordadas neste capítulo, mas que não podem deixar de ser analisadas a partir dessas fotos. O primeiro salão, a congregação é formada exclusivamente por negros, enquanto que no segundo, apenas por brancos. É uma divisão racial que não está presente entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão, devido os fortes traços de miscigenação presentes no povo brasileiro e baiano, que criaram características peculiares a sua cultura.

Não quer dizer, desta forma, que não existem problemas relacionados à discriminação racial no Brasil, bem como desigualdades sociais originárias dela, preconceito e violência, mas a realidade brasileira se apresenta de maneira diferente da norte-americana e de outros lugares do mundo. O primeiro salão não está localizado nos Estados Unidos, por exemplo. Isso pode ser percebido pela língua em que o nome Salão do Reino está escrito. Pode-se perceber, desta maneira que este salão se encontra na França ou em alguma de suas ex-colônias. O segundo salão não pode ser geograficamente definido.

Embora o discurso proferido pelo grupo seja o de não-acepção de pessoas, a separação entre negros e brancos trazida pelas imagens, demonstra que as questões de segregação racial, do século XIX e primeira metade do XX nos Estados Unidos da América, ainda podem ser percebidas, com as devidas ressignificações, obedecendo aos contextos históricos, daquele momento e o atual, continuam presentes, se não nos textos do grupo, ao menos, em suas imagens. A mensagem chama a todos para cultivar juntos a Jeová nos Salões do Reino, mas as imagens dizem que há reticências nesse “juntos”, que pode ser interpretado como: juntamente com os etnicamente semelhantes.

Em sua dissertação de mestrado, Jorge Luiz Nery de Santana (2010) analisou as relações inter-raciais entre os batistas feirenses, a partir da convivência e influência dos missionários norte-americanos. A visão etnocêntrica dos missionários, provenientes, principalmente, do sul dos EUA, de superioridade dos brancos sobre os demais grupos étnicos, e, em relação ao povo brasileiro, marcadamente miscigenado foi discutida por ele, sobre o prisma do Destino Manifesto, que conferia aos brancos protestantes a missão civilizatória e de evangelização do mundo. “Os convertidos brasileiros deveriam mirar como referência de um povo eleito, um destino atávico”. (Santana, 2010, p. 62)

Mesmo com a ruptura de um grupo batista, formada majoritariamente por negros, de classes mais populares, em Salvador, a Igreja Batista do Garcia, a maioria das igrejas batistas continuaram sobre a tutela dos missionários norte-americanos, que colaboraram para a

construção da identidade batista no País a partir da negação da cultura, ou das culturas brasileiras.

Apesar da nacionalização das igrejas, os batistas brasileiros alinharam-se à perspectiva dos missionários na aversão às manifestações e expressões da cultura africana e afro-católica. O ideário do Destino Manifesto, que tomava por certo, a eleição divina do povo norte-americano enquanto branco, anglo-saxônico e protestante, para salvar o mundo com a mensagem. (SANTANA, 2010, p. 64)

Embora no Salão das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão e no Brasil, em geral, podemos compreender assim, não exista em suas congregações essa separação racial, pelas características de seu povo, que já fora comentada anteriormente, a influência do pensamento de superioridade da cultura norte-americana, como um modelo de civilização a ser imitado nos trajes, nas músicas entoadas e liturgia dos cultos.

As representações de família a partir das imagens obedecem ao modelo da família norte-americana, ou como eles pensam que devem ser as famílias. Unidas pelo amor a Jeová, mas também pela cor e etnia que cada uma possui. As imagens das publicações da Sociedade Torre de Vigia objetivam construir habitus na mesma proporção em que querem consolidar uma visão de mundo, que é particular aos norte-americanos, para os lugares em que as Testemunhas de Jeová expandiram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação família e religião continua suscitando discussões, estudos e pesquisas, como uma fonte inesgotável de possibilidades. Numa relação de influência e preservação mútua, estas duas importantes instituições sociais colaboram na construção da visão de mundo dos sujeitos, constroem *habitus* e costumes. Ao mesmo tempo, as transformações que elas provocam em seus membros também repercutem nos grupos sociais e na sociedade em geral.

As mudanças sociais, culturais e comportamentais da segunda década do século XX, pós-Segunda Guerra afetaram as concepções tradicionais e conservadoras de família e abriram espaço para as discussões a respeito do casamento homossexual, por exemplo. A sexualidade provavelmente foi uma das questões levantadas e discutidas durante as últimas décadas desse breve século, influenciadas pelos movimentos gays e feministas, a respeito da liberdade e liberação sexual. A família tradicional entrou em crise, desta maneira, ou o modelo estabelecido cultura cristã de casamento monogâmico entre um homem e uma mulher para procriar filhos? A família continua, mas ela não pode ser mais pronunciada no singular. Não há um modelo único estabelecido para ela, por isso não há crises, mas sim, possibilidades; não há modelo certo ou errado de família, há famílias no plural. De acordo com Dias:

Na dinâmica da vida cotidiana, uma ordem de mudanças impele os indivíduos para novos olhares e novos debates sobre as relações familiares, tendo em vista questões como: aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, queda da taxa de fecundidade, prolongamento dos anos de estudos - especialmente entre jovens, exercício mais autônomo da sexualidade, reconhecimento de crianças e adolescentes como sujeitos de Direito, mudanças na legislação; a progressiva redistribuição de funções na socialização do cidadão (família e escola como agências sociais responsáveis). Os movimentos feministas foram emblemáticos em todo o processo, pois a contestação da posição social designada às mulheres expandiu-se, possibilitando a formação de identidades sexuais e de gênero (Hall, 2001). Novos personagens emergem nesse contexto social, reivindicando seu reconhecimento através de direitos e deveres: gays, negros, índios, idosos, portadores de necessidades especiais. O pronunciamento dessas solicitações elucida especificidades dos campos de embate, mas aponta a família como *locus* de referência. (DIAS, 2005, p. 8)

A religião cristã declara se apóia na ideia de que Deus criou um modelo de família, a partir do homem e da mulher – “macho e fêmea os criou” – e deu-lhes a ordem de multiplicarem e encherem a terra. Portanto, a família só poderia existir a partir do modelo nuclear (pai, mãe e filhos) e é o Cristianismo que baseia as representações sobre família entre as Testemunhas de Jeová. Essas representações perpassam pela hierarquia familiar e desigualdades de gênero, em que papéis são bem definidos para homens e mulheres. Na

família feliz construída pelas Testemunhas de Jeová em Santo Estevão, a centralidade das Sagradas Escrituras deve ser o discurso a nortear as práticas familiares. Para o grupo, não existe família feliz longe da fé e devoção a Jeová, por isso a advertência a todos para a necessidade de ter uma família na qual a religião certa e suas doutrinas estejam presentes para nortear-la.

Apesar da importância do discurso religioso no que diz respeito a como deve ser a família, a apropriação a esse discurso pode sofrer variações. As entrevistas realizadas com membros do Salão do Reino em Santo Estevão revelaram essas ambigüidades entre teoria e prática. As famílias que pertencem ao grupo sabem o que fazer para ser feliz, conforme os preceitos bíblicos, no entanto, as vivências e peculiaridades de cada sujeito podem, muitas vezes, fazer com que ele tome algumas decisões que demonstram a forma como ele dá sentido à mensagem bíblica. Não se trata de questionar, mas de reelaborar, conforme o seu contexto, se apropriando do discurso oficial de forma diversificada.

Um cônjuge desassociado, ou uma filha, um divórcio adiado por muito tempo, mas que se concretizou, ou uma reconciliação depois de anos de separação de corpos, as famílias lidam com crises e problemas diariamente, como as histórias de vida relatadas neste trabalho abordou e, mesmo com atitudes diferentes sendo tomadas, os princípios bíblicos em todos os casos tiveram um peso importante nas decisões dos depoentes. A ponderação de uma fiel em se divorciar do marido que a traía constantemente estava relacionada ao seu amor por ele, mas também em sua fé de que Jeová poderia transformá-lo, mudar aquela situação, por ser Ele o fundador e principal interessado na harmonia da família. No entanto, os anos de sofrimento a fizeram compreender os ensinamentos sobre outro prisma: o de que ela tinha respaldo bíblico para se divorciar. Ela não deixou de crer em Jeová e nem no modelo de família feliz, mas compreendeu que este projeto não seria possível de se concretizar com o seu marido.

Observamos em Santo Estevão, que a família pode isolar um membro que se afastou do grupo, como pode optar em continuar a tratá-lo do mesmo jeito, sem comprometer suas crenças naquilo que é ensinado pelas Testemunhas de Jeová. Os sentimentos e laços familiares também influenciam a fé. Portanto é uma relação de mão dupla e não de um único sentido.

A família é importante para a preservação da religião, ou religiões. Por isso, casar-se com uma pessoa que pertence ao mesmo grupo, o chamado casamento endogâmico⁷¹ é um dos preceitos, para que os filhos sejam criados num só ensinamento religioso, diminuindo os

⁷¹ No sentido de pertencer à mesma família da fé e não a família consanguínea. O grupo denomina, assim como os protestantes, de casamento *no Senhor*.

riscos dos jovens e adolescentes se desviarem da comunidade. As novas gerações são sempre uma preocupação para as Testemunhas de Jeová, porque delas depende a conservação do grupo. Educar, instruir e inculcar são palavras de ordem para os pais que tem o dever de ensinar seus filhos a seguir a Jeová, além de propiciar a continuidade da congregação religiosa.

Nesta pesquisa constatamos que esta preocupação apareceu entre os entrevistados. O fato, inclusive, de solteiras do grupo não terem a certeza de quererem filhos foi justificado pela falta de tempo que elas teriam em educá-los. A educação *nos caminhos de Jeová* é o primeiro e principal de todos os ensinamentos, por isso a responsabilidade de fazer os estudos bíblicos em família, e de levar os filhos não somente para as reuniões no Salão, como também para o serviço de campo, ou evangelismo pessoal, as atividades proselitistas. Neste sentido, as imagens possuem um papel muito importante para a construção do habitus proselitista, pois nelas podem ser vistas crianças, adultos, homens e mulheres, enfim, famílias participando desta atividade.

A família depende da religião para resolver seus dilemas e ser feliz e a religião precisa da família para prosseguir. As Testemunhas de Jeová dão uma dimensão ainda maior a essa relação quando constroem a visão de continuidade da família depois que tudo se findar e o mundo, pelo menos esse, não mais existir. Na Nova Terra a família atingirá a perfeição, porque não existirá nada mais que atrapalhe as relações interpessoais, como o pecado, o sofrimento, a mágoa. O Paraíso terrestre é o final feliz para a família que quer ser feliz, pois a instituição familiar ultrapassa a sociedade terrena e passa a ter um sentido escatológico, do fim dos tempos.

O estudo sobre família num contexto religioso apresenta inúmeros desafios e possibilidades, dentre eles, o de perceber como as representações e práticas familiares são influenciadas pelo discurso da hierarquia religiosa, mas também, como os membros das famílias se apropriam deste discurso, e reelaboram suas práticas, a partir de suas vivências. Portanto, ao mesmo tempo em que o discurso tenta homogeneizar, definir e direcionar, as diversas situações, como crises conjugais, problemas com filhos, desassociações ou dissociações podem levar os membros da família a tomar atitudes diferentes das apontadas pelo grupo religioso, mesmo que estes membros continuem concordando e se esforçando para viver o modelo ideal de família apresentado, com papéis de gênero bem definidos, filhos obedientes e tementes a Jeová. As fontes orais foram importantes para se perceber as diferenças e semelhanças entre discurso e prática, entre o que é idealizado e o que é realidade.

O estudo das relações entre os fiéis, que se constituem na família da fé, permitiu perceber a construção da identidade e sentimento de pertencimento dos membros Testemunhas de Jeová e consolidação do grupo, que vai se tornando e ocupando um lugar de relevância equiparada ou até maior que a própria família biológica, pois obedecer a Jeová é também obedecer aqueles por meio dos quais ele fala, mais vale obedecer a Deus do que aos homens, ensina a Bíblia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Bianca Daéb's Seixas. **Uma história das mulheres batistas soteropolitanas**. Salvador (dissertação de mestrado) UFBA, 2006.
- ALMEIDA, Luciene Silva de. **“O comunismo é o ópio do povo”**: representações dos batistas sobre o comunismo, o ecumenismo e o Governo Militar na Bahia (1963-1975). Feira de Santana: (dissertação de mestrado)UEFS, 2011.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. 8ª edição. São Paulo: Editora FGV, 2006.
- ANJOS, Sara Silva dos. **O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana (1949-1980)**, Bahia, 2008.
- ARMSTRONG, Karen. **A Bíblia: uma biografia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2007.
- AZEVEDO, Cecília. *A santificação pelas obras*: experiências do protestantismo nos EUA. **Tempo**, Rio de Janeiro, nº 11, pp. 111-129.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BORNHOLDT, Suzana R. Coutinho. **Proclamadores do Reino de Deus: Missão e as testemunhas de Jeová**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social; Florianópolis, abril de 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação feminina**. 2ª edição Rio de Janeiro: Bertrand, 2002
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas simbólicas**. São Paulo. Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUSIN, Valéria Melki. **Religião, Sexualidades e gênero**. Revista Rever, ano 11, n01, pp105-124, jan/jun 2011.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, Eduardo Góes de. **A Torre sob Vigia: as Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)**. São Paulo: USP, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações, Memória e Sociedade**. São Paulo: Difel, Editora Bertrand Brasil, 1990.
- DELEMEAU, Jean. **Mil anos de Felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DELUMEAU, Jean. **O que sobrou do paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DIAS, Acácia Batista. **Parentalidade juvenil e relações familiares em Salvador, Ba**. Tese de doutorado, PPG em Ciências Sociais UNESP: Rio de Janeiro, 2005.

DIAS, Acácia Batista. **Violência Sexual na Família**: cercando o tema (Estudo sobre violência sexual contra crianças e adolescentes por pais e padrastos). Dissertação de mestrado, UFBA: Salvador, 1996.

DIAS, Caroline Luz e Silva. **Os neopentecostais em Feira de Santana: “da visão celular no modelo dos 12 ao mover celular do fruto fiel”**. Feira de Santana: (dissertação de mestrado)UEFS, 2009

DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN Maria Luíza; BARROS Myriam Lins de e PEIXOTO Clarice (orgs). **Família e Religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (org). **Ensaio sobre Gênero e Educação**. Salvador: UFBA, 2001.

FERNANDES, Rubem Cesar (org.). **Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política**. Pierre Sanchis, Otávio Guilherme Velho; Leandro Piquet Carneiro; Cecília Mariz e Clara Mafra. Rio de Janeiro, MAUAD: 1998.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucélia de A. Neves (orgs). **O Brasil Republicano vol. 4**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bateu, que balance!:** mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB, 2003.

FIORINZA, Elizabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006; 11ª Ed.

JUNIOR, Jairo Soares Rios. **Narrativas de fé e outras histórias dos batistas em Serrolândia**. Santo Antônio de Jesus: (dissertação de mestrado) UNEB, 2012

LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (orgs). **Análise do discurso hoje, volume I**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família**. São Paulo: Editora USP, 1993

LEONARD, Emile. **O Protestantismo Brasileiro**. São Paulo. ASTE, 1963.

KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia**: interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KOSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MACHADO, Maria das Dores. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. 1996.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **Pangermanismo e Nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e História interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1. Nº 2, p. 73-98, 1996.

MÉLO, Evaneide Maria de. **Paisagem em foco: leituras fotográficas de Jardim do Seridó**. Natal, RN: EDFRN, 2009.

NOVAIS, Fernando A. e SOUZA, Laura de Mello (org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **“Canções da cidade amanhecendo”**: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. BRASÍLIA: (tese de doutorado) Universidade de Brasília, 2011.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Paz e Terra, SP: 2010.

PINHEIRO, Douglas Antônio Rocha. **Testemunhas de Jeová: uma análise simbólica do conflito motivado pela recusa em se submeter a tratamentos com transfusões sanguíneas**. Dissertação de Mestrado, PPG Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. 9ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

REILY, Duncan Alexander. **Ministérios femininos em perspectiva histórica**. 2ª edição Campinas, CEBEP; São Bernardo do Campo, EDITEO, 1997.

ROMERO PUGA, Juan Carlos. **Los voceros del fin del mundo: los testigos de Jehová: discurso y poder/ Juan Carlos Romero Puga y Héctor Campio López**. 1ª ed – Buenos Aires: 2010.

SANTANA, Jorge Luiz Nery de. **Práticas e representações nas narrativas religiosas dos batistas em Feira de Santana (1947-1988)**. Dissertação de mestrado, PPG Mestrado em História, UEFS: Feira de Santana, 2010.

SANTOS, Adriana Martins dos. **A construção do Reino: A Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas (1980-2002)**. Salvador (dissertação de mestrado) UFBA, 2009.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As Outras Faces do Sagrado: Protestantismo e Cultura na Primeira República**. Tese de doutorado: UNESP, Assis, SP, 2004.

SILVA, Célia Santana da. **Identidade Feminina no contexto pentecostal da Assembléia de Deus**. UFPE: 2001.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia**. São Paulo: (tese de doutorado) USP, 1998.

SILVA, Elizete da. **Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana**. Feira de Santana, UEFS Editora, 2010.

SILVA, Elizete da, SANTOS, Lyndon Araújo dos, ALMEIDA, Vasni de (org). **“Fiel é a palavra”**: leitura histórica dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SILVA, Igor José Trabuco da. **“Meu Reino não é deste mundo”**: a Assembleia de Deus e a política em feira de Santana (1972-1990). Salvador (dissertação de mestrado) UFBA, 2009.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. **O discurso de divulgação religiosa materializado por meio de diferentes gêneros**: dois *ethé*, duas construções do Céu e da Terra. Dissertação de Mestrado, PPG Mestrado em Semiótica Geral do Departamento de Linguística, USP: São Paulo, 2007.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **INFORMARE** – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, p. 28-36, jul/dez. 1996.

SOUZA, Sandra Duarte de. (org). **Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SOUZA, Sueli Mota Ribeiro. **Em diálogos com Deus**: a construção do self entre mulheres pentecostais. Tese de doutorado, PPG em Sociologia, UFBA: Salvador, 2007.

STADLER, Hulda Helena Coraciara. **Religion and Cognition**: religious commitment and reasoning in Brazilian Pentecostalism. Doctor of Philosophy, University of London – UK: England, 1994.

TEIXEIRA, Marly Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925**. Um estudo de História Social (dissertação de mestrado); Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1975.

THERBORN, Goran. **Sexo e Poder**: a família no mundo, 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. *O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade Batista em Feira de Santana (1960-1990)*. Salvador, (dissertação de mestrado) UFBA, 2009.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org). **Ditadura militar na Bahia**: novos olhares, novos objetos, novos horizontes. Salvador: EDUFBA, 2009.

LISTA DE FONTES

SANTO ESTEVÃO

- **Impressas**

Arquivo Municipal de Santo Estevão:

- ✓ Livro: Relação dos Intendentes e Prefeitos
- ✓ Livro: Relação de Leis do Município de Santo Estevão
- ✓ Livro de Atas nº 24, 25 e 26

FONSECA, Ivan Claret Marques. *Introdução à História de Santo Estevão do Jacuípe*. 1983

- **Entrevistas:**

- ✓ Senhor Manoel Pompílio da Rocha Filho
- ✓ Senhora Adair de Miranda Cabral e Silva

- **Fontes Internet:**

- ✓ www.ibge.gov.br

- **Fontes iconográficas**

Fotos da cidade e de alguns políticos do período concedidas pelos entrevistados.

FONTES RELIGIOSAS

Periódicos Impressos

- **Artigos da Revista A Sentinela**

Década de 1970

Quem bem conhece seu filho?, 15 de março de 1970.

Libertar-se da masturbação – Por que? Como? p. 76-81, 01 de maio de 1974.

Está instruindo seus filhos?, p. 70-74, 01 de maio de 1974.

Curandeirismo – devem os cristãos procurar tais “curas”? p. 73-78, 15 de junho de 1974.

Quase 6.000 anos de testemunhas para Jeová; p. 5-8, 01 de jan de 1976

A leitura da Bíblia em comum contribui para um matrimônio feliz; p. 64, 15 de jan de 1976.

O que reserva o futuro para seu filho? p. 65-69, 01 de fev de 1976.

Quem está qualificado para ser um ancião? p. 84-89, 01 de jan de 1976.

Como a Bíblia pode ajudar seu casamento; p. 97-103, 15 de fev de 1976.

O que significa o Armagedom realmente para a humanidade? p. 129-133, 01 de mar de 1976.

Não deixe sua fé naufragar por desânimo ou personalidades; p. 121-127, 15 de fev de 1976.

Falsos pastores despidos do serviço de Deus; p. 185-187, 15 de mar de 1976.

Ajustes do Corpo Governante; p. 217, 01 de abr de 1976.

A chave da felicidade da família, p. 3-5, 01 de abril de 1979.

Quando os filhos ficam intratáveis, p.9-12, 15 de abril de 1979.

A instrução que satisfaz, p. 29-31, 15 de abril de 1979.

A Trindade – como surgiu?, 01 de junho de 1979.

Salmos – Para ser feliz cuide de suas associações, p. 13-14, 15 de julho de 1979.

Década de 1980

O aniversário que precisa ser celebrado pelos cristãos, 15 de jan de 1980.

Eli, sacerdote que fracassou como pai, 15 de fev de 1980.

O homossexualismo é normal? ; p. 31, 01 de jan de 1984.

14 de Nisã – dia de recordações, 15 de fev de 1985.

Felicidade por manter uma preciosa relação;p. 4-6, 01 de abr de 1984.

Amigos genuínos – como encontrá-los; p. 4-7, 15 de mai de 1984.

A vida e o ministério de Jesus; p. 20-21, 15 de mai de 1985.

A religião inventada pelo homem pode realmente satisfazer?, 01 de jul de 1985.

Como fortalecer os vínculos familiares; p. 4-7, 01 de abr de 1988.

A Bíblia e a moralidade dos adolescentes; p. 4-7, 15 de abr de 1988.

Quando adolescentes têm filhos; p. 3-4, 15 de abr de 1988.

O novo mundo – o Paraíso recuperado!; p. 4-6, 15 de Nov de 1988.

Década de 1990

O “escravo fiel” e seu Corpo Governante; p. 10-14, 15 de mar de 1990.

“Aquela mulher Jezabel”; p. 30, 01 de abr de 1990.

Jovens felizes no serviço de Jeová; p. 10-14, 01 de ago de 1990.

Receitas para criar filhos bem-sucedidos; p. 31, 01 de ago de 1990.

Por que guardar-se da idolatria?; p. 20-25, 15 de jan de 1993.

Chame os anciãos; p. 12-17, 15 de mai de 1993.

A família cristã faz as coisas junto; p. 15-20, 01 de set de 1993.

A família cristã ajuda o idoso; p. 21-26, 01 de set de 1993.

A disseminação do fundamentalismo; p. 3, 01 de mar de 1997.

Quando as Testemunhas de Jeová batem na porta; p. 01 de jul de 1997.

Salve a vida de seu filho; p. 20-23, 15 de jul de 1997.

- **Revistas Despertai!**

A ciência pode atender a nossas necessidades, 08 de abril de 1993.

Música Moderna: Diversão Inofensiva? 08 de junho de 1993.

Divórcio – a porta para uma vida mais feliz? 08 de julho de 1993.

- **Brochura**

Testemunhas de Jeová: quem são? Em quem crêem?, 2000.

Exposição Histórica da Obra das Testemunhas de Jeová no Brasil, 1997;

- **Folhetos**

Paz entre os homens de boa vontade ou Armagedom? Qual? 1960.

A paz de 1000 anos que se avizinha

Há muito mais envolvido na vida, 1970.

Um futuro seguro: como poderá alcançá-lo? 1970.

Um só mundo, um só governo sob a soberania de Deus, 1970.

Bíblia

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, 1986.

Livros doutrinários – Torre de Vigia (Watchtower)

A Bíblia – Palavra de Deus ou de Homem? 1989.

A verdade que conduz à vida eterna, 1968.

A vida. Qual a sua origem? A evolução ou a criação? 1985.

Escute o Grande Instrutor, 1971.

Estudo Perspicaz das Escrituras, volume I, 1990.

Existe um Criador que se importa com você? 1998.

Manual do Ministério Teocrático, 1971, 1992.

RUTHERFORD, Joseph. Inimigos: EUA, 1937.

Sua Juventude: o melhor modo de usufruí-la, 1976.

Verdadeira Paz e Segurança – de que fonte? 1973

O Segredo de Uma Família Feliz. (1996);

Os jovens perguntam – respostas práticas. (1989);

O que Deus Requer de Nós? São Paulo: 1996;

Escute o Grande Instrutor (1971);

O Reino de Deus – *Nosso Iminente Governo Mundial*, (1977);

Viva para sempre em felicidade na terra! 1982

- **Fontes internet**

www.bibliotecatj.org

www.jw.org

Fontes orais: Entrevistas

Célia Maria Nogueira Dias de Jesus, membro das Testemunhas de Jeová, 21 de outubro de 2009, Santo Estevão. Entrevista concedida a autora.

Jackeline dos Santos Andrade, membro das Testemunhas de Jeová, 06 de janeiro de 2013. Entrevista concedida a autora.

Jailza Borges Guerra, membro das Testemunhas de Jeová, 26 de agosto de 2009. Entrevista concedida a autora.

Joelice Vieira Santos Oliveira, membro das Testemunhas de Jeová, 02 de outubro de 2009, Santo Estevão. Entrevista concedida a autora.

Josenita Alcântara, membro das Testemunhas de Jeová, 03 de março de 2013, Santo Estevão. Entrevista concedida a autora.

Natalício de SouzaTeles, servo ministerial da Congregação Progresso do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, Santo Estevão, 26 de janeiro de 2009.

Nelson de Almeida, ex-membro das Testemunhas de Jeová. 08 de março de 2013, Santo Estevão. Entrevista concedida a autora.

Newton Silva de Oliveira, membro das Testemunhas de Jeová. 18 de julho de 2009, Santo Estevão. Entrevista concedida a autora.

Marcela Santos, membro das Testemunhas de Jeová, 07 de fevereiro de 2013, Santo Estevão. Entrevista concedida a autora.

Renata Conceição Soares, membro das Testemunhas de Jeová, 23 de fevereiro de 2013, Santo Estevão. Entrevista concedida a autora.

Roque dos Santos Conceição, ancião da Congregação Central do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, 07 de julho de 2009

Rozanir Souza Santana da Silva, membro das Testemunhas de Jeová. Abril de 2014, Santo Estevão. Entrevista concedida a autora.

ANEXOS

Roteiro da Entrevista feita com Natalício Teles

1. Comente sobre a origem da Associação Torre de Vigia
2. Qual é a função das Casas Betel?
3. Qual o papel do Corpo Governante?
 - Tem um número fixo de pessoas que fazem parte do Corpo Governante?
 - O trabalho de campo está presente na vida dos fiéis TJ. Como é feita a preparação para o trabalho no campo?
 - Tem um tempo certo pra começar a fazer o serviço de campo?
5. Nos últimos anos ocorreram alterações em relação as estratégias de evangelização feita pelo grupo, como a utilização da internet e o trabalho com surdos e mudos. De onde partiu essas mudanças?
6. Fale sobre a relação dos TJ com os outros grupos religiosos
 - Qual a posição de vocês a respeito do ecumenismo?
7. O que prega os TJ em relação a:
 - a) doação de sangue
 - Tem outros tipos de tratamento?
 - b) Jesus Cristo
 - c) Amagedon
 - d) volta de Cristo
 - Houve algumas publicações de profecias sobre a vinda de Cristo que trouxeram críticas ao grupo. Eu queria que você comentasse sobre isso.
8. Qual o posicionamento do grupo em relação aos membros que se afastam?
9. Até que ponto as congregações locais tem autonomia para modificar as programações de culto estabelecidas pela Watch Tower?
10. Até que ponto as mulheres podem participar no trabalho dos TJ?
 - Sobre a questão de punição e vigilância, como se dá isso?
11. Gostaria que você comentasse sobre as publicações: revistas, livros, etc., e o caráter dessas publicações, se abordam também sobre a questão anterior.
 - Eu queria que você comentasse sobre a Bíblia Tradução Novo Mundo utilizada pelo grupo.
12. Vocês podem se relacionar, casar com alguém de outro grupo religioso, ou que não tenha religião?

Roteiro de Entrevista feita com Dona Célia Maria de Jesus

1. Como começou o trabalho das Testemunhas de Jeová em Santo Estevão?
2. De onde veio o grupo que começou o trabalho aqui?
3. Quais as primeiras pessoas em Santo Estevão que aderiram à mensagem do grupo e se tornaram Testemunhas de Jeová?
4. Como você ficou conhecendo o grupo, vindo depois a se tornar também parte dele?
5. Onde se localizou o primeiro local de reunião do grupo na cidade?
6. Quais os outros locais que foram utilizados como Salão do Reino? E por quanto tempo vocês ficaram instalados nesses locais?
7. Quando foi que começou a construção do prédio atual das Testemunhas de Jeová?
8. Quem financiou essa construção? Em relação à mão-de-obra, vocês costumam fazer mutirão, com a ajuda inclusive com Testemunhas de Jeová de outras cidades, como isso se dá?

Roteiro de Entrevista feito para os membros do grupo casados

1. Como você cria seus filhos ou suas filhas?
2. Quais são as tarefas que competem ao homem ou a mulher na criação dos filhos?
3. Quem toma as decisões no casamento?
4. Como foi sua experiência de namoro, até chegar ao casamento?
5. Quais são as orientações em relação a sexo antes do casamento?
6. E sobre homossexualidade?
7. Há algum tipo de “disciplina” para aqueles que agem diferentemente daquilo que é estabelecido?
8. Como são resolvidos os problemas familiares? (Exemplifique com sua própria experiência de vida)
9. Como uma Testemunha de Jeová deve agir com um membro da família que é desassociado?
10. Quais são as orientações a respeito do divórcio?

Roteiro de Entrevista para jovens solteiros

1. Como você se tornou uma Testemunha de Jeová?
2. Qual a influência de sua família no processo de conversão?
3. Uma Testemunha de Jeová pode namorar com alguém que não pertença ao grupo?
4. Sobre sexo, quais são as orientações a respeito?
- 5.. Qual a sua opinião a respeito da união entre pessoas do mesmo sexo?
6. Se casar, formar uma família faz parte de seu projeto de vida?
7. Dentro da relação homem-mulher, num casamento, qual o papel que cabe a cada um?
8. Sobre o divórcio, qual a sua opinião a respeito?
9. Qual a orientação do grupo a respeito dos estudos (acadêmicos)?
10. Como é sua relação de amizade com pessoas não pertencentes ao grupo?
11. Pra você, qual é o segredo de uma família feliz?